

# ESTUDOS EM TORNO DA NOITE

ROSA MARIA FINA

(COORD.)





**ESTUDOS EM TORNO DA  
NOITE**

## FICHA TÉCNICA

Título: *Estudos em torno da Noite*

Coordenação: Rosa Maria Fina

Foto da capa de Raul Cerveira Lima. Imagem obtida em Novembro de 2017 no Parque Natural de Montesinho.

Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Edição: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, Dezembro de 2018

ISBN — 978-989-8916-38-9

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projecto «UID/ELT/00077/2013»

Esta é uma obra em acesso aberto, distribuída sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 (CC BY NC 4.0)



Rosa Maria Fina  
(coordenação)

**Estudos em torno da  
NOITE**

CLEPUL

2018



# Índice

|  |     |
|--|-----|
| Rosa Maria Fina  |     |
| <i>Estudos em torno da noite. Introdução</i> . . . . .   | 7   |
| Raul Cerveira Lima   |     |
| <i>A luz irrompe onde já nenhum sol brilha</i> . . . . .   | 19  |
| Teresa Alves   |     |
| <i>Geografias da Noite</i> . . . . .   | 39  |
| Paula Guerra e Ana Oliveira  |     |
| <i>Cidade, Néon e Músicas. Encontros com a noite e as culturas musicais urbanas contemporâneas no Porto e em Lisboa</i> . . . . .        | 59  |
| Daniel Alves   |     |
| <i>«Lojas com velas e petróleo» na noite lisboeta: greve dos lojistas de Lisboa ao consumo de gás em 1891</i> . . . . .                  | 85  |
| Daniel Pérez Zapico e Lillian Briseño Senosiain  |     |
| <i>La invención de lo nocturno. Por una historia social y cultural de la noche en el mundo Iberoamericano, siglos XVIII-XX</i> . . . . . | 101 |
| Ezequiel Borgognoni  |     |
| <i>La noche como circunstancia agravante de la justicia en la Castilla medieval</i> . . . . .  | 123 |
| Carlos Pereira   |     |
| <i>Entre luz e trevas: a importância da noite na Bíblia</i> . . . . .  | 135 |
| Augusto Moutinho Borges  |     |
| <i>Sombras na Noite. Iluminar os Cenóbios, Casas Nobres, Fortalezas e Unidades Militares em Portugal, séculos XVII-XIX</i> . . .         | 163 |
| Joana Lima   |     |
| <i>Al Berto, transumante noturno</i> . . . . .   | 181 |

---

|   |     |
|---|-----|
| Ricardo Belo de Moraes  |     |
| <i>«Antiquíssima e Idêntica»: a Noite no processo criativo de</i> |     |
| <i>Fernando Pessoa</i> . . . . .                                  | 193 |
| Beatriz Weigert   |     |
| A Noite na ficção de Érico Veríssimo . . . . .                    | 211 |
| Maria João Nobre  |     |
| Noites Brancas. Blanchot, Lacan e a insónia . . . . .             | 231 |
| Nota biográfica dos autores . . . . .                             | 241 |

# ESTUDOS EM TORNO DA NOITE. INTRODUÇÃO

## .juntos em torno da noite aqui e lá fora

A noite! Ao longo dos séculos, temerosa presença entre outras presenças não menos reais nem menos de temer: a fome, o frio, as epidemias, a injustiça e a morte. Essa noite, que, tal como atemoriza ainda os nossos filhos e nos põe também, por vezes, ante pesadelos que a psicanálise, substituta do confessor, tenta explicar como pode, essa noite impunha o seu império aos adultos de antanho e sincronizava mecânica e irremissivelmente o ritmo da vida quotidiana... (SERRÃO, 1978: 16)

As palavras da epígrafe são de Joel Serrão no seu ensaio «Noite natural e noite técnica» que é o primeiro estudo sobre a noite em Portugal<sup>1</sup> e um dos primeiros do mundo sobre a temática. A sensibilidade de Serrão toca num ponto crucial destes estudos: o antes e o depois da iluminação artificial e pública nocturna. Não que o tema se esgote nesta dicotomia, mas é uma linha que separa duas formas diferentes de olhar a noite. A «noite natural» é aquela que, intocada pela mão humana, cristaliza em si toda a natureza selvagem e perigosa que alimentou ao longo dos séculos muitas superstições e medos — «o Medo (com maiúscula, por favor!)», como exige Serrão (1978: 58). A «noite técnica», por sua vez, corporiza a intervenção humana e a tentativa de controlo e domínio da noite, até

---

<sup>1</sup> A edição consultada é a de 1978 (in *Temas Oitocentistas II*, Livros Horizonte), mas a primeira edição desta colectânea de ensaios é realizada em 1962 (Portugália).

aos dias de hoje em que há o comprovado perigo de a noite não existir como deveria, ou pelo menos não como nós e a natureza precisamos que exista. Interessa aqui sublinhar essa multiplicidade de sentidos que a noite pode conter e que o historiador captou, inaugurando — sem ter real consciência do facto — um tão inovador campo científico.

Nas últimas décadas foram elaborados alguns estudos sobre a noite, principalmente europeus e de uma perspectiva histórica, em países como a Inglaterra, a França ou a Alemanha. Serão aqui indicados apenas alguns que se revelaram mais importantes para o nosso próprio percurso na área da história da noite.

Carlo Ginzburg, reconhecido historiador italiano, escreve a história do ritual do *sabat* das bruxas, mas na verdade escreve sobre muito mais. *História Noturna* acaba por ser um estudo aprofundado de uma série de mitos e histórias tradicionais que se definem como núcleos narrativos elementares que acompanham a humanidade há milénios. O livro torna-se uma viagem aos «centros ocultos da nossa cultura, do nosso modo de estar no mundo», pois o *sabat* é apenas uma manifestação entre muitos desses centros. Assim, Ginzburg guia-nos por um ensaio essencialmente mitológico, de reflexão sobre as raízes ocultas e nocturnas dos mitos sobrenaturais europeus.

Em 1988 o historiador alemão Wolfgang Schivelbusch vê a sua obra traduzida para inglês — *Disenchanted night. The industrialization of light in the nineteenth century*. Como o título indica esta é uma obra técnica, que incide fundamentalmente na questão da iluminação a gás e eléctrica no noroeste da Europa, ainda que com algumas incursões anteriores. Não obstante, contém elementos históricos e sociais interessantes pois trata, por exemplo, da questão da iluminação nos teatros e reflecte sobre as suas consequências sociais e culturais. Acima de tudo o interesse desta obra reside no facto de ser uma das primeiras obras europeias a pensar a noite urbana como objecto de estudo.

Joachim Schlör, também historiador alemão, publica em 1998 uma obra que consideramos no rol das mais pertinentes para o estudo das cidades à noite: *Nights in the big city. Paris, Berlin, London 1840-1930*, principalmente porque considera as três grandes capitais europeias de então (e provavelmente de hoje) no aspecto das alterações dos seus comporta-

mentos geográficos e sociais à noite, com uma ênfase deveras acertada no papel da segurança e da moralidade.

Brian D. Palmer redigiu em 2000 *Cultures of Darkness. Night Travels in the histories of transgression [from medieval to modern]*, resultado de um exaustivo trabalho de investigação e reflexão. Em cerca de 460 páginas, este historiador canadiano traça um percurso da marginalidade e da liberdade possibilitados e abrigados pela noite ao longo da história, que acaba por ser não só complementar, mas também por oferecer subsídios inéditos para a compreensão da história «diurna», digamos assim, salvaguardando a neologia da expressão pelo presente contexto. Com uma índole curiosamente marxista e economicista, defende a tese de que paralelamente ao desenvolvimento mais ou menos exponencial do capitalismo ao longo dos séculos XIX e XX, houve um outro vector de gentes e culturas marginais que se desenvolveu à margem da sociedade, uma espécie de efeitos secundários não previstos (ou pelo menos mal previstos) pelo sistema, que oferecem uma possibilidade de leitura muito mais humana e profunda da sociedade.

Por outro lado, surge a obra estadunidense *At day's close. A history of nighttime* de Roger Ekirch, um dos mais respeitados historiadores hodiernos nesta temática. Este seu estudo é singularmente abrangente tanto no enquadramento geográfico como temporal. São referidos casos da Europa Ocidental desde a Escandinávia ao Mediterrâneo, sendo que o núcleo dominante é constituído pelas ilhas britânicas, não obstante é possível encontrar referências também à América do Norte colonial e a alguns países da Europa de Leste. O enquadramento temporal é igualmente amplo: encontramos menções desde a Idade Média tardia até ao século XIX, embora o foco seja essencialmente a era moderna (1500-1750). De qualquer forma, com o livro de Ekirch obtemos uma visão muito clara da noite pré-industrial europeia, bem como uma reflexão sobre as mudanças que consequentemente sobrevieram.

Ao que apurámos no nosso percurso, parece-nos que surgiu uma curiosidade científica sobre como era encarado o mundo nocturno durante a época do iluminismo, como se confrontava o racional dos filósofos das luzes com o irracional e imprevisível do mundo noctívago, *ad limine*, um confronto entre Apolo e Diónisos. A título de exemplo, referimos uma obra

que nos chega de França e incide, em termos de espaço, na Europa Ocidental, principalmente sobre França e Inglaterra, e, em termos temporais, sobre os séculos XVII e XVIII, a saber, *Histoire de la nuit*. O período escolhido é fundamental para a história da percepção da noite, principalmente em França, com a iluminação pública (na capital) a ser inaugurada nesta altura, bem como uma nova vida social. Um outro exemplo desta incidência temporal é a obra colectiva que se debruça exclusivamente sobre o século XVIII, com ensaios sobre a relação entre o Iluminismo e a noite em Inglaterra, *The enlightenment by night. Essays on After-Dark Culture in the Long Eighteenth Century*, de onde destacamos alguns ensaios sobre o *topos* da noite em Mary Shelley, Young ou Blake, bem como outros sobre o uso da luz e do fogo artificial como instrumentos de poder.

Cabe ainda referir que muito recentemente, em 2017, uma das intervenientes neste livro, Lilian Briseño Senosian, lançou um livro sobre a história da noite na cidade do México oitocentista — *La noche develada: la ciudad de México en el siglo XIX* — oferecendo assim um ponto de partida para que os *nightstudies* no seu país se comecem a desenvolver.

Regressando a Portugal, gostaríamos de salientar a iniciativa do evento organizado em 2007, Luzboa: Lisboa inventada pela luz, sobre a experiência nocturna na cidade. Um dos mais importantes projectos relacionados com a noite de Lisboa surge poucos anos mais tarde na Universidade Nova de Lisboa, o grupo de investigação «LxNights — Pensar criticamente a noite em Lisboa», coordenado por Jordi Nofre (CICS.Nova), que se ocupa, entre outras coisas, do estudo sobre a vivência hodierna da noite lisboeta, bem como a relação entre os munícipes, os noctâmbulos e o turismo — cada vez mais preponderante na cidade. Este grupo, internacional, interdisciplinar e interinstitucional, trabalha em conjunto com diversas instituições e associações municipais no sentido de reflectir e avançar com propostas para uma vivência da noite lisboeta em maior qualidade e segurança.

Todas estas iniciativas demonstram uma resposta à crescente preocupação com a noite e corrobora a sua emergência e consolidação como campo de estudo e reflexão no nosso país.

## **. *A lo largo de sus generaciones / los hombres erigieron la noche* (Borges, 1977)**

Será lícito dizer, pois, feita a leitura destes nossos precursores, que a noite foi sempre tratada como um território a conquistar e essa conquista só poderia ser realizada através da luz. Citando Borges no oportuno poema *Historia de la noche*, «Y pensar que no existiría / sin esos tenues instrumentos, los ojos», torna-se evidente como a visão é o sentido chave para compreender a noite, sendo também aquilo que simultaneamente nos une e nos afasta dela. Foi o desejo de ver à noite que estimulou a iluminação artificial, foi o medo do que não era visível que instigou o temor pelos fantasmas e criaturas fantásticas com que povoámos o desconhecido nocturno e, hoje, é talvez por já quase não conseguirmos ver o céu estrelado e a Via láctea que nos esquecemos de que somos apenas pó estelar.

A relação do Homem com a noite acompanha naturalmente toda a história da Humanidade. Começando com a ideia de um ser pré-histórico que se abrigava durante todo o período da noite, protegendo-se dos perigos que provavelmente nem conseguia distinguir nas noites de lua nova, passando obrigatoriamente pela descoberta do fogo, marco importantíssimo na evolução humana, e que permitiu à espécie humana um dos primeiros tímidos domínios da Natureza. Na verdade, o fogo, invocando aqui a imagem de uma chama a arder na noite, tem qualquer coisa de reconfortante e de profundamente humano. Na descoberta da sua utilidade, deixa de ser um mecanismo de defesa, passa a ser uma forma de conforto (luz, aquecimento) até se tornar um símbolo da afirmação da evolução da espécie humana, da euforia da ostentação técnica. Assim, a iluminação acaba por ser a metáfora da relação do homem com a noite: antes o homem perante a noite era como a chama de uma vela, exposta, na sua fragilidade, a toda a sorte de perigos, avançando muito rapidamente para a euforia da técnica até ao que vemos hoje — uma imposição da luz ante e contra a escuridão, em que somos já obrigados a recuar, a dar espaço à noite para que ela ainda consiga acontecer.

Considerando os séculos XVIII e XIX em Portugal, é possível verificar duas grandes mudanças de paradigma na relação do homem com a noite. A primeira acontece precisamente na segunda metade do século XVIII com

a alteração da atitude da Inquisição para com aqueles que eram acusados de bruxaria e de pactos com o diabo: se, primeiro, o tribunal cristão os condenava por esses feitos malignos, a partir da referida altura a execução da condenação surge por simulações (por fingir que foi tomado pelo demónio), ou seja, a crença no poder dos malefícios decresce visivelmente. A segunda chega-nos em meados do século XIX, com a formalização da vida nocturna social, legitimando-a, ainda que com os limites da moral burguesa. A mudança de paradigma aconteceu com o que se chama a modernidade, trazida pelo progresso e pela técnica. O facto de se começar a «sair à noite», graças principalmente à iluminação a gás, de se reclamar o território social, é uma afirmação sobretudo de uma vitória sobre a natureza, sobre aquilo que supostamente até então não era controlado. Primeiro foram vencidos os medos e as superstições, depois a escuridão.

Obviamente que entre estes dois estádios de evolução da relação do homem com a noite existem vários aspectos que contribuíram para um caminho neste sentido, no caso português em particular. A polémica contenda entre a Câmara de Lisboa, o povo e as companhias de iluminação, por exemplo, com diversos episódios (Fina, 2016: 143-150), terá contribuído para um caminhar particularmente lento até à instalação definitiva da iluminação pública da cidade. Não obstante, com o final do século XIX e a explosão da sociabilidade urbana, insuflada na viragem do século com a propagação da iluminação eléctrica, com todos os benefícios e conforto que a electricidade nos trouxe, a noite terá sido definitivamente conquistada — e aqui a conquista não sendo bélica foi sem dúvida violenta. Efectivamente, hoje, em 2018, se olharmos para o planeta Terra do espaço, do lado contrário ao Sol, vemos essencialmente aglomerados de pontos luminosos. Onde não existem pontos luminosos, provavelmente não existem humanos. Digamos que o tremeluzir das luzes artificiais nas cidades à noite — como antes a fogueira — tornou-se hoje em dia o símbolo da nossa espécie, o culminar do progresso científico humano (Fina, 2016: 183). Aos poucos a sociedade contemporânea, nos últimos duzentos anos, foi ganhando terreno à natureza selvagem, avançando passo a passo, destruindo florestas, construindo barragens, secando lagos. Tem sido um avanço lento (para quem não está atento) mas fatal, e a verdade é que (ainda) pouca gente considera esta invasão um verdadeiro problema, com

consequências tão diversas que ainda é cedo para ter uma real noção do seu impacto.

Assim, devemos, ao invés de combater a noite, regressar à noite, por várias razões: pela reflexão, pela escuridão, pela nossa saúde, pelo contacto com o firmamento. Se nos for possível ver o universo, mais facilmente nos lembraremos de que somos apenas uma ínfima parte dele — e tudo o que isso tem de esmagador também tem de necessário para uma mais genuína compreensão da condição humana.

## . Os nossos estudos em torno da noite

A possibilidade da existência deste livro nasce de um evento, realizado em Março de 2018, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: «Jornada para a noite. Encontro interdisciplinar de estudos sobre a noite», uma organização conjunta do CLEPUL (Rosa Fina) e do CICS.Nova (Jordi Nofre). A publicação que ora se apresenta foi previamente pensada como apenas um registo das actas do encontro, no entanto rapidamente evoluiu para algo diferente. Com efeito, houve algumas participações na Jornada que, por diversas razões, aqui não estão contempladas e surgiram novos autores que tomaram conhecimento da iniciativa *a posteriori*, demonstrando interesse na temática da noite. Assim, contando com novas e interessantes reflexões, tornou-se lógico esta publicação não ter somente a natureza de actas de uma reunião científica, mas sim ser a primeira publicação de estudos interdisciplinares em torno da noite, em Portugal. Na verdade, a ideia de coligir estudos de diferentes disciplinas surgiu no momento em que, em pleno processo de redacção da nossa tese de doutoramento (*A ideia de noite na cultura portuguesa, séculos XVIII a XX*, FLUL, 2016), se revelou com clareza a evidência de que a única forma de conhecer a noite é olhando-a do maior número de perspectivas possível. Assim, partindo deste princípio inalienável de que os olhares múltiplos e multimodais são fundamentais para compreender a noite, convidámos estudiosos de disciplinas tão diversas como a engenharia astrofísica, a geografia, a sociologia, a história e os estudos literários para partilhar connosco a sua visão do tema.

É precisamente com a questão da visibilidade do céu nocturno que

encetamos o conjunto de artigos deste livro, pela mão do investigador e professor Raul Cerveira Lima (ESS|PPorto e CITEUC), que nos alertou para a questão ainda pouco discutida da poluição luminosa. Do ponto de vista da engenharia astrofísica, problemas como o *skyglow* (reflexo da iluminação no céu) ou a iluminação excessiva, como é o caso do uso quase generalizado dos LEDs brancos, têm contribuído para que a noite deixe de ser noite. Não se quer de todo dizer que devemos voltar a uma medieval escuridão, mas sim a uma iluminação responsável, direccionada e muito mais económica e sustentável. Assim, conclui Cerveira Lima que a luz nocturna não é de todo dispensável, mas terá de ser planeada e pensada de forma a não perturbar quer os ecossistemas nocturnos quer o contacto que o ser humano deve manter com o céu nocturno.

Em seguida, Teresa Alves (CEG/IGOT-UL) discorre acerca das geografias da noite, do facto de a noite ter sido de algum modo ignorada no campo da geografia e de como o projecto que dinamizou a partir de 2006 — «Noite: Oportunidades e Inovação no Território (NOITE)» — contribuiu para a sensibilização para esta temática. Neste caso, através da elaboração de inquéritos e sondagens no sentido de tentar compreender de que forma as mudanças demográficas estavam a afectar o espaço demográfico à noite, auscultando as alterações de ritmo conforme as cidades, torna-se claro como de facto os comportamentos sociais e a vivência dos espaços nocturnos mudaram muito nas últimas décadas especificamente na cidade de Lisboa e como «os políticos já se aperceberam disso», promovendo uma série de iniciativas de lazer nocturno para a vivência da cidade; os festivais de luz são um exemplo disso.

Paula Guerra (IS-FLUP) e Ana Oliveira (DINAMIA'CET-IUL) assinam um estudo sociológico sobre a classificação dos públicos da noite de Lisboa e do Porto, procurando demarcar e interpretar as dinâmicas subjacentes à génese, à constituição e ao funcionamento do subcampo do *rock* alternativo em Portugal ao longo dos últimos 40 anos e suas inter-relações com a vivência lúdica da noite. Este estudo documenta a emergência de uma juventude portuguesa enquadrada na esfera do cosmopolitismo estético e lúdico, detentora de um capital cultural cosmopolita, isto é, de um saber-fazer e saber-estar na experimentação e fruição da diferença cultural, através do consumo e práticas musicais, artísticas e culturais urbanas

marcadas pelo hibridismo e o ecletismo. A música e o consumo cultural consubstanciam-se, portanto, como elemento significativo e estruturante da vivência da cidade.

A abrir o grupo de estudos que se enquadram na disciplina da História, neste caso da história contemporânea, temos Daniel Alves (IHC, NOVA-FCSH) que analisa a questão da iluminação a gás no final do século XIX do ponto de vista dos lojistas de Lisboa. Empreendendo diversos protestos contra a obrigação de fechar os estabelecimentos comerciais mais cedo, os lojistas reclamavam a necessidade de os manter abertos durante a noite, não só pelo aumento do volume de negócios, mas também porque ofereciam um serviço de segurança extra e gratuito à cidade, iluminando a rua com a luz das montras. A quezília durou décadas e culminou numa greve em 1891, na altura em que as companhias do gás e da electricidade se fundiram, facto que levou a uma subida quase incontrolável dos preços. Nessa altura apagaram-se todas as montras e deu-se uma «estranha escuridão» na cidade, privando-a de uma iluminação nocturna complementar da qual os lisboetas, quase inconscientemente, já se tinham habituado a usufruir.

Também no âmbito da História, mas desta feita no ramo da história cultural e social, apresentamos o trabalho de Lilian Briseño (Tecnológico de Monterrey, México) e Daniel Pérez Zapico (University of Leeds). Trata-se da apresentação dos estudos sobre a noite a nível ibero-americano, que se concretizará na obra colectiva *La invención de lo nocturno. Una historia social y cultural de la noche en el mundo iberoamericano (siglos XVIII-XX)*. O principal objectivo da obra é «abrir un espacio de debate como plataforma desde la que empender futuras investigaciones y colaboraciones para develar esta mitad perdida de la experiencia humana». Chama igualmente a atenção para a especificidade ibero-latino-americana (em contraponto ao mundo anglo-saxónico de onde saiu a maior parte dos estudos desta temática) devido à sua relação com a contemporaneidade, em que «los perfiles de una noche ‘moderna’ tardaron más en definirse, solapándose diferentes y variados contextos socioculturales — a veces, en conflicto — desde los que interpretar la noche».

Continuando no mundo ibero-latino-americano, agora no âmbito da História medieval, segue-se o estudo de Ezequiel Borgognoni (Univer-

sidad de Buenos Aires) que apresenta uma reflexão acerca do facto de, no reino de Castela medieval, sobre qualquer crime cometido durante a noite incidir uma agravante penal. Assim, foi estabelecido pela coroa uma espécie de programa colonizador da noite com o objectivo de controlar este caos que teima em tomar lugar nas horas nocturnas.

Carlos Pereira (CH-UL) assina um estudo sobre a presença e importância da noite na Bíblia, de uma perspectiva histórico-literária. Na imensidão do texto bíblico, o autor escolhe alguns trechos para estudar a importância da noite, comparando os diferentes tratamentos que este *topos* recebe no Antigo como no Novo Testamento, não descuidando também as influências do Mundo Clássico e Pré-Clássico. É analisada igualmente a forma como a figura de Deus escolhe a noite desde o início (cosmogonia) para se manifestar (sonhos, prenúncios) como também para afirmar a sua autoridade, desdobrando assim a riqueza semântica que a noite adquire nas Escrituras.

Ainda enquadrado na História, mas no campo da história experimental em diálogo com a arquitectura e as artes decorativas, apresentamos a investigação de Augusto Moutinho Borges (CLEPUL) sobre a iluminação em conventos, casas nobres e hospitais militares. A leitura faz notar como a iluminação, ao longo dos séculos, determinou a arquitectura destes edifícios e de como essas mudanças foram acompanhando a evolução dos dispositivos de iluminação.

A encetar a participação dos estudos literários nesta obra, recebemos o contributo de Joana Lima (CLEPUL) que nos guia pelo mundo nocturno do poeta Al Berto. Pela sua mão descobrimos como «os que vivem no submundo das cidades e buscam uma luz que só o néon dá (visto a do sol, das leis, regras, e convenções não lhes servir), os que se alimentam do que é impuro, que estão na sombra, são o próprio ópio do poeta para a sua criação literária, que faz sombra sobre a própria existência de Al Berto». Com uma viagem pelo seu primeiro livro de poesia *À procura do vento num jardim d'Agosto* nos mostra o mais dionisíaco Al Berto da sua obra, que, tal como a deidade helénica, se alimentava da noite, da loucura e da boémia.

Ricardo Belo de Moraes (Casa Fernando Pessoa) continua nos estudos literários e propõe uma visita à «Antiquíssima e idêntica» noite pesso-

ana, como tema recorrente para os momentos mais sombrios da escrita do poeta. Percebemos através da sua análise como a noite foi ponto de comunicação e de encontro entre os vários heterónimos pessoais e as suas diferenciadas escritas.

Beatriz Weigert (CLEPUL) traz o Brasil a esta obra colectiva assegurando uma leitura interpretativa do conto *Noite* de Érico Veríssimo. Seguimos o trilho de uma personagem noctâmbula e sonâmbula pela cidade, numa procura interior e exterior pela verdade/realidade que parece fugir-lhe da percepção. Na prosa riquíssima de Veríssimo, vemos como a noite da alma é muitas vezes o caminho necessário para chegar à luz que só o conhecimento produz.

Terminamos o conjunto de estudos em torno da noite com o artigo de Maria João Nobre (CLEPUL, FLUL) que nos traz uma reflexão sobre a noite, o sonho e a insónia, recuperando o pensamento de Lacan e Blanchot em diálogos com outros nomes da filosofia e da psicanálise. Acrescentando assim mais uma diferente perspectiva disciplinar sobre o tema, é apresentada a relação que o sujeito tem com a noite e as emoções e sentimentos que ela poderá desencadear.

A leitura do conjunto destes estudos interdisciplinares em torno da noite sustenta a nossa convicção de que há muito mais a fazer neste campo científico emergente. Há que seguir a tendência que já se faz sentir noutros países europeus e americanos, onde este é um tema frequente nas publicações e encontros científicos, e sobretudo fazer avançar esta reflexão, bem como sublinhar até que ponto talvez (já) façamos parte do diálogo internacional que se tem estabelecido nas últimas décadas em torno da noite. É pois desejo de todos que esta obra seja uma contribuição original e pertinente para a discussão científica de um tema cada vez mais importante para a investigação actual, cumprindo ainda um objectivo comum de pensar a noite como necessária — pela escuridão, pelo descanso, pelo sono, pela contemplação — tanto à humanidade como à natureza.

Rosa Maria Fina  
Lisboa, Novembro de 2018

## Referências bibliográficas

Jorge Luís BORGES (1977), *Historia de la noche*, Buenos Aires, EMECE.

Joel SERRÃO (1978), «A Noite Natural e a Noite Técnica» in *Ensaio Oitocentistas. Para a História de Portugal do Século Passado*, vol. II, Lisboa, Livros Horizonte.

Carlo GINZBURG (1991), *História Noturna. Decifrando o Sabá*, São Paulo, Companhia das Letras.

Wolfgang SCHIVELBUSCH (1988), *Disenchanted night. The Industrialization of light in the nineteenth century*, The University of California Press. (Primeira edição em alemão em 1983: *Zur Geschichte der künstlichen Helligkeit im 19. Jahrhundert*, Carl Hanser Verlag).

Joachim SCHLÖR (1998), *Nights in the big city. Paris, Berlin, London 1840-1930*, London, Reaktion Books. (A edição original em alemão é de 1991: *Nachts in der großen Stadt*, Artemis&Winkler Verlag).

Brian D. PALMER (2000), *Cultures os Darkness. Night Travels in the histories of transgression [from medieval to modern]*, New York, Monthly Review Press.

Roger EKIRCH (2005), *At Day's Close. A History of Nighttime*, London, Weidenfeld& Nicolson.

Alain CABANTOUS (2009), *Histoire da la nuit (XVIIe – XVIIIe)*, Paris, Fayard.

Serge SOUPEL, Kevin L. COPE, Alexander PETIT (Ed.) (2010), *The enlightenment by night. Essays on After-Dark Culture in the Long Eighteenth Century*, New York, AMS Press, Inc.

Rosa FINA (2016), *Portugal Nocturno e a Ameaça do dia. A ideia de noite na cultura portuguesa (séc. XVIII a XX)*. Tese de Doutoramento em História Contemporânea. Universidade de Lisboa, 2016.

Lilian Briseño SENOSIAN (2017), *La noche develada : la ciudad de México en el siglo XIX*, Santander, Editorial Universidade de Cantabria.

<https://lxnights.hypotheses.org/>

# A LUZ IRROMPE ONDE JÁ NENHUM SOL BRILHA<sup>1</sup>

Raul Cerveira Lima

Física, Escola Superior de Saúde do Politécnico do Porto  
(ESS | PPorto)  
Centro de Investigação da Terra e do Espaço da Universidade de  
Coimbra (CITEUC)

**Resumo:** A poluição luminosa, talvez a mais visível mas menos falada das formas de poluição com impactos importantes, atingiu nos últimos anos níveis jamais alcançados, com tendência para agravar-se. O conhecimento científico em torno dos efeitos da luz artificial à noite permitiu alargar a identificação dos seus impactos muito para além da astronomia ou do desperdício energético. A estes, somam-se hoje diversos impactos reconhecidos nos ecossistemas e outros prováveis na saúde. O ciclo natural claro-escuro foi substituído por uma presença permanente de luz durante 24h, de forma não exclusiva mas mais notável nas cidades, com alcances que fazem com que, ainda que com diferentes níveis de intensidade, em Portugal Continental não exista hoje nenhum local isento de poluição luminosa.

**Palavras-chave:** poluição luminosa; iluminação; noite.

**Abstract:** Light pollution is probably the most visible of the varieties of pollution with relevant impacts while being simultaneously the less known and spoken of. In recent years, light pollution reached levels never before attained and the current trend is to increase. Scientific research concerning artificial light at night allowed to unearth that the range of impacts reaches fields of research well beyond Astronomy or the consumption of energy. Today, to both these im-

---

<sup>1</sup> Adaptado de *Light breaks where no sun shines*, Dylan Thomas, v.P. de Fernando Guimarães.

pacts we can add critical impacts in numerous ecosystems and some impacts on human health. The natural «day and night» cycle has been replaced by the constant presence of light on a 24h basis, most remarkably in cities although not exclusive to them. Due to the long range of propagation of light throughout the atmosphere, in Mainland Portugal there are currently no places fully absent of light pollution.

**Keywords:** light pollution; public lighting; night.

## Poluição luminosa: breve introdução

A poluição luminosa, definida pela International Dark-Sky Association como «Qualquer efeito adverso da luz artificial, incluindo o aumento do brilho natural do céu, encandeamento, luz intrusiva, zonas de contraste elevado, visibilidade nocturna reduzida e o desperdício energético» (IDA), tem aumentado de forma notável nas últimas décadas. Há alguns matizes na definição de poluição luminosa. Num sentido mais estrito, qualquer fotão de origem artificial num comprimento de onda do visível poderá ser considerado como uma perturbação do meio natural e, assim, fonte de poluição. Porém, sendo a luz à noite desde há muito parte indissociável das sociedades mais industrializadas, com particular relevância desde a introdução da luz eléctrica, poderá atenuar-se um pouco a definição acrescentando que «poluição luminosa» não é sinónimo de «luz» (à noite), da mesma forma que «poluição sonora» não é sinónimo de «som». Será, assim, sinónimo de luz à noite em excesso, orientada de forma deficiente e, no que respeita à temperatura correlacionada de cor, mal escolhida. Estes conceitos irão ser desenvolvidos adiante.

O resultado mais imediato da poluição luminosa, desde cedo notado, é o da perda do céu nocturno natural. Mesmo longe de uma perspetiva científica, já olhares atentos o notavam, como nesta passagem d'*A Cidade e as Serras*:

(...) Na Cidade (como notou Jacinto) nunca se olham, nem lembram os astros — por causa dos candeeiros de gás ou dos globos de electricidade que os ofuscam. Por isso (como eu notei) nunca se

entra nessa comunhão com o Universo que é a única glória e única consolação da Vida. Mas na serra, sem prédios disformes de seis andares, [...] um Jacinto, um Zé Fernandes, livres, bem jantados, fumando nos poiais de uma janela, olham para os astros e os astros olham para eles. (...) (Queiroz, s.d.: 175, 176)



Fig. 1 O céu da cidade do Porto (2017) numa noite com céu encoberto. As nuvens amplificam a luz artificial produzida pela iluminação pública, cénica e até das janelas das residências, reflectindo-a de novo para a superfície.

O crescimento demográfico mundial, aliado ao enlevo da luz e o que a sua presença à noite proporcionam — um prolongamento do dia, para todos os efeitos, permitindo o desenvolvimento de actividades laborais ou de lazer à noite, antes impossíveis —, à ausência de regulamentação na maior parte dos locais no que respeita à iluminação de exterior, ao design despreocupado dos candeeiros de iluminação pública, emitindo luz para cima ou para os lados, à associação de luz a segurança (criminal e rodoviária), ao embaratecimento na produção de energia eléctrica e ao aumento da eficiência das fontes de iluminação provocaram, em conjunto, um aumento local e global da poluição luminosa. De tal modo que os dados mais recentes permitem afirmar que cerca de 80% da população mundial e de 99% da população da Europa e dos Estados Unidos da

América vive sob céus contaminados por poluição luminosa (Falchi *et al.*, 2016). Alguns autores explicam a presença de luz à noite como fruto de uma visão de um «mundo que permanece em funcionamento vinte e quatro horas durante os sete dias da semana, para que a produção e o consumo não tenham interrupções» (Guerreiro, 2017, aludindo a Crary, 2013).

Se o aumento da quantidade de luz à noite é facilmente constatável por quem vive em meios urbanos, detectável em meios rurais pelos característicos clarões sobre as localidades mais iluminadas e mensurável quer por satélite quer por instrumentação à superfície, o seu crescimento ao longo do tempo não se explicará por uma estrita necessidade, antes porque «(...) as mudanças na tecnologia originaram lâmpadas de maior eficiência e o aumento dos níveis de iluminação ter-se-á devido ao facto de isso ser possível e não porque tenha existido benefício ou evidência de um ganho por esse aumento dos níveis» (Fotios & Gibbons, 2018).

## Fontes de poluição luminosa

A poluição luminosa de exterior não se limita à iluminação pública. Também a iluminação cénica ou ornamental e a iluminação com fins comerciais ou apenas a iluminação de um jardim privado são fontes de poluição luminosa. Na Fig. 2 esquematiza-se a origem de algumas das principais fontes de poluição luminosa no exterior, a sua relação com a finalidade a que se destina essa iluminação e a justificação da relevância da sua importância como fontes de poluição luminosa.

São hoje inúmeras as fontes de poluição luminosa. A iluminação pública será possivelmente a única fonte de poluição luminosa que poderá considerar-se indispensável mesmo que, com frequência, seja usada com níveis de iluminação exagerados face aos objectivos e em períodos de tempo em que há reduzida ou nenhuma atividade humana. A restante iluminação tem, na sua maioria, propósitos estéticos/cénicos, comerciais, desportivos ou de segurança (este último tema será tratado adiante). Dentro da iluminação com propósitos estéticos podemos incluir a iluminação de fachadas ou monumentos, com impacto tanto maior quanto mais «fria»

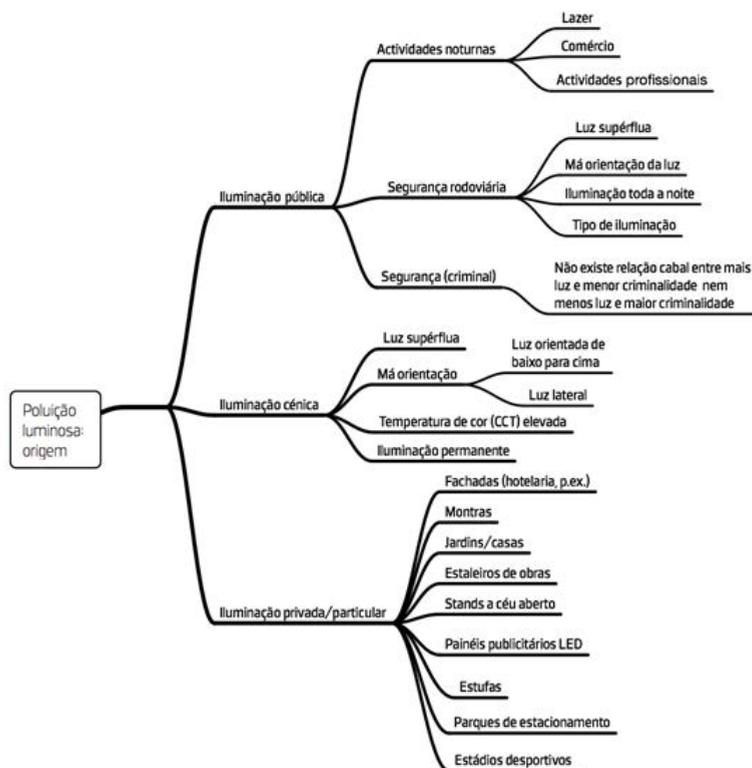


Fig. 2

for a tonalidade (branca), mais intensa e dirigida de baixo para cima. Também nesta categoria, ao não cumprir nenhum efeito útil, poderemos incluir a iluminação embutida no solo — por exemplo, nos passeios — e dirigida para cima. Na iluminação com fins comerciais podemos incluir a iluminação de montras, a iluminação de stands automóveis a céu aberto, os painéis publicitários retroiluminados ou com iluminação incidente e, mais recentemente, os intensos painéis LED (Fig. 3). Para acelerar o crescimento de plantas, introduziram-se os LED em algumas estufas (Lyytimäki *et al.*, 2012), representando estas uma nova e algo inesperada fonte de poluição luminosa em zonas rurais.



Fig. 3 Painel LED no exterior de um centro comercial (Mar Shopping, Matosinhos).

Nos estádios (Fig. 4), as actividades desportivas à noite são muitas vezes praticadas sob intensos focos de luz branca que não estão apontados apenas para o estádio, ultrapassando os limites deste e, quando com uma incorrecta orientação, podendo tornar-se visíveis — e, conseqüentemente, com impactos — a distâncias de várias dezenas de quilómetros.



Fig. 4 Estádio desportivo à noite (Estádio da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto).

## Impactos da poluição luminosa: astronomia, ambiente e saúde

Os primeiros impactos reconhecidos da poluição luminosa, quer no final do séc. XIX com o crescimento da iluminação a gás e o advento da iluminação de origem eléctrica quer, sobretudo, em todo o séc. XX, traduziram-se na astronomia e na conseqüente obsolescência precoce de observatórios astronómicos localizados perto de cidades. Nalguns casos, quando possível, houve lugar à realocização desses observatórios em sítios remotos onde os céus se mantinham ainda escuros (Wainscoat, 2011). A astronomia profissional, amadora ou de observadores ocasionais perdia, assim, o seu elemento base de referência, o céu escuro da «noite natural», afectado pelo aumento do brilho difuso de origem artificial. Os mais recentes observatórios astronómicos profissionais passaram a ser instalados em locais que possuíssem não só uma boa transparência do céu e reduzida turbulência, mas também longe de fontes de poluição luminosa. Mas não era apenas a astronomia profissional quem perdia a possibilidade de contemplar o céu ou mesmo a claridade exclusiva de uma noite de luar. De facto, já no séc. XIX, nas cidades «a Lua perde terreno em confronto com a iluminação a gás. A Lua, símbolo da noite natural dos campos e da cidade, anterior à iluminação a gás e eléctrica, impõe-se agora menos imperiosamente a partir do momento em que os homens lograram iluminar a superfície da terra onde vivem em comum» (Serrão, 1962: 53). Nos dias de hoje, numa cidade com altos níveis de poluição luminosa, o plenilúnio que numa noite natural permite caminhar e, em certas circunstâncias, ler, passa agora facilmente despercebido<sup>2</sup>.

O diagrama da Fig. 5 resume alguns dos principais efeitos da poluição luminosa. O aumento do brilho difuso do céu resultante da luz artificial é agravado pela luz de tonalidade branca, esta com um espectro mais amplo e possuindo comprimentos de onda mais curtos, em particular no azul. De facto, uma das conseqüências da luz azul é o seu maior espalhamento

---

<sup>2</sup> Numa noite de Lua cheia, onde a iluminância é inferior a 0.4 lux, sob um candeeiro de iluminação pública a iluminância tem valores variáveis mas que raramente são inferiores a 10 lux (mais de 20 vezes a da Lua cheia) e com muito mais frequência podem rondar os 30, 50 ou mesmo 100 lux (perto de 200 vezes a iluminância sob uma Lua cheia).

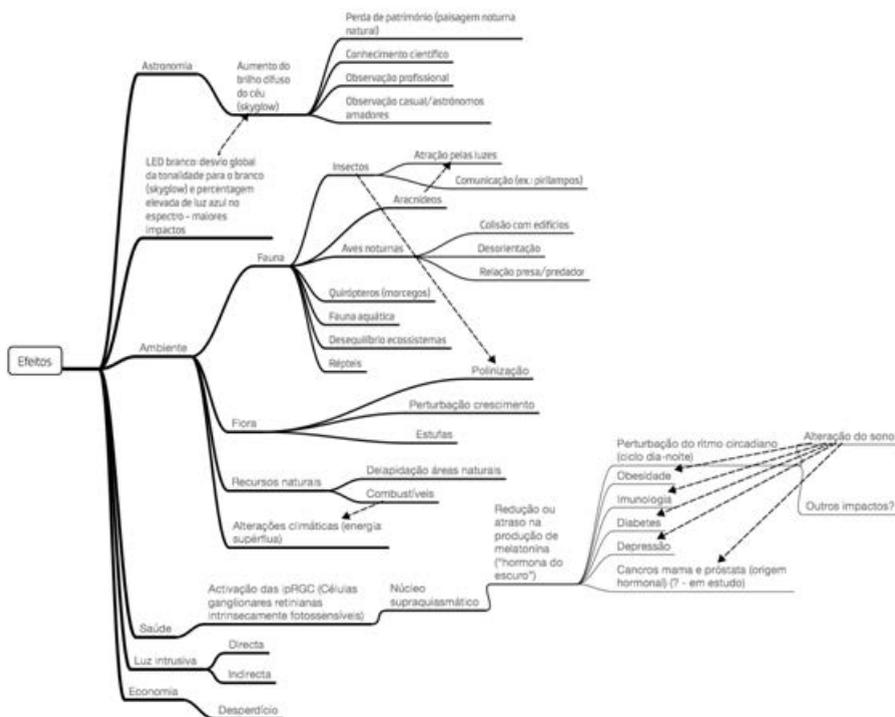


Fig. 5 Resumo de alguns dos principais efeitos ou impactos conhecidos da poluição luminosa.

(dispersão) na atmosfera, pois a luz azul, por efeito de Rayleigh, espalha-se mais do que a luz laranja ou âmbar (Bierman, 2012). O resultado do maior espalhamento do azul é facilmente constatável num dia de sol, quando a componente azul da luz do Sol se espalha pelo hemisfério celeste superior. Os comprimentos de onda maiores (laranja, vermelho) são visíveis apenas ao amanhecer ou ao final da tarde. Nessas alturas, a radiação que provém do Sol atravessa distâncias maiores na atmosfera, sobrepondo-se ao azul que ficou retido nas camadas mais altas da atmosfera. No caso da luz branca à noite, em particular a proveniente dos

LED brancos, o resultado é um clarão branco devido à maior dispersão das componentes espectrais de menor comprimento de onda. Em Portugal, tal como em muitos outros países, o clarão alaranjado da iluminação de vapor de sódio de alta pressão (excepcionalmente, lâmpadas de vapor de sódio de baixa pressão) tem sido, assim, progressivamente substituído pelos halos brancos. Os impactos no ambiente e na astronomia não são exclusivos da luz branca mas, para fluxos luminosos idênticos, estão já claramente identificados como maiores (Longcore *et al.*, 2016; Longcore *et al.*, 2018).

Só nas últimas décadas começaram a ser identificados outros tipos de impactos, quer em diferentes espécies animais ou ecossistemas quer, mais recentemente ainda, na saúde (Rich & Longcore, 2006). Dado o aumento da luz artificial à noite, o interesse na investigação no campo dos impactos ecológicos tem crescido. Estão já identificados diversos tipos de impactos em algumas espécies de aves — nomeadamente, mas não só, migradoras (e.g., Cabrera-Cruz *et al.*, 2018; McLaren *et al.*, 2018; Longcore *et al.*, 2013), em tartarugas marinhas (e.g., Longcore & Rich, 2004; Dimitriadis *et al.*, 2018; Thums *et al.*, 2016) —, várias espécies de morcegos (e.g., Stone *et al.*, 2012; Onkelinx, 2017; Russo *et al.*, 2017), algumas espécies de peixes (e.g., Hölker *et al.*, 2010; Brüning *et al.*, 2014), artrópodes (Manfrin *et al.*, 2017) e em insectos — como por exemplo, nos pirilampus — (Pawson & Bader, 2014; Grubisic *et al.*, 2018; Solano Lamphar & Kocifaj, 2013), entre outras espécies. Também as plantas, em particular algumas espécies de árvores, quando localizadas próximas de candeeiros podem ver alterados os seus ritmos naturais e desde cedo se detectou a maior persistência, no Outono, de folhagem nos ramos, ou o precoce brotar de folhagem na Primavera (Matzke, 1936; Massetti *et al.*, 2015; Škvareninová *et al.*, 2017).

Na saúde, são já vários os estudos que indicam uma relação entre a exposição à luz à noite e diversas patologias (Haim & Portnov, 2013; Kloog *et al.*, 2011; Falchi *et al.*, 2011; Garcia-Saenz *et al.*, 2018; Rybnikova & Portnov, 2018). As células ganglionares retinianas intrinsecamente fotossensíveis (ipRGC), descobertas na retina do ser humano já no início deste século, revelaram uma susceptibilidade do homem à luz já suspeitada mas, até então, sem explicação. As ipRGC são células não visuais e

têm como função única a detecção da quantidade de luz ambiente, permitindo uma regulação do ritmo circadiano — o ciclo natural de cerca de 24h da maior parte dos seres vivos, regulado pela rotação da Terra e consequentes ciclos dia-noite — por ativação do núcleo supraquiasmático, no hipotálamo. De forma simplificada, a informação do escurecer do final do dia é transmitida pelas ipRGC ao núcleo supraquiasmático e este é então o sinal para o corpo iniciar a produção de melatonina — hormona conhecida como «hormona do escuro» e que não só regula as funções metabólicas e biológicas durante a noite como tem propriedades imunológicas e anticarcinogénicas. O olho não é apenas sensível à quantidade de luz visível que nele incide mas também à gama de comprimentos de onda contida nessa luz, ocorrendo a maior sensibilidade circadiana nos comprimentos de onda menores (próximos do azul). Uma extensa análise dos possíveis riscos da luz, muito em particular da luz LED branca — com elevada percentagem de azul no seu espectro, particularmente as de temperatura correlacionada de cor (CCT) superior a 2700 K — pode ser encontrada em Rol de Lama & Bará (2018: 53-79).

## Segurança

O «escuro» está muitas vezes associado a uma sensação de insegurança, «— esse medo ancestral que a noite infundia. Os instintos à rédea solta, o crime, o sobrenatural instalado em pleno natural, como coisa sua...» (Serrão, 1962: 32). Na tradição popular portuguesa, a noite «é uma presença forte e, sobretudo, demonizada, associada aos medos mais inexplicáveis, portando em si as construções mais aterradoras que o imaginário humano consegue conceber» (Fina, 2016: 220). A associação entre luz e segurança é, porém, mais complexa do que a ideia que muitas vezes se atribui.

A visão do ser humano está mais adaptada à luz do dia e é muito menos eficaz à noite do que noutras espécies animais com comportamento nocturno. Os bastonetes, células da retina adaptadas à visão nocturna, têm uma definição espacial reduzida, não reproduzem a cor e oferecem, portanto, uma visão mais próxima do «preto e branco». São também menos

sensíveis à detecção do movimento do que os cones, células retinianas mais adaptadas à visão diurna, com maior definição espacial e capazes de reproduzir cores (e.g., Norton *et al.*, 2017: 4). Essa maior incapacidade do sistema visual à noite poderá ser uma das explicações para uma maior sensação de vulnerabilidade nocturna.

A associação entre luz e segurança tem sido também uma das principais justificações para a instalação de nova iluminação pública ou do reforço da já existente. Porém, se a ideia de associação entre luz e segurança pública não é recente<sup>3</sup>, essa relação é hoje matéria de investigação e debate já que o resultado de diversos estudos científicos ou relatórios policiais não a comprovam (Rice Kinder Institute for Urban Research, 2017, Steinbach *et al.*, 2015), chegando mesmo a encontrar uma relação inversa. A iluminação de propriedades privadas, de entradas de habitação, edifícios públicos ou lojas, ou ainda a iluminação toda a noite dos estaleiros de obras são alguns exemplos de iluminação não-pública cujo propósito declarado é o da segurança.

A luz artificial em excesso e encandeante era e é ainda hoje, em situações pontuais, tida em conta na apreciação de impactos quando se avaliam questões de segurança rodoviária, aérea ou marítima. As normas e recomendações (europeias ou nacionais, por exemplo) para iluminação de vias baseiam-se principalmente em valores tidos como favoráveis à promoção da «segurança», prevalecendo estes sobre os restantes impactos ambientais ou outros que essa luz possa causar. Investigação recente revela, porém, que os níveis de iluminação recomendados, por exemplo pelas normas europeias, são excessivos face aos benefícios pretendidos (Fotios & Gibbons, 2018). A luz em excesso pode causar encandeamento ou confusão ao condutor (Fig. 6), eventualmente promovendo um aumento de velocidade de circulação rodoviária, sendo esta causa de sinistralidade mais grave. Um fenómeno frequente nas cidades sobreiluminadas é o da circulação automóvel com os faróis desligados. A luz exterior é suficiente

---

<sup>3</sup> «(...) Sair à noite [numa cidade medieval]? Era tão perigoso como aventurar-se alguém pelo mar encapelado. Eis aí o criminoso alapardado, o medo que entontece e, por acréscimo natural, feiticeiras, lobisomens, almas penadas... Se não há luar, como aventurar-se um pobre de Cristo por essas ruas tortuosas sem uma tocha ou uma candeia (...)» (Serrão, 1962: 26-27).

para que o condutor não sinta a sua falta, fazendo com que se esqueça de ligar os faróis enquanto circula.



Fig. 6 Encandeamento e confusão por excesso de luz.

## Reduzir a poluição luminosa

Existem várias formas de reduzir a poluição luminosa. A primeira passa pelo desligamento total da iluminação supérflua. A dificuldade encontra-se, aqui e neste contexto, na definição de «supérflua», visto ser, em parte, um conceito subjectivo. Porém, pelos impactos dos excessos de luz hoje conhecidos e perante o facto de, na história da Terra e da Humanidade, a sua presença à noite ser muito recente, torna-se difícil justificar a sua presença como uma necessidade, sendo antes uma opção cada vez mais longe de traduzir-se apenas em benefícios.

Assim, o uso ou não de iluminação de exterior deveria ser, em cada caso, avaliado e justificado por um princípio de custo vs. benefício — de uma forma não muito diferente da que se aplica, por exemplo, às radiações ionizantes. A iluminação de exterior, qualquer que seja o fim, deverá ter protecção lateral e superior da fonte de luz e o cone de luz deve dirigir-se exclusivamente para o solo, sem qualquer inclinação da fonte. Sempre

que essa iluminação seja estritamente necessária, deverá ser utilizada pelo período de tempo mais curto possível e com o fluxo luminoso com o valor mais baixo possível. De facto, mesmo que o cone de luz esteja dirigido para o solo, há uma parte importante da luz que é reflectida no solo e se propaga, depois, para cima e para os lados, aumentando o brilho difuso do céu (Fig. 7).

O desligamento ou, pelo menos, um sistema de regulação do fluxo nas horas de menor utilização das ruas, diminuindo-o, traduz-se numa substancial contribuição para a diminuição da quantidade de luz na atmosfera.

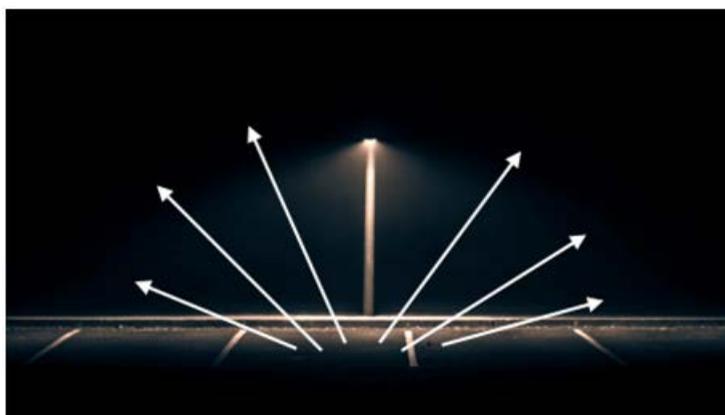


Fig. 7 Reflexão da luz no solo, contribuindo para o aumento do brilho difuso do céu.

A iluminação de fachadas ou monumentos, a iluminação cénica e a comercial (stands, montras ou outras) deverá ser restringida a situações pontuais e desligada em períodos alargados da noite (por exemplo, após as 22h ou após a meia-noite), tal como se pratica em diversos países (caso mais recente: França, 2018, onde existe a obrigatoriedade de desligamento da iluminação de montras e painéis entre a 1h e as 6h da manhã).

Pelas razões anteriormente especificadas, deverá utilizar-se sempre iluminação de temperatura correlacionada de cor (CCT) não superior a 2700 K, quer de vapor de sódio (alta ou baixa pressão) quer LED, existindo

hoje alternativas com eficiência já próxima dos LED brancos, como os LED pc-âmbar, sem as desvantagens daqueles.

## Conclusão

A luz artificial à noite poderá não ser dispensável. Mas a supérflua e o concomitante desperdício, por definição, são-no. Nunca na história da humanidade existiu tanta luz artificial à noite como hoje. Os impactos na qualidade do céu nocturno, nos ecossistemas e, potencialmente, na saúde, para além do consumo energético e delapidação de recursos naturais não despendiendos que consigo acarreta, deveriam ser suficientes para uma acção imediata. A subestimação a que a poluição luminosa tem sido votada, aliada a uma falta de informação e a alguns equívocos — o de que o crescimento da poluição luminosa é inevitável ou que é inerente aos centros urbanos, quando tal se deve sobretudo a um deficiente planeamento e a opções políticas —, originaram um crescimento sem preocupação pelo seu controlo — e este, quando existindo, mais ditado pelo desperdício energético do que por uma preocupação com outros impactos. Uma excepção relativamente recente a esta regra é o da criação, em vários países, de reservas de céu escuro, últimos redutos de céus mais próximos dos primordiais. Em Portugal existe uma, a Reserva Dark Sky Alqueva, no Alentejo Central, classificada pela Fundação Starlight em 2011. O conceito destas reservas permite alertar para a necessidade de céus escuros. Porém, como acontece com as reservas naturais, só sobreviverão se existir uma vontade generalizada e medidas de protecção que ultrapassem as suas fronteiras. Uma reserva destas poderá, no limite, não ter fontes de poluição luminosa no seu interior mas, estando rodeada por vilas ou cidades em que não haja medidas de limitação da poluição luminosa, estas acabarão inevitavelmente por afectar o interior das reservas. Se a existência dessas reservas será suficiente para a consciencialização dos benefícios de uma redução da poluição luminosa e do brilho artificial do céu, o tempo o dirá.

Até agora, como com todas as formas de poluição, o resultado da poluição luminosa tem sido o de um afastamento do Homem da Natureza. Neste caso, do firmamento, da noite, da escuridão, de um vasto e mutá-

vel património natural (os cometas, os meteoros, os eclipses lunares, as ocultações de astros pela Lua, as auroras boreais, os planetas, os seus satélites, as novas e as supernovas...). Será esta procura da luz pelo Homem mais um ponto de chegada, sem retorno, da civilização durante longo tempo? Uma «viagem ao fim da noite»? Os exemplos anteriores — alguns bem presentes — que levaram às alterações climáticas, à desflorestação, à extinção sistemática de espécies, não serão muito animadores. Terminando com um optimismo, a consciencialização para todas estas problemáticas trilhará o seu caminho e, de novo, as noites, noites escuras de estrelas, Via Láctea, odores e sons da brisa e da fauna nocturna se sucederão, como há milhares de milhões de anos o fazem, aos dias.

## Referências

Bierman, A. (2012). Will switching to LED outdoor lighting increase sky glow? *Lighting Research and Technology*, pp. 449-458.

Brüning, A. *et al.* (2014). Light pollution affects circadian rhythms of European perch but does not cause stress. *Science of the Total Environment*, 511, p. Submitted paper. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.scitotenv.2014.12.094>.

Cabrera-Cruz, S. A., Smolinsky, J. A. & Buler, J. J. (2018). Light pollution is greatest within migration passage areas for nocturnally-migrating birds around the world. *Scientific Reports*, 8(1), p. 3261. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41598-018-21577-6>.

Dimitriadis, C. *et al.* (2018). Reduction of sea turtle population recruitment caused by nightlight: Evidence from the Mediterranean region. *Ocean & Coastal Management*, 153 (July 2017), pp. 108-115. Disponível em: <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0964569117306300>.

Falchi, F. *et al.* (2011). Limiting the impact of light pollution on human health, environment and stellar visibility. *Journal of environmental management*, 92(10), pp. 2714-2722. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21745709>.

Falchi, F. *et al.* (2016). The new world atlas of artificial night sky brightness. *Science Advances*, 2(6), pp. e1600377–e1600377. Disponível em: <http://advances.sciencemag.org/cgi/doi/10.1126/sciadv.1600377>.

Fina, R. (2016). *Portugal nocturno e a ameaça do dia. A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX)*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.

Fotios, S. & Gibbons, R. (2018). Road lighting research for drivers and pedestrians: The basis of luminance and illuminance recommendations. *Lighting Research and Technology*, 50(1), pp. 154-186.

Garcia-Saenz, A. *et al.* (2018). Evaluating the Association between Artificial Light-at-Night Exposure and Breast and Prostate Cancer Risk in Spain (MCC-Spain Study). *Environmental Health Perspectives*, 126(4),

pp. 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1289/EHP1837>.

Grubisic, M. *et al.* (2018). Insect declines and agroecosystems: does light pollution matter? *Annals of Applied Biology*, in revisio, pp. 1-10.

Guerreiro, A. (2017). A Tirania da luz. *Jornal Público*, suplemento Ípsilon. 8 de setembro.

Haim, A. & Portnov, B. A. (2013). *Light Pollution as a New Risk Factor for Human Breast and Prostate Cancers*, Dordrecht: Springer Netherlands. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-94-007-6220-6>.

Hölker, F. *et al.* (2010). Light pollution as a biodiversity threat. *Trends in Ecology and Evolution*, 25(12), pp. 681-682.

Kloog, I. *et al.* (2011). Does the modern urbanized sleeping habitat pose a breast cancer risk? *Chronobiology international*, 28(1), pp. 76-80.

Longcore, T. *et al.* (2013). Avian mortality at communication towers in the United States and Canada: Which species, how many, and where? *Biological Conservation*, 158, pp. 410-419.

Longcore, T. *et al.* (2018). Rapid assessment of lamp spectrum to quantify ecological effects of light at night. *Journal of Experimental Zoology Part A: Ecological and Integrative Physiology*, (May), pp. 1-11.

Longcore, T. & Rich, C. (2004). Ecological Light Pollution. *Frontiers in Ecology and the Environment*, 2(4), pp. 191-198.

Longcore, T., Rich, C. & DelBusso, L. (2016). *Artificial Night Lighting and Protected Lands Ecological Effects and Management Approaches (Revised)*.

Lyytimäki, J., Tapio, P. & Assmuth, T. (2012). Unawareness in environmental protection: The case of light pollution from traffic. *Land Use Policy*, 29(3), pp. 598-604.

Manfrin, A. *et al.* (2017). Artificial Light at Night Affects Organism Flux across Ecosystem Boundaries and Drives Community Structure in the Recipient Ecosystem. *Frontiers in Environmental Science*, 5 (October). Disponível em: <http://journal.frontiersin.org/article/10.3389/fenvs.2017.00061/full>.

Massetti, L., Petralli, M. & Orlandini, S. (2015). The effect of urban morphology on *Tilia×europaea* flowering. *Urban Forestry and Urban Greening*, 14(1), pp. 187-193. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ufug>

.2014.10.005.

Matzke, E. B. (1936). The Effect of Street Lights in Delaying Leaf-Fall in Certain Trees. *American Journal of Botany*, 23(June), pp. 446-452.

McLaren, J. D. *et al.* (2018). Artificial light at night confounds broad-scale habitat use by migrating birds. *Ecology Letters*. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/ele.12902>.

Norton, B., Balick, M., Hobday, R., Fournier, C., Scartezzini, J-L., Solt, J., and Braun, A. (2017). Daylight: Contexts and concepts. in *Changing perspectives on daylight: Science, technology, and culture*. Science/AAAS Custom Publishing Company. Disponível em: <http://www.sciencemag.org/collections/changing-perspectives-daylight-science-technology-and-culture>.

Onkelinx, T. (2017). Comment on 'Age of enlightenment: long-term effects of outdoor aesthetic lights on bats in churches'. *Royal Society Open Science*, 4: 171312. Disponível em: <http://rsos.royalsocietypublishing.org/content/royopensci/4/11/171312.full.pdf>.

Pawson, S. M. & Bader, M. K.-F. (2014). LED lighting increases the ecological impact of light pollution irrespective of color temperature. *Ecological Applications*, 24 (7) (February), pp. 1561-1568.

Queiroz, E. de (s.d.). *A cidade e as serras*. Porto: Lello e Irmãos Editores.

Rich, C. & Longcore, T. (eds.) (2006). *Ecological Consequences of Artificial Night Lighting*, Island Press.

Rol de Lama, María Angeles & Bará, Salvador (2018). Posible Riesgos de la iluminación LED para la Salud. *Posibles riesgos de la iluminación LED — Conclusiones del Grupo de trabajo Comité Español de Iluminación*, Disponível em: [https://www.ceisp.com/fileadmin/user\\_upload/Riesgos-iluminacion-led.pdf](https://www.ceisp.com/fileadmin/user_upload/Riesgos-iluminacion-led.pdf).

Russo, D. *et al.* (2017). Adverse effects of artificial illumination on bat drinking activity. *Animal Conservation*, (February).

Rybnikova, N. & Portnov, B. A. (2018). Population-level study links short-wavelength nighttime illumination with breast cancer incidence in a major metropolitan area. *Chronobiology International*, 00(00), pp. 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07420528.2018.1466802>.

Serrão, Joel (1962). Noite técnica. *Temas Oitocentistas — II. Para a*

*história de Portugal no século passado*. Lisboa, Ed. Portugália.

Škvareninová, J. *et al.* (2017). Effects of light pollution on tree phenology in the urban environment. *Moravian Geographical Reports*, 25(4), pp. 282–290. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/mgr.2017.25.issue-4/mgr-2017-0024/mgr-2017-0024.xml>.

Solano Lamphar, H. A. & Kocifaj, M. (2013). Light pollution in ultraviolet and visible spectrum: effect on different visual perceptions. *PloS one*, 8(2), p. e56563. Disponível em: <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=3575508&tool=pmcentrez&rendertype=abstract>.

Steinbach, R. *et al.* (2015). The effect of reduced street lighting on road casualties and crime in England and Wales: controlled interrupted time series analysis. *Journal of Epidemiology and Community Health*, p. jech-2015-206012. Disponível em: <http://jech.bmj.com/lookup/doi/10.1136/jech-2015-206012>.

Stone, E. L., Jones, G. & Harris, S. (2012). Conserving energy at a cost to biodiversity? Impacts of LED lighting on bats. *Global Change Biology*, 18(8), pp. 2458–2465. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1365-2486.2012.02705.x>.

Thums, M. *et al.* (2016). Artificial light on water attracts turtle hatchlings during their near shore transit. *Royal Society Open Science*, 3(5), p. 160142. Disponível em: <http://rsos.royalsocietypublishing.org/lookup/doi/10.1098/rsos.160142>.

Wainscoat, R. J. (2011). The magnificent night sky — why it must be protected from light pollution. *Proceedings of the International Astronomical Union*, 5(S260), pp. 442–448. Disponível em: [http://www.journals.cambridge.org/abstract\\_S1743921311002651](http://www.journals.cambridge.org/abstract_S1743921311002651).



# GEOGRAFIAS DA NOITE

Teresa Alves

IGOT/CEG-UL

**Resumo:** Este artigo apresenta algumas conclusões do projecto de investigação NOITE<sup>1</sup> sobre as oportunidades dos territórios em Portugal com o desenvolvimento das atividades noturnas. Com entrevistas e inquéritos aos atores locais, tentámos compreender o comportamento nos territórios à noite. O tempo contínuo da economia e das redes proporciona condições que permitem à sociedade desenvolver formas de vida cada vez mais diversificadas, em termos de utilização do tempo e do espaço. Tais transformações geram novas oportunidades de desenvolvimento económico e social, particularmente devido à incorporação do espaço-tempo — noite — que tem sido considerado improdutivo, na produção e no consumo.

**Palavras-chave:** noite; espaços públicos; consumo; cultura.

**Abstract:** This paper presents some conclusions of the research project NOITE: Opportunities and Innovation in the Territory (PTDC/GEO/64240/2006) about the opportunities in the territories in Portugal with the development of eminently nocturnal activities. With interviews and inquiries to the local players, we try to understand the territorial behaviour at night. The continuous time of economy and networks provides conditions that allow society to develop more and more diverse ways of life, in terms of the use of time and space. Such transformations generate new opportunities for economic and social development, particularly due to the incorporation, in the scope of the production and consumption of a space-time — the night — which has been regarded as unproductive.

**Keywords:** night; public spaces; consumption; culture.

---

<sup>1</sup> Noite: oportunidades e inovação no território PTDC/GEO/64240/2006. CEG Universidade de Lisboa.

## Noite: mitos e preconceitos

A noite é, de todos os momentos, aquele que tem as representações mais negativas. Em quase todos os domínios do saber a noite surge como metáfora da ignorância, da superstição e do fanatismo. A luz, por oposição, invoca o progresso, o bem e a evidência. No imaginário popular a noite surge associada aos medos ancestrais. As trevas representam o mal e os pesadelos, a insegurança e o mistério. Mas, apesar de toda esta carga negativa, da dimensão obscura que continua a inquietar-nos, a noite tem vindo a ganhar novas representações que valorizam os aspetos relacionados com a liberdade e a criatividade. A noite fascina e perturba porque, na nossa imaginação coletiva, ela é propícia aos momentos mágicos. A noite é, por excelência, o espaço da transgressão, dos ritos iniciáticos, do amor, dos desejos, dos sonhos, mas também das grandes decisões.

Num inquérito realizado, em 2008, junto de jovens alunos do ensino superior (IST-UTL e FLUL) a noite não surgia associada às obrigações, ao trabalho/estudo, à razão ou às responsabilidades (Quadro 1). A maior parte dos inquiridos associava a noite ao mistério, ao repouso/sono/silêncio/calma, à boémia/festa/diversão, ao sonho, mas também à insegurança, ao medo e ao recolher obrigatório (Alves, 2010).

A noite é um espaço de tempo com características específicas e, por isso, o comportamento nos territórios das pessoas, das empresas e das instituições não é igual ao que se verifica durante o dia. Em primeiro lugar, a ausência da luz natural do Sol contribui para a segregação socio-territorial. As acessibilidades no território ficam condicionadas pela presença de iluminação artificial, particularmente quando nos deslocamos a pé.

O facto de não haver luz natural facilita que aspetos do território, neutralizados durante o dia pela quantidade de informação apreendida pela visão, possam ser colocados em evidência. Sons, inaudíveis durante o dia, podem transformar-se em poluição sonora à noite, como acontece com o tráfego aéreo ou a circulação automóvel, mas também os sinos das igrejas ou o ladrar dos cães. As paisagens noturnas podem ser, noutros casos, mais ricas porque experienciamos outros sentidos e desfrutamos de geografias bem diferentes das do dia.

| <b>A Noite é associada:</b> | <b>(%)</b> | <b>A Noite não é associada:</b> | <b>(%)</b> |
|-----------------------------|------------|---------------------------------|------------|
| Mistério                    | 95         | Obrigações                      | 4          |
| Repouso                     | 95         | Luz                             | 9          |
| Sono                        | 91         | Trabalho                        | 9          |
| Boémia                      | 88         | Razão                           | 10         |
| Silêncio                    | 81         | Ignorância                      | 14         |
| Festa                       | 72         | Estudo                          | 22         |
| Sonho                       | 68         | Responsabilidades               | 24         |
| Calma                       | 67         | Vida                            | 25         |
| Insegurança                 | 59         | Morte                           | 26         |
| Recolher obrigatório        | 56         | Droga                           | 27         |
| Medo                        | 52         | Segunda vida                    | 38         |
| Diversão                    | 52         | Sexo                            | 38         |

**Quadro 1 — A noite está associada a...**

Fonte: Inquéritos Projeto NOITe (PTDC/GEO/64240/2006)

A falta de luz natural tem implicações sobre o modo como as pessoas se sentem e se comportam. Embora não existam dados que associem diretamente noite e criminalidade, o certo é que há uma forte ligação, ao nível das representações, entre noite e insegurança (Quadro 1). Dados apresentados no Congresso da Noite (Luzboa, 2006) por Alina Esteves demonstram que, para o caso de Portugal, não há mais criminalidade à noite. Os crimes tanto acontecem de dia como de noite, o elemento fundamental é a oportunidade para que tal ocorra (Esteves, 1999). As pessoas, no entanto, sentem-se mais inseguras à noite e isso pode contribuir para a não fruição dos espaços públicos.

A escuridão perturba e torna as pessoas mais sensíveis e vulneráveis, daí a associação entre segurança e quantidade de iluminação nos espaços públicos. A segurança depende muito mais da qualidade da luz nos espaços públicos do que da quantidade (Narboni, 2003; Kersalé, 2003). Nas entrevistas realizadas a responsáveis pelo planeamento urbano nas autarquias verificámos que não havia conhecimento sobre estas questões. A dependência da homologação das luminárias pela EDP e das soluções

formatadas dos catálogos das empresas luminotécnicas, não estimulava a aprendizagem/discussão sobre que iluminação queriam para melhorar a qualidade de vida nos espaços públicos e promover a sustentabilidade energética. As principais características dos novos projetos de iluminação, no período em que foram realizadas as entrevistas, eram a proliferação de candeeiros, a ausência de critérios de sustentabilidade e a inexistência de qualquer noção de estratégia ou plano que estabelecesse o tipo de iluminação de acordo com o tipo de uso dos espaços públicos. Um bairro residencial, por exemplo, podia ter as mesmas luminárias que uma via de comunicação viária.

À medida que se desenvolvem novos usos do tempo e do espaço, mais dessincronizados e com maior destaque para os usos em tempos noturnos, os conflitos entre indivíduos, nos espaços públicos, podem acentuar-se. Nalguns bairros surgem conflitos entre habitantes ciosos da sua tranquilidade e os consumidores dos locais da noite, símbolos da emergência de um espaço público noturno. Mas em que medida a imprensa exacerba as tensões entre a cidade que dorme, a cidade que trabalha e a cidade que se diverte? A conflitualidade nos espaços públicos à noite deve-se ao facto de haver mais pessoas ou é o resultado do esvaziamento e do aumento da segregação sócio-espacial? Os resultados dos inquéritos realizados no projeto NOITE levam-nos a concluir que a perceção da segurança à noite tem, acima de tudo, a ver com a presença de pessoas no espaço público. A heterogeneidade dessas pessoas — no género, na idade, na cor da pele, nos tipos de consumo, nas nacionalidades — é o fator determinante para o sentimento de conforto nos espaços públicos. Os espaços mais ecléticos são os preferidos das pessoas inquiridas durante o projeto para as práticas socioculturais à noite.

A ideia que perdurava junto dos responsáveis do planeamento urbano que entrevistámos era que as cidades eram fragmentadas pelo próprio planeamento que condicionava a localização de atividades eminentemente noturnas nas áreas residenciais. Assim, a vida à noite no território ocorria numa espécie de guetos (os bairros/quarteirões da noite) que muitas vezes eram os centros históricos quase sem população residente. Articular no espaço ritmos de vidas cada vez mais dessincronizados é um dos grandes desafios do planeamento e da gestão territorial (Alves, 2010).

## Arte e mediação do território à noite

As representações artísticas da noite têm ajudado a conhecer e entender o universo noturno e desempenharam um papel fundamental na renovação do modo como o sentimos e o vivemos (Espinasse, 2005).

As ligações entre arte e noite são fortes e manifestam-se em domínios tão diferentes como: pintura, fotografia, cinema, teatro, literatura, música ou artes plásticas. Nas artes plásticas desenvolvem-se obras que utilizam a luz como matéria-prima e que só podem ser apreciadas na escuridão. Quando estas obras são pensadas para espaços públicos, a noite é a tela onde as obras se inscrevem (Alves, 2005a).

A relação entre arte da luz, arquitetura e urbanismo permitiu criar novas encenações do espaço urbano e contribuiu de forma decisiva para novas lógicas de utilização dos territórios à noite (Alves, 2008). Os trabalhos que associam arquitetos e artistas da luz mudaram a noite de muitas cidades. Em Brasília, Niterói ou Curitiba, no Brasil, a iluminação de Peter Gasper para as obras de Óscar Niemeyer deu novos sentidos às cidades (Alves, 2007a). A Torre AGBAR (Barcelona), o Museu do Quai Branly (Paris), o edifício da Filarmónica de Paris ou o novo Museu do Louvre em Abu Dhabi são projetos de Jean Nouvel que ganharam novas leituras com os esquemas de iluminação de Yann Kersalé. Em Berlim, o Sonny Center devolveu a centralidade à Postdam Platz. Aqui Helmut Jahn e Yann Kersalé criaram um espaço que atrai mais pessoas à noite do que de dia. Em Atenas, o plano de luz da equipa de Roger Narboni ao controlar a poluição luminosa, destacou o património arqueológico e deu-lhe uma visibilidade de noite que não tem na paisagem diurna (Alves, 2010).

Em eventos culturais como as *Nuit Blanche* (iniciadas em Paris<sup>2</sup>, mas que já chegaram a mais de 120 cidades por todo o mundo), *Fête de Lumières*<sup>3</sup> (Leon), *Luci d'Artistes* (Turim e Sorrento), *Festival Montreal en Lumières*<sup>4</sup> (Montreal), *Glow* (Santa Mónica, EUA), *Luzboa* (Lisboa), *Lumina* (Cascais), *Bella Skyway Festival* (Torun) as pessoas são convidadas a descobrir a cidade noturna através da arte contemporânea e, em parti-

<sup>2</sup> <https://www.paris.fr/nuitblanche>.

<sup>3</sup> <http://www.lyon-visite.info/fete-des-lumieres-lyon/>.

<sup>4</sup> <http://www.montrealenlumiere.com/en-ca/programmation/index/nuit>.

cular, a arte relacionada com a luz. Os impactos sobre a economia e a vida cultural das cidades são muito significativos pois mobilizam quase sempre grandes multidões. A noite é pretexto e tempo disponível para as pessoas, o que estimula uma participação mais relevante (Alves, 2005b).

|                                    | Cidade, país                       | Início | Último evento | Próximo evento |
|------------------------------------|------------------------------------|--------|---------------|----------------|
| Fête de Lumières                   | Lyon, França                       | 1989   | 2017          | 2018           |
| Luci d'Artistes                    | Turim, Itália<br>Sorrento*, Itália | 1998   | 2017*         | 2018*          |
| Festival Montreal en Lumières      | Montreal, Canadá                   | 2000   | 2018          | 2019           |
| Nuit Blanch                        | Paris, França                      | 2002   | 2017          | 2018           |
| Luzboa                             | Lisboa, Portugal                   | 2004   | 2006          | -              |
| Glow                               | Santa Mónica, EUA                  | 2008   | 2013          | -              |
| Bella Skyway Festival <sup>#</sup> | Torun, Polónia                     | 2010   | 2017          | 2018           |
| Lumina <sup>+</sup>                | Cascais, Portugal                  | 2011   | 2017          | 2018           |

**Quadro 2 — Principais eventos de arte da luz**

# <http://www.bellaskyway.pl/en/>

+ <https://www.lumina.pt/>

Os objetivos destes eventos são, de um modo geral, contribuir para a requalificação dos espaços públicos e enriquecer a oferta cultural dos locais onde se desenrolam. As obras dos artistas plásticos animam os espaços públicos, os territórios adquirem novos sentidos, a cidade recria-se e muitas pessoas descobrem uma cidade que não conheciam (Alves, 2010). Em muitos casos estes eventos funcionam como plataforma de discussão nas áreas do projeto urbano, arte pública, *design* urbano, iluminação e intervenção cultural e perduram muito para além dos dias festivos. O facto de serem gratuitos e em espaços abertos, acessíveis a todos, promovem boas práticas e momentos de convivialidade num período do dia ainda carregado de conotações negativas.

À escala regional, e não apenas à urbana, surgiram projetos de iluminação ambiental para dar coesão, colocar em relação, contribuir para uma leitura renovada dos territórios. O plano implementado na região do Ruhr, na Alemanha, conseguiu inverter a visão negativa dos espaços abandonados pela indústria, ao ponto de a região ter passado a ser atrativa em

termos de turismo (Alves, 2010). O encerramento do complexo da mina de carvão em Zollverein em Essen, por exemplo, ameaçou de demolição as construções com arquitetura da Bauhaus, mas com as ações de requalificação e de regeneração, o espaço foi classificado como Património da Humanidade pela UNESCO. As intervenções relacionadas com a arte da luz foram determinantes para todo o processo de mudança que culminou com a nomeação de Essen para Capital Europeia da Cultura em 2010. A regeneração do património industrial e arquitetónico permitiu requalificar a paisagem degradada, revitalizou a economia através da cultura e do turismo, mas, acima de tudo, deu sentidos novos à identidade territorial de quem ali reside (Alves, 2004).

| % das 24h | Tipo de tempo <sup>+</sup> | Tipos de uso                      | Tipos de espaços           | Período               |
|-----------|----------------------------|-----------------------------------|----------------------------|-----------------------|
| 22,8      | Contratado                 | trabalho remunerado e/ou estudo   | <u>+ público</u> e privado | <u>+ dia</u> noite    |
| 13,0      | Comprometido               | trabalho doméstico não remunerado | privado                    | dia<br>noite          |
| 48,7      | Necessário                 | comer, dormir e higiene pessoal   | privado                    | dia<br><u>+ noite</u> |
| 15,6      | Livre                      | o que resta das 24 horas          | <u>+ privado</u> e público | dia<br><u>+ noite</u> |

### Quadro 3 — Uso do tempo e dos espaços em Portugal (2010/11)

Fonte: Inquéritos Projeto NOITe (PTDC/GEO/64240/2006)

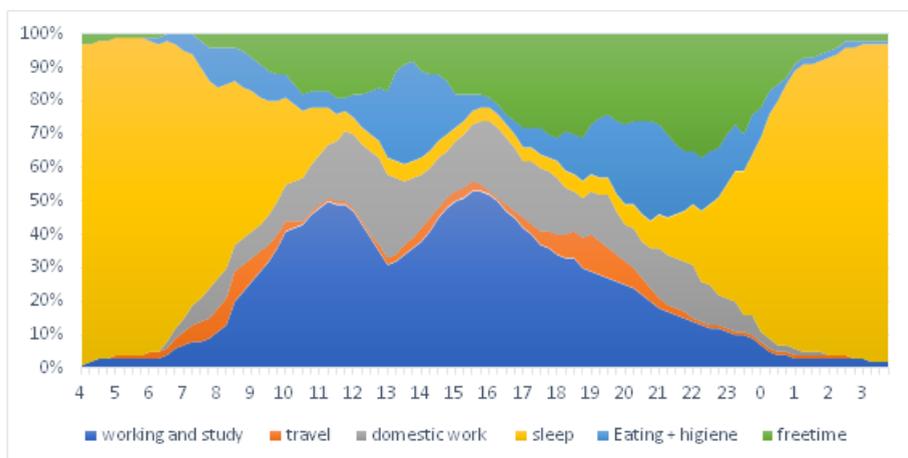
+ Aas D *et al.* (1986). *Time Use Studies: Dimensions and Applications*. Central Statistical Office of Finland: Helsinki.

A integração da arte da luz em iniciativas de planeamento e gestão dos territórios, a diversas escalas, pode mudar o modo como a noite é vivida. A utilização da noite como pretexto, matéria e tempo de disponibilidade das pessoas para conhecerem a arte, mas também os espaços públicos, serve a arte, serve a noite e cria laços de identidade com os territórios (Espinasse, 2005). Intervenções permanentes ou efémeras geram dinâmicas cujo potencial nas estratégias de regeneração urbana só muito recentemente começou a ser tido em conta, contribuindo para desmitificar alguns dos preconceitos em relação à noite.

## Dos usos do tempo aos usos dos territórios

As mudanças na organização da sociedade conduzem a alterações no modo como empregamos o tempo: nos tipos de usos, nos ritmos, nas sequências e nas sincronias (Herve, 2001).

Hoje dormimos menos horas do que no passado. O tempo necessário, ligado a questões fisiológicas como dormir e comer, é o que ocupa a maior fatia das 24 horas (Quadro 3). Parte muito significativa deste tipo de uso do tempo ocorre durante a noite (Figura 1) e nos territórios da vida doméstica.



**Figura 1 — Uso do tempo — dia semana — Portugal, 2011**

Fonte: Inquéritos Projeto NOITe (PTDC/GEO/64240/2006)  
(Alves, Almeida, 2012)

A noite é também por excelência o momento do tempo livre (15,6%), da sociabilidade na esfera privada, familiar ou não, mas também do tempo para si, cujo uso é cada vez mais definido de uma forma individual (Alves, 2011). Os tempos da sociabilidade vão sendo cada vez mais difíceis de sincronizar. Todos nos queixamos de que não temos tempo para a família, para os amigos, para nós. Menos pressionadas do que durante o dia, as pessoas têm à noite, contudo, mais disponibilidade para conviver. O convívio não tem de ser, necessariamente, presencial, passando a ser cada

vez mais intermediado pelas tecnologias de informação e comunicação (Alves, 2011). Nos inquéritos realizados durante o projeto NOITE os principais meios de comunicação entre os mais jovens eram o telefone e a *Internet*. A *Internet* como forma de acesso a entretenimento já tinha ultrapassado a televisão.

O tempo de trabalho, o tempo contratado (22,8%), depois de um período em que diminuiu, pode mesmo estar a aumentar. As novas tecnologias de comunicação introduzem mudanças no modo como organizamos as sequências dos usos do tempo e podem subverter as fronteiras entre os tipos de uso, como acontece quando transportamos para o espaço da vida privada o trabalho, abolindo horários e a separação dos lugares sociais (Alves, 2011). Estas mudanças nos usos do tempo afetam o período da noite que passa a ser também tempo comprometido no espaço doméstico com todas as consequências que poderá ter sobre a vida familiar e pessoal. Digamos que, hoje, trabalhamos sem ter consciência de como a jornada de trabalho está continuamente a crescer. Anestesiados pela liberdade de poder trabalhar em qualquer lugar, acabamos reféns de não saber em que tipo de tempo estamos: de lazer? de trabalho?

A organização do tempo de trabalho — aumento da intensidade e da polivalência dos trabalhadores (Alves, 2005a), crescimento do emprego a tempo parcial forçado, dos contratos por tempo muito curto, da precariedade, dos períodos de desemprego e da desregulação dos horários — continua a marcar os ritmos e as sequências da vida do quotidiano (Figura 1). As alterações na organização do tempo de trabalho influenciam a vida do dia-a-dia e, também, o modo como utilizamos os territórios à noite: há cada vez mais pessoas a trabalhar nos períodos compreendidos entre as 20 e as 8h da manhã. O tempo livre é cada vez menos livre e a escolha do que se vai fazer para o ocupar [a conceção utilitarista do tempo não permite que tenhamos tempo em que pura e simplesmente não fazemos nada] é cada vez menos uma escolha.

O tempo comprometido que corresponde ao trabalho doméstico não remunerado é o tipo de uso do tempo que gera maior discriminação em termos de género. Apesar de representar apenas 13% do tempo acaba por ser o responsável por as mulheres terem menos tempo livre do que os homens e rendimentos mais reduzidos (Alves, 2007b).

Com o desenvolvimento de novos ritmos, da dessincronização dos tempos, a noite está em perigo, pois corre o risco de se transformar apenas em mais um pedaço das 24h, perdendo o que tem de específico, esvaziando-se de substância (tempo de sociabilidade, tempo para si próprio, tempo de solidariedade) e do seu valor simbólico (tempo de liberdade, sonho, criatividade) possibilidade de reinventar o dia (Heurgon, 2005).

A noite já não corresponde a uma suspensão do tempo, a noite é um espaço-tempo com vida, mas percecionado de formas muito diversas. Conhecer esta diversidade ajuda-nos a compreender melhor os modos como se organizam os territórios e como podemos contribuir para um desenvolvimento territorial de qualidade e com sustentabilidade.

## **Mudanças demográficas e novas práticas sociais**

Nos inquéritos realizados no projeto NOITe verificámos que, qualquer que fosse o local de residência e as características sociodemográficas da amostra, todas as pessoas referiram que saíam à noite por motivos de lazer pelo menos várias vezes por mês (Quadro 4). Para os outros motivos — fazer compras, familiares ou trabalho — as diferenças de comportamento resultam mais das diferenças sociodemográficas do que do local de residência.

Fazer compras foi um dos motivos mais relevantes para sair à noite. Não só pelo número de inquiridos que dizem fazê-lo, mas sobretudo pela frequência com que é feito (Quadro 4). Os adultos mais jovens, por exemplo, não saem tantas vezes para fazer compras como os outros grupos, a explicação está na importância dos que continuam a viver em casa da família.

Sair à noite por motivos familiares é muito mais frequente nas famílias inquiridas com filhos (Quadro 4). Uma vez que o período considerado noite para estes inquéritos se estendia das 18 até às 8h, o levar as crianças para a escola de manhã, antes das 8h, foi considerado sair de noite. Ao fim do dia o mais frequente era sair devido a práticas desportivas ou culturais, como colocar os filhos nas aulas de música ou dança. Os adultos menos jovens saíam por motivos familiares quer para dar suporte aos pais, quer

para dar suporte aos filhos e netos.

| <b>Local<br/>Motivos (%)</b>                      | <b>Tondela</b>                   | <b>Caldas da<br/>Rainha</b> | <b>Lisboa</b>   | <b>Almada</b>                            | <b>Frequência</b>                |
|---|----------------------------------|-----------------------------|---|--|----------------------------------|
| trabalho  | 22                               | 18                          | <u>15</u>   | <u>38</u>                                | Pelo menos 2<br>vezes por semana |
| família   | 20                               | <u>38</u>                   | 25  | <u>15</u>                                | Várias vezes<br>por semana       |
| Lazer   | 100                              | 100                         | 100   | 100                                      | Várias vezes<br>por mês          |
| fazer compras                                     | 56                               | 67                          | 68  | 48                                       | Até 3 dias<br>por semana         |
| <b>Caraterísticas<br/>demográficas</b>            | Famílias<br>jovens sem<br>filhos | Famílias<br>com filhos      | Adultos<br>- jovens   | Adultos<br>+ jovens                      |                                  |
| <b>Horário da<br/>realização do<br/>inquérito</b> | Dia e noite                      | Dia e noite                 | Evento<br>noite<br>Santos<br>Populares<br>Noite dos<br>Museus | Evento<br>noite<br>Festival de<br>Teatro |                                  |

**Quadro 4 — Pessoas que declararam sair à noite por motivo e frequência.  
Caraterísticas demográficas dominantes dos inquiridos e horário da  
realização do inquérito (2010/11)**

Fonte: Inquéritos Projeto NOITe (PTDC/GEO/64240/2006)

Os adultos mais jovens, menos pressionados por constrangimentos familiares, eram os que saíam à noite com maior frequência para trabalhar (Quadro 4). Por sua vez os adultos menos jovens eram os que saíam com menor frequência à noite para trabalhar. Esta diferença reflete as características dos tipos de trabalho, os adultos jovens até podem ser mais qualificados, mas são também mais precários.

Os espaços públicos à noite ganham destaque porque exercem uma grande atração sobre os jovens, por vezes mesmo muito jovens, mas são também muito importantes para as pessoas sozinhas, sem constrangimentos de horários e da vida familiar, para os reformados mais jovens e para os turistas. Os tempos de transição juventude-idade adulta e idade adulta-velhice estão a tornar-se mais relevantes do que no passado, porque se

prolongam mais no tempo e porque se traduzem em novas práticas sociais e, conseqüentemente, em novos usos dos territórios, com destaque para a noite.

Os modos de vida urbanos — que reduzem a separação entre dia e noite, entre as estações do ano — promovem ritmos de vida muito mais diversificados. Só que os modos de vida urbano estão também presentes nas áreas rurais e não apenas nas cidades. As noites nas áreas mais rurais podem ser tanto ou mais animadas do que nas cidades, quer no lazer quer no trabalho. Numa sociedade em que a maior parte das pessoas trabalham nos serviços, qualquer que seja o sítio onde residem as disparidades regionais, em termos de uso do tempo, são cada vez menos evidentes. Nos casos de articulação entre trabalho dentro e fora da exploração agrícola, o período da noite é muito importante para o trabalho agrícola.

## Noite e lazer nos espaços públicos

Os horários dessincronizados contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo com cada vez mais pessoas a utilizar os espaços públicos durante a noite. Os ritmos de vida mais acelerados estimulam a utilização dos meios de transportes individuais, aumentam a mobilidade e promovem as deambulações por razões diferentes das do passado e com lógicas de tempo muito diversificadas. Mas o desenvolvimento de uma sociedade 24 horas/7 dias não significa que nas nossas cidades, os territórios mais próximos, tenham de funcionar em contínuo. Os lugares públicos com vida à noite são limitados em termos espaciais, têm localizações específicas e podem, por vezes, assumir algumas formas de guetização.

Em vez de vivermos em territórios com limites bem definidos, vivemos em nebulosas de geometria variável, com limites incertos e com ritmos e tempos de funcionamento cada vez mais variados. Cada bairro pode ter temporalidades diversas. Já não é apenas a questão das periferias/dormitórios que só têm vida ao fim do dia e ao início da manhã, ou do esvaziamento dos centros históricos das cidades à noite, mas outras áreas

que ganham e perdem vida com temporalidades diversas, com ritmos que podem ser diários, semanais ou sazonais. Os congestionamentos de trânsito em torno de determinados pontos ou áreas revelam bem a diversidade de situações.

O desenvolvimento de atividades, predominantemente noturnas de lazer em determinadas áreas, poderá estar a contribuir para a fragmentação socio-territorial. Ou pelo contrário a tendência é para os territórios à noite serem menos segregadores? Em Lisboa verifica-se que milhares de jovens, que durante o dia não têm lugar na cidade, porque a capital não dispõe de empregos para lhes oferecer ou porque não têm capacidade económica ou social para ali residir, à noite assumem a cidade como sua. A cidade que os exclui durante o dia, acolhe-os à noite para os seus momentos de lazer.

|  | (%) | Lisboa | Outros AML | Outros |
|--|-----|--------|------------|--------|
| concelho de residência                                       |     | 27,3   | 62,1       | 10,6   |
| concelho do local de trabalho ou estudo                      |     | 56,6   | 36,4       | 7,1    |
| concelho(s) onde pratica as suas atividades de lazer à noite |     | 64,6   | 33,3       | 9,0    |

**Quadro 5 — Concelhos de residência, de trabalho/estudo e de lazer dos utilizadores de espaços públicos à noite em Lisboa (2010)**

Fonte: Inquéritos Projeto NOITe (PTDC/GEO/64240/2006)

(São Pedro de Alcântara — Bairro Alto — Bica / Santa Catarina — Cais do Sodré — Santos)

De acordo com os inquéritos realizados em vários locais de lazer à noite em Lisboa (São Pedro de Alcântara — Bairro Alto — Bica / Santa Catarina — Cais do Sodré — Santos) verificou-se que a larga maioria dos inquiridos residia fora do concelho (Quadro 5). No entanto, este era o local de trabalho ou de estudo para mais de 57% dos inquiridos e o concelho mais frequentemente escolhido para sair à noite (65%). O facto de mais de 40% dos inquiridos dizerem que estudavam no ensino superior justifica a relevância de Lisboa como local de estudo e não como local de trabalho.

Quando inquirimos sobre as razões da escolha dos locais para sair à noite verificámos que a principal razão era «a noite é animada» (72% das respostas), imediatamente seguida da «alta probabilidade de encontrar amigos» (68% das respostas). A segurança ou a proximidade do local de residência não tinham destaque significativo (menos de 15% das respostas).

O nível de animação da noite dependia de vários aspetos e como o inquérito foi feito aleatoriamente a pessoas que se encontravam no espaço público verificamos que, de um modo geral, era apreciado o facto de se poder estar livremente no espaço público, a beber, a fumar, a passear ou a conversar. A existência de bares e discotecas era importante, mas não era determinante (22%). Os espaços de restauração eram ainda menos relevantes (15%). A existência de comércio especializado que se mantinha aberto até tarde não era fator de atração para estes inquiridos (6%). A proximidade de espaços como teatros ou galerias de arte também não tinha impacto significativo na decisão de optar por este ou aquele local da noite (10%). Mas a existência de concertos em espaços públicos ou privados era muito relevante para a presença destas pessoas (51%). As condições, o modo como se podia «estar» no espaço público eram, assim, um dos aspetos mais importantes para a escolha dos locais para sair e divertir-se à noite.

E quais eram estas condições: ruas com tráfego reduzido ou completamente fechadas ao tráfego onde se pode circular a pé com facilidade e segurança; boa acessibilidade por transportes públicos ou facilidades no estacionamento; espaços integrados em bairros tradicionais onde a função habitação continua a ser relevante e onde alguns estabelecimentos mais tradicionais vendem, a preços reduzidos, bebidas e comida até horas mais tardias; existência de comércio como bares ou restaurantes, mas também de vestuário, serviços pessoais com horários que se prolongam pela noite e que dão a estes bairros um ar de espaços com vida.

## Noite, economia e cultura

Uma parte significativa da economia da noite é constituída pelos serviços relacionados com os tempos livres que fazem a ligação entre economia

do divertimento e o sector agroalimentar, onde dominam os restaurantes e os bares, e as atividades que articulam a economia do espetáculo e o enriquecimento cultural como o teatro, o cinema, a ópera, a música e toda uma variedade de outros espetáculos culturais (Alves, 2010).

Os inquéritos realizados durante o projeto NOITe mostraram que, independentemente do local onde residiam, das características sociodemográficas e dos níveis económicos, todos os inquiridos afirmavam sair à noite por motivos de lazer e várias vezes por mês (Quadro 4).

O motivo mais frequente destas saídas era ir ter com amigos (Quadro 6). Sair de casa para ir ter com os amigos a um espaço público e só depois decidir se iam para outro lugar fechado ou se se mantinham na rua foi a resposta de 60% dos inquiridos. Esta opção é muito mais relevante entre os inquiridos residentes na AML fora de Lisboa, e entre os inquiridos mais jovens. E revela a importância do espaço público à noite.

Os resultados apurados nos «outros» concelhos de residência foram, acima de tudo, de inquéritos realizados em Tondela e nas Caldas da Rainha, mas também alguns de pessoas inquiridas nos Santos Populares em Lisboa. Duas situações a destacar: a importância das saídas para ir ao teatro (31%) e para ir a casa de amigos ou familiares (16%). O teatro deve-se ao caso de Tondela. A presença há 32 anos da companhia Trigo Limpo<sup>5</sup> criou hábitos e práticas culturais que estão bem enraizadas na comunidade. Sair à noite sabendo que o destino era ir a casa de amigos ou familiares por motivos de lazer surgia como algo muito mais fácil de acontecer fora da grande metrópole. Menos pressionados pelas distâncias e tempo casa-emprego, com ritmos de vida mais calmos, as pessoas nestes centros urbanos pareciam poder programar a sua vida de uma forma mais previsível. O que parece também ser confirmado pela fraca relevância do sair de casa sem um destino definido (34%).

Os inquiridos residentes em Lisboa destacam-se por serem os que mais saem à noite para ir comer fora (57%). As práticas de lazer destes inquiridos revelam o facto de serem mais velhos e com melhor posição socioeconómica, em média, do que os residentes nos outros concelhos.

<sup>5</sup> <http://www.acert.pt/trigolimpo/>.

Nos motivos para sair à noite temos ainda com valores significativos ir ao cinema, ao teatro ou a espetáculos de música (Quadro 6). O que também confere com o valor mais reduzido do sair de casa sem um destino definido (42%).

| Concelho de residência | Cinema    | Teatro    | Discotecas | Espetáculos de música | Bares     | Ir comer fora | Casa de amigos/família | Ir ter com amigos |
|------------------------|-----------|-----------|------------|-----------------------|-----------|---------------|------------------------|-------------------|
| Total                  | 37        | 22        | 16         | 34                    | 26        | 42            | 7                      | 60                |
| Lisboa                 | 32        | 21        | 12         | 31                    | 20        | 57            | 5                      | 42                |
| Outros AML             | <b>42</b> | 21        | <b>19</b>  | <b>41</b>             | <b>32</b> | 31            | 7                      | <b>79</b>         |
| Outros                 | 28        | <b>31</b> | 14         | 30                    | 20        | 38            | <b>16</b>              | 34                |

**Quadro 6 — Motivos das saídas de lazer à noite, por concelho de residência (2008 a 2010)**

Fonte: Inquéritos Projeto NOITe (PTDC/GEO/64240/2006)

A relação entre noite e economia parece, em face dos resultados dos inquéritos, ser tanto mais forte quanto mais elevado é o nível socio-económico dos inquiridos. Os que saem à noite nos seus tempos livres para desenvolver práticas que podem implicar consumos monetarizados era tanto maior quanto mais elevado eram os níveis de instrução e de qualificação da atividade económica. Em contrapartida, as práticas mais relacionadas com os espaços públicos e com reduzidos níveis de gastos surgia associada à população mais jovem, mais desqualificada e a residir em concelhos da AML sem ser Lisboa.

A revalorização das práticas relacionadas com o tempo livre, que socialmente deixaram de ser vistas como uma perda de tempo e passaram a constituir-se como uma mais-valia na formação dos indivíduos, é um dos fatores determinantes para as dinâmicas de lazer à noite fora dos espaços domésticos. Os impactos na vida das cidades são muito importantes e pode transformar-se num fator de atração em termos de turismo. No guia da Lonely Planet para Portugal a noite de Lisboa é referida como a primeira coisa a não perder no país.

## Conclusão

Com o projeto NOITe procurámos dar resposta as duas questões fundamentais:

- *Como é que as mudanças nos contextos de uso de tempo e de espaço e nas práticas individuais e coletivas ajudam a compreender as dinâmicas de desenvolvimento dos territórios à noite e, em particular, o crescimento dos serviços?*
- *Como é que os processos de planeamento e de gestão estão a contribuir para que os territórios possam ser vividos com qualidade e de uma forma sustentável à noite?*

Neste artigo centrámo-nos sobretudo nos trabalhos desenvolvidos para dar resposta à primeira questão. A evolução dos valores e comportamentos e as mudanças nas necessidades sociais e económicas contribuíram para alterar as perspetivas negativas associadas à noite e são fatores chave para compreender as dinâmicas dos territórios à noite. Para tal foi fundamental o papel de mediação desempenhado por diferentes formas de arte e, em particular, a arte da luz, que permitem melhorar o conhecimento dos territórios à noite.

A incorporação na esfera da produção e do consumo da noite traduziu-se não só no alargamento de horários de trabalho de atividades diurnas, como também no surgimento de novas atividades para responder a novas necessidades de procura. A economia da noite diversificou-se, particularmente, pelo crescimento das atividades que articulam a restauração/bares com o entretenimento e a economia dos espetáculos com o enriquecimento cultural. Há cada vez mais pessoas a circular à noite nos espaços públicos por motivos familiares ou de trabalho e não apenas por lazer. As relações territoriais resultam de novas dinâmicas que dependem da localização do emprego, da habitação, da escola dos filhos, dos locais de consumo e de lazer, do acesso a tecnologias de comunicação e do funcionamento em rede. Estas dinâmicas organizam-se em territórios cada vez mais vastos, mais fluídos e de limites variáveis, com ritmos e tempos de funcionamento cada vez mais dessincronizados.

Produzir e consumir à noite, como de dia, estão cada vez mais desligados da noção de proximidade física. Com a desmaterialização dos processos de produção e consumo, o acesso a bens e serviços depende cada vez mais da disponibilidade de tecnologias de informação e comunicação, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo.

A noite já não é o tempo de vida de grupos marginais e os políticos já se aperceberam disso. A importância política da noite reflete-se nas apostas estratégicas da sua vivificação. Podem ser iniciativas de animação, como eventos culturais, mas também programas de regeneração urbana baseados no estímulo das atividades económicas e culturais, essencialmente noturnas. Novos ritmos, novos valores, novas atitudes fazem com que os atores sociais e económicos da noite sejam cada vez mais diversificados. A diversidade das pessoas, das atividades, dos consumos, dos lugares, é o fator mais importante para a qualidade dos espaços públicos à noite, criando sempre geografias.

## Referências bibliográficas

- Alves, T. (2004). Ruhrgebiet in *Luzboa — a arte da luz em Lisboa*. Extra]muros[ associação cultural para a cidade, Lisboa, p. 105-107.
- Alves, T. (2005a). *Geografia dos Serviços*. CEG, Lisboa.
- Alves, T. (2005b). Geografias da Noite: fazer geografia através da luz. 5º Congresso da Geografia Portuguesa, Universidade do Minho, outubro. [http://www.apgeo.pt/files/docs/CD\\_V\\_Congresso\\_APG/web/\\_pdf/E6\\_140ut\\_Teresa%20Alves.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_V_Congresso_APG/web/_pdf/E6_140ut_Teresa%20Alves.pdf).
- Alves, T. (2007a). Noite: uma geografia de emoções. In *Luzboa: Lisboa inventada pela luz*. VIA-Verlag / Extramuros, Almada, p. 32-40.
- Alves, T. (2007b). A noite, a cidade e a geografia das atividades económicas in *Geophilia: o sentir e os sentidos da Geografia*. CEG, Lisboa.
- Alves, T. (2008). Art, Light and Landscape New Agendas for Urban Development. *European Planning Studies*, 15 (9), p. 1247-1260.
- Alves, T. (2010). *Geografia da Noite*. CEG, Lisboa.
- Alves, T. (2011). Geografia da Noite: do uso do tempo aos usos dos territórios. 8º Congresso da Geografia Portuguesa, Universidade de Lisboa, outubro. [http://www.apgeo.pt/files/docs/CD\\_VIII\\_Congresso\\_APG/web/\\_pdf/Teresa%20Alves.pdf](http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_VIII_Congresso_APG/web/_pdf/Teresa%20Alves.pdf).
- Alves, T.; Almeida, D. (2012). Comparative analysis of time use in a planning perspective. *Spaces & Flows: An International Journal of Urban & Extra Urban Studies*, 2, p. 87-103.
- Espinasse, C. (2005). «L'art à travers la nuit, la nuit à travers l'art» in *Espinasse et all, La nuit en question(s)*. Ed. L'Aube, Paris, p. 94-100.
- Esteves, A. (1999). *A criminalidade na cidade de Lisboa: uma geografia da insegurança*. Edições Colibri, Lisboa.
- Herve, E. (2001). *Le temps des villes*. <http://i.ville.gouv.fr/divbib/doc/rapporttempsdesvilles.pdf>.
- Heurgon, E. (2005). Préserver la nuit, pour réinventer le jour. in *Espinasse et all., La nuit en question(s)*. Ed. L'Aube, Paris, p. 50-60.

- Kersalé, Y. (2003). Art-ménagement du territoire. *in Penser la ville par la lumière*. Project Urbain. Éditions de la Villette, Paris, p. 64-69.
- Narboni, R. (2003). *La lumière et la paysage*. Le Moniteur, Paris.

CIDADE, NÉON E MÚSICAS.  
ENCONTROS COM A NOITE E AS CULTURAS  
MUSICAIS URBANAS CONTEMPORÂNEAS NO  
PORTO E EM LISBOA<sup>1</sup>

Paula Guerra

Universidade do Porto e Instituto de Sociologia (IS-UP)

Ana Oliveira

Dinâmia'CET, ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa

**Resumo:** Este artigo decorre do desenvolvimento teórico-empírico de um projeto de doutoramento acerca das culturas urbanas e das cenas musicais contemporâneas portuguesas (Guerra, 2010), que procurou demarcar e interpretar as dinâmicas subjacentes à génese, à constituição e ao funcionamento do subcampo do rock alternativo em Portugal ao longo dos últimos 40 anos. Neste artigo incidimos especificamente nas fruições musicais, lúdicas e culturais ínsitas às ci-

---

<sup>1</sup> Este artigo decorre de um projeto de investigação desenvolvido entre 2005 e 2010 e intitulado «Culturas urbanas e modos de vida juvenis: cenários, sonoridades e estéticas na contemporaneidade portuguesa» (SFRH/BD/24614/2005) no âmbito do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP), coordenado pela primeira autora e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Este projeto deu origem à Tese de Doutoramento em Sociologia — *A instável leveza do rock. Génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Guerra, 2010). Para mais detalhes consultar: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56304?mode=full>.

dades do Porto e de Lisboa na última década, salientando nove perfis de fruição cultural, artística e musical. Este estudo permitiu-nos constatar a emergência de uma juventude portuguesa enquadrada na esfera do cosmopolitismo estético e lúdico, detentora de um capital cultural cosmopolita, isto é, de um saber-fazer e saber-estar na experimentação e fruição da diferença cultural, através do consumo e práticas musicais, artísticas e culturais urbanas marcadas pelo hibridismo e o ecletismo. Não obstante esta tendência, ainda foi possível observar dissemelhanças, perseveranças e especificidades nas fruições culturais, lúdicas e musicais urbanas.

**Palavras-chave:** culturas urbanas; música alternativa; fruição cultural e lúdica; públicos da cultura.

**Abstract:** This article results from the theoretical and empirical development of the author's PhD project on urban cultures and contemporary Portuguese music scenes (Guerra, 2010), which sought to demarcate and interpret the dynamics underlying the genesis, constitution and functioning of the subfield of alternative rock in Portugal over the last 40 years. In this article we focus specifically on the musical, playful and cultural pleasures of the cities of Porto and Lisbon over the last decade, highlighting nine cultural, artistic and musical fruition profiles. This study allowed us to verify the emergence of a Portuguese youth framed in the sphere of aesthetic and playful cosmopolitanism, holder of a cosmopolitan cultural capital, that is, a *savoir-faire* and *savoir-vivre* in the experimentation and enjoyment of cultural difference, through consumption and urban musical, artistic and cultural practices marked by hybridity and eclecticism. Notwithstanding this tendency, it was also possible to observe dissimilarities, perseverances and specificities in the urban cultural, playful and musical fruition.

**Keywords:** urban cultures; alternative music; cultural and ludic fruition; cultural audiences.

## As metamorfoses dos consumos da cidade

O consumo musical tem sido um tema fulcral na sociologia durante as últimas três décadas (DeNora, 2007). Percorridas pelos métodos quantitativos (Bourdieu, 2004, 2007) e qualitativos (DiMaggio, 1987; DeNora, 2000), as investigações — já clássicas — evidenciaram o papel da música como um meio de distinção social e de *status*. Recentemente, a proficiui-

dade das ligações entre gosto, capital cultural e *status* têm-se mostrado muito relevantes, pelo menos no contexto americano. E qual a razão para este enfoque? Para DiMaggio (1987), a razão é simples: as artes são a forma cultural de reconhecimento mais prestigiada no mundo ocidental. Em qualquer grupo podem existir formas de conhecimento prestigiantes, detendo estas o seu valor, meramente, entre pequenos grupos. O conhecimento artístico assume-se, em geral, como o mais prestigiante e forte indicador de capital cultural. Nesta linha, destaca-se as premissas postuladas por Bourdieu que suportaram, nas últimas décadas, vários estudos empíricos neste âmbito.

Não obstante, há que assinalar que autores como Peterson & Sherkat (1996) e DiMaggio & Mukhtar (2004) falam de um declínio da posição da arte como capital cultural. E apontam várias razões para tal declínio: primeiro, a ubiquidade da cultura popular, que impossibilita que os até então *gatekeepers* culturais, como universidades e instituições culturais, mantivessem a sua centralidade cultural (Warde, *et al.*, 1999; Jameson, 1991); segundo, a ideia prevalecente que a alta cultura está a esboroar-se, resultando numa de-institucionalização (DiMaggio, 1987), fruto quer do multiculturalismo quer dos próprios artistas, que recusam as barreiras entre cultura popular e «séria»; terceiro, atualmente o prestígio cultural advém da familiaridade com múltiplas formas artísticas, o que incorre na modulação introduzida pelo modelo omnívoro/unívoro (Peterson & Kern, 1996).

De igual modo, não podemos deixar de referir os trabalhos produzidos pelos Estudos Culturais de Birmingham e suas reatualizações contemporâneas, sobretudo nos contributos que deram à (re)construção das identidades sociais atribuindo significados às obras musicais e à sua apropriação social numa esfera de volatilidade em substância e espaço (Bennett & Peterson, 2004). Os trabalhos de Coulangeon (2003 e 2010) têm vindo a constituir importantes contributos para a análise dos gostos e consumos musicais. Este autor adianta que alguns comentadores de Bourdieu têm tendência a associá-lo a uma cartografia determinista que faz corresponder o espaço dos gostos ao espaço das posições sociais: «o argumento da quebra das fronteiras subjacente à metáfora do omnívoro pode não ser radicalmente novo como faz parecer» (Coulangeon, 2010: 89). Ou seja,

devemo-nos perguntar se a hipótese omnívoro/unívoro pode, de facto, implicar um enfraquecimento das hierarquias e das diferenciações culturais, ou se estaremos perante uma reconfiguração das fronteiras e das hierarquias, assumindo a impossibilidade de denegar as diferenciações sociais em torno da música mesmo perante todas as complexidades e perplexidades que nos coloca o hibridismo e o ecletismo cultural-lúdico-artístico-musical contemporâneo. Todas estas investigações têm contribuído para aumentar o património de saber relativo aos consumos culturais e musicais, mas a flexibilidade continua a ser a pedra de toque enfrentada por todos.

Os trabalhos de Friedman e Savage (*et al.*, 2015) e Friedman (2014) têm sido determinantes a este respeito, pois consideram que mais importante do que o que se consome é a forma como se apropria um bem cultural. Estará, então, aqui presente uma forma de capital cultural emergente? Quatro dimensões assumem particular importância na resposta a esta questão. A primeira concerne aos efeitos geracionais que tem repercussões na relação com o cânone artístico e com uma valorização do «novo» por parte dos mais jovens (Roose, 2015). A segunda remete para o facto de este tipo de capital não remeter unicamente para formas «nobres» de arte (Prieur & Savage, 2013), evidenciando claramente a importância do capital estético como forma de distinção e em particular o que deriva da música popular. Terceira, com esta conceitualização, a própria cultura dominante está a passar por um processo de transformação de longo prazo. E aqui temos de ter em conta o «abandono» das barreiras nacionais ou europeias, originando formas de capital cultural cosmopolita que valorizam uma visão cosmopolita da cultura (Kuipers, 2015). A quarta dimensão aponta para a necessidade de um pluralismo metodológico, que permita analisar de forma relacional os consumos culturais dos agentes sociais, cruzando os consumos culturais com as suas modalidades de apropriação (Hennion, 1993).

Em Portugal, o estudo das práticas culturais tem vindo a ser objeto de um grande investimento, particularmente na década de 1990, o que possibilitou uma plataforma sustentada de conhecimento e de estratégias de intervenção nesse setor. Mas a música e as relações e interações que são feitas a respeito do seu consumo não têm sido objeto de uma siste-

matização tão grande se nos situamos ao nível da apropriação quotidiana e nas esferas tradicionais da receção no que tange ao *pop-rock*. Se é verdade que «na tradição sociológica a música tem sido frequentemente considerada como um objeto regulador por excelência das lógicas que organizam a esfera da cultura» (Abreu, 2000: 131), então ainda existe um caminho muito grande a percorrer. Aliás, se a música desempenha hoje um papel tão importante na recomposição hierárquica da cultura e na interpenetração dos campos e dos modelos culturais, importa «levantar o véu» sobre o consumo de música popular, numa aceção claramente anglo-saxónica, uma vez que esse mesmo é exemplar e denominador comum de muitas práticas culturais e de lazer levadas a cabo por parte de largos segmentos da população, especialmente, mas não só, os jovens em todo o mundo. Maria de Lourdes Lima dos Santos fala inclusivamente num «consumo pervasivo-cumulativo-fragmentado» (2010: 30) a este respeito — particularmente evidente nos grandes eventos culturais contemporâneos.

Notamos dois reveladores destas transformações: primeiro, o incremento das «culturas de saídas» entre a população portuguesa. Estas acionam práticas, cenários e perfis sociais específicos que cruzam artes, manifestações culturais e lúdicas que têm pedra de toque na música, mas vão muito para além desta. Partilhamos o entendimento de que as «culturas de saídas» funcionam como o segundo ciclo da cultura doméstica: concretizam atividades, significados e espacialidades fulcrais nos processos de sociabilidade juvenil e na disposição de estilos de vida. O segundo revelador baliza-se na crescente importância da música «ao vivo» (Bennett *et al.*, 2014). Para justificar tal ponto de vista, podemos acrescentar que existe, no presente, em Portugal, uma intensificação da procura e da oferta de música ao vivo no quadro do *pop-rock* (Guerra, 2017, 2016) pela primeira vez na história. Se considerarmos que a economia das práticas musicais é complexa e mensurada através de práticas, cenários e perfis sociais, então ganha força o peso da fruição musical «em ato». Ao contrário do que sucede na música clássica, no *rock*, a música nunca foi separada da apresentação de si e das suas cerimónias rituais — objetos de forte investimento por todos os intervenientes. Assistir a um concerto, a um *live act* ou uma sessão de *djing* não é apenas escutar as músicas,

implica a demonstração de estilos de vida, de comunidades de sentido, de vivências plurais, de cenas... Demonstrando os estrangulamentos do conceito sociológico tradicional de público.

## ***Rendez-vous* com as cenas da cultura musical urbana**

Perspetivando esse entendimento dos consumos culturais e especialmente de música popular na contemporaneidade, situamos a nossa análise num cenário: os espaços urbanos de divulgação musical nas cidades do Porto e de Lisboa. Subjacente a estes espaços que apelidamos de divulgação e de fruição musical, existe a insubordinação face aos significados absolutos e tradicionais do que são conteúdos e formas culturais, sendo espaços por excelência onde se tornam visíveis alterações nas modalidades tradicionais de canonização cultural e nos habituais sistemas classificatórios de obras e serviços culturais. São espaços liminares (Bennett *et al.*, 2014) — retirados da esfera rotineira do quotidiano —, que oferecem oportunidades de experimentação de identidades extraordinárias — e em alguns casos, socialmente circunscritas (Guerra, 2016, 2017). São uma sinédoque de liberdade, onde a identidade e o estilo de vida se fundem e encontram uma articulação coletiva. Tal não significou, contudo, o esvaziamento da cultura urbana — muito pelo contrário. Desta feita, a cultura urbana é aquela que é produzida e difundida em ambientes urbanos para audiências locais (Crane, 1992), mostrando a convergência atual entre espaço urbano e os *art worlds* (Becker, 1982). A cidade é, pois, terreno fértil para a fecundação e para a incubação de novas tendências, novos produtos e novos princípios (*ethos*) culturais.

A escolha destes dezassete espaços<sup>2</sup> ficou a dever-se à importância que têm assumido desde o início do milénio no quadro da programação de música *pop-rock* em Portugal e ainda à sua titularidade enquanto espaços

---

<sup>2</sup> Tenha-se em linha de consideração que neste percurso pelos diferentes espaços consideramos 18 espaços, posteriormente — e do ponto de vista da aplicação do inquérito composto por questionário —, este foi só aplicado a 17 espaços, na medida em que não foi possível proceder à sua aplicação no Lux em Lisboa, uma vez que é política do espaço garantir a intimidade e o anonimato dos seus clientes.

de saída nas duas maiores cidades do país. Fazem parte do roteiro das noites de Lisboa e do Porto e detêm uma agenda de concertos, *dj sets* e *live acts* estabilizada. Assim, o *corpus* de espaços foi constituído na cidade do Porto pelo *Passos Manuel*, os *Maus Hábitos*, o *Pitch*, o *Uptown*, o *Contagiarte*, o *Plano B* e o *Porto Rio*, entre julho de 2006 e julho de 2008. Em Lisboa, e no mesmo período temporal, destacámos o *Lounge*, o *Left*, o *Incógnito*, o *Music Box*, o *Europa*, o *Cabaret Maxime*, o *Mini Mercado*, o *Lux*, o *Zé dos Bois*, o *Frágil* e o *Santiago Alquimista*.

Encetámos um desenho da pesquisa orientado por uma perspetiva de *continuum* metodológico entre o qualitativo e o quantitativo. Começámos por um inquérito composto por questionários aos frequentadores dos espaços administrado a uma amostra de 1.024 frequentadores de espaços de fruição/divulgação musical/sociabilidades noturnas no Porto, e de 1.141 frequentadores dos espaços de fruição/divulgação musical/sociabilidades noturnas em Lisboa. A administração foi feita de forma indireta, envolvendo a presença do investigador nos diferentes quadros de interação e em situações de copresença com os respondentes. Em termos amostrais, considerámos a população residente na Grande Área Metropolitana do Porto (GAMP), que totalizava, segundo os dados disponíveis em 2007, 608.463 indivíduos, e no caso da Grande Área Metropolitana de Lisboa (GAML), um total de 981.217 indivíduos. Ulteriormente, foi óbvia a valorização da etnografia, pois esta facultou-nos uma ferramenta heurística em compromisso com o micro, com os sentidos, com o plural, com as diferenças. Nos interstícios dos quotidianos dos espaços, do seu vivido, nas suas múltiplas e invisíveis «artes de fazer» (Certeau, 1980), importa — inspirados por Merleau-Ponty — ver o mundo que nos é revelado pelos nossos sentidos — «being-in-the-world» (2004). Enfim, com a etnografia, entregámos os nossos corpos a estes espaços de «música em ato» (Pauwels, 2015). Continuamente, a realização de entrevistas semidiretivas a frequentadores habituais dos espaços, assim como aos seus programadores, gestores ou mesmo proprietários, foi fundamental para esclarecer rituais, validar sentidos e aprofundar esferas de interconhecimento sociológico dos consumos musicais, culturais e artísticos. Numa fase subsequente, efetuou-se uma análise de correspondências múltiplas<sup>3</sup>, permitindo, assim, delimitar,

<sup>3</sup> A tipologia de públicos quanto às preferências de fruição musical foi realizada com

identificar, interpretar e clarificar a estrutura relacional das variáveis intervenientes nos perfis de frequência e de territorialização das práticas de fruição musical, lúdica, noturna e cultural do Porto e de Lisboa.

## Os públicos das cenas da noite de Lisboa e do Porto

Os gostos musicais têm sido estudados extensivamente como indicadores de fronteiras culturais (e sociais). As indagações acerca dos consumos e gostos musicais têm circulado em torno do argumento da homologia de Bourdieu (1979), do argumento da individualização (Chan & Goldthorpe, 2007) e do argumento dos consumidores culturais omnívoros e unívocos (Peterson & Kern, 1996; Bryson, 1997). Como sabemos, a teoria da homologia é fortemente ancorada na teoria da distinção de Bourdieu que pressupõe que os indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais incorporam diferentes *habitus* de classe e conseqüentemente diferentes práticas culturais: «indivíduos que se posicionam em níveis mais elevados da estratificação social tendem a consumir predominantemente a ‘alta’ cultura ou cultura de ‘elite’, e indivíduos dos estratos mais baixos são os que preferem e predominantemente consomem a cultura ‘popular’ ou de ‘massas’» (Chan & Goldthorpe, 2007: 1). O argumento da individualização admite

base na aplicação de uma análise de correspondências múltiplas, uma classificação mista (centros móveis e hierárquica), e uma descrição dos grupos classificados (segundo o grau de representação de cada modalidade de resposta no conjunto dos indivíduos de cada grupo), sobre o conjunto das respostas de 2.165 indivíduos inquiridos em 17 espaços de fruição/divulgação musical/sociabilidades noturnas de Lisboa e do Porto. A dimensão amostral e a distribuição muito equilibrada dos inquiridos nos vários espaços garantem as condições de base necessárias para um bom grau de confiança nos resultados. As questões selecionadas para a definição dos perfis da tipologia referem-se às opiniões e preferências de carácter geral dos inquiridos — influência da música no quotidiano, preferências musicais, posicionamento quanto às novas dinâmicas culturais urbanas, tipo de espaços preferidos para a fruição musical, motivos e situação preferidos para a frequência dos espaços, opinião quanto à noite de Lisboa ou do Porto. Os perfis identificados foram complementados com perfis associados, que ilustram as principais características dos grupos relativamente às opiniões que revelam face ao espaço onde foram interrogados — localização, imagem, estética, programação musical, razões de frequência, conhecimento do espaço e características sociodemográficas dos inquiridos que emergem como mais representativas.

que as diferenças nos consumos culturais não estão inter-relacionadas com a estratificação social, mas traduzem uma manifestação pessoal de autorrealização. Contrariando estes dois argumentos, surge uma outra possibilidade de explicação das práticas culturais: a dualidade omnívoros — unívoros. Diferentemente da proposta bourdeusiana, este argumento considera que não é possível demarcar uma linha de fronteira rígida entre os consumos das classes sociais mais elevadas e a sua permeabilidade às massas (Sonnnett, 2004). Defende-se, desta forma, que os indivíduos dos estratos sociais mais elevados se caracterizam por uma omnivoridade (consumo cultural diversificado e aberto) ou por práticas culturais associadas à cultura de massas — univoricidade (Peterson & Kern, 1996).

Uma das questões mais prementes provindas de um conjunto de inquéritos levados a cabo nas últimas duas décadas, designadamente em França (Coulangeon, 2003, 2010), permite observar o que nós poderíamos chamar de crescimento da proporção de «ouvintes omnívoros» entre 1973 e 2008 (Coulangeon, 2010: 90). Posto isto, o nosso objetivo na abordagem dos frequentadores dos espaços de divulgação e fruição musical foi o de explicar e compreender as práticas culturais urbanas, bem como os seus respetivos gostos musicais, desses mesmos agentes sociais, valendo-nos sobretudo dos argumentos da homologia e do omnívoro-unívoro. Mostramos, assim, que estamos perante um espaço social de consumidores musicais onde se exercem as influências das relações de dominação simbólica — «caras» a Bourdieu — matizadas por um contexto crescente de ouvintes cada vez mais omnívoros (Peterson & Kern, 1996; Bryson, 1997) em função das alterações da própria estrutura social e das determinações próprias do mercado musical contemporâneo. O chamado *cultural turn* tem aqui um peso importante, consentindo compreender que as questões culturais que afetam os jovens são mais complexas e dinâmicas do que a teoria subcultural consideravam ser, quer dizer, as identidades dos jovens passaram a ser vistas e analisadas como identidades reflexivas, que articulam questões especificamente locais com questões globais (Bennett, 2011).

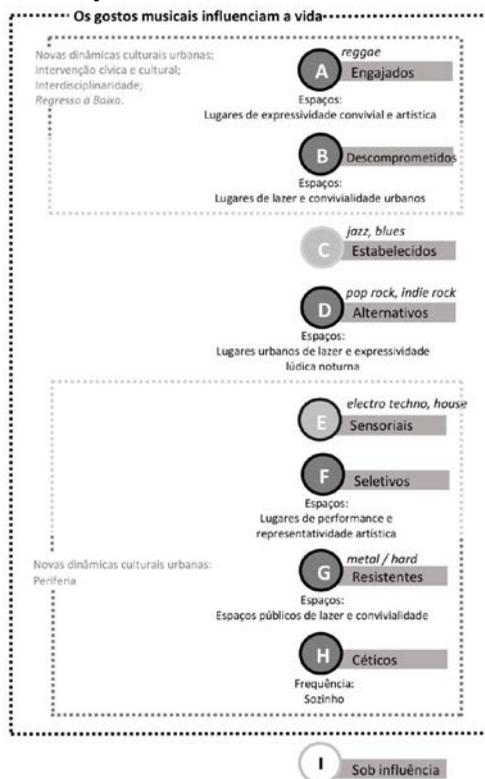
Pretendemos, neste momento, mostrar que a estrutura social dos gostos e fruições musicais se prende com a heterogeneidade das significações acorrentadas à diversidade das experiências e contextos de escuta e de

fruição musical. Assim, no sentido de analisar os públicos dos espaços de fruição musical, lúdica e noturna, abordados nas cidades do Porto e Lisboa entre os anos de 2007 e 2008, recorreremos a um processo classificatório que tem em linha de conta um conjunto de fatores escolhidos no âmbito dessa mesma análise que permitiu subdividir o conjunto dos 2.165 agentes sociais em duas categorias. Na definição do perfil associado englobamos duas linhas de associação do posicionamento dos agentes sociais: a primeira, os espaços frequentados, modula-se de acordo com categorias como cidade, espaços de divulgação e fruição musical, motivos para a frequência do espaço, imagens e estética associadas ao espaço. A segunda centra-se na sociografia, assente nas variáveis sexo, idade, nível de instrução, pertença classista e categoria socioprofissional. No entanto, é importante ressaltar que tal só foi possível dado que, na atualidade, vivemos um contexto urbano de forte segmentação de objetos musicais e de públicos (musicais). Desta feita chegámos a nove perfis, que apresentamos seguidamente. Uma precisão: definimos nove perfis correspondentes a nove segmentos de públicos frequentadores dos espaços de divulgação e de fruição musical analisados no Porto e em Lisboa, que se apresentam na seguinte tipologia: *engajados, descomprometidos, estabelecidos, alternativos, sensoriais, seletivos, resistentes, cétricos e sob influência*. Estas denominações procuraram equacionar da forma mais adequada possível os modos de relação destes agentes sociais com a música no quadro da frequência de espaços de divulgação e de fruição musical nas cidades do Porto e de Lisboa. Na Figura 1 é possível vislumbrar uma síntese dos nove perfis ideal-típicos postulados.

Primeiramente, encontramos um perfil designado por *engajados*, que detém aproximadamente 281 indivíduos, o que perfaz 13% da amostra, que, ao ser analisado em termos de preferências de espaços de divulgação e de fruição musical, assume preponderância nos lugares associativos e destinados à expressividade convivial e artística. Tal remete-nos desde já para uma preferência de espaços como o *Maus Hábitos* e o *Contagiarte* que se situam nas novas dinâmicas urbanas de pendor artístico e interdisciplinar e que têm na base um envolvimento associativo que surge da necessidade de um grupo de pessoas intervirem na oferta e na agenda culturais da cidade, neste caso, do Porto. Desta feita, estamos perante uma liderança,

no que diz respeito a este perfil, de frequentadores dos espaços noturnos e de sociabilidade portuense que apresentam como razões significativas para a preferência deste tipo de espaços, a diversidade funcional, a interdisciplinaridade e a própria componente estética segundo a qual o espaço se estrutura (Hill, 2017).

Figura 1: Perfis de fruição musical, síntese das características dominantes



Fonte: MUSICULT\_2005 | 2009

Em termos de preferências musicais, os estilos musicais mais significativos, fruto de um número mais elevado de respostas, tanto na referência de bandas como no auto-posicionamento por género dos agentes sociais são, em primeiro lugar, o *reggae*, seguido do *folk*. Tal vai ao encontro da própria lógica e perfil de programação destes espaços. Por

exemplo, no caso do *Contagiarte*, a agenda contempla dias específicos para a apresentação de performances ligadas a estes dois géneros. O fenómeno da hibridez dos estilos musicais vem propor um novo ponto de vista através do qual as novas identidades provenientes da música conjugam o local com o global pela mistura de diferentes tradições musicais na construção de uma identidade local. É neste sentido que Fortuna & Silva (2002) consideram que a fusão que caracteriza a *world music* vem derubar a possibilidade de um discurso de autenticidade relativo a estilos musicais, sendo também essa a razão da sua crescente moda. Para estes autores há assim uma relação entre migração e novas práticas musicais e reflexo dela é o lugar crescente que o turismo musical tem vindo a adquirir. Conscientes da relação entre música e lugar, os «pacotes turísticos musicais» tentam dar conta dos estilos de vida locais. Mas a música está também associada à translocalidade no sentido em que o progresso das tecnologias da informação e comunicação veio permitir que a música produzida num dado lugar assumia uma carga simbólica mais vasta, fazendo com que seja crescentemente *cool* aderir ao *reggae* ou ao *folk*.

Ainda neste perfil, é importante assinalar o posicionamento dos agentes sociais que associam à música uma posição fundamental na estruturação do seu quotidiano, o que vai ao encontro da importância que atribuem à seleção dos seus estilos musicais favoritos. Em suma, trata-se de um grupo muito bem definido pelas preferências de espaços e pelos estilos musicais, bem como pelas opiniões bem definidas quanto às dinâmicas de cultura urbana, sendo um grupo facilmente identificável na medida em que a sua mobilização em torno dos espaços é elevada e na sua caracterização sociográfica predomina a idade em detrimento da classe social.

Seguidamente, encontramos o perfil *descomprometidos* que engloba 207 agentes sociais, o que perfaz 10% da amostra. Assim, em termos de preferência de espaços de divulgação e de fruição musical, optam por lugares de lazer e de convivialidade urbana, marcados por um descomprometimento face à programação em termos musicais, valorizando antes uma sociabilidade em torno de outros consumos. Aliás, não é despidendo referir, a este propósito, que a razão mais significativa para a preferência destes espaços se prende com os públicos dos mesmos, o que ajuda a marcar estes espaços enquanto preparatórios para a noite, servindo estes

de ponto de encontro. Uma análise cuidada das preferências musicais deste grupo de agentes sociais, em termos de estilos, situa-os junto do *ska*, da música clássica e do *trance*. Isto remete-nos para o fator de transitoriedade na medida em que este aparente eclétismo não será fruto de um conjunto de indivíduos ecléticos, mas sim de um conjunto eclético de indivíduos na medida em que, sendo estes espaços pontos de encontro de diversos grupos, englobam esta pluralidade de gostos que depois se dispersam por outros espaços na noite. Da mesma forma também podemos apontar o facto de estes agentes sociais sinalizarem como estilo musical das bandas de referência o *pop rock*, reforçando, assim, a ideia que apresentámos em cima.

Neste perfil, o posicionamento dos agentes sociais face à influência da música na vida prende-se intimamente com os estilos de vida que redundam em formas de vestir diferenciadas, em escolhas e na construção de uma identidade. Se a isto associarmos o facto de o grupo etário mais significativo no seio deste perfil ser o dos 18 aos 22 anos de idade classificados em termos de pertença classista no seio da PBIC, percebemos claramente que estamos perante um perfil de indivíduos socialmente «privilegiados» dentro da estrutura social portuguesa, o que é reforçado pelo facto de esta pertença advir do lugar de classe de origem, percebendo aqui também o reforço da transitoriedade, pois a identidade social dos indivíduos não estará ainda sedimentada, o que nos permitirá concluir que estamos perante um cenário de experiências que levarão à consolidação do *self* musical. Mercê deste posicionamento, os agentes sociais associam aos espaços de divulgação e de fruição musical frequentados uma estética predominantemente *freak* e alternativa ao mesmo tempo que caracterizam a noite como convivial e divertida, familiar e próxima, e decadente. Ora, com isto apraz dizer que se trata de um grupo quase exclusivamente definido pela preferência de espaços de lazer e convivialidade urbanos, estilos musicais diversos, sem opinião destacada quanto às novas dinâmicas culturais urbanas, com classificações etárias pouco evidentes ainda que com tendência para os mais jovens, não se associando a nenhum espaço de fruição e divulgação musical particular, por isso, o descomprometimento.

O terceiro perfil, a que chamamos *estabelecidos*, aglomera 152 agentes sociais, perfazendo 7% da amostra. Este perfil centra-se, em termos

de preferências espaciais, em espaços públicos urbanos de convivialidade e lazer, amplo em frentes marítimas e ribeirinhas ou zonas históricas, apontando como razões para a preferência deste tipo de espaço a afinidade/familiaridade com o mesmo. Em termos de preferência musical, este segmento define-se claramente em quatro linhas. As duas primeiras apresentam os valores mais elevados e situam-se no *jazz* e no *blues*, sendo que as outras duas se situam no *soul/funk/disco* e na música brasileira. Aqui, o perfil tipológico de bandas segue a mesma tendência, pese o facto de não aparecer o *blues*. Portanto, dentro da esfera da nossa amostra existe a opção e preferência por determinados nichos em termos de géneros musicais.

Se delongarmos a nossa atenção para o posicionamento destes agentes sociais face à representação estética do espaço de fruição/divulgação musical/sociabilidade frequentado, encontramos o conceito de *glamour* como mais relevante. Nesta medida, se combinarmos o que temos vindo a dizer, a respeito deste perfil, com as categorias associadas em termos sociográficos, identificamos a pertença predominante neste segmento de agentes sociais com mais de 37 anos que exercem uma atividade profissional. Assim, chamando a atenção para a influência dos gostos musicais na vida quotidiana, o posicionamento destes agentes é no sentido de existir uma influência que se prende principalmente com a matriz profissional. Neste ponto de vista, está também presente uma noção de que as novas dinâmicas de cultura urbana apostam na mistura de estilos e de gostos situando-as no interior dos limites da cidade, indo ao encontro dos posicionamentos. Finalmente, é importante relevar que a sua descrição da noite assenta nas categorias de convivial e divertida bem como de arte e cultura. Em síntese, três modelações especificam este grupo. A primeira, aponta para um grupo definido pelas preferências musicais, sobretudo com destaque para o *jazz* e o *blues*; a segunda aponta para a preferência por espaços onde a familiaridade e a afinidade (roupas, estilos e modos de estar) são importantes. A terceira prende-se com o facto de estarmos perante um grupo que oscila entre os 37 e os 40 anos de idade e que detém uma atividade profissional.

O quarto perfil, designado como os *alternativos*, é constituído por 671 indivíduos, o que perfaz 31% da amostra, sendo que assumem uma prefe-

rência por lugares urbanos de convivialidade e de expressividade lúdica noturna, situados predominantemente em Lisboa (*Europa* e *Incógnito*, por um lado, *Left* e *Lounge*, por outro). No âmbito dos espaços de fruição/divulgação musical/sociabilidades, há que relevar dois aspetos. Por um lado, dentro do grupo dos espaços mais evidentes, temos um espaço então muito recente, o *Europa*, que abre em 2008 e ganha notoriedade através das *after-hours*, e um espaço mais antigo, com mais de duas décadas, o *Incógnito*, que se mantém como um baluarte do *indie rock* e do *rock* alternativo, tendo um grau de fidelização muito elevado. Por outro lado, também surgem associados a este perfil o *Left* e o *Lounge*, em que o primeiro foi um projeto claramente concebido para a divulgação de *DJ sets/live acts* de nomes associados ao *indie* e *electro*, sendo marcado por muita intermitência em termos de funcionamento, e, o segundo, o *Lounge*, aberto todos os dias da semana, que tem uma programação muito importante no que concerne ao *rock* alternativo e sonoridades emergentes, muito fruto do programador específico, e que, apesar da sua dimensão reduzida, acaba por cunhar os principais marcos programáticos do *rock* alternativo em Lisboa, funcionando cada vez mais como uma antecâmara da discoteca (normalmente *Incógnito* ou *Lux*).

Para este segmento, a programação, seguida pela componente estética, é a razão fundamental para a escolha de um espaço (cfr. Fortuna, 2002). Em termos de frequência, estes indivíduos fazem-na acompanhados de amigos/as. Em termos de estilos musicais preferidos é enorme o relevo dado ao alternativo/*indie rock* e ao *pop/rock*, que redundam na escolha de bandas que apresentam o mesmo espectro musical.

Ainda neste perfil, há algo de extrema importância a ressaltar. Para todos estes agentes sociais, e assinale-se esta unanimidade, os gostos musicais influenciam a vida, através, e principalmente, dos estados de espírito, dos estilos de vida, da banda sonora do eu e dos lazes e convivialidades. No que concerne aos posicionamentos acerca da noite, este grupo situa-a em dois casos: aberta e cosmopolita, diversa e polivalente. Temos também aqui uma diferenciação sobre-determinada pela idade, pelo sexo e pela escolaridade. Isto é, destaca-se o sexo feminino, destacam-se os indivíduos qualificados em termos de pós-graduação e destaca-se em termos etários o intervalo compreendido entre os 31 e os

36 anos. Em síntese, encontramos aqui um grupo muito bem definido pelos espaços de fruição/divulgação musical/sociabilidades e pelos estilos musicais, com opiniões bem notórias quanto à influência da música na vida quotidiana, muito associados a espaços situados em Lisboa e de cujo perfil sociográfico se destaca a presença de muitos indivíduos do sexo feminino. É também este o perfil que mais se aproxima do subcampo do *rock* alternativo em Portugal.

Um quinto segmento, *sensoriais*, compõe-se por um total de 207 agentes sociais que representam 10% da nossa amostra. Este perfil também assume como espaços de fruição/divulgação musical/sociabilidades preferidos os lugares urbanos de convivialidade e de expressividade lúdica noturna dos quais se destacam o *Mini Mercado* e o *Lounge*. As suas motivações para a frequência destes espaços prendem-se com a realização de eventos musicais, sendo que associam a estes uma imagem ligada ao *design* e ao *décor*. Em termos de estilos musicais, há um núcleo importante que se alicerça na música de dança, nomeadamente nos géneros *electro*, *techno* e *house*, sendo que as bandas também estão associadas a estes estilos. Neste perfil é também possível, a exemplo do anterior, encontrar uma forte ligação entre os gostos musicais e a vida, sobretudo porque identificam como elemento fundamental a influência desta nos estados de espírito. Por outro lado, encontramos neste perfil, e ao contrário do que vimos nos anteriores, uma identificação das novas dinâmicas urbanas na periferia o que pode advir de duas razões. A primeira prende-se com o estarmos a tratar de uma realidade sobretudo lisboeta, cujos movimentos quotidianos são marcados pela pendularidade. A segunda relaciona-se com a perceção, partilhada inclusivamente por músicos e produtores, de que a periferia lisboeta, dada a presença multicultural, se encontra associada a dinâmicas emergentes do *hip-hop*, do *kuduro* e da eletrónica.

Outro ponto a assinalar prende-se com as imagens associadas à noite por estes agentes sociais em que, pela primeira vez, emerge o eixo «álcool, drogas e excessos» a par dos eixos «fashion e glamour» e «decadente». Em termos sociográficos encontramos aqui indivíduos que não trabalham ou estudam, situados entre os 23 e os 26 anos. À laia de conclusão, este é um perfil que salienta as preferências musicais dos indivíduos face ao *electro* o que poderá indiciar um grupo onde a presença de tendências

ligadas a uma mescla de eletrónica minimal com uma sonoridade próxima do *indie* mais alternativo os aproxima do grupo anterior em termos de fruição musical.

O sexto perfil analisado, os *seletivos*, encerra em si 79 agentes sociais, constituindo 4% da amostra. Este perfil é minoritário e marcado particularmente pela procura específica de espaços de acordo com a oferta dos mesmos, espaços estes associados à performatividade artística como elemento que torna este grupo diferenciado face aos outros a par da grande heterogeneidade que podemos inferir dos elementos apresentados, que não se enquadram de forma alicerçada em nenhuma das categorias associadas ao perfil. Resta ainda referir a sua frequência de espaços de onde se destacam o *Porto Rio*, num segundo plano, a *Galeria Zé dos Bois* e o *Santiago Alquimista* e, concomitantemente, a maior prevalência de géneros musicais ligados ao *jazz*, à música brasileira e ao *drum'n'bass*. Também assume importância, neste grupo, a representação da importância da música como profissão e ainda a perceção da noite ligada às drogas, ao álcool e excessos.

O sétimo perfil, os *resistentes*, representa 7% da amostra, o que totaliza um total de aproximadamente 152 indivíduos. Assim, neste perfil importa assinalar a frequência de espaços como o *Music Box*, o *Santiago Alquimista* e o *Uptown*. A nível da imagética do espaço, os agentes sociais avançam com uma caracterização de «industrial» a que associam um sentimento de agradabilidade. No entanto, se tivermos em conta o tipo de espaços de fruição/divulgação musical/sociabilidades preferidos, ligam-se à categoria de espaços públicos de lazer e convivialidade aos quais associam razões para preferência relacionadas com a potenciação de sociabilidades. Neste perfil é interessante observar o significado de estilos musicais situados primeiramente no *metal/hard* e subseqüentemente no *dark/goth/industrial*, bem como a enunciação vincada de bandas *metal/hard*. Ainda no segmento da música, estes agentes sociais consideram-na importante na sua vida porque funciona como banda sonora do eu. Posicionando-se face às novas dinâmicas culturais urbanas, estes agentes apresentam um posicionamento extremamente vincado, situando estas dinâmicas na periferia, distanciando-as do regresso à baixa enquanto modo de vida, dos espaços de lazer interdisciplinares e interven-

ção cívica e cultural associada ao lazer, categorias estas a que atribuem a qualidade de afirmações falsas.

É também muito significativo, não só enquanto categoria, mas partindo de uma visão totalizadora do conjunto dos perfis, a associação da noite a um contexto elitista e fechado. Não é também despidendo considerar que este é o único perfil onde encontramos como muitíssimo significativa a pertença a franjas do operariado, o género masculino e uma escolaridade delimitada ao ensino secundário. Em suma, este é um perfil bem individualizado, ligado ao tipo de espaços que frequentam e às razões de frequência, assim como às preferências musicais, e com opiniões gerais bem marcadas e opostas, por exemplo, às do primeiro grupo, para além de que possui características sociográficas bem definidas.

O oitavo perfil, os *céticos*, com 79 indivíduos que refletem 4% da amostra. Neste perfil encontramos indivíduos que frequentam o *Incógnito* e o *Porto Rio* de forma muitíssimo significativa, que preferem espaços que sejam lugares urbanos de convivialidade de expressividade lúdica noturna, frequentando-os prevalentemente sozinhos. Assim, não é de estranhar que os motivos apresentados para a frequência do espaço sejam ao mesmo nível eventos musicais, consumos e convivialidade e que avaliem a noite como monótona, repetitiva, limitada e pequena.

Em termos de imagens associadas aos espaços frequentados, aparecem como importantes a familiaridade e os amigos situados numa estética *underground*. Estes indivíduos são, de forma mais significativa, homens com mais de 40 anos, aos quais não é possível associar géneros musicais, apesar de estes agentes apontarem a música como algo que os influencia no dia-a-dia através da banda sonora do eu. Face às novas dinâmicas de cultura urbana, associam-na à periferia e avaliam como falso o regresso à baixa enquanto modo de vida e apostam, por parte destas dinâmicas, na mistura de estilos e de gostos. Condensando, temos um grupo sem preferências musicais distintivas que se destaca pelo tipo de frequência dos espaços, marcado por um grupo etário mais velho. Trata-se de um grupo assinalado pela frequência de espaços próximos e onde as redes de interconhecimento são muito relevantes.

O nono perfil, *sob influência*, apresenta-se como singular dado que se destaca de todos os anteriores na medida em que os gostos musicais

não influenciam a vida. Tal torna-se ainda mais relevante quando nele encontramos um conjunto de 15% da nossa amostra, o que constitui 316 pessoas. Assim, podemos encontrar estes indivíduos, que têm entre 27 e 30 anos e trabalham, em espaços como o *Plano B*. Os espaços que preferem são os lugares de lazer e de convivialidade urbanos que frequentam com o/a parceiro/a. Em termos de estilos musicais, sejam bandas ou estilos favoritos, aparece como mais significativo o *pop rock*. Em termos de imagens associadas à noite surge como significativa a familiaridade e a proximidade.

Quanto ao posicionamento face às novas dinâmicas de cultura urbana, estes negam que estejam associadas a dinâmicas de intervenção cívicas e culturais relacionadas com o lazer, assim como, mas em menor grau, que o efêmero marque estas dinâmicas. Em síntese, encontramos neste grupo o *outlier* da nossa análise na medida em que se individualiza por considerar que os gostos musicais não influenciam a vida, surgem sobretudo na modalidade de acompanhantes da frequência dos espaços, portanto a sua deslocação é feita sob influência dos amigos/as, do namorado/a e do parceiro/a.

## Conclusão

Uma das primeiras proposições que prosseguimos, no quadro do aprofundamento e desenvolvimento da pesquisa, centrou-se na defesa de uma sociologia cultural da música menos determinista relativamente à influência da estrutura social nas escolhas e nas práticas musicais, propondo que estas sejam vistas como um processo dinâmico quotidiano de «recepção, apropriação e estetização dos textos da música popular, dos artefactos e recursos associados que são integrais à produção de significado musical» (Bennett, 2008: 430). Tal direção não se funda na irrelevância das determinantes inerentes à estrutura social, mas no reconhecimento, no quadro de devir constante, de plurais e diversas modalidades de (in)determinação da prática e do consumo musical no escopo do *rock* enquanto universo simbólico-ideológico e espaço de inter(ações).

Outra das asserções que podemos discorrer deste trabalho prende-se com a ressalva da visibilidade da abordagem sociológica no enriquecimento da perspetiva musicológica, na medida em que a primeira situa o facto musical tanto nas suas ligações com o passado como nas complexas imbricações com o presente. Assim, defendemos uma abordagem compreensiva que pressupõe o interesse pela perspetiva dos agentes sociais, pelas relações de sentido que estes têm com o musical, pois compreender é apreender as ações sociais no contexto da experiência quotidiana do musical. A ambição última foi, assim, a de considerar que os factos musicais são, simultaneamente, produtores e recetores de transformações sociais, porquanto «mundos da arte» rececionam e exteriorizam normas e convenções sociais, fazem parte da dinâmica mais profunda que dá corpo e ser a todos os objetos artísticos, por mais que seja eternizado um discurso de senso comum contrário a este posicionamento.

Assim sendo, reportando-nos aos resultados obtidos, consideramos ser particularmente relevante o que nos parece ser o enquadramento destes atores sociais numa esfera de cosmopolitismo estético e lúdico ou capital cultural cosmopolita (Friedman *et al.*, 2015), isto é, um saber-fazer e saber-estar na experimentação e fruição da diferença cultural, através do consumo e práticas culturais urbanas. Foi, aliás, isso que nos ensinou Regev (2013) face ao *pop-rock*. De igual modo relevante é a contínua importância estruturadora da música ao nível das diversas práticas culturais urbanas noturnas. Apesar de não ser o único fator encontrado no nosso estudo, e não podendo deixar de falar da importância das dinâmicas de sociabilidade, consideramos que a música serve como *engodo* para outras práticas, bem como um potenciador essencial para se compreender as novas formas de cosmopolitismo estético e lúdico que encontramos nos jovens (e não só) portugueses.

Não gostaríamos de fechar este atido sem fazer uma alusão à diversidade de perfis de fruição cultural, lúdica, musical e noturna presentes nas cidades. Mas paradoxalmente também à sua homogeneidade. Ora, se afirmamos com Machado Pais que «a cultura hegemónica é bem mais uma cultura de exclusão do que inclusão» (2010: 166), onde estão espacializadas e inscritas as manifestações culturais, lúdicas, musicais e noturnas das restantes classes sociais? Certamente invisíveis e de certeza fora dos

---

centros das grandes cidades portuguesas em não lugares, em periferias,  
em espaços segregados social e territorialmente.

## Referências bibliográficas

Abreu, Paula (2000). Práticas e consumos de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos de prática cultural. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, p. 123-145.

Becker, Howard S. (1982). *Art worlds*. Londres: University of California Press.

Bennett, Andy (2011). The continuing importance of the 'cultural' in the study of youth. *Youth Studies Australia*, 30(3), p. 27-33.

Bennett, Andy (2008). Towards a cultural sociology of popular music. *Journal of Sociology*, 44/4, p. 419-432.

Bennett, Andy; Taylor, Jodie & Woodward, Ian (orgs.) (2014). *The Festivalization of Culture*. Londres/Nova Iorque: Routledge.

Bennett, Andy & Peterson, Richard A. (2004). *Music scenes: local, translocal and virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press.

Bourdieu, Pierre (1979). Les trois étapes du capital culturel. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 30/1, p. 3-6.

Bourdieu, Pierre (2004). *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século.

Bourdieu, Pierre (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Editora Zouk.

Bryson, Bethany (1997). What about the Univores? Musical Dislikes and Group-Based Identity Construction among Americans with Low Levels of Education. *Poetics*, 25, p. 141-156.

Certeau, Michel de (1980). *L'invention du quotidien. Arts de faire* (vol. 1). Paris: Union Générale d'Éditions.

Chan, Tak Wing & Goldthorpe, John H. (2007). Social stratification and cultural consumption: music in England. *European Sociological Review*, 23/1, p. 1-19.

Coulangeon, Philippe (2003). La stratification sociale des goûts musicaux: le modèle de la légitimité culturelle en question. *Revue Française de Sociologie*, 44/1, p. 3-33.

Coulangeon, Philippe (2010). Les métamorphoses de la légitimité. Classes sociales et goût musical en France, 1973-2008. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 181-182, p. 89-105.

Crane, Diana (1992). *The production of culture — media and the urban arts*. Londres: Sage.

DeNora, Tia (2000). *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press.

DeNora, Tia (2007). Consumption of Music. In: *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Hoboken, Nova Jersey: Blackwell Publishing.

DiMaggio, Paul (1987). Classification in art. *American Sociological Review*, Vol. 52, p. 440-455.

DiMaggio, Paul & Mukhtar, Toquir (2004). Arts participation as cultural capital in the United States, 1982-2002: Signs of decline? *Poetics*, 32/2, p. 169-194.

Fortuna, Carlos (2002). Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Vol. 63, p. 123-148.

Fortuna, Carlos; Silva, Augusto Santos (2002). A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: Santos, Boaventura de Souza (org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.

Friedman, Sam (2014). *Comedy and distinction: The cultural currency of a «Good» sense of humour*. London/New York: Routledge.

Friedman, Sam; Savage, Mike; Hanquinet, Laurie & Andrew, Miles (2015). Cultural sociology and new forms of distinction. *Poetics*. Vol. 53. p. 1-8.

Guerra, Paula & Silva, Augusto Santos (2015). Music and More than Music: The Approach to Difference and Identity in the Portuguese Punk. *European Journal of Cultural Studies*, 18/2, p. 207-223.

Guerra, Paula (2010). *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Guerra, Paula (2013ª). *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)*. Porto: Afron-

tamento.

Guerra, Paula (2013b). Punk, ação e contradição em Portugal. Uma aproximação às culturas juvenis contemporâneas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 102-103, p. 111-134.

Guerra, Paula (2016). 'From the night and the light, all festivals are golden': The festivalization of culture in the late modernity. In: *Redefining art worlds in the late modernity*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, p. 39-67.

Guerra, Paula (2017.) A revolução do festival: um percurso pela agenda dos festivais pop rock portugueses na última década. In: *Circuitos Urbanos, Palcos midiáticos: Perspectivas culturais da música ao vivo*. Maceió: Eudfal, p. 29-53.

Hennion, Antoine (1993). *La passion musicale. Une sociologie de la médiation*. Paris: Édition Métailié.

Hill, Wes (2017). *Art after the Hipster. Identity Politics, Ethics and Aesthetics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Jameson, Fredric (1991). *Postmodernism or the cultural logic of the late capitalism*. Londres: Verso.

Kuipers, Giseline (2015). Beauty and distinction? The evaluation of appearance and cultural capital in five European countries. *Poetics*, 53, p. 38-51.

Merleau-Ponty, Maurice (2004). *The world of perception*. Londres: Routledge.

Pais, José Machado (1998). As 'cronotopias' das práticas culturais do quotidiano. *OBS*, 4, p. 7-9.

Pais, José Machado (2010). *Lufa-lufa quotidiana. Ensaio sobre a cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Pauwels, Luc (2015). 'Participatory' visual research revisited: a critical-constructive assessment of epistemological, methodological and social activist tenets. *Ethnography*, 16(1), p. 95-117.

Peterson, Richard A. & Kern, Roger M. (1996). Changing highbrow taste: from snob to omnivore. *American Sociological Review*, 5/61, p. 900-907.

Peterson, Richard A. & Sherkat, Darren E. (1996). *Age factors in arts participation: 1982-1992*. Washington D.C.: National Endowment for the

Arts.

Prieur, Annick & Savage, Mike (2013). Emerging forms of cultural capital. *European Societies*, 15/2, p. 246-267.

Regev, Motti (2013). *Pop-rock Music. Aesthetic cosmopolitanism in late modernity*. Cambridge: Polity Press.

Roose, Henk (2015). Signs of 'emerging' cultural capital? analysing symbolic struggles using class specific analysis. *Sociology*, 49/3, p. 556-573

Santos, Maria de Lourdes Lima dos (2010). Uma panorâmica com três vertentes e duas dimensões. In: Santos, Maria de Lourdes Lima dos & Pais, José Machado (orgs.). *Novos Trilhos Culturais. Práticas e políticas*. Lisboa; Imprensa de Ciências Sociais, p. 29-35.

Silva, Augusto Santos & Guerra, Paula (2015). *As palavras do punk*. Lisboa: Alêtheia.

Sonnett, John (2004). Musical boundaries: intersections of form and content. *Poetics*, 32, p. 247-264.

Warde, Alan; Martens, Lydia; Olsen, Wendy (1999). Consumption, the problem of variety cultural omnivorousness. social distinction, dining out. *Sociology*, 33, p. 105-127.



# «LOJAS COM VELAS E PETRÓLEO» NA NOITE LISBOETA: GREVE DOS LOJISTAS DE LISBOA AO CONSUMO DE GÁS EM 1891

Daniel Alves

Instituto de História Contemporânea, NOVA-FCSH

**Resumo:** A iluminação a gás foi introduzida na cidade de Lisboa em 1848 e entre os principais utilizadores desta nova tecnologia estavam os lojistas. No final do século XIX, a crescente tentativa do Estado e das autoridades municipais em regular as actividades económicas, bem como a expansão dos fenómenos de concentração económica e a criação de monopólios, levaram os lojistas a reagir violentamente às mudanças na gestão da iluminação pública da cidade em 1891. A greve ao consumo do gás que então decidiram realizar teve um impacto na imprensa internacional e foi um dos momentos mais sérios de resistência à modernidade de um grupo social que se identificava com o lado progressista da política. Foi, no fundo, uma reacção contra o que consideravam a falta de respeito pelo papel que desempenhavam na iluminação da cidade, porque, segundo as suas reivindicações, eram as luzes das lojas que traziam vida e segurança às noites de Lisboa. Esta resistência não era exclusiva dos comerciantes de Lisboa e o mesmo ocorreu em Madrid, por exemplo. O estudo do discurso e da geografia da greve é uma oportunidade para lançar luz sobre a forma como este grupo social urbano se identificava com os espaços urbanos onde vivia e trabalhava, e sobre o momento de profundo desenvolvimento e mudança, inclusive do ponto de vista tecnológico, que as cidades estavam a atravessar no final do século XIX.

**Palavras-chave:** Iluminação a gás; Lisboa; lojistas; greve; associativismo

**Abstract:** As lighting was introduced in the city of Lisbon in 1848 and among the main users of this new technology were the shopkeepers. At the end of the

19th century, the growing attempt by the state and municipal authorities to regulate economic activities, as well as the expansion of economic concentration and the creation of monopolies, led shopkeepers to react violently to changes in the management of public street lighting in 1891. The gas-consuming strike they then decided to carry out had an impact on the international press and was one of the most serious moments of resistance to the modernity of a social group that identified itself with the progressive side of politics. It was, in the end, a reaction against what they considered a lack of respect for their role in lighting the city because, according to their claims, it was the lights of the shops that brought life and safety to Lisbon evenings. This resistance was not exclusive of the merchants of Lisbon and the same happened in Madrid, for example. The study of the discourse and geography of the strike is an opportunity to shed light on how this urban social group identified itself with the urban spaces where it lived and worked, and on the moment of profound development and change, including from the technological point of view, which cities were crossing at the end of the 19th century.

**Keywords:** Gas lighting; Lisbon; shopkeepers; strike; associativism

A iluminação a gás foi introduzida na cidade de Lisboa em 1848 e entre os principais utilizadores desta nova tecnologia estavam os lojistas. No final do século XIX, a crescente tentativa do Estado e das autoridades municipais em regular as actividades económicas, bem como a expansão dos fenómenos de concentração económica e a criação de monopólios, levaram os lojistas a reagir violentamente às mudanças na gestão da iluminação pública da cidade em 1891. A greve ao consumo do gás que então decidiram realizar teve um impacto significativo na imprensa da época, incluindo nos jornais londrinos, e foi um dos momentos mais sérios de resistência à modernidade de um grupo social que se identificava com o lado progressista da política. A enquadrar esta resistência estava a sua reacção contra o que consideravam a falta de respeito pelo papel que desempenhavam na iluminação da cidade, porque, segundo as suas reivindicações, eram as luzes das lojas que traziam vida e segurança à noite de Lisboa. Esta resistência não era exclusiva dos comerciantes de Lisboa e o mesmo ocorreu em Madrid, por exemplo, pela mesma altura.

O estudo do discurso e da dinâmica da greve é, assim, uma oportunidade para lançar luz sobre a forma como este grupo social urbano se identificava com os espaços urbanos onde vivia e trabalhava, bem como sobre o momento de profundo desenvolvimento e mudança, inclusive do ponto de vista tecnológico, que as cidades estavam a atravessar no final do século XIX, com impactos na fruição social e no aproveitamento económico da noite.

Este estudo foi feito no âmbito de uma tese de doutoramento desenvolvida sobre os lojistas de Lisboa e o republicanismo, entre 1870 e 1910, e é aqui retomado e actualizado<sup>1</sup>. As principais fontes para a sua elaboração resultam da documentação do Arquivo Histórico da União das Associações de Comércio e Serviços, onde se encontra guardado o fundo da Associação Comercial de Lojistas de Lisboa (ACLL). A leitura do discurso dos lojistas foi ainda confrontada e complementada com a análise da imprensa diária de Lisboa na época da greve.

## O encerramento das lojas, as ameaças de *lock-out* e o nascimento da ACLL

A questão que uniu pela primeira vez os lojistas que viriam a ser os fundadores da ACLL em 1870 resultou da interpretação dúbia sobre um decreto regulamentar do imposto de selo, de Outubro de 1863, usado pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) para exigir «dos lojistas a apresentação de licenças para terem abertas lojas e armazéns de venda de géneros além da hora de recolher», como lembrou um jornal de 1869 ao fazer o historial da polémica<sup>2</sup>. Os lojistas consideravam essa exigência injusta e limitadora da liberdade de comércio, pois tinham já uma licença de abertura do estabelecimento, à qual eram obrigados pela Câmara Municipal de Lisboa, dizendo não poder aceitar uma segunda que lhes limitasse o horário de funcionamento do seu negócio. Juntavam a esta noção de injustiça um conjunto de argumentos sobre a vida comercial e a própria

<sup>1</sup> ALVES, Daniel, *A República atrás do balcão: os lojistas de Lisboa e o fim da Monarquia (1870-1910)*, Chamusca, Cosmos, 2012.

<sup>2</sup> *Jornal do Comércio*, n.º 4815, 13 de Novembro de 1869.

segurança da cidade. Antes da instalação da iluminação a gás em Lisboa, o que aconteceu em 1848, para os lojistas a questão da hora de fecho das lojas não se colocava, pois os deficientes sistemas de iluminação então existentes, onde predominava o azeite, não permitiam a manutenção das lojas em funcionamento muito para além do pôr-do-sol. Luz Soriano, nas suas memórias, comparou precisamente a realidade das lojas lisboetas do início da década de 1860 com o que se passava, cerca de 30 anos antes, na cidade de Falmouth, na Inglaterra, onde ficou «agradado» num passeio nocturno com «o brilho das lojas, iluminadas a gás»<sup>3</sup>.

Os pequenos comerciantes, aparentemente, desde a década de 1850 faziam um uso sistemático do novo sistema e era já frequente as lojas de fanqueiro, as casas de modas e também alguns mercadores, ourives ou merceiros terem os seus estabelecimentos abertos até «às nove e dez horas da noite». E mais tarde fechariam se não fosse a questão das licenças. Para além disso, os lojistas estabeleciam uma correlação entre a abertura das lojas até tarde e uma maior segurança nas ruas. A loja aberta auxiliava com a «maravilhosa luz do gás» a iluminação pública e facilitava o trabalho da «polícia». As lojas abertas à noite eram mesmo «o mais sólido obstáculo à temeridade do vadio, do ladrão, do turbulento, que perturba a tranquilidade pública». Por isso, «quem mais paga[va]» para sustentar a polícia, e tão bem a auxiliava, devia ser protegido e não perseguido<sup>4</sup>.

Por tudo isto, tinham sido levados à acção, ao protesto, e em Novembro de 1863 tinham criado uma comissão para reunir «as primeiras assinaturas» para um «requerimento que os lojistas dirigiram ao governo», forçando um esclarecimento da referida lei conseguido através de uma portaria de Dezembro desse ano. Segundo a sua posição, nem todos os estabelecimentos comerciais deveriam estar sujeitos a uma hora de encerramento específica, mas apenas os que eram considerados «incómodos ou perigosos»<sup>5</sup>. A esses especialmente se referia o decreto de Outubro e

<sup>3</sup> SORIANO, Simão José da Luz, *Revelações da minha vida e memórias de alguns factos e homens meus contemporâneos*, Lisboa, Typ. Universal, 1860, p. 392.

<sup>4</sup> *Diário de Portugal: defensor dos lojistas*, n.º 4, 6 de Janeiro de 1864; n.º 13, 17 de Janeiro de 1864 e n.º 14, 19 de Janeiro de 1864.

<sup>5</sup> *Diário de Portugal: defensor dos lojistas*, n.º 10, 14 de Janeiro de 1864.

não a todos os outros, os quais deveriam ficar livres de estabelecer, sem imposições legislativas ou normativas municipais, os critérios por que se havia de reger a vida comercial e a concorrência entre lojistas.

Em Setembro de 1869, a questão foi reavivada por intermédio de um novo regulamento para a fiscalização e arrecadação do imposto do selo<sup>6</sup>. A confusão era gerada pelo facto de nos quadros anexos, onde eram registados os valores do selo a cobrar pela emissão de licenças, constarem as necessárias «para ter aberta a *loja ou armazém de venda de géneros*, até onze horas, de Inverno, e meia-noite de Verão»<sup>7</sup>. Aparentemente, este decreto não tornava obrigatórias as licenças mencionadas, mas impunha o imposto de selo no acto de «emissão» das mesmas. O articulado da lei prestava-se a interpretações várias e se as câmaras municipais entendiam que passavam a ser obrigatórias as referidas licenças (no seu argumento, não fazia sentido falar em imposto de selo para licenças que não existissem), os lojistas de Lisboa tinham precisamente o entendimento contrário, valendo-se da portaria conseguida em Dezembro de 1863.

Agora, em Setembro de 1869, os lojistas reagiram também rapidamente e elaboraram nova representação a entregar «ao governo contra o vexame de que estão sendo vítimas», reunindo em «grande número», provavelmente, cerca de 200, para a ouvir ler. Na reunião, depois de ter sido aprovado o texto reivindicativo, ficava ainda no ar a ameaça de novo «*lock-out*», de uma greve, concordando em «não abrir os estabelecimentos se o governo não deferir a representação.» Além disso e pela primeira vez, são referidos trabalhos conducentes a uma associação que «os lojistas projectam» fundar<sup>8</sup>. Para dar mais força ao protesto, a comissão dos lojistas conseguiu a assinatura de «mil e tantos indivíduos» para uma representação aos poderes políticos<sup>9</sup>.

Na imprensa que fez eco da representação era referido que numa cidade como Lisboa as lojas não deveriam ser «obrigadas a fecharem cedo»,

<sup>6</sup> Decreto de 4 de Setembro de 1867, *Colecção Oficial de Legislação Portuguesa (COLP)*, 1867 e *Jornal do Comércio*, n.º 4815, 13 de Novembro de 1869.

<sup>7</sup> Decreto de 4 de Setembro de 1867, *COLP*, 1867, p. 604 (itálico meu)

<sup>8</sup> *Jornal do Comércio*, n.º 4813, 11 de Novembro de 1869; *Diário Popular*, n.º 1118, 11 de Novembro de 1869 e n.º 1120, 13 de Novembro de 1869.

<sup>9</sup> *Revolução de Setembro*, n.º 8244, 28 de Novembro de 1869.

pois eram «um elemento de polícia», representavam, com as suas luzes e o movimento que produziam, um factor de segurança, «quem sabe (...) evitando grandes roubos e catástrofes». Contudo, os lojistas apresentavam ainda outro factor, este sim bem mais indicativo e expressivo dos seus verdadeiros interesses. As lojas prestavam um outro serviço à população, pois ao não fechar às nove horas da noite ficavam disponíveis para todos os que necessitassem «prover-se dos géneros alimentícios e de primeira necessidade a qualquer hora», incluindo durante a noite<sup>10</sup>.

Os lojistas conseguiram novamente o seu intuito e o Governo assinou uma portaria, a 20 de Dezembro, onde esclareceu que só seriam obrigados a ter licença para estarem abertos depois da hora de recolher os estabelecimentos que até então a isso eram obrigados, como «casas e lojas de bebidas, casas de comer, cafés, casas de jogo lícito, etc.»<sup>11</sup> Apesar desta vitória os lojistas não desmobilizaram e promoveram «a criação de uma associação dos indivíduos da sua classe, com o fim de se prestarem mútuo auxílio.»<sup>12</sup> A ideia tinha nascido fruto «da perseguição que ultimamente se intentou contra eles», mas a semente tinha sido lançada seis anos antes, sempre por causa da questão das licenças e tendo como pano de fundo a defesa da liberdade de comércio. Acabaria por se materializar a 9 de Janeiro de 1870, um domingo, naquela que foi a primeira reunião da «associação dos lojistas», uma reunião que decorreu no n.º 27 do Largo do Poço Novo, com a presença de «cerca de 200» a «perto de trezentos indivíduos desta classe»<sup>13</sup>.

Nascia assim a Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, em parte de uma recorrente polémica relacionada com os horários de encerramento das lojas, do seu papel na iluminação da noite lisboeta e da ameaça de lock-out com o consequente impacto no abastecimento da cidade. Percebe-se que o discurso dos lojistas da capital, antes e no momento de fundação da sua Associação profissional, era bastante reivindicativo

<sup>10</sup> *Jornal do Comércio*, n.º 4828, 28 de Novembro de 1869; *Diário de Notícias*, n.º 1466, 28 de Novembro de 1869 e *Diário Popular*, n.º 1121, 28 de Novembro de 1869.

<sup>11</sup> *Jornal do Comércio*, n.º 4853, 30 de Dezembro de 1869; *Diário de Notícias*, n.º 1492, 30 de Dezembro de 1869 e *Revolução de Setembro*, n.º 8269, 30 de Dezembro de 1869.

<sup>12</sup> *Jornal do Comércio*, n.º 4846, 21 de Dezembro de 1869.

<sup>13</sup> *Jornal do Comércio*, n.º 4860, 9 de Janeiro de 1870; n.º 4861, 11 de Janeiro de 1870 e *Diário Popular*, n.º 1175, 11 de Janeiro de 1870.

em relação às suas liberais ideias sobre a regulamentação dos horários das lojas. Ao mesmo tempo, esse discurso apoiava-se agora, que a tecnologia de iluminação a gás estava mais difundida, num quase serviço público que seria prestado pelo pequeno comércio à cidade e aos seus habitantes: tornar as ruas mais seguras à noite, levar a luz onde antes só havia escuridão e perigo. Podia ser um argumento excessivo, mas foi sempre usado em diversos momentos de tensão com as autoridades municipais e estatais e resultou na criação de uma memória importante, porque associada à fundação da instituição que defendia os seus interesses.

## **A iluminação a gás, os monopólios e a intervenção dos lojistas**

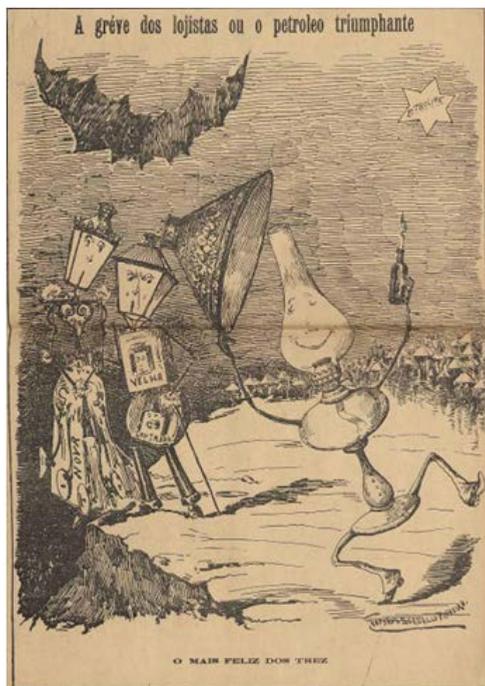
A greve dos lojistas ao consumo do gás para iluminação em 1891 foi uma das maiores campanhas de contestação aos monopólios e às tentativas de regulamentação da vida económica citadina em que a ACLL se envolveu. Resultou, provavelmente, na mais mobilizadora iniciativa de defesa dos interesses da classe de entre todas aquelas que a Associação desenvolveu entre 1870 e 1910. Foi espoletada pela fusão, em 1891, entre as companhias de gás que actuavam em Lisboa, a «Companhia Lisbonense de Iluminação a Gás» e a «Gás de Lisboa», ou a «Velha» e a «Nova» companhias como ficaram imortalizadas pela caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro num dos seus jornais humorísticos.

Refira-se que os motivos de mobilização e protesto dos lojistas de Lisboa eram, em parte, coincidentes com o que na mesma altura dinamizava os colegas espanhóis, como o demonstra o protesto de finais do século XIX contra o monopólio do gás em Madrid que «encarecia o combustível utilizado por muitas lojas»<sup>14</sup>. Mas, no caso de Lisboa a dinâmica de protesto que levaria à greve de 1891 estava, em parte, relacionada com a memória dos anos de 1863 a 1870, onde o argumento de segurança da noite estava presente, como se viu, bem como com uma permanente contestação face aos cada vez mais frequentes monopólios económicos que o crescimento

---

<sup>14</sup> NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M., «Una clase inexistente? La pequeña burguesía española (1808-1936)», in *Historia Social*, n.º 26, 1996, p. 39.

das décadas de 1870 e 1880 tinham permitido. Um desses monopólios foi o da distribuição do gás, como se viu.



*O António Maria*, 5 de Outubro de 1891, pp. 180-181

Em 1878 já os lojistas se preocupavam com o preço do gás e com a forma como a CML se relacionava com a «Companhia Lisbonense», a «Velha». Na altura projectava-se a realização de um novo contrato entre as duas entidades e a ACLL, em assembleia-geral de 1 de Maio, e por unanimidade, decidiu que deveria estudar as suas cláusulas, pois algumas havia que, na sua opinião, poderiam ser prejudiciais para «os consumidores, os quais na máxima parte são lojistas.»<sup>15</sup> Em 1887 regressou a preocupação com a questão, pois estando em andamento a realização de um concurso para o fornecimento de iluminação pública a gás na cidade

<sup>15</sup> Foi na mesma reunião criada uma comissão para tratar do assunto. ACLL, *Relatório de 1878*, p. 24.

— o anterior contrato com a Companhia Lisbonense tinha sido denunciado em 1886 — os lojistas entendiam que nas condições do referido concurso deveriam ser previstas algumas cláusulas que favorecessem os consumidores, nomeadamente, a gratuidade dos contadores e uma «redução do preço do gás para os consumidores particulares». As propostas foram apresentadas a Fernando Palha, à altura presidente da CML, que, no entanto, referiu a «impossibilidade» de fazer alterações ao que estava já negociado<sup>16</sup>.

A partir de 1889, altura em que entrou em vigor o novo contrato, passou a existir concorrência na distribuição do gás em Lisboa. Se para a iluminação pública a CML manteve um exclusivo com a «Nova» Sociedade Gás de Lisboa, para os particulares passaram a operar no mercado duas companhias, pois mantinha-se a funcionar a Companhia Lisbonense<sup>17</sup>. A nova situação acabou por dar razão aos lojistas quando apontavam os monopólios como geradores de preços elevados. Efectivamente, o preço do gás, que na década de 1870 rondava os 60 réis por m<sup>3</sup>, tinha descido para 45 réis em 1887 e acabaria por atingir os 27 réis em 1890, devido à «concorrência»<sup>18</sup>.

Porém, as notícias que surgiram no princípio de 1891 não eram animadoras para os lojistas. Estava a ser negociada a fusão das duas companhias e a realização de um novo contrato com a CML que poderia trazer como consequência para os consumidores a possibilidade de aumento do preço do gás, que passaria a 45 réis o m<sup>3</sup>, e o fim da gratuidade na colocação dos contadores<sup>19</sup>. Em Maio, «o projecto que serve de base para a fusão das duas companhias do gás» foi entregue à comissão administrativa municipal e o jornal republicano *O Século* chamava novamente a atenção dos consumidores, ou seja, em boa medida a atenção dos lojistas, afirmando que estes iam ficar prejudicados pois o preço do gás iria aumentar<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> ACLL, *Relatório de 1887*, pp. 10-11 e MATOS, Ana Cardoso de, «A indústria do gás em Lisboa: uma área de confluência de várias abordagens temáticas» in *Penélope*, n.º 29, 2003, pp. 110-111.

<sup>17</sup> MATOS, Ana Cardoso de, «A indústria do gás em Lisboa...», pp. 110-111.

<sup>18</sup> MATOS, Ana Cardoso de, «A indústria do gás em Lisboa...», p. 121.

<sup>19</sup> *O Século*, n.º 3278, 22 de Março de 1891.

<sup>20</sup> *O Século*, n.º 3339, 22 de Maio de 1891.

A partir desta altura começou-se a misturar a propaganda republicana e a defesa dos interesses dos lojistas, vertentes cada vez mais ligadas por intermédio da questão dos monopólios. E de «monopólios», no plural, se falava, pois para além da junção das duas companhias de distribuição do gás, estava igualmente a ser negociado a entrega às mesmas do exclusivo da produção e exploração da electricidade<sup>21</sup>. Estava lançado o «lamiré», na expressão do *Boletim* de Abril, para que se tornasse «conveniente que a Associação dos Lojistas se ocupe desde já deste importante assunto»<sup>22</sup>.

O que, efectivamente, não demorou a acontecer, pois logo a 1 de Junho foi enviada uma representação à CML pedindo a salvaguarda dos «interesses dos consumidores» quando fosse autorizada a junção das duas companhias. Pedido reforçado junto do governo, a 26 do mesmo mês, para que se evitassem as «consequências de um futuro monopólio». Ao Governo e à CML era pedida a manutenção dos «legítimos interesses dos consumidores particulares», nomeadamente, o preço do gás, ou quando muito que o mesmo fosse aumentado até ao máximo de «30 réis por metro», a gratuidade das canalizações «até à torneira de segurança do consumidor» e o fornecimento, igualmente gratuito, dos contadores<sup>23</sup>.

Contudo, os pedidos endereçados aos poderes públicos não resultaram em alterações significativas nas negociações sobre a fusão das companhias e no final de Julho circulavam novamente notícias, uma vez mais no periódico republicano, sobre o aumento dos preços, estando agora os consumidores a ser informados pela companhia que a partir de 1 de Agosto pagariam o m<sup>3</sup> a 45 réis. O jornal chamava a atenção de que seria a indústria e o comércio que mais sofreriam com este aumento, ao mesmo tempo que falava na formação de várias «comissões de comerciantes» que procuravam convencer «os seus colegas para não abrirem os seus estabelecimentos à noite»<sup>24</sup>. A pressão republicana sobre a ACLL não poderia

<sup>21</sup> *O Século*, n.º 3372, 24 de Junho de 1891.

<sup>22</sup> ACLL, *Boletim*, n.º 41, Abril de 1891, p. 3.

<sup>23</sup> ACLL, *Boletim*, n.º 44, Julho de 1891, pp. 1-4 e *Relatório de 1891*, pp. 38-42. No fundo, os lojistas retomavam aqui os anteriores argumentos contra o «regime monopolista» na gestão da coisa económica, considerado um «atentado à liberdade». Na sua opinião, os monopólios só traziam «prejuízos e vexames (...) para os lojistas, para os industriais e para toda a população da capital.» Cf. ACLL, *Relatório de 1891*, pp. 10 e 39-40.

<sup>24</sup> *O Século*, n.º 3402, 24 de Julho de 1891.

ser mais clara e acabou por se concretizar através de um pedido de «um grupo de comerciantes», de 25 de Julho, a Pinheiro de Melo, presidente da ACLL, no sentido da «urgente convocação de uma assembleia-geral» para discutir a questão do aumento do gás<sup>25</sup>.

A reunião realizou-se a 27, com «a sala e corredores literal[mente] cheios de sócios», mas também de «indivíduos» que não o eram<sup>26</sup>. Na ordem de trabalhos, para além da questão do gás, estava a crise financeira e a resolução do problema dos «trocós», da falta de moeda corrente. A junção das duas polémicas levou a uma sequência de discursos críticos em relação ao governo, em particular contra Mariano de Carvalho, pelo que não surpreende que *O Século* tenha depois falado em reunião «importantíssima» e o *Diário Popular*, jornal afecto ao Governo, nem à mesma se tenha referido<sup>27</sup>. Tal como não surpreende que após uma longa discussão tivesse sido votada uma proposta para que se fechassem as lojas no dia 1 de Agosto, para que se fizesse uma «greve» ao consumo de gás em protesto contra a «espoliação» e «abusos» das companhias e para que fosse nomeada uma «comissão especial» para gerir a questão, toda ela constituída por lojistas ligados ao republicanismo<sup>28</sup>. Como se viu para a década de 1860, por vezes, interessava e muito aos lojistas fechar as portas dos seus estabelecimentos. Essa era uma forma de pressão muito eficaz sobre as autoridades pelas dificuldades que colocava ao abaste-

<sup>25</sup> *O Século*, n.º 3403, 25 de Julho de 1891.

<sup>26</sup> ACLL, *Boletim*, n.º 45, Agosto de 1891, pp. 6 e 9.

<sup>27</sup> *O Século*, n.º 3406, 28 de Julho de 1891 e *Diário Popular*, entre o n.º 8702, 28 de Julho de 1891 e o n.º 8704, 30 de Julho de 1891.

<sup>28</sup> ACLL, *Boletim*, n.º 45, Agosto de 1891, p. 10 e *O Século*, n.º 3407, 29 de Julho de 1891. Presidida por Gil Carneiro, a comissão era composta por mais 8 sócios, Júlio Felisberto de Carvalho, José António Nunes, Marques Cacela, Manuel Nunes Ferreira, João António Félix de Carvalho, Agostinho Manuel de Sousa, José dos Reis Verol e João Evangelista Maia. À excepção do último, para o qual não foi possível encontrar informação pessoal, todos os outros apareciam com alguma frequência em iniciativas eleitorais patrocinadas pelo *O Século*. Cf. *O Século*, n.º 183, 17 de Agosto de 1881; n.º 185, 19 de Agosto de 1881; n.º 3494, 24 de Outubro de 1891 e n.º 4292, 5 de Janeiro de 1894. As greves, ou *lock-outs*, eram uma forma normal de pressão dos comerciantes através das quais se lutava, entre outras coisas, «contra monopólios e exclusivos». Cf. TENGARRINHA, José Manuel, *Estudos de história contemporânea de Portugal*, Lisboa, Caminho, 1983, pp. 67-68.

cimento rotineiro das populações e por trazer para as ruas os caixeiros, essas «hostes republicanas»<sup>29</sup>.

## A greve dos lojistas de Lisboa ao consumo do gás em 1891

A «greve» começou efectivamente no dia 1 de Agosto, com o fecho de uma grande parte dos estabelecimentos comerciais da Baixa, a partir das 8 horas da noite. A extensão do protesto parece ter apanhado desprevenidos os próprios republicanos, sem que, contudo, perdessem a oportunidade de, como «inevitáveis pescadores de águas turvas», como eram classificados pelo *Diário Popular*, realizarem mais uma demonstração de força e vitalidade, pelas ruas e cafés da baixa lisboeta. Poucos parecem ter sido «os estabelecimentos que se conservavam abertos», a greve tinha sido quase geral, o que dava um ar «bastante estranho» à cidade, privada ao cair da noite de uma boa parte das suas iluminações que dependiam, também, dos bicos de gás instalados nas lojas de Lisboa. Ainda assim, alguns «caixeiros e marçanos», mas também «operários», percorreram a cidade «forçando» os mais renitentes à adesão à greve a mudar de opinião, com cafés e outras lojas a desligar o gás e a servir os seus clientes à luz de velas, como aconteceu com os cafés Montanha e Suíço. No final da noite, o resultado mais visível, além da «estranha» escuridão, era um polícia ferido a tiro e a prisão de cerca de «500 indivíduos», entre eles, Heliodoro Salgado<sup>30</sup>. Sintomático da força do protesto, o número de presos foi superior ao de «todos os confrontos de 1890 juntos» resultantes

<sup>29</sup> A expressão pertence ao *Espectro da Granja*, n.º 271, 20 de Agosto de 1881. Veja-se ainda CHRISTO, Homem, *Notas da minha vida e do meu tempo*, Lisboa, Guimarães E C.ª, 1936, p. 57; RAMOS, Rui, *A Segunda Fundação (1890-1926)*, Vol. VI da *História de Portugal*, (dir.) José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 266 e FERNANDES, Paulo Jorge, *O «Poder Oculto». Biografia Política de Mariano Cirilo de Carvalho*, Tese de Doutoramento, Lisboa, FCSH, 2007, pp. 692-693.

<sup>30</sup> Ao contrário da polémica sobre as «arruaças» e o papel dos republicanos nos distúrbios, as descrições sobre a abrangência da greve são concordantes nos dois jornais analisados. *O Século*, n.º 3411, 2 de Agosto de 1891; n.º 3412, 3 de Agosto de 1891; *Diário Popular*, n.º 8707, 2 de Agosto de 1891 e n.º 8708, 3 de Agosto de 1891.

da polémica do Ultimatum britânico<sup>31</sup>.

Um dos momentos de maior tensão na noite de 1 de Agosto de 1891 foi o ajuntamento de uma «enorme multidão, que se elevava a alguns milhares de pessoas», aos «assobios e apupos» em frente dos Armazéns Grandella, ouvindo-se gritos de «— Abaixo o gás!»<sup>32</sup>. No decurso do dia de greve, como se viu, os «poucos estabelecimentos que se conservavam abertos substituíram a iluminação por qualquer forma — petróleo, azeite, velas (...).» A grande excepção eram os recém-inaugurados Armazéns, na rua do Ouro, e daí as manifestações que, aliás, logo terminaram assim que Grandella deu ordens para se apagarem as luzes e fechar o estabelecimento, o que foi imediatamente «aplaudido» pelos manifestantes<sup>33</sup>.

Contudo, o radicalismo dos acontecimentos do dia 1 de Agosto deu muita visibilidade ao protesto e levou a que este tivesse eco inclusive no estrangeiro, como o demonstra uma descrição da «Shopkeepers Strike» inserida no britânico *The Times*. O jornal londrino descrevia a greve como resultado do protesto dos lojistas contra a fusão das duas companhias do gás e o aumento do preço do metro cúbico a que essa fusão tinha levado. Os lojistas tinham optado por «fechar as suas lojas ao cair da noite» ou por as iluminar com «velas e azeite», mas as «ameaças sobre os poucos lojistas que não tinham fechado» tinham levado à intervenção da polícia e a prisões, antes que «houvesse tempo para qualquer manifestação política»<sup>34</sup>.

Ao contrário do que afirmava o *The Times*, a greve e o protesto dos lojistas foram efectivamente aproveitadas politicamente, antes de mais pelos republicanos, como já se observou acima. Da parte dos apoiantes do Governo, o progressista *Diário Popular* tinha dificuldade em definir uma posição concreta de apoio ou condenação da greve. Começou por referir que os lojistas tinham razão no seu protesto, apoiava a atitude da ACLL, pois «se a ideia da iluminação a petróleo nos estabelecimentos tende a

<sup>31</sup> RAMOS, Rui, *D. Carlos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, p. 71.

<sup>32</sup> *O Século*, n.º 3408, 30 de Julho de 1891 e *Diário Popular*, n.º 8704, 30 de Julho de 1891.

<sup>33</sup> *O Século*, n.º 3411, 2 de Agosto de 1891 e *Diário Popular*, n.º 8707, 2 de Agosto de 1891.

<sup>34</sup> *The Times*, 3 de Agosto de 1891.

generalizar-se como parece, a Companhia do Gás apanha um valente castigo, bem merecido aliás.»<sup>35</sup> Contudo, pouco tempo depois publicou vários comunicados da companhia do gás ou notícias de outros jornais sobre o conflito a justificar os aumentos e onde se referia que, comparando várias cidades europeias, Lisboa tinha o gás mais barato, só ficando à frente de Dunquerque ou Bruxelas, cidades que tinham um acesso facilitado a grandes reservas de carvão, material usado para a produção do gás. A acompanhar estas informações estava agora o facto de começarem a escassear as notícias sobre a greve do gás que se mantinha ao longo dos primeiros dias de Agosto<sup>36</sup>.

Efectivamente, a greve parece ter-se mantido com relativo sucesso durante os meses de Agosto a Outubro. Ao fecho quase generalizado das lojas na noite de 1 de Agosto, seguiu-se um período de greve ao consumo do gás que é difícil avaliar em toda a sua extensão, pela falta de números concretos publicados. Para a greve até a própria Associação contribuiu, pois, entre Agosto de 1891 e, pelo menos, Dezembro de 1892, a sede passou a ser iluminada a «petróleo», como se pode observar através dos mapas de despesas anuais<sup>37</sup>. Em Outubro, o presidente da comissão de protesto nomeada pela ACLL, Gil Carneiro, afirmou que os «consumidores de gás [eram] mais de 14000», numa contabilidade que não fugia grandemente à realidade<sup>38</sup>. Destes, é provável que cerca de 8000 fossem lojas ou pequenas indústrias, ao aceitar-se «por verdadeira» uma estatística do *Diário Popular* sobre os métodos de iluminação das lojas em Lisboa

<sup>35</sup> *Diário Popular*, n.º 8709, 4 de Agosto de 1891.

<sup>36</sup> *Diário Popular*, n.º 8710, 5 de Agosto de 1891 e n.º 8717, 12 de Agosto de 1891.

<sup>37</sup> ACLL, *Relatório de 1891*, pp. 22-23 e *Relatório de 1892*, pp. 34-35. Não existe relatório para o ano de 1893, pelo que não foi possível verificar se essa situação se manteve.

<sup>38</sup> *O Século*, n.º 3484, 14 de Outubro de 1891. Aparentemente, «o número de consumidores privados era à época superior a 13000». Cf. MENDES, Fátima, «Companhias Reunidas Gás e Electricidade — Museu da Electricidade», <http://wikienergia.com/~edp/index.php?title=CRGE>, consultado em Agosto de 2009. Este valor representa uma subida bastante significativa do consumo, tendo em conta que Ana Cardoso de Matos, referindo-se apenas à Gás de Lisboa, é certo, aponta para 2728 como o total de consumidores particulares em 1889. MATOS, Ana Cardoso de, «A indústria do gás em Lisboa...», p. 122. Estas diferenças acabavam por dar razão aos lojistas quando afirmavam que a concorrência tinha favorecido o consumo.

resultante, muito provavelmente, dos trabalhos das subcomissões paroquiais então criadas pela ACLL para manter viva a chama do protesto na questão do gás<sup>39</sup>. Existiam, então, «1546 estabelecimentos iluminados a gás e 6313 iluminados a outra luz», o que significava, mesmo levando em conta um natural exagero da parte da comissão do gás, uma percentagem de «grevistas» bastante significativa, a rondar os 80%, justificando plenamente a repercussão que a questão teve, inclusive no estrangeiro, e evidenciando, também, a capacidade de mobilização da ACLL entre o mundo do pequeno comércio e da pequena indústria em Lisboa, que ia muito além dos 1200 sócios então inscritos.

## O crepúsculo da greve e o regresso das luzes das lojas à noite lisboeta

Durante a greve, apesar de algumas tentativas de diálogo, inclusive, entre a direcção da companhia e a ACLL, as posições de ambas as partes do conflito permaneceram praticamente irredutíveis. As Companhias Reunidas acenaram com uma redução de preço para os 40 réis, mas a maioria dos lojistas considerou que ainda não saíria beneficiada e era de opinião que a greve deveria continuar. Ao mesmo tempo surgiram notícias de experiências pioneiras com a electricidade e de propostas técnicas, inclusive do estrangeiro, para o fornecimento deste novo tipo de energia. Até a sede da Associação recebeu uma conferência dedicada ao tema pelo «electricista do Arsenal de Marinha, o ex.mo sr. J. J. Higgs de Almeida». Os lojistas estavam despertos para os progressos científicos, mas o que era certo era que a greve tinha proporcionado um regresso ao passado, um triunfo dos «magníficos candeeiros de petróleo», da «antiga serpentina para velas (...) e até [d]o clássico candeeiro de estudante boémio, isto é, a vela de cera posta no gargalo de uma garrafa»<sup>40</sup>.

<sup>39</sup> *Diário Popular*, n.º 8793, 27 de Outubro de 1891.

<sup>40</sup> Algumas destas informações surgem no relatório da comissão do gás apresentado na assembleia-geral de 28 de Setembro, mas são confirmados pela leitura dos jornais, com destaque para o republicano *O Século*, único a acompanhar com algum detalhe e regularidade a questão. ACLL, *Boletim*, n.º 47, Outubro de 1891, pp. 1-7; *O Século*, n.º 3417, 8 de Agosto de 1891; n.º 3420, 11 de Agosto de 1891; n.º 3429, 20 de Agosto de

A questão do gás acabaria por esmorecer aos poucos e apesar das insistências da ACLL, como a representação enviada ao rei a pedir a anulação do contrato de exclusivo sobre a electricidade, em 30 de Dezembro, eram os próprios lojistas que admitiam, através do seu representante na imprensa, que o «indiferentismo da classe» estava a aumentar e eram já muitos, em Janeiro de 1892, os que iam «readoptando a iluminação de gás»<sup>41</sup>. À noite de Lisboa regressavam paulatinamente as montras e os candeeiros das lojas, regressava a luz que os lojistas sempre tinham defendido ser um importante auxiliar na iluminação da cidade e na sua segurança. Regressava também a possibilidade de manter as portas abertas pela noite dentro...

---

1891 e n.º 3469, 29 de Setembro de 1891; *O Lojista*, n.º 3, 3 de Setembro de 1891.

<sup>41</sup> *O Lojista*, n.º 15, 2 de Janeiro de 1892. Artigo transcrito no *Boletim*, junto com a referida representação. ACLL, *Boletim*, n.º 50, Janeiro de 1892, pp. 1-5.

**LA INVENCION DE LO NOCTURNO.  
POR UNA HISTORIA SOCIAL Y CULTURAL DE LA  
NOCHE EN EL MUNDO IBEROAMERICANO,  
SIGLOS XVIII-XX**

Daniel Pérez Zapico

Post-doctoral fellow. Centre for History and Philosophy of  
Science, University of Leeds<sup>1</sup>

Lillian Briseño Senosiain

Profesora titular. Instituto Tecnológico de Estudios Superiores  
Monterrey. Campus Santa Fe<sup>2</sup>

**Resumen:** La noche ha suscitado un interés menor por parte de las ciencias humanas y sociales hasta fechas relativamente recientes, al considerar su tradicional percepción como un momento de parálisis de la vida social. Así, la noche se ha empleado como variable contextual desde la que explicar fenómenos más importantes, pero no como un objeto de estudio propio. Las reflexiones historiográficas en torno a la noche y lo nocturno son relativamente recientes, pero ya se cuenta con un corpus de obras de referencia en el entorno académico francés y anglo-sajón. En el mundo Ibero-Latinoamericano aún se está lejos de alcanzar los primeros intentos de síntesis. Este artículo plantea un proyecto de investigación en perspectiva comparada España, Portugal y Latinoamérica — fundamentalmente México — sobre la noche, que dará lugar a la coordinación

---

<sup>1</sup> [D.Zapico@leeds.ac.uk](mailto:D.Zapico@leeds.ac.uk).

<sup>2</sup> [lillian.briseno@itesm.mx](mailto:lillian.briseno@itesm.mx)

de una obra colectiva en la que se exploran algunas de las líneas de trabajo desde las que abordar este objeto de estudio, reivindicando las potencialidades del estudio histórico de la noche.

**Palabras clave:** noche, historia cultural, Latinoamérica, España, Portugal

**Abstract:** Night has aroused a minor interest among the human and social sciences up to recent dates, alleging its traditional perception as a moment of paralysis of the social life. This way, night has been used as a contextual variable to explain more important phenomena, but not as a research topic on its own. The historical reflections regarding night and the nighttime are relatively new, relying on a corpus of well-known key works in the French and the Anglo-Saxon academic environment. The Ibero-Latin American domain is far from reaching its first synthesis attempts. This article proposes a research project on the night field from a compared perspective — Spain, Portugal and Latin America (mainly Mexico) —, which will result in the coordination of a collective book underlining the lines of enquiry from which to approach this topic, claiming also the potentials of the historical study of the night.

**Keywords:** night, cultural history, Latino America, Spain, Portugal

## Introducción

La noche emerge como un escenario sugerente para la reflexión historiográfica. Hablar de la noche es algo tan universal y amplio como hacerlo del día: todo puede suceder en esta temporalidad, cualquier expresión o manifestación humana puede desarrollarse en las oscuras horas que suceden al crepúsculo. Y, sin embargo, a pesar de esta constatación, pocos estudios dentro de la disciplina histórica — al menos para el entorno Ibero-latinoamericano — han indagado en las particularidades de este territorio hasta fechas relativamente recientes<sup>3</sup>.

Es cierto que a ningún investigador le parecería plausible trazar los rasgos de una «historia del día» o de las horas diurnas, pero es evidente

---

<sup>3</sup> Ejemplo del interés que empieza a suscitar el campo de los *Night Studies* en el entorno académico lusófono e hispano parlante es la realización de estas Jornadas para a Noite. Agradecemos desde estas líneas a los organizadores por su amable invitación.

que las actividades desarrolladas tras la salida del sol han ocupado un mayor espacio dentro de las reflexiones del gremio, aunque sólo sea porque han dejado un mayor registro documental o, más importante aún, porque se asumía que el conjunto de la vida social se concentraba en esta parte del día. Es evidente que pueden rastrearse bastantes estudios — al menos para el caso de España — respecto a la modernización que trajo consigo la implantación del alumbrado eléctrico en la década de los ochenta del siglo XIX, y su impacto en el desarrollo de la noche urbana. Muy especialmente, en lo referente al desarrollo del ocio nocturno (Salaün, 2001; Salaün y Serrano Lacarra, 2006; Uría, 2001; Aguado y Ramos, 2007), así como la dinámica social que en ella acontecía, sobre todo en los bajos fondos (Guereña, 2003). No obstante, pocos estudios se han situado la noche en el centro del análisis, más allá de su utilización como telón de fondo desde el que abordar otras temáticas. Por ejemplo, poco se sabe acerca de lo que implicó vivir en un contexto de oscuridad nocturna antes de que la industrialización y la urbanización reorientaran las prácticas nocturnas, limitadas a una iluminación que — tanto en las ciudades como en el campo — apenas alcanzaba para que las sombras tenebrosas de la noche adquirieran un aspecto más humano, menos fantástico.

Lo hasta aquí indicado parece justificar la pertinencia de plantear un estudio monográfico que, al menos como hoja de ruta, permita trazar algunas de las líneas de indagación desde la que abordar este vasto tema de investigación, para comprender mejor la actuación de los diferentes actores sociales, grupos y colectividades en tiempos y espacios considerados tradicionalmente como «muertos». En este sentido, a raíz del III Simposio Internacional de Historia de la Electrificación (Sunyer *et al.*, 2015), celebrado en el Palacio de la Minería de la Ciudad de México entre los días 17 al 20 de marzo de 2015 — bajo el auspicio de instituciones como el Instituto Mora, la UAM, UNAM o la BUAP, por parte de México, y la Universidad de Barcelona, por parte de España —, se planteó la coordinación de una obra colectiva desde la que esbozar un estudio histórico de la noche en perspectiva comparada en el mundo Ibero-Latinoamericano. En concreto, la mesa 3 giraba en torno a las relaciones entre electricidad y vida cotidiana, constituyendo un punto de convergencia para investigado-

res interesados, por ejemplo, en los cambios en las pautas de sociabilidad inducidos por la implementación de los sistemas artificiales de iluminación — sobre todo la electricidad — en el último tercio del siglo XIX. Las sinergias iniciadas en esa reunión académica constituyeron un punto de partida para la reflexión acerca de la necesidad de colocar la noche en el centro del análisis, así como sus múltiples, diversas y, a veces, contradictorias representaciones y prácticas. Los intercambios posteriores dieron lugar a la coordinación de un libro a partir de la colaboración de investigadores y colegas allegados que, desde sus respectivas áreas de conocimiento, se han atrevido a indagar en este campo<sup>4</sup>.

Lo que se expondrá en las siguientes páginas, en consecuencia, es el planteamiento original del proyecto. El artículo expondrá el estado de la cuestión y justificación de este, la hipótesis de trabajo y metodología, los objetivos, así como un sumario de las contribuciones recibidas hasta la fecha, finalizando con unas conclusiones a modo de balance.

## Estado de la cuestión y justificación

En términos generales, las horas que siguen al crepúsculo han sido objeto de un estudio limitado por parte de las ciencias humanas y sociales. Sólo desde fechas relativamente recientes, se ha propuesto la recuperación de este objetivo de estudio desde un acercamiento multidisciplinario (Schepel y Ben-Ari, 2005; Galinier *et al.*, 2010). La tradicional percepción de la noche como momento de paréntesis de la vida social — una temporalidad destinada al reposo y al sueño —, ha condicionado esta relativa marginación. La noche se consideraba, en el mejor de los casos, una variable contextual destinada a explicar fenómenos más importantes y complejos. Mucho antes que la historiografía, la sociología, la geografía, la etnografía urbana, la antropología o los estudios literarios, por ejemplo, se han acercado a este tema. Así, los sociólogos se han interesado por determinadas modalidades de ocio nocturno en la actualidad, o el papel de la noche dentro de la construcción de la identidad de los

---

<sup>4</sup> Vaya desde estas páginas un agradecimiento a todos los compañeros que, de forma desinteresada, han cooperado con nosotros en la realización de esta obra.

jóvenes (Margulis, 2005). Los geógrafos y urbanistas, por su parte, han mostrado gran interés por este tema, contribuyendo a la definición de la noche como variable «espacio-temporal», relacionando su estudio con problemáticas del espacio urbano (Gwiazdzinski, 2005; Gwiazdzinski, 2015). Otro vector lo constituye la relación entre iluminación pública y seguridad (Mosser, 2006) aunque, sin duda, los estudios más estimulantes proceden de los programas que pretenden «recuperar la noche», relacionados con la problemática de la «contaminación lumínica» (Challéat, 2010; Challéat, 2011; Bogard, 2013; Falci *et al.*, 2016). No cabe duda de que la contaminación lumínica tiene profundas consecuencias para la salud y el equilibrio ecológico (Sánchez Barceló, 2017) pero, en cualquier caso, los geógrafos plantean un interesante punto de partida para la reflexión historiográfica ya que, después de todo, el sentimiento de «pérdida» obliga a replantear precisamente qué es lo que estamos perdiendo.

Dentro del campo historiográfico, los trabajos pioneros de Wolfgang Schivelbusch (1983) o Murray Melbin (1987), han demostrado la importancia de las infraestructuras de alumbrado en el desarrollo de la noche en las ciudades contemporáneas y, desde luego, la implantación de las modernas tecnologías de iluminación y su impacto social — tanto el espacio de uso público como en el privado — han recibido una mayor atención en la investigación histórica (Blühm y Lippincott, 2001; Bova, 2001; Brox, 2010; Dillon, 2002). Esta tendencia revela, por otra parte, el peso que la historia de la vida cotidiana, del mobiliario y del consumo han adquirido en el conjunto de la disciplina en los últimos treinta años (Roche, 1997). Incluso, desde la perspectiva de la historia de la tecnología, se ha abordado el significado social del apagón (Nye, 2010). Desde la historia urbana, también aparecen interesantes aportaciones, como las de Peter C. Baldwin (2012) o Judith Walkowitz (2012). La noche, por tanto, muestra sus potencialidades, aunque pocas obras se han dedicado a ella de manera monográfica, incluso en el entorno francófono y anglosajón, ambientes académicos pioneros. En este sentido, pueden destacarse — desde la perspectiva de la historia cultural — el magistral análisis de Simone Delattre (2000) ambientado en el París del siglo XIX y comienzos del XX; el estudio de Roger A. Ekirch (2005) para el entorno anglosajón durante la Edad Moderna, o los trabajos de Alain Cabantous (2009) y

Craig Koslofsky (2011) sobre la noche en Europa en el mismo periodo. En España, Portugal y Latinoamérica, no obstante, la investigación debe cubrir un vacío patente, a pesar de los notables esfuerzos que comienzan a realizarse (Jankovic y Conte, 2015).

## Hipótesis de trabajo y metodología

La noche — más larga o más corta, y más o menos iluminada — ha tenido manifestaciones sociales y expresiones culturales que han variado de época en época, de sociedad en sociedad, e incluso dentro de cada sociedad (Schlor, 1991). Acostumbrados a vivir en sociedades que ya no duermen, y donde las fronteras entre el día y la noche tiende a difuminarse (Kreitzman, 1999), a los historiadores se les ha escapado la densidad cultural del fenómeno antes de que la Modernidad reorientara las prácticas nocturnas, confiriéndoles el aspecto que tienen en la actualidad. En efecto, el desarrollo del capitalismo y la industrialización impactarán de manera decisiva en la experiencia de la noche, al implicar el desarrollo urbano, el aumento del consumo, la reconfiguración del tiempo de producción, de descanso y de ocio — con la mercantilización de este último —, la nueva delimitación del espacio público y privado, o la profunda modificación de los valores que informaban la vida cotidiana. La introducción del gas de alumbrado, pero sobre todo la electricidad a finales del siglo XIX, cambiarán para siempre dinámicas seculares, prácticas y representaciones de lo nocturno. Emerge la experiencia «moderna» de las horas que siguen al crepúsculo, pero ello no debería ocultar la especificidad de este territorio en la época pre-industrial, con unos perfiles propios que es necesario rescatar. Como demuestra la evidencia histórica (Ekirch, 2005) antes de la industrialización, la noche ha sido un territorio contradictorio para actividades de variada naturaleza, a veces marginales, otras ilegales o no toleradas, pero cuya popularidad no dejó de aumentar. De ese modo, lejos de ser una *terra incognita*, un lugar donde las actividades humanas se paralizaban, la puesta de sol no suponía únicamente el retiro en la intimidad del hogar, implicando mucho más que el sexo, el crimen o el sueño.

Una historia de la noche debe rescatar, en primer lugar, desde las tecnologías de alumbrado empleadas antes de la llegada de la industrialización y su economía — por ejemplo, los circuitos comerciales en los que se insertaba el abastecimiento de cera de abeja, de aceite de ballena u otras grasas para el alumbrado —, hasta las diversas prácticas desplegadas en las horas nocturnas, desde el descanso, al trabajo o el ocio, entre los diferentes grupos y actores sociales. No debe olvidarse que, antes de que el ethos capitalista-industrial acabase conquistando esta temporalidad para la jornada laboral, la noche no dejó nunca de ser un espacio para la producción. También para el ocio y la sociabilidad, y no sólo entre las élites, que harán del uso de las horas nocturnas un elemento de estatus y distinción de clase, sino entre los sectores populares. A eso debe unirse, por supuesto, todo tipo de actividades licenciosas, desviadas o prohibidas, que encontrarán en esas horas una atmósfera idónea. En suma, no hay una sino diversas maneras de utilizar y experimentar lo nocturno, dependiendo del sector, clase social, género, grupo de edad o espacio geográfico al que se pertenezca. La noche se perfila de ese modo como un marcador y elemento a través del cual construir la identidad individual y colectiva, instaurándose diferentes jerarquizaciones en los usos y una gran disparidad en las percepciones. Lejos de movilizar significados unánimemente aceptados por todos — y a pesar de su aparente coherencia interna —, la noche revela las contradicciones y dualidades de un mundo en continuo cambio que transitaba desde al Antiguo Régimen a la Modernidad.

Dado el gran interés del tema, este proyecto plantea la recuperación de algunas de las manifestaciones de la noche y lo nocturno en un periodo de estudio que abarca desde la Edad Moderna hasta el primer tercio del siglo XX, en el mundo ibérico y latinoamericano. Este amplio marco cronológico que, por otro lado, tiene en cuenta las mutaciones en las técnicas y sistemas artificiales de alumbrado (desde el aceite, el petróleo, al gas y la electricidad), pero también los cambios inducidos por la industrialización y el desarrollo del capitalismo, pretende actuar de forma voluntaria como esquema de trabajo para desarrollar una perspectiva comparada y multidisciplinaria desde la que abordar grandes tendencias.

En primer lugar, se impone una definición del objeto de estudio. ¿Cómo establecer qué es la noche? ¿Qué elementos la constituyen o la dotan

de contenido? Está claro que la noche es una temporalidad del día que, de manera general, corresponde a las horas que van del crepúsculo a la salida del sol. Pero la noche es también espacialidad, pues sus dinámicas se manifiestan en diferentes espacios — urbano, rural, doméstico, de consumo, de ocio, de producción, de sociabilidad — y lugares reales o imaginarios (Cabantous, 2009). En este sentido, ¿podemos definir la noche por las representaciones que la constituyen o por el conjunto de prácticas que la integran? En términos de la estrategia investigadora, será necesario considerar ambas aristas del problema e intentar definir la noche como un conjunto más o menos estructurado de representaciones y prácticas.

En el caso de las representaciones, está claro que la noche — sobre todo en el periodo pre-industrial — ha sido el tiempo ideal donde las fantasías, los mitos y las leyendas del imaginario colectivo cobran vida (Delumeau, 1978). Esto obliga a reflexionar acerca del régimen de representaciones a partir del cual se construye (y reconstruye) el imaginario de lo nocturno en cada momento histórico, para comprender mejor el tránsito hacia su significado en la actualidad. La noche preindustrial se asocia al terror vinculado a la oscuridad y sus connotaciones negativas, algo fuertemente arraigado en Occidente que no parece rastrearse en otras culturas, donde la sombra puede tener un sentido positivo (Tanizaki, 2018). Una historia de la noche debe analizar, por tanto, mediante qué proceso y por qué se produce el cambio en la representación de lo nocturno en el tránsito a la Modernidad, desde una noche pre-industrial poblada de presencias inenabrigables, a otra que suscita el interés de los románticos y se conceptualiza por medio de la noción de lo «sublime» — como territorio para la delectación, ensoñación y expresión de sentimientos profundos —, llegando finalmente a su plasmación pictórica por el Realismo a finales del siglo XIX o de las Vanguardias en el XX, donde la noche aparece como territorio que tiende a mercantilizarse, en sociedades que comienzan a ser de masas (Rocayolo, 1994).

En cuanto a las prácticas desplegadas, algunas pistas para la reflexión pueden ser los usos sociales y funciones de la noche en la época pre-industrial, las modificaciones en las prácticas nocturnas con los avances de la iluminación artificial, los conflictos y tensiones relacionadas con

esta conquista, la reglamentación de las actividades nocturnas, la modificación en el umbral de tolerancia a la sombra, en el simbolismo de la oscuridad, en las actitudes hacia el cuerpo o la percepción del espacio. Si pasamos a la experiencia «moderna» de la noche (desde la irrupción del gas y la electricidad, en el segundo y tercer tercio del siglo XIX), algunas líneas de trabajo pueden ser el desarrollo de la vida urbana nocturna y las modalidades de sociabilidad y ocio asociadas a ella — sobre todo en las grandes metrópolis cosmopolitas —, pero también el quietismo de estas horas en el espacio privado, como entorno privilegiado para la introspección, la soledad y una nueva expresión de la individualidad contemporánea. Del mismo modo, el trabajo — prolongado por la mayor disponibilidad de luz —, o el papel de los dispositivos de alumbrado dentro de estrategias disciplinarias y de control de un espacio tan poroso como la noche en las ciudades. Del mismo modo, lo nocturno como escenario para la transgresión y violación consciente (o no) de las normas. Igualmente, las rupturas y transiciones, el papel de los atardeceres y amaneceres, o del apagón y las huelgas, guerras o conflictos que, en el momento de difusión inicial de las nuevas tecnologías de alumbrado, sobre todo la electricidad, hacían reaparecer en escena la experiencia de la noche pre-industrial.

Ante un proyecto tan vasto, se impone un análisis en la encrucijada de varias disciplinas (literatura, antropología, sociología, entre otras), bajo el tamiz metodológico de la historia cultural, atenta a las representaciones que estructuran la acción colectiva, pero también a la apropiación social de estos imaginarios y las prácticas de los diferentes actores históricos y grupos sociales en sus marcos de actuación cotidiana (Cohen *et al.*, 2011). Del mismo modo, se impone el diálogo con otros subcampos de la disciplina, como la historia social, la historia urbana, la historia del consumo, del ocio, de las sensibilidades. En este último caso, por ejemplo, una historia de la noche obliga a reconstruir una historia virtual de las percepciones vinculadas a lo nocturno, dominado por una economía de las emociones que se verá también modificada por la industrialización. Así, de un régimen escópico pre-industrial, más adaptado a la fina sucesión de la luz y la oscuridad — tan abruptamente interrumpida por la intromisión de la claridad omnipresente de la electricidad — y con un oído más refinado

y atento al leve murmullo en las sombras, se pasará a la definitiva primacía de lo visual que hará del deseo de mas luz una necesidad colectiva (Crary, 1998).

Un proyecto de estas características obliga igualmente a movilizar un corpus de fuentes lo más amplio y diversificado posible. De hecho, en las diferentes épocas, la especificidad de lo nocturno fue una fuente de inspiración para géneros literarios dispares o dio lugar a registros tan amplios como gacetas, grabados, expedientes municipales o calendarios donde, de manera meticulosa, se podían calcular los claros de luna, es decir, los momentos más propicios de aprovechamiento de las horas nocturnas para lanzarse al mar, trabajar, transportarse o incluso ir de fiesta.

## Objetivos

El proyecto inicial trató de establecer objetivos parciales, dado el amplio campo de estudio que ofrece la noche. Además de incentivar el interés por este tema e invitar a otros investigadores a desarrollarlo — creando un marco de encuentro e intercambio de perspectivas —, los objetivos que se persiguieron fueron:

- Destacar la importancia de la noche como objeto de estudio histórico.
- Diseñar una hipotética hoja de ruta con algunas líneas de indagación desde la que profundizar en el estudio de la noche y lo nocturno en el entorno Ibero-Latinoamericano, descubriendo las dinámicas propias, así como algunas de sus representaciones y prácticas en diversos entornos, en un lapso temporal que arranca desde la Edad Moderna a las primeras décadas del siglo XX.
- Identificar algunas constantes de las manifestaciones nocturnas en escenarios lejanos, pero también los contrastes, rupturas o cesuras.
- Profundizar en algunas de sus representaciones, a través de la música, las imágenes, la literatura, las percepciones o los cuentos.

- Descubrir las diversas prácticas nocturnas en las sociedades pre-industriales, pero también en las contemporáneas, a partir del desarrollo de la industrialización y la revolución de los sistemas artificiales de alumbrado, en el siglo XIX y comienzos del XX.
- Trazar una definición clara, coherente y explícita del concepto «noche».
- Reivindicar la necesidad de un enfoque variado y multidisciplinar.

El objetivo último, es fomentar esfuerzos futuros de síntesis que ayuden a establecer un marco comparativo que permita identificar las peculiaridades de la experiencia «iberoamericana» de la noche, frente al entorno anglosajón, donde la investigación ha desarrollado numerosos estudios.

## Sumario de aportaciones

La obra ha sido deudora desde sus momentos iniciales del voluntarismo de todo un conjunto de compañeros y colegas que, desde el momento de envío del proyecto — a lo largo del año 2016 —, han mostrado compromiso e interés por este tema y que, desde sus respectivas áreas de trabajo, han asumido el desafío. El proyecto aparece dividido en tres ejes principales. El primero, se dedica a los imaginarios, representaciones y percepciones de la noche en la época preindustrial y contemporánea, abarcando aspectos como:

- Representaciones pictóricas.
- Representaciones en la iconografía.
- Su presencia en la literatura y en la música.
- Fotografía de ambientes nocturnos en época contemporánea.

Los dos siguientes ejes se centraron en rescatar algunas de las prácticas de la noche preindustrial, abarcando, en el primer caso, desde la

Época Moderna (siglos XVI-XVII) a la primera mitad del siglo XIX, hasta llegar a la experiencia de la noche contemporánea en el último eje, en el primer tercio del siglo XX. El proyecto planteó diferentes prácticas como posibles líneas de reflexión:

- La socialización en lo nocturno.
- Tiempo libre de ocio, diversiones y sociabilidad, así como demás modificaciones en los ciclos del tiempo social.
- Criminalidad, desviación, transgresión.
- La experiencia de lo nocturno en el espacio privado.
- El trabajo.
- Otras prácticas, la sexualidad o el sueño.

En cuanto al primer eje, dedicado a las representaciones de lo nocturno, se cuenta hasta el momento con las contribuciones del Dr. Bernardo Riego Amezaga, del Departamento de Educación de la Universidad de Cantabria, con su artículo «La imposibilidad de la noche en el espejo de la fotografía», donde se exploran los intentos y dificultades de la fotografía española por captar escenas nocturnas a finales del siglo XIX y la revolución que eso implicó en la técnica fotográfica. También desde España, la doctoranda Lorea Rubio, de la Universidad de Oviedo, ha aportado su estudio de las visiones nocturnas en el panorama pictórico español de finales del siglo XIX y comienzos del XX. Bajo el título «La temporalidad suspendida: instantes y habitantes nocturnos en la pintura española entre los siglos XIX y XX», se analizan las diferencias entre las narrativas pictóricas de la noche de las zonas industrializadas y con mayor grado de implantación de los nuevos sistemas lumínicos, en contraposición a las del mundo rural. Por otro lado, la dicotomía entre la manera de representar los espacios interior y exterior, tanto en lo concerniente a la propia naturaleza del espacio representado — la preeminencia del interior burgués frente a la vivienda obrera —, como a las formas de socialización nocturna que se produce en ellos, son objeto de este capítulo.

De México proceden las contribuciones de las profesoras-investigadoras del Instituto de Investigaciones Doctor José María Luis Mora, la Dra. María Esther Pérez Salas y Dra. Laura Suárez de la Torre. En el primer caso, la investigación rescata la vida nocturna en la Ciudad de México antes de la llegada de la electricidad, utilizando una fuente tan original como son las imágenes litográficas y los grabados que ilustran las revistas literarias. De ese modo, el trabajo se centra en un lapso comprendido entre 1837, año en que aparecen las primeras revistas ilustradas con estampas litográficas, y 1879, momento en que se instala en Guanajuato la primera planta generadora de electricidad. El objetivo del capítulo es detectar cómo se representaba visualmente la noche, rescatando los elementos iconográficos que identifican lo nocturno. Ello permite a la autora transmitir la imagen que se tenía de la noche, así como las actividades y oficios desarrollados, incluyendo paseos, espectáculos, tertulias, centros de reunión, al igual que el desempeño de serenos, policías, comadronas, cocheros y otros personajes. En el caso de la Dr. Suárez, su artículo titulado «Desde una mirada ajena, las noches mexicanas en la primera mitad del siglo XIX vistas por viajeros», explora la representación que de la noche mexicana se hicieron los extranjeros que transitaban por la capital de México, configurando un corpus referente a las actividades nocturnas en la ciudad durante las primeras décadas de la Independencia, enfocadas desde la mirada ajena. Una de las preguntas que guía el capítulo es si la visión que pervivió entre los viajeros se acerca o es distinta de la que mencionaron los escritores mexicanos del mismo periodo. Por último, y también desde México, el Dr. Ricardo Miranda, musicólogo vinculada al Centro Nacional de Investigación, Documentación e Información Musical — CENIDIM, aporta su estudio «El piano que suena de noche: ensoñación, introspección y música noctívaga». En este capítulo se analiza la introducción de los «nocturnos» como género musical en el México decimonónico, así como el rol social de este estilo y el papel del romanticismo en la construcción de un imaginario específico para esta temporalidad, en el que la noche aparece codificada como un espacio para la introspección, la ensoñación y la expresión de sentimiento íntimos y profundos, siendo los «nocturnos» una de las manifestaciones de ello.

El capítulo dedicado a los imaginarios, representaciones y percepciones concluye con la aportación de la Dra. Rosa Fina, del CLEPUL — Universidade de Lisboa. Bajo el título, «Lisboa anoitecida — a metamorfose da cidade nocturna na literatura portuguesa na viragem do século (1870-1920)», la autora realiza un retrato de la vida cotidiana en la noche de Lisboa a partir de un corpus compuesto por obras de autores portugueses de los años 1870 a 1920, como Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Alberto Pimentel, Gomes Leal, Fernando Pessoa, Raúl Brandão o Rodrigues Miguéis. Este repaso permite apercebir las transformaciones urbanas, sociales y culturales que acompañaron a la ciudad portuguesa y a su noche. Igualmente, la autora analiza la emergencia de una estética nocturna simbólica, de acuerdo con las corrientes «fin-de-siècle», capaces de construir un imaginario determinado de la noche lisboeta y de la capital del país.

El segundo capítulo de la obra aborda las «Experiencias y prácticas de la noche preindustrial». En este epígrafe contamos con las aportaciones del Dr. Daniel Pérez Zapico, egresado de la Universidad de Oviedo y del CHCSC de la Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines. En el artículo, «¡“De las ocho a las diez, dejad la noche para quien es!” Ritos, mitos, espacios y lugares en la noche pre-industrial asturiana (España)», se exploran algunos de los significados y prácticas movilizadas por y durante la noche en la comunidad rural de Asturias durante las décadas previas a que la revolución industrial impactase en la manera de experimentar las horas negras. De ese modo, a través del análisis de notas del folklore, de costumbres y empleando el registro antropológico se demostrará cómo incluso en las comunidades rurales de esta región española, la noche podía ser algo más que un territorio socialmente vedado, habitado por presencias sobrenaturales.

En este epígrafe, la Dra. Rosa Fina colabora también con su artículo «A noite de Lisboa antes da luz: a criminalidade, as luminárias e a rua do povo», en la que realiza un recorrido por la noche de la Lisboa posterior al terremoto de 1755, donde la criminalidad y las clases populares (y sus diversas y complejas manifestaciones culturales) están presentes. La Dra. señala cómo los proyectos de Modernización, representados en los intentos por otorgar control y seguridad a un territorio como éste, fallan

a la hora de controlar este espacio-tiempo y de acabar con determinadas manifestaciones de una noche que, hasta bien entrado el siglo XIX, mantendrá sus perfiles tradicionales.

Este capítulo concluye con dos contribuciones dedicadas al caso mexicano. Nuevamente, desde el Instituto Mora, la Dra. María Eugenia Chaoul contribuye con su artículo «Estudiar de noche para iluminar la vida. Las escuelas nocturnas en la ciudad de México, 1867-1880». En él se aborda el desarrollo de las escuelas nocturnas dentro de la vida nocturna de la Ciudad de México en sus numerosas variables, desde el análisis de su evolución institucional, a las condiciones en las que las clases eran impartidas. Además, se relaciona el desarrollo de estas instituciones con un conjunto de acciones gubernamentales que explotan el «uso político» de la noche, en tanto territorio donde desarrollar una acción encaminada a la moralización y civilización de los ciudadanos, en particular los trabajadores. Por último, la Dra. Lillian Briseño, profesora-investigadora en el Instituto Tecnológico de Estudios Superiores Monterrey, estudia en su artículo «Los sentidos de la noche», cómo la población de la Ciudad de México percibió y entendió su relación con el entorno nocturno urbano en la primera mitad del siglo XIX, a partir de los sentidos y sensaciones que éste les provocaba. La autora propone rescatar, los hábitos y creencias compartidas con respecto a la noche en contraposición al día, describiendo un rico abanico de sensibilidades y emociones.

La obra finaliza con el capítulo dedicado a las prácticas vinculadas a la noche moderna, sobre todo poniendo el énfasis en las transformaciones sobrevenidas con la llegada de la electricidad. Desde la Universidad del País Vasco, la Dra. Nuria Rodríguez Martín contribuye con su artículo «La construcción de la noche alumbrada en la ciudad de Madrid, 1878-1936: una perspectiva social», donde se analiza la incorporación de la electricidad al alumbrado público de la ciudad de Madrid en el intervalo 1878-1936, y su contribución a la reorientación de determinadas actividades nocturnas y a la construcción de un imaginario de lo urbano donde la ciudad se significaba por medio de su abundancia de luces y su vida nocturna, como símbolo fehaciente de una Modernidad deseada y asumida por todos. Se analiza el desarrollo y extensión del alumbrado

urbano eléctrico y los usos comerciales del fluido (escaparatismo, publicidad luminosa...) en el Madrid de finales del siglo XIX y principios del XX, que transformaron la vida nocturna haciendo de la noche un espectáculo. Sin salir de España, el Dr. Daniel Pérez Zapico analiza en «Disciplinar la noche. Un proyecto de ingeniería social en la Asturias (España) de finales del siglo XIX y comienzos del XX» el rol que los sistemas artificiales de iluminación juegan dentro de la lógica de control de la noche en las ciudades asturianas. Así, los profundos cambios inducidos por la industrialización y el crecimiento urbano en una región de fuerte industrialización como esta harán que los tradicionales miedos a la oscuridad nocturna se pueblen de nuevas ansiedades (reales o imaginarias) propias de unas élites urbanas en ciudades que reciben una fuerte masa de población obrera.

Nuevamente, desde México proceden las últimas tres contribuciones que cierran el libro. La Dra. Lucrecia Infante Vargas, del Colegio de Historia de la UNAM, analiza en «Una mujer a oscuras. De lo femenino, la feminidad y lo nocturno en el México de entre siglos (XIX-XX)» cómo la noche y la oscuridad construyen la identidad y manera de representar lo femenino y cómo, a su vez, las cualidades atribuidas a las mujeres inciden en la forma de percibir lo nocturno. Mediante este estudio, se muestra la fuerza de los discursos y de las representaciones, pero también la distancia con unas prácticas sociales que evidencian cómo las mujeres estaban conquistando un territorio antes negado. También desde la UNAM, el Dr. Miguel Ángel Castro plantea en «La Nochebuena y las posadas. Notas de prensa y literatura costumbrista. Ciudad de México a finales del siglo XIX», un estudio de los festejos navideños y otras prácticas nocturnas en torno a la Nochebuena en México. El autor analiza el proceso de apropiación y fijación literarias de las fiestas navideñas a partir de la restauración de la República mediante el análisis de fuentes como el *Álbum de Navidad*, publicado en 1871. Por último, la Dr. Lillian Briseño expone en «México. La ciudad luz, 1900-1910» las transformaciones inducidas en la noche mexicana durante el desarrollo del Porfiriato, sobre todo en lo que hace a la irrupción de la electricidad.

## Conclusiones

Las contribuciones señalan hasta aquí algunas de las líneas a seguir en el estudio histórico de la noche en Ibero-Latinoamérica. La obra pretende, de esa manera, abrir un espacio de debate como plataforma desde la que emprender futuras investigaciones y colaboraciones para develar esta mitad perdida de la experiencia humana. Se trata de un primer esfuerzo al que deberán seguir, por supuesto, muchos más, empleando, modificando o problematizando este esquema de trabajo. Por ejemplo, será necesario incorporar a más países del entorno Latinoamericano — desde el ambiente hispano parlante al lusófono —, así como más experiencias regionales de la propia Portugal y España. Quedan, por supuesto, muchos registros y fuentes con las que trabajar para analizar en toda su densidad las representaciones, percepciones y prácticas de la noche y lo nocturno en el tránsito del Antiguo Régimen a una Modernidad marcada por el desarrollo del capitalismo. El carácter contestado — incluso fallido en muchos casos — de la industrialización en España, Portugal y numerosos países de Latinoamérica (si seguimos el modelo «centro-periferia»), por ejemplo, permite reflexionar acerca de algunas de las especificidades de la experiencia «latina» de la noche. Así, puede plantearse como pregunta de investigación si en el entorno Ibero-Latinoamericano, dado su conflictivo tránsito a la Contemporaneidad, los perfiles de una noche «moderna» tardaron más en definirse, solapándose diferentes y variados contextos socioculturales — a veces, en conflicto — desde los que interpretar la noche. Otra línea de trabajo deberá analizar, en este sentido, el imaginario de lo nocturno entre los pueblos originarios de Latinoamérica, donde la manera tradicional de concebir la noche — con sus mitos y ritos — sigue estando muy presente. Por último, sería pertinente plantear si la tradición católica permitió una conquista más rápida y precoz de la noche para el ocio y la sociabilidad que con respecto al entorno anglosajón, por ejemplo, gracias a la movilización sistemática de la luz en festejos nocturnos, ya desde el Barroco.

En cualquier caso, queda plenamente justificada una historia social y cultural de la noche en el mundo Ibero-Latinoamericano. Lo señalado

hasta aquí revela claramente cómo la noche ha tenido sus propias reglas, dinámicas, manifestaciones e interpretaciones, ofreciendo un importante caudal de información para completar el gran rompecabezas que significa la reconstrucción de nuestro pasado y sus expresiones culturales. Este territorio emerge como una entidad aparentemente coherente, un sistema más o menos estructurado de representaciones y prácticas que, si bien nunca fueron del todo homogéneas, merecen ser tenida en cuenta por el historiador. Para cada caso particular, la investigación deberá rastrear cuáles fueron los elementos que definen una noche que, en cualquier caso, fue múltiple y diversa.

## Bibliografía:

- Aguado, Ana M. y Ramos, D. (2007). La modernidad que viene. Mujeres, vida cotidiana y espacios de ocio en los años veinte y treinta. *Arenal: Revista de historia de mujeres*, 14 (2), p. 265-289.
- Baldwin, P. C. (2012). *In the Watches of the Night: Life in the Nocturnal City, 1820-1930*. Chicago: University of Chicago Press.
- Blühm, A. y Lippincott, L. (2001). *Light! the industrial age 1750-1900: art & science, technology & society*. New York: Thames & Hudson.
- Bogard, P. (2013). *The End of Night: Searching for Natural Darkness in an Age of Artificial Light*. New York: Little, Brown and Company.
- Bova, B. (2001). *The story of Light*. Naperville, Illinois: Sourcebooks.
- Brox, J. (2010). *Brilliant. The evolution of artificial light*. New York, Boston: Mariner Books.
- Cabantous, A. (2009). *Histoire de la nuit. XVIIe-XVIIIe siècle*. Paris: Fayard.
- Challéat, S. (2010). «*Sauver la nuit*»: empreinte lumineuse, urbanisme et gouvernance des territoires. [Tesis doctoral inedita]. Université de Bourgogne, Dijon.
- Challéat, S. (2011). La nuit: une nouvelle question pour la géographie. *Bulletin de l'Association de Géographes Français*, 88 (2), p. 183-196.
- Cohen, E., Goetschel, P., Martin, L. y Orly, P. (dirs.) (2011). *Dix ans d'histoire culturelle*. Villeurbanne: Presses de l'enssib.
- Crary, J. (1998). *L'art de l'observateur. Vision et modernité au XIXe siècle*. Nîmes: Jacqueline Chambon.
- Delattre, S. (2000). *Les douze heures noires: la nuit à Paris au XIXe siècle*. Paris: Albin Michel.
- Delumeau, J. (1978). *La Peur en Occident (XIVe-XVIIIe siècles)*. Paris: Fayard.
- Dillon, M. (2002). *Artificial Sunshine: A social history of Domestic Lighting*. London: The National Trust.

Ekirch, A. R. (2005). *At Day's Close, Night in Times Past*. New York/Londres: Norton.

Falchi, F., Cinzano, P., Duriscoe, D., Kyba, C. C. M., Elvidge, C. D., Baugh, K., Portnov, B. A., Rybnikova, N. A., Furgoni, R. (2016). The new world atlas of artificial night sky brightness. *Science Advances*, 2 (6), p. 1-25.

Galinier, J., Monod Becquelin, A., Bordin, G., Fontaine, L., Fourmaux, F., Rouillet Ponce, J., Salzarulo, P., Simonnot, P., Therrien, M., y Zilli, I. (2010). Anthropology of the Night: Cross-Disciplinary Investigations. *Current Anthropology*, 51 (6), p. 819-847.

Guereña, J. L. (2003). *La prostitución en la España contemporánea*. Barcelona: Marcial Pons.

Gwiazdzinski, L. (2005). *La nuit, dernière frontière de la ville*. La Tour d'Aigues: Editions de L'Aube.

Gwiazdzinski, L. (ed.) (2015). The Urban Night: a Space Time for Innovation and Sustainable Development. *Articulo — Journal of Urban Research*, 11 (Special issue).

Jankovic, L. y Conte, D. (coords.). *La noche en Madrid. Visión estelar de un momento de la Historia (1840-1936)*. Congreso Casa de Velázquez, Universidad Carlos III, Madrid. 25-26 de junio 2015 [actas sin publicar].

Koslofsky, C. (2011). *Evening's empire. A history of the Night in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kreitzman, L. (1999). *The 24-Hour Society*. London: Profile Books.

Margulis, M. (2005). *La cultura de la noche. La vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*. Buenos Aires: Editorial Biblos.

Melbin, M. (1987). *Night as Frontier: Colonizing the World After Dark*. New York: Free Press.

Mosser, S. (2007). Éclairage et sécurité en ville: l'état des savoirs. *Déviance et Sociétés*, 31(1), p. 77-100.

Nye, D. E. (2010). *When the Lights Went Out. A History of Blackouts in America*. Cambridge: The MIT Press.

Rocayolo, M. (1994). Transfiguraciones nocturnas en la ciudad. El imperio de la luz artificial. In Guiheux, A. y Dethier, J. (eds.). *Visiones urbanas. Europa 1870-1993. La ciudad del artista. La ciudad del arquitecto*. Barcelona: Electra.

Roche, D. (1997). *Histoire des choses banales. Naissance de la consommation XVIIe-XIXe siècle*. Paris: Fayard.

Salaün, S. (2001). La sociabilidad en el teatro (1890-1915). *Historia social*, 41, p. 127-146.

Salaün, S. y Serrano Lacarra, C. (coord.) (2006). *Los felices años veinte: España, crisis y modernidad*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia.

Sánchez Barceló, E. J. (2017). *Hicimos la luz... y perdimos la noche. Efectos biológicos de la luz*. Santander: Universidad de Cantabria.

Schivelbusch, W. (1983). *Disenchanted Night. The Industrialisation of Light in the Nineteenth Century*. Oxford, New York, Hamburgo: Berg.

Schepel, B. y Ben-Ari, E. (2005). «When darkness comes ...»: steps towards an anthropology of the night. *Paideuma*, 51 (Special issue), p. 153-261.

Schlor, J. (1991). *Nachts in der grossen Stadt: Paris, Berlin, London, 1840-1930*. Munich, Germany: Artemis & Winkler.

Sunyer, P., Ribera, E., Checa-Artasu, M., Moncada, J. O. (Eds.) (2015). *Actas del III Simposio Internacional Historia de la electrificación. Estrategias y cambios en el territorio y en la sociedad. Ciudad de México, 17 al 20 de marzo de 2015*. Barcelona: Universidad de Barcelona. <http://www.ub.edu/geocrit/iii-mexico/iii-simposio-portada1.html>

Tanizaki, J. (2018). *El elogio de la sombra*. Madrid: Editorial Siruela.

Uría, J. (2003). Cultura popular y actividades recreativas: la restauración. In Uría, J. (coord.). *La cultura popular en la España contemporánea: doce estudios*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, p. 77-108.

Walkowitz, J. (2012). *Nights Out: Life in Cosmopolitan London*. London: Yale University Press.



# LA NOCHE COMO CIRCUNSTANCIA AGRAVANTE DE LA JUSTICIA EN LA CASTILLA MEDIEVAL

Ezequiel Borgognoni

Universidad de Buenos Aires  
Universidad Católica Argentina / CONICET

**Resumen:** En las ciudades medievales del occidente europeo la noche fue el espacio por excelencia elegido por los delincuentes para llevar a cabo acciones ilícitas. Los delitos nocturnos más comunes eran el homicidio, el robo, la violación de mujeres y otras situaciones de agresión menor asociadas a infracciones de las normas comunitarias o prácticas consuetudinarias. En el Reino de Castilla, la monarquía y los municipios advirtieron la importancia de regular el tiempo nocturno y promovieron un programa colonizador de la noche. En dicho programa, se definió a la nocturnidad como una circunstancia agravante de la justicia y se estableció un aumento de la pena para todos los delitos e infracciones cometidos durante las horas nocturnas.

**Palabras claves:** noche, justicia, Edad Media, Castilla

**Abstract:** In the medieval cities of Western Europe, the night was the privileged space chosen by criminals to carry out illicit actions. The most common night crimes were homicide, robbery, rape of women and other situations of minor aggression associated with infractions of community norms or customary practices. In the Kingdom of Castile, the monarchy and the municipalities identified the importance of regulating night time and promoted a colonizing program of the night. In this program, the nocturnal was defined as an aggravating circumstance of justice and an increase in the penalty was established for all crimes and infractions committed during the night hours.

**Keywords:** night, justice, Middle Ages, Castile

En las últimas décadas, la historiografía ha subrayado la complementariedad del binomio delincuencia-nocturnidad en las ciudades medievales (Verdón, 2002; Muchembled, 1991; Fouret, 1987; Hanawalt, 1976). Tanto los especialistas en el mundo de la criminalidad (Córdoba de la Llave, 2007; Mendoza Garrido, 1999; Bazán, 1995), como aquellos que trabajan el ámbito de las transgresiones sociales (Palmer, 2000) y quienes nos dedicamos específicamente a la historia de la noche (Borgognoni, 2017; Koslofsky, 2011; Ekirch, 2006), nos hemos enfrentado a una serie de tópicos de investigación similares, aspecto sin lugar a dudas, nada azaroso. Frente al problema suscitado por el aumento de la delincuencia nocturna, en trabajos anteriores hemos esbozado una tipología de las distintas herramientas instrumentadas por el poder político en pos de alcanzar un dominio, más o menos efectivo, de las actividades nocturnas (Borgognoni, 2014). En la Castilla tardomedieval, espacio geográfico escogido para nuestra investigación, los municipios dispusieron una serie de medidas con el propósito de «domesticar» las horas nocturnas. Tras la puesta del sol, se instauraba el toque de queda y los habitantes tenían prohibido circular por las calles. En casos de necesidad extrema, los transeúntes nocturnos podían caminar por las oscuras callejuelas medievales pero debían hacerlo sin armas y portando una luz encendida que permitiese minimizar el anonimato y facilitar el reconocimiento del caminante. El poder de los alguaciles mayores, en tanto encargados del orden ciudadano, aumentaba durante las horas nocturnas. Entre sus obligaciones principales, se destacaba la de organizar las rondas nocturnas en los distintos barrios de las urbes y al exterior del recinto amurallado. La vigilancia nocturna desde las murallas permitía ejercer un férreo control de las puertas y de los tramos más vulnerables para impedir el ingreso de forasteros y gentes de mal vivir a la ciudad. Las medidas sancionadas por los poderes locales bajomedievales convivieron con una realidad normativa que compartía los mismos intereses y que estaba vigente desde el siglo XI a la vez que había sido ratificada en *Partidas*, y de las que nos ocuparemos en este artículo, esto es, la consideración de la nocturnidad como circunstancia agravante de la justicia medieval.

Los marcos regulatorios que organizaban la vida citadina contenidos en fueros y ordenanzas locales, los registros judiciales y buena parte de la

bibliografía especializada (Montanos Ferrín, 2001) coinciden en señalar que la noche comenzaba con el sonido del tañido de las campanas. Es decir, el sonido de las últimas campanas de la tarde funcionaba como una frontera simbólica y temporal que marcaba el paso del régimen diurno al régimen nocturno. Cualquier delito que fuera cometido después del tañido de las campanas, era considerado un acto transgresivo asociado a la circunstancia agravante de la nocturnidad, aunque todavía en el cielo pudiera divisarse cierta claridad. El problema se presentaba cuando luego de la hora acostumbrada — que era dependiente de la estacionalidad — no se escuchaba el sonido de las campanas y tenía lugar un suceso delictivo. En dichas ocasiones, las partes en litigio se esforzaban por demostrar que el acontecimiento había tenido lugar durante la noche (o no, en el caso de la parte acusada) con la intención de aumentar o disminuir la pena.

En la documentación foral temprana se establece con claridad la circunstancia agravatoria de los actos ilícitos acometidos tras la puesta del sol. En el siglo XI, el fuero municipal de Nájera mandaba a que «si alguno hallare de noche en su mies caballo u otra bestia, puede matarla, sin que por ello peche caloña, ni siquiera el valor de la bestia misma» (Garrán, 2006). A fines de la misma centuria, el fuero de Sepúlveda disponía que «quí firiere ortellano, o lo matare de noche en su huerto, peche la calonna que ficiere doblada» (Sáez, 1956). Para Montanos Ferrín (2008: 647) esta valoración penal de la nocturnidad es ajena al mundo del derecho romano que imponía la misma penalidad para una misma conducta criminal con independencia del momento de su realización. Sin embargo, la valoración temporal (horas de días o de noche a efectos penales) ocupó las mentes jurídicas europeas más refinadas de la baja Edad Media. En el siglo XIII, la *Partida séptima* les indicaba a los jueces castellanos que, antes de determinar las penas debían tener en cuenta, entre otras cosas, el momento del día en el cual se había cometido el delito.

E aun dezimos, que deuen catar el tiempo en otra manera. Ca mayor pena deue auer aquel que faze el yerro de noche, que non el que lo faze de día: porque de noche pueden nacer muchos peligros ende e muchos males (Partida VII, título XXXI, ley VIII)

El especialista Mario Sbriccoli (1991) explica que la noche era una circunstancia agravatoria en el derecho medieval porque el tiempo nocturno es el tiempo de la *mala praesumptio*. La nocturnidad tenía el poder de hacer sospechoso o incluso ilegal un comportamiento que era considerado normal durante el día. La *mala praesumptio* transformaba lo cotidiano en peligroso ya que durante la noche operaba una inversión de sentidos y los fines de los actos se volvían más perversos. Por ejemplo, las visitas nocturnas inmediatamente quedaban asociadas a situaciones de adulterio o conspiraciones. Silvia Mantini (1991) acuerda en líneas generales con la hipótesis de Sbriccoli y añade que la oscuridad favorecía las posibilidades de que el delincuente pudiera escapar, aumentando la intencionalidad de ejecución del delito y reduciendo la posibilidad de defensa de la víctima.

En la sección del Registro General del Sello del Archivo General de Simancas, se contienen una serie de fuentes judiciales contemporáneas a la época de los Reyes Católicos que expresan el momento del día en el cual tuvo lugar el delito. Emilio Cabrera Muñoz (1994) sostiene que cuando en los procesos judiciales no se menciona la instancia de nocturnidad, debemos suponer que los mismos tuvieron lugar durante el día. Veamos algunos ejemplos en donde la situación de nocturnidad se expresa con claridad en las fuentes. En 1485, Martín Tamayo y su mujer, vecinos de Santaella, fueron agredidos en el interior de su casa «una noche a dos horas de la noche»<sup>1</sup>. En 1492, Luis de Córdoba mató con un puñal a un tal Juan, criado de Diego de Úbeda «estando en la puerta de su casa en el barrio de San Pedro a las tres horas de la noche»<sup>2</sup>. En 1494 el jurado Alonso Gómez de Torremilano peticiona ante el juez de residencia de Córdoba porque «estando él solo en su casa fue asaltado a media noche»<sup>3</sup>. En el mismo año, se ordena a Antón de Morales, alguacil de Casa y Corte, prender a Alonso Vaca y consortes, vecinos de Valencia, «que asaltaron de noche la casa de Luis de Guzmán, señor del lugar de Villar,

---

<sup>1</sup> 1485.02.16. Archivo General de Simancas (AGS), Registro General del Sello (RGS), f. 150.

<sup>2</sup> 1492.04.10. AGS, RGS, ff. 62 y 95.

<sup>3</sup> 1494.02.10, AGS, RGS, f. 195.

raptando a su hija»<sup>4</sup>. Varios especialistas en historia de la criminalidad (Córdoba de la Llave, 2007; Bernal Peña, 2011) afirman que las víctimas y los testigos utilizaban el recurso de esgrimir que los hechos delictivos habían tenido lugar durante la noche con la finalidad de aumentar la consideración del delito, asegurar la culpabilidad de la parte acusada y conseguir un incremento de la pena.

La importancia de aumentar la pena en situaciones de delincuencia nocturna aparece esbozada en el *Tractatus de maleficiis* de Alberto da Gandino. En el siglo XIV, el gran jurista italiano ya teorizaba que *omnes poenae maleficiorum commissorum de nocte debeant duplicari* (Gandino, 1598). La noche, como circunstancia agravante, implicaba un aumento de la pena para todos los tipos de delitos (Lacché, 1991; Crouzet-Pavan, 1991). En la historiografía española, Inmaculada Martín Buenadicha y José Antonio Pérez Guillén (1987) han señalado que todavía en el siglo XVI las penas variaban de acuerdo al momento del día en el cual era cometido un delito. En el caso de infracciones nocturnas la pena generalmente se duplicaba y excepcionalmente se triplicaba. A continuación, analizaremos una serie de ordenanzas municipales castellanas del período bajomedieval en donde se expresa con claridad la nueva valoración de la nocturnidad en situaciones conflictivas.

Disponemos de un corpus de fuentes legislativas promulgadas por el Concejo de Pedraza en los siglos XIV y XV; de su análisis se derivan una serie de conclusiones interesantes (Franco Silva, 1998). En 1346 el concejo mandaba a que el dueño de cualquier animal que ingresara en prado ajeno o hiciese daño del mismo, tuviera que pagar al dueño del prado pena doblada si la infracción era nocturna (163). Igualmente, si un hombre o mujer recogía agrás o uvas en viñas ajena durante el día la pena era de veinte maravedís pero si lo hacía tras la puerta del sol, la multa era de cuarenta maravedís. No sólo las penas pecuniarias aumentaban, sino también los castigos físicos y públicos.

Otrosy porque ay algunos hombres e mugeres e moços e menores de  
hedad que andan faziendo daño en las viñas en en las ortaliças en  
las siestas o en la fría de la noche e dizen que no ay quantía de que

<sup>4</sup> 1494.02.15, AGS, RGS, f. 233.

pechar la pena e las mugeres que no an de hedad ni son tornados a la pena, e por tirar esto e porque todas estas cosas sean mejor guardadas ordenamos e ponemos que qualquier que en estas cosas cayere e non oviere quantía para pagarlas e otrosy a los moços que les den a cada vno por cada día diez açotes, e por de noche veynte públicamente por la plaza de la villa (163)

En la villa segoviana de Pedraza de la Sierra, sus ordenanzas de 1500 determinaban que los ladrones de frutas y hortalizas debían pagar una multa de un maravedí si el acto ilícito era cometido durante el día, y dos maravedís si el delito era nocturno (152). Si el robo se realizaba a un corral, los acusados debían pagar cinco maravedís, y si el robo fuera nocturno una multa de diez maravedís. En el municipio malagueño de Tolox, las ordenanzas de la villa establecían «que de noche sea la pena doblada» ante un amplio abanico de contravenciones (17). De las LXVI disposiciones de las cuales se exige cumplimiento, las cláusulas «de noche pague la pena doblada y de noche sea la pena doblada» se repiten en XV disposiciones que se ocupan de aspectos diversos, es decir, un poco más del 22% de las ordenanzas contemplan la nocturnidad como agravante ante determinadas infracciones (17-37). En 1574, en la vecina villa de Monda, el cabildo municipal procede a redactar unas ordenanzas para el buen gobierno de la villa tomando como modelo las ordenanzas de Tolox de 1552. Una vez más, la relación infracción-nocturnidad-aumento de pena se hace presente a lo largo del texto legislativo malagueño.

Tít: 56. Yten que en la dehesa boyal de la dicha villa no pueda andar puercos, cabras, obejas ni otro ganado menudo, so pena que por cada vez que los penaron dentro hasta cuarenta caueças pague de cada una quatro maravedís, y dende allí arriua que se entiende ser manada trescientos marauedía de día y seisçientos de noche aplicados por la horden susodicha (115)

Tít: 75: La manada de ganado menor que se entiende puercos, cabras, obejas y carneros como llegue a çinquenta cabeças pague de pena por cada vez que fuere allado dentro en las uiñas o huertas, panes o sembrados tezieros maravedís de día y seisçientos de noche aplicados a los propios y denunçador por la horden susodicha,

y de allí abaxo por cada cabeça siendo puercos quatro maravedís de día y ocho de noche y de los demás ganados menudos de dos maravedís de día y quatro de noche aplicados según dicho es, y más pague el dueño de tal ganado el danno que hiziere a las partes (119).

La preocupación suscitada por el ingreso de ganado en las viñas durante las horas nocturnas constituye un lugar común en las fuentes municipales. En 1536, las ordenanzas de Santo Domingo de los Silos manifestaban que los dueños de ganados mayores «que entren en las dichas viñas» debían pagar una pena de diez maravedís si el acontecimiento tenía lugar de sol a sol «e beynte de noche por cada cabeça mayor». En caso de puercos, la pena era de cinco maravedís durante el día y el doble a la noche (201). A fin de prevenir el ingreso nocturno de animales en los campos, se manda a que encierren de noche sus ganados mayores y los puercos (203). En la Villa de Rojas, sus ordenanzas de 1525 ordenaban el encierro de los animales durante la noche en varias disposiciones (Robledo, 1981: 291-307).

Capítulo 17: Otrósí ordenamos que quealquiera que dejare alguna cabeza de ganado mayor o menor, así como mulo o mula, buey o vaca, o puerco, o asno fuera de noche, que pague un real de pena, e si a una hora o dos de la noche estuviere fuera sin guara, o que no ande en busca de ello, que pague otros treinta y quatro maravedís.

Capítulo 18: Otrósí ordenamos y tenemos por bien que cualquiera que durmiere de noche con sus ovejas, e no las tuviera en buen corral cerradas a buen recaudo, que pague cien maravedía por cada vez que las hallaren fuera del corral de noche, y si daño hicieron, que le paguen demás de la pena.

Capítulo 51: Otrósú ordenamos e mandamos que todos los vecinos de esta villa de Roxas hayan de tener o tengan sus ovejas en buen corral y cerradas media de la noche, después de tocada la oración, y hallándolas fuera del dicho corral en la vega o testado, los alcaldes, o cada uno de ellos las pueden castigar en cien maravedís por cada vez que las hallaren no cerradas en su corral, o si fueren rebeldes en doscientos maravedís.

Una situación similar encontrábamos en las ordenanzas de la villa de Torrico de Oropesa de 1480 en donde los dueños de ganados que ingresaran en las viñas con frutos debían pagar, en caso de vacunos, «por cada cabeça vn real de día e de noche dos reales». Los dueños de ovejas y cabras «que fueren tomados en las dichas vinnas» con frutos debían pagar de pena por cada cabeza cuatro maravedís y de noche ocho maravedís. Si la infracción tenía lugar cuando la viña estaba sin frutos, la pena de la multa se dividía a la mitad tanto durante el día como durante la noche.

En suma, de nuestro análisis se deriva que la nocturnidad no era el único agravante de la justicia medieval pero si uno de los más importantes; aspecto que los hombres de la Edad Media no sólo no ignoraron sino que además usaron a su favor siempre que se presentó la oportunidad. Los afectados por un delito solían esgrimir que el ilícito había tenido ocasión durante la noche para tratar de aumentar la consideración de la transgresión ante las autoridades judiciales. Esto último garantizaba un incremento de la pena en cualquiera de sus formas: corporales, infamantes y pecuniarias.

## Referencias bibliográficas

### Fuentes primarias

#### Manuscritos inéditos y ediciones anteriores a 1900

Archivo General de Simancas, Registro General del Sello, fols. 62, 95, 150, 195 y 233.

Gandino, Alberto da (1598). *Tractatus de maleficiis*, rubr. *De poenis reorum*, Venetiis.

#### Ediciones modernas:

Alfonso X el Sabio (1974). *Las Siete Partidas*, ed. Facsímil, Madrid: Boletín Oficial del Estado.

Franco Silva, Alfonso (1998). *Estudios sobre ordenanzas municipales (Siglos XIV-XVI)*. Cádiz: Universidad de Cádiz, apéndices documentales.

Garrán, Constantino (2006). *El fuero de Nájera*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.

Robledo, Esteban (1981). «Ordenanzas de la Villa de Rojas (1525)». *Boletín de la Institución Fernán González*, t. 197, pp. 291-307.

Sáez, Emilio (1956). *Colección diplomática de Sepúlveda (1076-1485)*. Segovia: Diputación Provincial.

### Fuentes secundarias:

Bazán, Iñaki (1995). *Delincuencia y criminalidad en el País Vasco en la transición de la Edad Media a la Edad Moderna*. Vitoria-Gasteiz: Departamento de Interior.

Bernal Peña, José (2011). «Golfines y asesinos. Marco legal del delito durante la Edad Media. Detalles de Murcia durante el siglo XIV». *Miscelánea Medieval Murciana*, 35, pp. 27-50.

Borgognoni, Ezequiel (2017). *Nox in urbe. Estudio de la vida nocturna en los reinos hispanos (siglos XIV-XVI)*, tesis de doctorado inédita. Buenos Aires, Universidad Torcuato Di Tella.

Borgognoni, Ezequiel (2014). «El tiempo del delito en las ciudades castellanas a fines de la Edad Media». *En la España Medieval*, 37, pp. 146-223-146.

Cabrera Muñoz, Emilio (1994). «Crimen y castigo en Andalucía durante el siglo XV». *Meridies. Revista de Historia Medieval*, 1, pp. 9-38.

Córdoba de la Llave, Ricardo (2007). *El Homicidio en Andalucía a fines de la Edad Media*. Granada: Universidad de Granada.

Crouzet-Pavan, Elisabeth (1991). «Potere politico e spazie sociale: il controllo della notte a Venezia nel secoli XIII-XV», in Sbriccoli, Mario (ed.). *La Notte. Ordine, sicurezza e disciplinamento in età moderna*. Florencia: Ponte alle Grazie, pp. 46-67.

Ekirch, Roger (2006). *At Day's Close: Night in Times Past*. New York: Norton.

Fouret, Claude (1987). «Douai au XVIe siècle: une sociabilité de l'agression». *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, 34, pp. 3-29.

Hanawalt, Bárbara (1976). «Violent Death in Fourteenth and early Fifteenth-century England». *Journal of Comparative Studies in Society and History*, 18, pp. 297-320.

Koslofsky, Craig (2011). *Evening's Empire. A History of the Night in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lacchè, Luigi (1991). «Locca occulta. Dimensioni notturne e legittima difesa per un paradigma del diritto di punire», in Sbriccoli, Mario (ed.). *La Notte. Ordine, sicurezza e disciplinamento in età moderna*. Florencia: Ponte alle Grazie, pp. 127-140.

Mantini, Silvia (1991). «Notte in città, notte in campagna tra Medioevo ed Età moderna», in Sbriccoli, Mario (ed.). *La Notte. Ordine, sicurezza e disciplinamento in età moderna*. Florencia: Ponte alle Grazie, pp. 30-46.

Martín Buenadicha, Inmaculada y Pérez Guillén, José Antonio (1987). «Estudios sobre las Ordenanzas municipales de Villafranca de Córdoba de 1541». *En la España Medieval*, 10, pp. 221-248.

Mendoza Garrido, Juan Miguel (1999). *Delincuencia y represión en la Castilla bajomedieval: los territorios castellano-manchegos*. Granada: Grupo Editorial Universitario.

Montanos Ferrín, Emma (2008). «El sistema de derecho común en

sede local. Una muestra: el fuero extenso de Sepúlveda». *Anuario da Facultade de Dereito da Universidade da Coruña*, 12, pp. 645-660.

Montanos Ferrín, Emma (2001). «Dies naturales y dies artificiales». *Rivista internazionale di Diritto Comune*, 12, pp. 119-131.

Muchembled, Robert (1991). «La violence et la nuit sous l'Ancien Régime». *Ethnologie française*, nouvelle serie, t. 21, n.º 3, Violence, brutalité, barbarie, pp. 237-242.

Palmer, Bryan (2000). *Cultures of Darkness: Night Travels in the Histories of Transgression [From Medieval to Modern]*. New York: Monthly Review Press.

Sbriccoli, Mario (1991). «Nox quia nocet. I giuristi, l'ordine e la normalizzazione dell'immaginario», in Sbriccoli, Mario (ed.). *La Notte. Ordine, sicurezza e disciplinamento in età moderna*. Florencia: Ponte alle Grazie, pp. 9-23.

Verdon, Jean (2002). *Night in the Middle Ages*. Indiana: University of Notre Dame Press.



# ENTRE LUZ E TREVAS: A IMPORTÂNCIA DA NOITE NA BÍBLIA

Carlos Pereira<sup>1</sup>

Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão  
e Instituto Prometheus

**Resumo:** A noite é um dos temas nevrálgicos da Bíblia, mas não só. As Sagradas Escrituras vão herdar este *topos* de outras literaturas do Mundo Clássico e Pré-Clássico. Em contexto bíblico, a noite apresenta diversas dimensões. No Antigo Testamento, é durante a noite que Samuel escuta três vezes a voz de Deus e os hebreus fogem do Egípto depois de longas jornadas de servidão. Nos textos neo-testamentários, a noite simboliza a Paixão de Cristo, onde Jesus agoniza no Jardim das Oliveiras, momento precedido pela celebração da primeira Eucaristia. Apesar de ser um tema transversal a todo o *Corpus Biblicum*, a noite apresenta diferenças bastante notórias nos textos veterotestamentários e neo-testamentários. O objectivo do nosso estudo é analisar os antagonismos e as simbioses deste *topos* na literatura bíblica.

**Palavras-chaves:** Bíblia; Deus; Jesus; Noite; Trevas.

---

<sup>1</sup> Este trabalho, revisto e melhorado, foi integralmente publicado na Revista *Mátria XXI*, n.º 7, uma edição do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão, em Santarém. O autor agradece, penhorado e profundamente sensibilizado, o convite da Doutora Rosa Fina para publicar este estudo na obra que ora se apresenta. Fica também uma palavra de agradecimento aos Professores Doutores Nuno Simões Rodrigues, José Augusto Ramos e Maria de Fátima Reis pelo apoio e incentivo constantes.

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Frequenta o Mestrado em História, especialidade História Antiga, na mesma instituição. Interesses de investigação: História da Beira Alta, História da Grécia Antiga, História do Cristianismo Primitivo, História da Roma Antiga, História da Alimentação, Arte Clássica e Arte Pré-Clássica. Email: cdgpereira@campus.ul.pt | carlospereira1995@hotmail.com.

**Abstract:** The night is one of vital themes on the Bible, but not only. The Holy Scriptures will inherit this subject of others literatures of Ancient World. In biblical context, the night have several dimensions. In the Old Testament, is at night Samuel hears three times the voice of God and the Hebrews flee Egypt after long days of servitude. In the New Testament, night symbolizes the Passion of Christ, where Jesus suffering at the Olive Garden, moment preceded by the celebration of first Eucharist. Despite being a theme across the Bible, the night presents differences rather notorious in Old and New Testament texts. The aims of this article is to analyze the most important aspects of the night on the Bible.

**Keywords:** Bible; God; Jesus; Night; Darkness.

## Introdução

Ao longo de todo o *Corpus Biblicum*, podemos deparar-nos com alguns passos, onde o *topos* principal é a noite. O binómio 'luz/escuridão' acompanha o enredo de vários versículos veterotestamentários e neo-testamentários. Um desses primeiros momentos ocorre após a criação do mundo, de acordo com os relatos bíblicos. Mas é durante o período nocturno que ocorrem outras peripécias relevantes. A noite apresenta facetas muito distintas: no Antigo Testamento, a noite integra o projecto cosmogónico e Deus passa a assumir um papel providencialista na História. A noite também dá lugar a despertares nocturnos inesperados (como é o caso de Samuel e Jacob), ao êxodo do povo hebreu e ao momento em que os homens tementes a Deus auguram a chegada de um novo dia. No Novo Testamento, a noite marca o fim de uma longa jornada de trabalho e convida os professantes para momentos de contemplação, de oração e de repouso, herdados da tradição rabínica. Mas existem outros acontecimentos: Jesus celebra a primeira Eucaristia de noite, é preso e entregue às autoridades romanas, Pedro e Paulo fogem da prisão e João pressagia a vinda de Jesus, no seu discurso apocalíptico, que inaugura uma nova etapa na História da humanidade, onde não haverá dia nem noite.

Esta opção pelo estudo da noite tem que ver com uma investigação que encetámos no Mestrado em História, especialidade História Antiga,

e vem na linha de pensamento de outros autores. Um dos grandes problemas que enfrentamos na análise destas matérias é a falta de bibliografia especializada. A nossa ideia é lançar alguma pistas de investigação para uma problemática que ainda não suscitou o interesse dos historiadores e que precisa de ser aclarada. Portanto, este estudo será mais um ponto de partida do que um ponto de chegada. Muitas das interpretações que serviram de ponto de partida para o nosso estudo vieram do contributo de Mircea Eliade, um investigador que procurou dar respostas aos grandes dilemas que envolvem os fenómenos religiosos. Na obra *Tratado de História das Religiões*, o autor desenvolve um amplo estudo sobre os diversos símbolos que norteiam o culto dos credos monoteístas e politeístas<sup>2</sup>. Foi a partir desse *topos* que tomámos a iniciativa de analisar um dos signos mais recorrentes na narrativa bíblica: a noite. Frei Herculano Alves foi outro dos exegetas que nos levou a desenvolver um pequeno estudo sobre a importância da noite na Bíblia. Em 2001, deu à estampa uma obra parecida com a investigação levada a cabo por Eliade, que entretanto foi reeditada em 2017, mas com a diferença do campo de análise e das fontes — Herculano Alves estudou 50 símbolos do *Corpus Biblicum*<sup>3</sup>, ao contrário do seu homólogo que trabalhou um conjunto de aspectos e dados peculiares de grande parte das religiões. De qualquer forma, foram dois trabalhos da especialidade muito úteis para a consumação dos nossos propósitos neste estudo. Antes de iniciarmos a nossa análise, e encerrando estes aspectos propedêuticos, impõem-se duas questões fundamentais: É possível encontrar algumas reciprocidades com outros textos do Mundo Antigo? Qual a importância da noite na Bíblia<sup>4</sup>?

---

<sup>2</sup> Veja-se ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Porto, Edições Asa, 1994, pp. 355-372.

<sup>3</sup> Cf. ALVES, Herculano, *50 símbolos na Bíblia*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2017 [ed. original 2001].

<sup>4</sup> Do ponto de vista etimológico, a palavra 'noite' pode assumir diversas conotações. Estando a *Bíblia* inicialmente confinada a um conjunto de territórios muito específicos (Próximo Oriente, Grécia e Roma Antigas), a palavra sofreu alterações no seu significado. Se enveredarmos pelo campo das línguas semitas, o hebraico possui diversas expressões, mas a mais consentânea com o texto bíblico é *láylah* (לַיְלָה). Em latim, a palavra utilizada é *noctem* e no grego antigo *nykta* (νύκτα) ou *nyx* (νύξ).

## A noite no Antigo Testamento

A noite surge em diversos contextos, em tempos e espaços muito díspares no *Corpus Biblicum*. Mas estaremos perante uma temática inovadora? Em bom rigor, esta questão da noite surge em outros textos do Mundo Antigo. Ao longo da *Bíblia*, encontramos diversos relatos que possuem alguma similitude com as demais literaturas da Antiguidade Clássica e Pré-Clássica<sup>5</sup>. Mas as culturas do Próximo Oriente Antigo foram uma charneira para a construção do(s) relato(s) da criação que encontramos na *Bíblia*. Basta analisar as narrativas babilónica, egípcia e suméria e retirar as devidas ilações. No âmbito da nossa proposta teórica, e perante a multiplicidade de referências que é possível perscrutar, houve necessidade de seleccionar os capítulos e versículos mais relevantes para o nosso estudo.

Um dos primeiros textos veterotestamentários que vamos aludir é o relato da história das origens, narrado no *Livro do Génesis*, onde Deus decide criar o mundo e todos os elementos essenciais à vida:

No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. Deus disse: «Faça-se luz.» E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das

---

<sup>5</sup> Não nos cumpre aqui tratar estas matérias, mas aludimos a outras literaturas para contextualizar a dimensão da noite. No caso do Mundo Clássico, existem diversas referências na *Ilíada* e na *Odisseia*. Seguimos a tradução de Frederico Lourenço. Cf., *e.g.*, *Il.* XVIII.267-276 e 315, *Il.* XVI.567-568, *Il.* XXIV.12-18 e *Od.* V.388, XII.285-292 (Ulisses anda à deriva no mar durante dois dias e duas noites). A noite, no Mundo Clássico, tinha uma grande carga simbólica — realizavam-se longas vigílias antes das exéquias, que nunca podiam decorrer depois do pôr-do-sol, mas também se acreditava que a noite era habitada por seres fantasmagóricos ou divindades associadas ao mal. Cf., por todos, a proposta teórica de PRIETO, M. H. Ureña, «Relendo Homero», *Humanitas*, vol. XLVI, 1994, pp. 3-16. No Mundo Pré-Clássico, a noite serviu, *e.g.*, para consumir alguns crimes contra o faraó. Ver ARAÚJO, Luís Manuel de, *Os Grandes Mistérios do Antigo Egipto*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2017, p. 179. Isaías recuperou a imagem dos monstros que habitavam os lugares inóspitos na Babilónia, no momento em que previa o castigo sobre Edom. Cf. *Is* 34, 14: «Até o fantasma Lilit ali habita e encontra o seu repouso». O caso mais paradigmático está em *Mt* 14, 26, onde os apóstolos confundem Jesus com um fantasma e gritam, em uníssono, «É um fantasma!». De todos os autores sinópticos, só em Mateus é que os apóstolos verbalizam o que viram.

trevas. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia<sup>6</sup>.

Que simbolismo terá a noite no relato do *Génesis*? Deus criou a luz para extinguir as trevas e estabelecer uma ordem cósmica, *i.e.*, a passagem do caos primordial ao equilíbrio entre todos os elementos que compõem o universo. Deus instaura o seu poder sobre a Terra, quebrando tudo aquilo que existia antes da criação do mundo. Estas questões levam-nos a pensar como é que Deus e criação do mundo são acontecimentos inscritos na própria História sem que nada os tivesse precedido, ou seja, a concepção do tempo antes do tempo. Para destrinçar esta tese, é preciso recorrer à consciência histórica e convocar todos os recursos que lhe são inerentes. Só esse tempo prévio pode dar dinamismo à História. Neste sentido, e como salientou José Augusto Ramos, o objectivo é enquadrar o acto da criação divina como uma afirmação teológica e é isso que acabamos por encontrar no relato do *Livro do Génesis*<sup>7</sup>.

A *Bíblia* foi beber a outros textos bastante familiares do Próximo Oriente Antigo. A ideia do caos primordial e da desordem possui algumas semelhanças com as literaturas pré-clássicas. Uma das grandes diferenças é que nas culturas circundantes ao mundo bíblico, a criação consumou-se

---

<sup>6</sup> Cf. *Gn* 1, 1-2. Seguimos a tradução da *Bíblia* elaborada por Herculano Alves e José Augusto Ramos. José Nunes Carreira sublinha um aspecto basilar da narrativa bíblica em comparação com outras culturas: a cosmogonia hebraica não convoca a intervenção dos homens, ao contrário de outras literaturas. É uma dádiva de Javé. Javé colmata as lacunas pré-existentes (o abismo primordial) através da criação do céu (firmamento) e da terra. Ver CARREIRA, José Nunes, *Mito, Mundo e Monoteísmo*, Lisboa, Europa-América, 1994, pp. 22-25. O caos regressa com o pecado original (Adão e Eva). Cf. o novo relato da criação em *Gn* 2, 4b-3,24, onde Javé assume características antropomórficas.

<sup>7</sup> Cf. RAMOS, José Augusto, «O tempo antes do tempo», *Cadmo*, 8/9, 1999, pp. 51-53. De acordo com o autor, a consciência histórica é fundamental para compreender as diferentes temporalidades que encontramos no texto bíblico (contexto pré-cósmico e cósmico): «O tempo antes do tempo representa, segundo esta perspectiva, a base e o suporte dos acontecimentos, o paradigma para os comportamentos, o âmago, a essência e o sentido para os projectos; ele é, ainda em última instância, o abrigo para as desilusões que o tempo traz. Voltar a olhar para este tempo das origens é um refluxo regenerador: a sua contemplação estabelece um contacto imediato com as essências», p. 51. Ver, igualmente, a tese de NOLAN, Albert, *Jesus antes do Cristianismo*, Lisboa, Paulus, 2010, pp. 124-129, *passim*.

não num quadro monoteísta (e monolátrico), mas através da participação de vários deuses. O contexto complexifica-se se tivermos em consideração que os deuses recebem os epítetos consoante os aspectos cronológicos e espaciais<sup>8</sup>. De que tipo de fontes estamos a falar? No caso de Babilónia, destaca-se a epopeia da criação de *Atramhasis* e *Enuma Elish/š*. Nos mitos sumérios, os autores realçam a narrativa de *Enki* e *Ninmah*. Para o Egipto faraónico, podemos frisar a importância das cosmogonias heliopolitana e menfita, tendo em conta a heterogeneidade de alegorias e narrativas mitológicas. A proximidade entre as diversas culturas faz com que se aproveitem muitos pormenores de relatos cosmogónicos de outras civilizações. E onde é que entra a noite e a sua simbologia? Analisando cada uma das culturas acima referidas, o relato bíblico vai herdar algumas premissas do Antigo Egipto. A noite e a escuridão personificam-se nos deuses Hu (associado à infinitude), Nun (tempo enevoado) e Kuk (escuridão). Independentemente das leituras de cada narrativa, a noite simboliza a separação entre o caos e a ordem cósmica, ao mesmo tempo que possibilita a interrupção das actividades laborais e a preparação para o novo dia de trabalho<sup>9</sup>.

Há um aspecto sintomático a todos os relatos da criação: a vitória das trevas sobre a luz. O dia é suplantado pela noite, impedindo a passagem dos raios solares. Nas restantes narrativas, os deuses, os homens e a cadeia de acontecimentos que sucedem provêm do caos. Ao invés desta proposta, e regressando ao mundo bíblico, o que encontramos? Javé doma o caos primordial e começa a formar todos os elementos necessários à vida (animais, plantas). No entanto, existe uma questão quase irresoluta

<sup>8</sup> Sobre esta problemática, ver MENDONÇA, José Tolentino, *A leitura infinita — A Bíblia e a sua interpretação*, Lisboa, Paulus, 2015, pp. 74-77. De acordo com o autor, há «reconhecidas afinidades temático-literárias» entre os relatos da criação de outras culturas e o mundo bíblico (p. 74).

<sup>9</sup> É interessante verificar que o estabelecimento de uma completa harmonia entre as forças que compõem o universo seja realçada no hino formulado pelo autor do *Livro do Eclesiastes*. Cf. *Ecl* 3, 1-8. Cfr. as teses de RAMOS, J. A., *ob. cit.*, pp. 54-55 e CARREIRA, J. N., *Filosofia antes dos Gregos*, Lisboa, Europa-América, 1994, pp. 60-71, onde o autor destaca a relação dos hebreus com o tempo e a criação do mundo. Estas propostas são retomadas na obra *Lendas e Narrativas do Antigo Testamento*, Lisboa, Colibri, 2015, pp. 101-130. Para o Egipto, ver, por todos, ARAÚJO, Luís Manuel de, *ob. cit.*, pp. 75-80.

e, portanto, urge perguntar: quem criou a desordem pré-existencial? A *cosmogonia* (origem do mundo) precede a *teogonia* (origem de deus) ou vice-versa? Não existe uma resposta credível, mas o único aspecto que interessa para a nossa análise é o facto de a noite assegurar o intercâmbio entre as diversas horas do dia<sup>10</sup>.

As cosmogonias destacam a introdução de elementos astronómicos adjuvantes: as estrelas e a Lua<sup>11</sup>. A Lua, como satélite natural, e as estrelas, como corpos celestes com luz própria, aliviarão o temor dos homens durante a noite<sup>12</sup>. Para Catherine Chalié, «la lumière suscite presque toujours la vie, la confiance et la joie; les ténèbres l'incertitude, la tristesse et l'angoisse»<sup>13</sup>. O dia e a noite mantêm um vínculo inquebrável. Mas, como é evidente, o homem tinha uma preferência inequívoca pelo dia. O amanhecer era um sinal de esperança e de júbilo, como destaca o Salmo 119 (*Sl* 119, 147): «Levantei-me cedo no crepúsculo matutino». Vejamos o outro relato do *Livro do Génesis* (cf. *Gn* 1, 14-19): «Deus disse: haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite. Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia [Sol], e o menor

<sup>10</sup> Cf. CHALIER, Catherine, *Le jour et la nuit au diapason de la création*, Paris, Seuil, 2009, pp. 30-33. Para os hebreus, a sequência cronológica era assegurada pelo pôr-do-sol. Não deixa de ser paradoxal o facto de Deus aproveitar as trevas, um elemento pré-cósmico, para a nova ordem universal, *i.e.*, a noite.

<sup>11</sup> Ver GIRARD, Marc, *Les symboles dans la Bible, essai de théologie biblique enracinée dans la expérience humaine universelle*, Paris, Éditions Fides, 1991, pp. 130-133 e pp. 189-191.

<sup>12</sup> Como se pode verificar, a criação destes elementos astronómicos tem uma missão específica: manter a ordem cósmica e cronológica, mas não só. Depois de firmada a aliança entre Javé e o seu povo, o tempo é fundamental para calendarizar as festas religiosas. Esta tese também é partilhada por COLUNGA, Alberto, «I — Pentateuco» in *Idem* e CORDERO, Maximiliano Garcia, *Biblia comentada*, Madrid, Editorial BAC, 2010, p. 55. Valerá a pena referir que a Lua e o Sol eram cultuados em outros territórios do Próximo Oriente Antigo. Alguns investigadores encontram certas peculiaridades das festas judaicas no contexto da religiosidade grega, nomeadamente entre Dioniso e Javé, e onde se ressalva, mais uma vez, a carga simbólica da noite. Estaremos perante um fenómeno de sincretismo religioso? Sobre esta problemática, cf., CORRENTE, Paola, «Cuestiones dionisiacas» in BERNABÉ, A., SAN CRISTÓBAL, Ana Isabel J. e SANTAMARÍA, Marco Antonio, *Dioniso, Los orígenes, Textos y imágenes de lo dionisiaco en la Grecia Antigua*, Madrid, Liceus Antigua, 2013, pp. 495-505, especialmente pp. 497-498.

<sup>13</sup> Cf. CHALIER, Catherine, *ob. cit.*, p. 50.

para presidir à noite [Lua]; fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a Terra, para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas»<sup>14</sup>.

Além do acto da criação, a noite também é fundamental para estreitar relações entre a entidade divina e o professante. Um desses exemplos pode ser testemunhado no encontro de Javé com Samuel e Jacob. Em ambos os casos, a transmissão das mensagens ou profecias ocorre num momento particular do repouso nocturno: os sonhos. Começemos pela experiência de Jacob. Jacob fez uma longa viagem entre Bercheba e Haran<sup>15</sup>. A determinada altura, sentiu necessidade de descansar. A meio do sono, Deus apareceu junto de Jacob e apoiou-se na parte dianteira de uma escada misteriosa onde ele pernoitava, ao mesmo tempo que os mensageiros divinos deambulavam pelo espaço, subindo e descendo a escada. Qual o significado desta visita inesperada? Vejamos as peculiaridades do relato bíblico para compreender a importância do sonho e decifrar a sua simbologia:

Jacob saiu de Bercheba e tomou o caminho de Haran. Chegou a determinado sítio e resolveu ali passar a noite, porque o sol já se tinha posto. Serviu-se de uma das pedras do lugar como travesseiro e deitou-se. Teve um sonho: viu uma escada, apoiada na terra, cuja extremidade tocava no céu; e ao longo desta escada subiam e desciam mensageiros de Deus. Por cima dele, estava o SENHOR [sic], que lhe disse: «Eu sou o SENHOR [sic], o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaac. Esta terra, na qual te deitaste, dar-ta-ei, assim como à tua posteridade. Estou contigo e proteger-te-ei para onde quer que vás e reconduzir-te-ei a esta terra». Despertando do sono, Jacob exclamou: «O SENHOR [sic] está realmente neste lugar e eu não sabia»<sup>16</sup>.

O sonho é o meio, por excelência, através do qual Javé comunica com os professantes. A chegada de Javé e da corte angelical pressagia aquilo

<sup>14</sup> Jesus retoma o relato da criação do mundo no *Lógion 50*. Cf. RAMOS, José Augusto, *O Evangelho segundo Tomé*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992, p. 64.

<sup>15</sup> Bercheba era uma importante cidade do sul de Israel. Haran ficava situada na Alta Mesopotâmia.

<sup>16</sup> Cf. *Gn 28*, 10-13.15.16. Sobre a interpretação do capítulo, cf. COLUNGA, A., *ob. cit.*, pp. 265-268.

que será o futuro de Jacob. Neste caso, Jacob recebe uma visita de Javé para confirmar as promessas feitas ao seu pai, Isaac. Veremos um exemplo semelhante a este em Samuel. Mas o que tem de especial o sonho de Jacob? Se compararmos com outros momentos em que Javé procura interagir com aqueles que o temem, encontramos aqui uma novidade, tal como no episódio de Samuel. Jacob consegue decifrar o conteúdo do sonho. Quando, por exemplo, José chegar à corte egípcia, o faraó irá solicitar a sua ajuda como intérprete de sonhos<sup>17</sup>. E por que motivo? Porque os povos do Mundo Antigo davam muita importância às questões esotéricas/místicas, daí o recurso a adivinhos. O poder de decodificar o conteúdo dos sonhos e a alusão à misteriosa escada atestam a presença de Javé no mundo terreno. Esta aparição nocturna ressalva a vontade de Javé querer manter os seus professantes em segurança, mesmo durante a noite. Deus quer dar a conhecer-se através dos sonhos (dimensão onírica). Tendo em conta os episódios de Jacob e Samuel, a par de outros existentes na *Bíblia*, este modelo de revelação divina dará azo a outras narrativas, nomeadamente o *Livro de Daniel* e a visão apocalíptica (*Dn 7, 26-28*). O episódio de Samuel assume outros contornos. O texto fala-nos de uma aparição divina, mas refere que Javé é muito residual nas suas intervenções. No entanto, Jacob e Samuel, assim como outros protagonistas veterotestamentários, parecem ser excepções à regra. O estilo de vida adoptado e o temor perante a entidade divina levam Javé a incumbi-los de uma missão específica: manter viva a fé e as actividades culturais. Desta forma, Samuel é eleito profeta de Javé:

O SENHOR [sic] chamou Samuel. Ele respondeu: «Eis-me aqui.» Samuel correu para junto de Eli e disse-lhe: «Aqui estou, pois me chamaste.» Disse-lhe Eli: «Não te chamei, meu filho; volta a deitar-te.» O SENHOR [sic] chamou de novo Samuel. Este levantou-se e veio dizer a Eli: «Aqui estou, pois me chamaste.» Eli respondeu: «Não te chamei, meu filho; volta a deitar-te.» Samuel ainda não conhecia bem o SENHOR [sic], pois até então nunca se lhe tinha manifestado a Palavra do SENHOR [sic]. Pela terceira vez, o SENHOR [sic] chamou Samuel, que se levantou e foi ter com Eli: «Aqui estou, pois me chamaste.» Compreendeu Eli que era o Senhor

---

<sup>17</sup> Cf. *Gn 40, 1-22* e *41, 1-57*.

quem chamava o menino e disse a Samuel: «Vai e volta a deitar-te. Se fores chamado outra vez, responde: “Fala, SENHOR [sic]; o teu servo escuta!”» Voltou Samuel e deitou-se. Veio o SENHOR [sic], pôs-se junto dele e chamou-o, como das outras vezes: «Samuel! Samuel!» E Samuel respondeu: «Fala, SENHOR [sic], o teu servo escuta!» Samuel ficou acordado até de manhã e abriu as portas da casa do SENHOR [sic]<sup>18</sup>.

O texto de Samuel é muito interessante. Para além do carácter simbólico que a noite apresenta (tal como Jacob), é introduzido um *topos* inovador: a numerologia. Javé interpela três vezes Samuel, mas Samuel confunde a voz de Javé com Eli. Samuel é visto por Javé como um exemplo para combater a iniquidade da casa de Eli e despoletar o movimento profético<sup>19</sup>. Samuel começa a construir a sua vocação: obedecer e servir Javé de coração puro<sup>20</sup>. A noite volta a ser um importante canal de comunicação entre Deus e o crente. O facto de estar a descansar no templo também é relevante. Samuel quer manter alguma proximidade com Javé e a noite parece ser um bom pretexto para robustecer o vínculo com a entidade divina<sup>21</sup>. Os povos do Mundo Antigo temiam o poder da noite. A noite era enigmática e a escuridão aumentava mais o temor. O autor do

<sup>18</sup> Cf. 1 Sm 3, 4-10.15.

<sup>19</sup> Saul também apresentará esta faceta de profeta. Sobre o assunto, ver RODRIGUES, Nuno Simões, *O Rei Saul segundo Flávio Josefo*, Lisboa, Colibri, 2000, pp. 214-217.

<sup>20</sup> Podemos encontrar uma atitude muito semelhante em Saul, outro personagem relevante. Cf. TALLEY, Lauren, *Songs in the night*, Florida, Xulon Press, 2010, pp. 28-29, RODRIGUES, N. S., «Saul Rei: herói trágico na historiografia de Israel», *Cadmo*, n.º 6/7, 1997, pp. 89-122 e ESLER, Philip, «The madness of Saul: a cultural reading of 1 Samuel 8-31» in EXUM, Cheryl J., e MORE, Stephen D., *Biblical studies/cultural studies: The Third Sheffield Colloquium*, Sheffield, SUP, 1998, pp. 220-262.

<sup>21</sup> O Salmo 133 (134) realça essa reciprocidade. Cf. Sl 133 (134), 1-3: «Bendizei o SENHOR [sic], todos os servos do SENHOR [sic], que estais no templo do SENHOR [sic] durante as horas da noite». Também é possível fazer uma analogia com o Sl 119, onde se pode ler: «Meus olhos antecipam-se às vigílias da noite para meditar na Vossa promessa». Sobre a importância deste salmo e as suas repercussões nas comunidades cristãs primitivas, ver BONHOEFFER, Dietrich, *De la vie communautaire et le livre de prières de la Bible suivis de le Christ dans les psaumes, méditation sur le psaume 119*, São Paulo, Loyola, 2007. A noite põe fim às ameaças dos inimigos. Cf. RIEDE, P., «Metaphorik in den Feindpsalmen» in HECKE, P., *Metaphor in the Hebrew Bible*, Leuven, Peeters Publishers, 2005, pp. 27-29.

*Livro dos Provérbios* corrobora esta tese: «Era crepúsculo, o entardecer do dia, chegavam as sombras da noite, crescia a escuridão» (*Pr* 7, 9). No mundo contemporâneo, a história de Samuel chegou a extravasar o campo dos estudos bíblicos e serviu de mote para alguns autores redigirem certas obras, onde o personagem veterotestamentário é o protagonista do enredo<sup>22</sup>. Apesar de a noite ser um espaço propício às guerras, aos momentos de angústia e insegurança, Deus está em permanente estado de vigília e acima de todas as leis<sup>23</sup>. Não é possível perceber a importância da noite na Bíblia sem analisar, ainda que de forma sucinta, os aspectos atinentes à concepção do tempo. Do ponto de vista bíblico, o tempo apresenta facetas muito distintas: existe o tempo do homem e o tempo de Deus. No Antigo Testamento, as festas do povo hebreu em honra de Javé não só permitiam a contagem do tempo, como levaram à elaboração de um calendário litúrgico onde constava a data de todos os actos solenes para aquele ano. A noite intermedeia as diferentes horas do dia e dá primazia aos momentos de contemplação e repouso<sup>24</sup>. Mas este descanso nocturno não deve distrair o homem — a qualquer momento, Deus pode intervir. Deus fala na quietude da noite aos seus profetas para garantir que as suas prédicas são escutadas. Como se pode comprovar em todo o *Corpus Biblicum*, raramente encontramos aparições divinas durante o dia. Deus opta pelos ambientes nocturnos. A vinda iminente de Deus leva os hebreus e os primeiros cristãos a conceber uma dimensão providencialista da História. A ideia de progresso era praticamente inexistente<sup>25</sup>.

Queríamos referir como último exemplo para o Antigo Testamento o relato da saída do Egito. Moisés e Aarão recebem as instruções de Javé para prepararem o sacrifício da Páscoa (פסח, *Pessach*) do Senhor, que livraria o povo da ira divina. Deus destruiria todas as casas dos primogénitos da terra do Egito. Que importância terá a noite neste

<sup>22</sup> Dentro das diversas categorias literárias, destacamos o conto infantil do casal John e Kim Walton, que narra a história de Samuel com recurso a ilustrações. Ver WALTON, John e Kim, *Samuel and the voice of the night*, Nova Iorque, Chariot Books, 1987.

<sup>23</sup> Cf. SCHWANKL, Otto, «Noche» in KASPER, Walter (dir.), *Diccionario de exegesis y teología bíblica*, Barcelona, Herder, 2011, p. 1146.

<sup>24</sup> Em *Sl* 63, 6, o salmista realça a importância da oração durante a noite: «Quando me deito, lembro-me de Ti, penso em ti durante as vigílias da noite (לַיָּמֹתַי - *bašmurōwaj*)».

<sup>25</sup> Cf. ALVES, Herculano, *ob. cit.*, pp. 511-512.

contexto? Atentemos no relato do *Êxodo*:

E aconteceu que, no meio da noite, o SENHOR [sic] feriu todos os primogénitos na terra do Egipto, desde o primogénito do faraó, que havia de sentar-se no seu trono, até ao primogénito do prisioneiro, que está na prisão, e todos os primogénitos dos animais. Ele chamou Moisés e Aarão durante a noite e disse: «Levantai-vos e sai do meio do meu povo, vós e também os filhos de Israel, e ide servir o SENHOR [sic]»<sup>26</sup>.

Esta noite ficou marcada por um banho de sangue e destruição dos inimigos. Deus destrói os prevaricadores e assume uma posição vingativa, porque o faraó [Ramsés II] não acatou as suas ordens. Neste sentido, a noite apresenta-se como uma etapa em que os diferentes poderes se digladiam. Na tentativa de retaliar o esforço dos israelitas, os egípcios prosseguiram as investidas. O grande combate entre os dois povos teve o seu epicentro no Mar Vermelho. Vejamos o que diz o relato bíblico sobre a passagem do Mar Vermelho e a destruição do exército egípcio:

Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor fustigou o mar com um impetuoso vento do oriente, que soprou durante toda a *noite* (לַיְלִיָּה). Secou o mar e as águas dividiram-se. Os filhos de Israel desceram a pé enxuto para o meio do mar e as águas formavam como que uma muralha à direita e à esquerda deles. Os egípcios perseguiram-nos e todos os cavalos do Faraó [sic] e os seus carros e os seus cavaleiros entraram no leito do mar com o objectivo de os alcançar. Na *vigília da manhã*, o Senhor olhou da coluna de fogo e da nuvem para o campo dos egípcios<sup>27</sup>.

Javé não escolheu a noite ao acaso. Os israelitas fizeram o itinerário sob a supervisão do seu Deus e os egípcios, dada a falta de visibilidade, tiveram de se render. Para o povo de Deus, a noite possui uma dimensão escatológica e soteriológica<sup>28</sup>. Mas a noite também era propícia ao pecado. Aproveitava-se a quietude e a aparente tranquilidade do período

<sup>26</sup> Cf. *Ex* 12, 29-31. Ver SCHAWANKL, Otto, *ob. cit.*, p. 1147.

<sup>27</sup> Cf. *Ex* 14, 21-24, sublinhado nosso. Todo o enredo ocorreu durante a noite. Ao despontar do dia, na vigília da manhã, Javé dá o ponto de partida para a última etapa da batalha: a debandada dos egípcios.

<sup>28</sup> Ver PIKAZA, Xavier, *Diccionario de la Biblia*, Barcelona, Herder, 2007, pp. 698-699.

nocturno para cometer algumas transgressões. Era durante a noite que as mulheres se dedicavam à prostituição e viviam das voluptuosidades. No Antigo Testamento, Job lamenta a atitude das deladoras que não olham para a vontade de Deus, mas sim para a sua satisfação sexual: «Os olhos do adúltero ficam à espera do cair da noite; Este diz consigo: Ninguém me reconhecerá» (*Jb* 24, 15). Em *Pr* 7, 10, o autor traça o curto itinerário da mulher: «E eis que a mulher se sai ao encontro, com veste de prostituta e cheia de astúcia na alma». A ira divina também se estende a todos os que não caminham nas sendas de Deus ou distorcem a sua palavra. Aqueles que não seguem os preceitos de Deus, difundem uma mensagem falaciosa e não atinam nos seus caminhos estão na escuridão perene, conforme realça o profeta Miqueias (*Miq* 3, 6): «Por isso, em lugar da visão tereis a noite, e trevas em vez de revelações. Pôr-se-á o sol para estes profetas, para eles se obscurecerá o dia».

## A simbologia da noite no Novo Testamento

Se no Antigo Testamento as inúmeras referências à noite têm que ver com aparições, sonhos, intervenções divinas e visões<sup>29</sup>, quando analisamos esta temática nos textos neo-testamentários encontramos algumas alterações. Estas mudanças têm que ver com a nova concepção do tempo. Como viemos a observar, a palavra 'hora' aparece residualmente na Bíblia. Por que motivo? Em primeiro lugar, e aproveitando as considerações sobre o tempo na tradição hebraica, não havia uma contagem cronológica, *i.e.*, em horas. As 'horas' e as 'vigílias' reportavam-se às várias etapas do dia e não a um cômputo/a um contagem precisa/objectiva<sup>30</sup>. Neste sentido,

<sup>29</sup> Ver HOM, Margret, «Noche» in GRABNER-HAIDER, Anton, *Vocabulario práctico de la Biblia*, Barcelona, Herder, 1975, cols. 1066-1067.

<sup>30</sup> Como referimos na nota 10, *cf.*, *supra*, os povos do Mundo Antigo, nomeadamente os hebreus, a contagem das horas era feita com o auxílio dos elementos astronómicos: o pôr-do-sol e as fases da Lua. Apesar de o termo 'hora' não se referir a um tempo específico, salvo o exemplo de Jesus, os professantes integraram esta referência no calendário judaico. O tempo de 12 horas continha três horas principais divididas em quatro horas — a hora primeira (6 horas), terceira (9 horas), sexta (12 horas) e nona (15 horas). Após as 18 horas seguiam-se a denominadas 'vigílias' (φύλακῆ). Esta palavra também surge no Antigo Testamento, ainda que de forma residual. *Cf.*, *e.g.*, *Ex* 14, 24, 1, *Sm* 11, 11. Sob

valerá a pena distinguir o 'tempo de Jesus' e o 'tempo cronológico', este último dentro dos moldes do que conhecemos na actualidade. A passagem de Jesus pela Terra era efémera. No entanto, era necessário cumprir o que estava previamente determinado e, por isso, Jesus lembra, em *Jo* 2, 4, que o tempo dele ainda não tinha chegado: «Ainda não chegou a minha hora» (οὐπω ἦκει ἡ ὥρα μου). A palavra que Jesus empregou tinha uma conotação muito específica: a morte e ressurreição. Desta forma, quando Jesus fala em ὥρα, a acepção da palavra, em linguagem figurada, reporta-se a um tempo concreto, ao limite, ao tempo específico para atingir um objectivo. A noite, no Novo Testamento, é um momento crucial para orar, reatar contactos com alguém depois de algum diferendo e aguardar a ressurreição de Cristo. Neste sentido, a noite simboliza a passagem da morte para a vida, *i.e.*, das trevas para a luz perene<sup>31</sup>.

Se analisarmos todo o enredo do Novo Testamento, reparamos que Jesus escolhe o dia para fazer a sua pregação e durante a noite priva com os apóstolos<sup>32</sup>. Mas existem outros aspectos que valerá a pena destacar. A noite foi o tempo ideal para consumir as fugas da prisão. Um dos casos mais paradigmáticos envolve o apóstolo Paulo. Em *Act* 9, 25, ficamos a saber que Paulo fugiu da penitenciária através de um cesto: «Então, os seus discípulos, tomando-o de noite, fizeram-no descer pela muralha abaixo, dentro de um cesto (σπυρίδι)»<sup>33</sup>. O outro episódio que

a alçada do domínio romano, os judeus adoptaram o modelo greco-romano. Jesus faz uma síntese desse arquétipo em *Mc* 13, 35: «Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde (ὄψῃ), se à meia-noite (μεσονύκτιον), se ao cantar do galo (ἀλεκτοροφωνίας), se pela manhã (πρωῖ)». Jesus insiste na ideia da vigilância permanente.

<sup>31</sup> João descreve muito bem a relação entre o binómio 'luz/escuridão' (*Jo* 1, 4): «E a luz brilha na escuridão, e a escuridão não dominou a luz». Cf. a tradução de Frederico Lourenço, *Bíblia*, Novo Testamento — Os Quatro Evangelhos, vol. I, Lisboa, Quetzal, 2016.

<sup>32</sup> No episódio em que Jesus caminha sobre as águas, *Mateus* (*Mt* 14, 25) dá-nos a indicação de que o acontecimento ocorreu de noite, na quarta vigília, ou seja, entre as 3 e as 6 horas.

<sup>33</sup> Paulo relembra esta peripécia em *2 Cor* 11, 32-33: «Em Damasco, o etnarca do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos para me prender, mas através de uma janela num cesto fui descido através da muralha e escapei das mãos dele». No relato dos *Actos*, Paulo foge dos judeus e não do rei nabateu.

merece alguma relevância envolve Pedro. O apóstolo foi detido pelos guardas de Herodes por altura da Festa dos Pães Ázimos. A meio do sono, Pedro recebe a visita de um anjo que lhe quebra as correntes das mãos (ἐξέπεσαν αὐτοῦ αἱ ἀλύσεις ἐκ τῶν χειρῶν). Insurgido com toda a situação, Herodes mandou matar os guardas que deixaram escapar Pedro<sup>34</sup>. Encontramos diversos episódios, sobretudo nos *Actos*, em que os apóstolos são detidos por, alegadamente, estarem a apregoar heresias. Um dos episódios mais peculiares surge em *Act* 4, 3. As autoridades prendem Pedro e João e ficamos a saber que a detenção ocorreu antes do anoitecer. O texto diz-nos que «já era tarde» (ἦν γὰρ ἐσπέρα ἡδῆ). Para Craig S. Keener, esta opção por julgar Pedro e João no dia seguinte tem que ver com as prescrições judaicas. De acordo com a Lei, os julgamentos nocturnos eram ilegais. Era preciso esperar pelo alvorecer, porque a medida de coação só fazia efeito a partir da leitura da sentença<sup>35</sup>. Pedro deserta durante a noite, depois de receber instruções de um anjo<sup>36</sup>. É interessante verificar que Paulo também receberá a visita de um anjo. Em ambos os casos, a fuga da prisão<sup>37</sup> é antecedida por uma visão de Deus<sup>38</sup>. Portanto, este espaço nocturno serve para Deus libertar os seus apóstolos das garras do inimigo e permitir que o processo de evangelização dos povos continue sem quaisquer entraves.

Paulo foi conduzido pelos centuriões de Jerusalém para Cesareia durante a noite, conforme comprova a declaração do tribuno: «Tendes a postos, desde a terceira hora da noite [ou seja, cerca das 21 horas], duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros para irem a Cesareia» (*Act* 23, 23). Aproveitando o contributo de Keener, ficamos a saber que esta opção de levar um contingente militar tão robustecido e apetrechado de manancial bélico deve-se à insegurança da rede viária. Os ladrões escondiam-se nas encostas das colinas da Judeia e aguardavam pela pas-

<sup>34</sup> Esta miraculosa fuga nocturna é relatada em *Act* 12, 6-9.

<sup>35</sup> Valerá a pena lembrar que antes de serem detidos, os apóstolos tinham ido rezar ao Templo — «Pedro e João subiram ao Templo para a oração da hora nona» (*Act* 3,1). Sobre o assunto, cf. KEENER, Craig S., *Comentario del contexto cultural de la Biblia — Nuevo Testamento*, Texas, Mundo Hispano, 2005, p. 330.

<sup>36</sup> Cf. *Act* 5, 17-21.

<sup>37</sup> Cf. *Act* 16, 25-38.

<sup>38</sup> Cf. *Act* 16, 9. Cf. *Act* 23, 13, onde o Senhor [sic] dá alento a Paulo.

sagem dos caminhanes. Cesareia ficava a 96 km de distância e ao fazerem uma marcha prolongada evitavam uma emboscada dos larápios<sup>39</sup>. No entanto, não foram apenas as prisões inusitadas que provocaram altos e baixos no projecto missionário dos apóstolos. Neste sentido, podemos mencionar alguns contratemplos das viagens, como por exemplo os naufrágios. De acordo com o relato dos *Actos dos Apóstolos*, somos informados de que Paulo passou uma noite em alto-mar devido à forte ondulação. Mas Paulo foi advertido por um anjo sobre tudo o que se iria suceder: «Apareceu-me esta noite, vindo de Deus (a quem pertença e sirvo), um anjo, dizendo: “Não tenhas medo, Paulo: diante de César é preciso que te presentes. Por isso, animai-vos, ó homens. Confio em Deus que tudo será da maneira como me foi dito”» (*Act 27, 23-24*). Se prestarmos atenção à narrativa do apóstolo, conseguimos perceber facilmente que só Paulo é que recebeu a visita de um anjo. Os restantes elementos que estavam na embarcação não se aperceberam desta aparição nocturna. Independentemente de todas as contrariedades, o apóstolo chegaria são e salvo a Roma (Paulo tinha apelado a César, como se previa no Direito Romano). O autor dos *Actos* prossegue a narrativa (*Act 27, 27*): «Na décima quarta noite (τεσσαρεσκαιδεκάτη νύξ), andando nós à deriva no Adriático, a meio da noite (μέσον τῆς νυκτός) os marinheiros desconfiaram que se aproximava deles uma terra». Paulo e os companheiros tinham chegado a Malta (Μελίτη), de acordo com *Act 28, 1*<sup>40</sup>.

A noite acompanhará a vida de Paulo em outros contextos. Na primeira missiva endereçada à comunidade dos tessalonicenses, o apóstolo faz uma reflexão, em linguagem figurada, mas com algumas antíteses, sobre a importância da noite (1 Ts, 5, 4-5): «Na verdade, todos vós sois filhos da luz e filhos do dia. Não somos nem da noite, nem das trevas.

<sup>39</sup> Cf. KEENER, Craig S., *ob. cit.*, p. 393.

<sup>40</sup> Na 2.<sup>a</sup> Carta aos Coríntios (2 Cor 11, 25), Paulo recorre à analepse para relembrar estes acontecimentos: «Três vezes naufraguei, e passei no abismo [alto-mar] uma noite e um dia (νυχθήμερον)». A história de Paulo faz-nos lembrar as peripécias que Ulisses vivenciou durante uma viagem marítima (Ulisses andou à deriva no mar durante duas noites e dois dias). Cf., supra, nota 5 e respectiva fonte. Como salientou Tuya, os navegadores procuravam chegar ao local de desembarque antes do anoitecer. Acreditava-se que, durante a noite, o mar era habitado por seres maléficos. Cf. TUYA, Manuel de, *ob. cit.*, p. 219 e nota 5.

Não durmamos, pois, como os outros, mas vigiemos». Paulo apela ao estado de vigília, mas aventa a ideia de que a noite não deve ser aproveitada para a vida boémia/libertina. A noite foi concebida para os professantes repousarem e aguardarem a chegada do novo dia de trabalho. Os cristãos devem aguardar a vinda do Senhor (*Parusia*), tal como um homem tem que guardar a sua casa para impedir a chegada do ladrão<sup>41</sup>. Jesus também utilizará a imagem do larápio (κλέπτης) para apelar ao estado de vigilância duradoura e livre de quaisquer distrações mundanas:

Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. Sede semelhantes aos homens que esperam o seu Senhor, ao voltar do noivado, a fim de lhe abrirem a porta., assim que chegar e bater. Felizes aqueles servos que o senhor, quando vier, encontrar vigilantes. Em verdade vos digo: Cingir-se-á, mandará que se ponham à mesa e servi-los-á. E se vier a na segunda ou na terceira vigília e assim os encontrar, felizes serão eles. Ficai a sabê-lo bem: Se o dono da casa soubesse a que hora viria o ladrão, não teria deixado arrombar a sua casa<sup>42</sup>.

Ao falar de precaução durante a ausência do dono da casa, Jesus utiliza, novamente, expressões cronológicas: segunda e terceira vigílias (δευτέρα κὰν ἐν τῇ τρίτῃ φυλακῇ). Mas Paulo disserta sobre este *topos* em outros contextos da sua epistolografia. Na missiva endereçada aos cristãos de Roma, o apóstolo realça a fugacidade da noite e exorta à comunidade para que não se deixe intimidar pelos desejos proporcionados pela noite: o dia do Senhor está quase a chegar: «A noite (νύξ) vai passando e chegando ao seu final; o dia logo alvorecerá. Portanto, abandonemos as obras das trevas e revistamo-nos da armadura da luz»

<sup>41</sup> Ver FEUILLET, René, e, LÉON-DUFOUR Xavier, «Noite» in MCKENZIE, John, S.J., *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulus, 1983, col. 648. À semelhança de Paulo, Pedro também utiliza esta imagem simbólica do assaltante para se referir ao demónio, o autor do mal. Cf. 1 *Pe*, 5 8-9a: «Sede sóbrios e estais vigilantes: o vosso, o demónio, anda à vossa volta, como leão que ruga, procurando a quem devorar. Resisti-lhe firmes na fé». De resto, encontramos uma advertência semelhante em *Mt* 24, 42-44. Pedro utiliza a mesma ideia para dois momentos distintos — aquele que lemos em 1 *Pe*, 5-9a e em 2 *Pe* 3, 10: «Porém, o Dia do Senhor [sic] virá como um ladrão».

<sup>42</sup> Cf. *Lc* 12, 35-39. Mais uma vez, Jesus recorre a uma metáfora (rins/lâmpadas) para explicar a sua mensagem.

(*Rom* 13, 12). Paulo diz que é necessário despertar do sono (*Rom* 13, 11) [ἐξ ὕπνου ἐγερθῆναι]. Em *Ef* 5, 11, Paulo lança novamente o repto: «Não vos associeis às obras infrutíferas das trevas (σκοτότους)». A melhor forma de colmatar esta lacuna é através da oração. Por isso é que, à semelhança do que encontramos nos textos veterotestamentários, os professantes do judeo-cristianismo valorizavam os momentos de oração<sup>43</sup>. Para concretizar esses momentos de comunhão com a entidade divina escolhe-se a noite<sup>44</sup>. Mas não era fácil resistir às tentações que o ambiente nocturno propiciava: preguiça, sonolência, entre outros aspectos.

Judas foi traído pelo poder da noite, uma noite em que as trevas tomaram conta de Jesus<sup>45</sup>. Sem querer entrar em pormenores nas questões atinentes ao julgamento de Jesus, urge esclarecer algumas problemáticas. A condenação foi ilegal. De acordo com a tradição judaica, não podia haver nenhuma audiência nocturna, os casos eram sentenciados à luz do dia e na presença de pelo menos duas testemunhas. Os juízes e os magistrados deviam ser pessoas idóneas e imparciais, não podendo fazer acepção de pessoas<sup>46</sup>. Não se escolheu esta ocasião por acaso. Jesus foi preso durante a noite para que se evitasse qualquer rebelião.

<sup>43</sup> Cf. KEENER, Craig S., *ob. cit.*, pp. 587-588. «Los creyentes en Cristo eran gente del día del Señor», p. 587.

<sup>44</sup> Tanto cristãos como judeus atribuem alguma primazia às orações nocturnas. Era na quietude da noite que se podiam fazer as preces a Deus, ao contrário da azáfama do dia onde esses espaços de contemplação eram residuais. Existe uma certa preferência pelos ambientes noctívagos para realizar algumas actividades culturais. Cf., *e.g.*, *SI* 133 (134), onde se destacam os ofícios laudatórios dos religiosos que estavam no templo do Senhor durante a noite, e *Act* 16, 25: «Por volta da meia-noite, Paulo e Silas, rezando, cantavam hinos a Deus». Apesar de desconhecermos as convicções religiosas da audiência, o autor de *Actos* realça o interesse dos penitenciários: «Os presos escutavam-nos» (*ibidem*). Seguimos a tradução de Frederico Lourenço. Cf. Frederico Lourenço, *Bíblia*, Novo Testamento — Apóstolos, Epístolas e Apocalipse, vol. II, Lisboa, Quetzal, 2017. A noite era uma incógnita. Para suprir esses sentimentos de insegurança e mal-estar, os professantes faziam longas vigílias, cantando hinos de louvor a Deus. Ainda hoje se mantém esta tradição com cânone da *Liturgia das Horas*.

<sup>45</sup> Cf. MENDONÇA, José Tolentino, *Nenhum caminho será longo — Para uma teologia da amizade*, Lisboa, Paulus, 2017, pp. 208-209. Judas não podia fugir ao destino premeditado por Deus.

<sup>46</sup> Estas normas estavam previstas no Deuterónimo. Cf. *Dt* 16, 18-20 e *Dt* 19, 15-17.19-20.

Nos momentos que antecederam a detenção, Jesus pediu a oração. Em *Jo 9, 4*, Jesus já tinha pressagiado este acontecimento e comparou a sua detenção a um homem que não pode trabalhar nessa noite: «Convém que Eu faça as obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia; a noite vem, na qual ninguém pode trabalha». As preces impediam que o homem enveredasse pelos caminhos da tentação, nomeadamente, a avareza, a luxúria e o prestígio social. As prédicas de Jesus procuravam atenuar a dor e o sofrimento que ele teria de enfrentar. Quando Jesus aguardava no Jardim de Getsémani (vulgo, Jardim das Oliveiras) pelas autoridades judaicas e romanas<sup>47</sup>, a fim de ser julgado e condenado à morte, os apóstolos deixaram-se levar pelo cansaço e adormeceram. Jesus ficou irado e criticou a atitude (*Mt 26, 40-41*): «Nem sequer pudeste vigiar uma hora comigo! Vigiai (γρηγορεῖτε) e orai (προσεύχεσθε), para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é débil».

Jesus temia o poder da noite, daí a advertência que lançou aos apóstolos<sup>48</sup>. Sabemos que a detenção de Jesus ocorreu de noite. João (*Jo 18, 18*) dá-nos alguns pormenores o ambiente que se vivia naquele ensejo: «Estavam ali os servos e os guardas que, por estar frio (ψύχος), tinham feito um braseiro e estavam a aquecer-se. Pedro também estava com eles a aquecer-se». Esta presença de Pedro no meio dos restantes protago-

---

<sup>47</sup> Alguns autores questionam a verosimilhança da prisão de Jesus ao anoitecer. Esta problemática deu azo a um intenso debate entre diversos investigadores. Na opinião de Carreira das Neves, o Sinédrio nunca poderia deter Jesus neste contexto noctívago. É impossível justificar a presença de testemunhas contra Jesus. De acordo com Nolan, Jesus passava as noites fora de Jerusalém e o facto de tudo acontecer em Getsémani parece não levantar grandes dúvidas. Para Aslan e Frederico Lourenço, o grande problema não está tanto no local, mas sim na hiperbolização da narrativa. Cfr. NEVES, Joaquim Carreira das, *Ler a Bíblia no século XXI*, Lisboa, Presença, 2017, pp. 240-249; NOLAN, Albert, *ob. cit.*, p. 174; ASLAN, Reza, *O Zelota — A vida e o tempo de Jesus de Nazaré*, Lisboa, Quetzal, 2014, pp. 123-124 e o comentário de Frederico Lourenço, *Bíblia, Os Quatro Evangelhos [...]*, p. 397.

<sup>48</sup> Jesus já tinha chamado a atenção em outros contextos. Cf. *Mc 13, 33-37*. Jesus gostava de utilizar um artifício literário em certos discursos com conteúdo didáctico/moralizador — as parábolas. A noite surge numa dessas dissertações dos evangelhos sinópticos e apócrifo — a parábola do joio/semeador. Cf. *Mt 13, 24-30* e *Lógion 57* do *Evangelho de Tomé*. Seguimos a tradução de José Augusto Ramos, *O Evangelho segundo Tomé*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992. Cf. pp. 66 e 151-152.

nistas também é interessante para analisar a importância da noite. Jesus disse a Pedro que, quando o galo cantasse três vezes, ele o tinha negado *in stricto sensu* (Mc 14, 30). Apesar de haver algum simbolismo no cacarejar daquele animal, o canto estava relacionado com as vigílias<sup>49</sup>. Além disso, não havia o costume de criar galos e a existência de uma capoeira no centro da cidade não passa de uma especulação. A negação de Pedro ocorreu na «casa do sumo-sacerdote» (τὴν οἰκίαν τοῦ ἀρχιερέως), conforme refere Lc 22, 54, e é difícil imaginar a presença de um galo naquele contexto. De qualquer forma, Jesus fala de galinhas na menção a Jerusalém (Mt 23, 37-39): «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha (ὄρνις) reúne os seus pintainhos (νοσσία) sob as suas asas, e tu não quiseste!». Convém também realçar que, de acordo com a *Mishná* (*Baba Kama* 7.7.), era proibida a criação de galos em Jerusalém devido à sacralidade do território<sup>50</sup>.

Para Javier Melloni, a noite é ambivalente. Este contexto angustiante que Jesus vivencia também desencadeia uma série de revelações e transformações que podem amenizar a dor e dar confiança aos professantes<sup>51</sup>. Neste sentido, podemos dar o exemplo de Nicodemos, que decidiu encontrar-se com Jesus durante a noite (Jo 3, 1-8). Este encontro tem uma grande simbologia. A escolha de Nicodemos não foi ao acaso. O texto

<sup>49</sup> Segundo a tradição bíblica, foi mesmo o canto da ave que Pedro ouviu. A expressão 'cantar' (φωνῆσαι) aparece nos evangelhos sinópticos (cf. Lc 22, 61, Mt 26, 75 e Mc 14, 30), assim como a menção ao galo (ἀλέκτορα). Marcos (Mc 13, 35) vai mais longe e utiliza uma palavra grega composta – ἀλεκτοροφωνίας, que pode ser traduzida literalmente como «quando o galo cantar». Os judeus tinham o costume de regular o horário de certas actividades laborais pelo canto do galo. Quando Jesus se referiu ao cacarejar do galo, ele estava a falar do toque da trombeta (*gallicinium*) que a guarda romana entoava no fim de cada vigília. A terceira e última negação de Pedro ocorreu por volta das 03:00h, ou seja, no início do *secundum gallicinium*. Sobre este assunto, cf. TUYA, Manuel, «II — Evangelhos» in COLUNGA, Alberto e CORDERO, Maximiliano Garcia, *ob. cit.*, p. 915 e SWINDOLL, Charles R., *Marcado para Morrer*, São Paulo, Editora Naós, 2005, pp. 48-51.

<sup>50</sup> Seguimos a tradução de DANBY, Herbert, *The Mishnah*, Oxford, Oxford University Press, 1933, pp. 342 e ss.

<sup>51</sup> MELLONI, Javier, *Hacia un tiempo de síntesis*, Barcelona, Fragmenta Editorial, 2011, pp. 185-186.

bíblico diz-nos que ele era «chefe dos judeus» (ἄρχων τῶν Ἰουδαίων) e «fariseu» (ἄνθρωπος ἐκ τῶν Φαρισαίων)<sup>52</sup>. Os judeus olhavam com alguma sobrançeria para os cristãos: não acreditavam que Jesus era o Filho de Deus, *i.e.*, a encarnação do Deus vivo. Nicodemos pertencia à escola farisaica. Os fariseus tinham uma visão muito estrita da Lei Mosaica e eram bastante cépticos com toda e qualquer inovação na interpretação das Sagradas Escrituras<sup>53</sup>. Por que razão Nicodemos se encontrou com Jesus durante a noite? Frederico Lourenço avança com duas hipóteses: por um lado, ele podia ter medo que algum judeu o encontrasse naquele período nocturno, daí o encontro «às escondidas». Por seu turno, os mestres rabis privilegiavam a noite para poderem fazer as suas orações. Para o mesmo autor, é possível encontrar aqui um confronto entre dois mundos: o Judaísmo, associado às trevas, e o Cristianismo, como símbolo da luz e dos novos tempos que, em breve, chegariam<sup>54</sup>. O que dizer da celebração da Primeira Eucaristia? Os evangelistas são mais ou menos unânimes nas informações cronológicas. De acordo com Mateus (Mt 26, 20), a Última Ceia ocorreu à tarde — «chegada a tarde» (Ἵψίας δὲ γενομένης). O relato de Mateus é consentâneo com a proposta de Marcos (Mc 14, 17). Lucas nada nos diz sobre o tempo específico em que tudo aconteceu, apenas nos fala na «chegada daquela hora — ὅτε ἐγένετο ἡ ὥρα» (Lc 22, 14). Por incrível que pareça, só São Paulo, o apóstolo que não lidou directamente com Jesus, apresenta uma descrição, *ipsis verbis*, da instituição da Eucaristia:

Pois eu recebi do Senhor o que também vos ofereci: que o Senhor Jesus na noite em que foi traído, tomou pão, e tendo dado graças, partiu-o e disse: «Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para

<sup>52</sup> Cf. Jo 3, 1.

<sup>53</sup> Sobre o farisaísmo, Flávio Josefo dá-nos alguns pormenores: «Pues bien, los fariseos llevan una vida frugal, sin la menor concesión a la molición, y siguen fielmente aquellos principios que la razón les sugiere y determina como buenos, puesto que consideran que la observancia de los principios que la razón quiere revelarles es algo por lo que merece la pena luchar [...]. Tan alto grado de fidelidad les testimoniaron las ciudades con la práctica de lo que mejor así en la forma de vida como en sus palabras!». Cf. JOSEFO, Flávio, *Antigüedades Judaicas*, XVIII, 23. Seguimos a tradução de DONADO, José Varada, *Antigüedades Judías*, Madrid, Akal, 1997.

<sup>54</sup> Cf. Frederico Lourenço, *Bíblia, Os Quatro Evangelhos* [...], nota 3.2.

a minha memória» Do mesmo modo, também o cálice tomou depois da ceia, dizendo: «Este cálice é a nova aliança no meu sangue; isto fiz para a minha memória»<sup>55</sup>.

A grande diferença de Paulo em relação aos seus congéneres está na introdução de um elemento cronológico. O apóstolo deixa bem claro que todos os acontecimentos aconteceram de noite (ἐν τῇ νυκτί). Os discípulos de Jesus não fazem menção à hora em ocorreram as últimas peripécias da vida de Jesus. Tudo leva a crer que a celebração da Eucaristia se realizou nas horas que antecederam a morte de Jesus. Porém, esta tese não é corroborada em nenhum dos evangelhos. Conforme destacaram Mateus e Marcos, Jesus foi ter com os discípulos à tarde. Depois de chegar ao local combinado para realizar a Última Ceia (valerá a pena lembrar que Jesus mandou, atempadamente, alguns dos seus discípulos à cidade, a casa de um certo homem), antes de começar o momento de confraternização, Jesus lembrou que um dos convivas o iria trair. Seguiu-se a recitação do memorial (Isto é o meu corpo/Isto é o meu sangue) e o ofício laudatório com o canto dos salmos que, segundo Tuya, representava «el final ritual de la cena, compuestos por los salmos 115-118, el gran *Halel*, y también el salmo 23, o el 136»<sup>56</sup>. Terminada a refeição, Jesus e os seus discípulos dirigiram-se ao monte das Oliveiras (ὄρος τῶν Ἐλαιῶν). Jesus disse-lhes (sublinhado nosso): «*Esta noite* [ταύτη νυκτί], todos vós vos escandalizareis por minha causa» (Mt 26, 31). Repare-se na utilização do elemento cronológico. Jesus contextualiza todos os acontecimentos e pressagia o que acontecerá naquela noite. Com todos os dados que dispomos, podemos admitir que a celebração da Eucaristia ocorreu na primeira vigília, i.e., entre as 18:00h e as 21:00h. A detenção e o interrogatório preliminar de Jesus ocorreu entre as 21:00h e as 00:00h, ou seja, na segunda vigília. Entre as 00:00h e as 06:00h, Jesus foi julgado em casa do sumo-sacerdote e foi dentro deste hiato cronológico — *primum* e *secundum gallicinium* — que Pedro ouviu duas vezes o 'cacarejar' do galo.

<sup>55</sup> Cf. 1 Cor, 11-23-24. Atente-se na expressão — «na noite em que foi traído» (ἐν τῇ νυκτί ἣ παρεδίδeto).

<sup>56</sup> Cf. TUYA, Manuel de, *ob. cit.*, p. 557. O *Halel* (הלל) era uma oração judaica que enaltecia as qualidades de Javé. É um cântico de louvor e agradecimento recitado em algumas festividades rabínicas.

Ao analisarmos grande parte dos textos neo-testamentários, conseguimos perceber que noite é transversal à vida de Jesus. Para além da morte e ressurreição, aspectos que deixam os apóstolos incrédulos naquela manhã do Domingo de Páscoa<sup>57</sup>, devemos destacar o nascimento de Jesus, em Belém da Judeia. Este acontecimento deixa uma marca indelével na História do Cristianismo e possui uma dimensão escatológica e salvífica: Jesus vem remir os pecados e inaugurar uma nova ordem universal. Existem algumas dúvidas sobre a hora exacta em que Jesus nasceu. De acordo com os relatos bíblicos, Maria deu à luz ao cair da noite. Vejamos o que nos diz São Lucas:

Na mesma região [Belém da Judeia], encontravam-se uns pastores, que pernoitavam nos campos, guardando os seus rebanhos durante a noite. O anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu em volta deles, e tiveram muito medo. Disse-lhes o anjo: «Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias [ou seja, o enviado]»<sup>58</sup>.

O relato de Lucas não nos fornece muitas informações sobre o nascimento de Jesus. A aparição do anjo aos pastores que guardavam os rebanhos apenas introduz dois elementos cronológicos: 'noite' (νυκτός) e 'hoje' (σήμερον). O facto de os apascentadores só serem avisados de noite leva-nos a colocar algumas questões: Jesus teria nascido naquele momento? A que etapa do dia se refere o anjo quando emprega a palavra 'hoje'? Nenhuma das hipóteses se afigura como plausível, mas tudo leva a entender que Jesus tenha nascido ao anoitecer. Lucas diz-nos que Maria e José tiveram colocar o menino numa manjedoura (φάτνη), porque já não havia lugar na hospedaria (καταλύματι). Em relação ao corpo celeste que Mateus cita, acreditamos que não tem grande relevância para compreender a importância da noite. É verdade que os magos rumaram em direcção

<sup>57</sup> Frederico Lourenço critica a heterogeneidade das narrativas sobre o sepultamento de Jesus. Cf. *O Livro Aberto: leituras da Bíblia*, Lisboa, Colibri, 2015, pp. 121-126. O corpo de Jesus ficou guardado no sepulcro durante a noite, mas só Mateus nos dá conta deste apanágio. Cf. *Mt 27*, 62-67, onde lemos: «Disse-lhes Pilatos: Ide e providenciai a segurança do túmulo, como sabeis».

<sup>58</sup> Cf. *Lc 2*, 8-11.

a Jerusalém com o auxílio de uma estrela, mas o nascimento de Jesus já tinha ocorrido. Apesar de haver um grande debate sobre a referência ao elemento astronómico, alguns autores sugerem que se tratou da passagem do cometa Halley, em 11 a.C.<sup>59</sup>.

A noite simboliza a passagem da morte para a vida e a renovação dos elementos que garantem o equilíbrio cósmico. E o que acontecerá no fim dos tempos? Deus ainda precisará de convocar todos os elementos astronómicos e cronológicos? Segundo o *Apocalipse de João*<sup>60</sup>, «não mais haverá noite, nem terão necessidade da luz da lâmpada, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus irradiará sobre eles a sua luz». Deus assume a sua onnipresença/omnipotência, contendo, nele próprio, tudo o que diz respeito à vida e ao devir. Ele personifica, segundo o relato de João, todos os elementos supramencionados (dia, noite, a ordem cósmica). Tudo isto terá lugar na Jerusalém celeste, «onde as suas portas não se fecharão de dia, pois nela não haverá noite» (*Ap* 21, 25). O homem já não vai temer o domínio da noite, porque Deus assume as rédeas do poder.

## Conclusão

Apesar de ser uma temática muito ampla e apresentar diversas facetas no Antigo e Novo Testamento, a noite é, sem dúvida, um aspecto basilar a toda a narrativa bíblica. Nos textos veterotestamentários, a noite integrou o relato da cosmogonia, mas também foi essencial para Deus manifestar a sua autoridade. Como tivemos oportunidade de verificar, a noite deu azo a despertares inusitados e surgiu em sonhos e aparições, conformou testemunharam Samuel e Jacob. No Novo Testamento, a noite facilitou a fuga da prisão de Pedro e Paulo e foi o momento escolhido por Jesus para dar a conhecer o mistério da sua paixão. Em suma, a noite foi um tempo de agonias, adversidades, de repouso, enquanto se aguardava a chegada do novo dia, e que só se extinguiria, do ponto de vista escatológico, com o advento da nova 'Jerusalém celeste', um acontecimento que seria precedido pelo Juízo Final (*Parusia*): Deus virá como o ladrão da noite para

<sup>59</sup> Cf. LOURENÇO, Frederico, *Bíblia*, Os Quatro Evangelhos [...], nota 2.2.

<sup>60</sup> Cf. *Ap* 22, 5. Encontramos uma discurso apocalíptico semelhante em *Is* 60, 18-21.

julgar todos os fiéis. Mas enquanto esse momento não acontece, resta aos cristãos esperar que o crepúsculo conduza ao alvorecer, para os problemas e os obstáculos da vida terrena se dissiparem, até porque, tal como refere o Salmo 30, «o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã» (Sl 30, 5).

## Referências:

### Fontes impressas:

*Antiguidades Judaicas*, Flávio Josefo, introdução, tradução e notas de José Varada Donado, *Antigüedades Judías*, Madrid, Akal, 1997.

*Bíblia Sagrada*, tradução de Herculano Alves e José Augusto Ramos, Lisboa/Fátima, Centro Bíblico dos Capuchinhos, 2010.

*Bíblia*, Novo Testamento — Os Quatro Evangelhos, introdução, tradução e notas de Frederico Lourenço, vol. I, Lisboa, Quetzal, 2016.

*Bíblia*, Novo Testamento — Apóstolos, Epístolas e Apocalipse, introdução, tradução e notas de Frederico Lourenço, vol. II, Lisboa, Quetzal, 2017.

*Ilíada*, Homero, tradução de Frederico Lourenço, Lisboa, Colibri, 5.<sup>a</sup> edição, 2012.

*Odisseia*, Homero, tradução de Frederico Lourenço, Lisboa, Colibri, 9.<sup>a</sup> edição, 2009.

*Novum Testamentum Graece*, Estugarda, Deutsche Bibelgesellschaft, Kurt Aland *et al.*, 1998.

*O Evangelho segundo Tomé*, introdução, tradução e notas de José Augusto Ramos, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.

*The Mishnah*, tradução de Herbert Danby, Oxford, Oxford University Press, 1933.

### Obras gerais:

ARAÚJO, Luís Manuel de, *Os Grandes Mistérios do Antigo Egipto*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2017.

ASLAN, Reza, *O Zelota: A vida e o tempo de Jesus de Nazaré*, Lisboa, Quetzal, 2014.

CARREIRA, José Nunes, *Mito, Mundo e Monoteísmo — intuições mestras de altas culturas antigas*, Lisboa, Europa-América, 1994.

\_\_\_\_\_, *Filosofia antes dos gregos*, Lisboa, Europa-América, 1994.

\_\_\_\_\_, *Lendas e Narrativas do Antigo Testamento*, Lisboa, Edições Colibri, 2015.

ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Porto, Edições Asa, 1994.

LOURENÇO, Frederico, *O livro aberto: leituras da Bíblia*, Lisboa, Colibri, 2015.

MELLONI, Javier, *Hacia un tiempo de síntesis*, Barcelona, Fragmenta, 2011.

SWINDOLL, Charles R., *Marcado para Morrer*, São Paulo, Editora Naós, 2005.

#### Obras específicas/estudos específicos:

ALVES, Herculano, *50 símbolos na Bíblia*, Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2017 [ed. original 2001].

BONHOEFFER, Dietrich, *De la vie communautaire et le livre de prières de la Bible suivis de le Christ dans les psaumes, méditation sur le psaume 119*, São Paulo, Edições Loyola, 2007.

CHALIER, Catherine, *La nuit et le jour au diapason de la création*, Paris, Seuil, 2009.

COLUNGA, Alberto, O.P., «I — Pentateuco» in COLUNGA, Alberto, e CORDERO, Maximiliano Garcia, *Bíblia comentada*, Madrid, Editorial BAC, 2010.

CORRENTE, Paola, «Cuestiones dionisiacas» in BERNABÉ, Alberto, SAN CRISTÓBAL, Ana Isabel Jiménez e SANTAMARÍA, Marco Antonio (coords.), *Dioniso, Los orígenes, Textos y imágenes de lo dionisiaco en la Grecia Antigua*, Madrid, Liceus Antigua, 2013, pp. 473-516.

ESLER, Philip, «The madness of Saul: a cultural reading of 1 Samuel 8-31» in EXUM, Cheryl J., e MORE, Stephen D., *Biblical studies/cultural studies: The Third Sheffield Colloquium*, Sheffield, SUP, 1998, pp. 220-262.

FEUILLET, René, e, LÉON-DUFOUR, Xavier, «Noite» in McKENZIE, John L. S.J. (dir.), *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulus, 1983, cols. 646-649.

GIRARD, Marc, *Les symboles dans la Bible: essai de théologie biblique enracinée dans la expérience humaine universelle*, vol. 1, Paris,

Éditions Fides, 1991.

HOM, Margret, «Noche» in GRABNER-HAIDER, Anton, *Vocabulario práctico de la Biblia*, Barcelona, Herder, 1975, cols. 1066-1067.

KEENER, Craig S., *Comentario del contexto cultural de la Biblia*, Texas, Editorial Mundo Hispano, 2005.

MENDONÇA, José Tolentino, *A leitura infinita: A Bíblia e a sua interpretação*, Lisboa, Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_, *Nenhum caminho será longo — Para uma teologia da amizade*, Lisboa, Paulus, 2017.

NEVES, Joaquim Carreira, *Ler a Bíblia no Século XXI*, Lisboa, Presença, 2017.

NOLAN, Albert, *Jesus antes do Cristianismo*, Lisboa, Paulus, 2010.

PIKAZA, Xabier, *Diccionario de la Biblia*, Barcelona, Herder, 2007, pp. 698-699.

PRIETO, M. H. Ureña., «Relendo Homero», *Humanitas*, vol. XLVI, 1994, pp. 3-16.

RAMOS, José Augusto, «O tempo antes do tempo», *Cadmo*, n.º 8/9, 1999, pp. 49-68.

RIEDE, P., «Metaphorik in den Feindpsalmen» in HECKE, P., *Metaphor in the Hebrew Bible*, Leuven, Peeters Publishers, 2005, pp. 19-41.

RODRIGUES, Nuno Simões, «Saul Rei: herói trágico na historiografia de Israel», *Cadmo*, n.º 6/7, 1997, pp. 89-122.

\_\_\_\_\_, *O Rei Saul segundo Flávio Josefo*, Lisboa, Colibri, 2000.

SCHWANKL, Otto, «Noche» in KASPER, Walter (dir.), *Diccionario de exegesis y teología bíblica*, Barcelona, Herder, 2011, pp. 1146-1147.

TALLEY, Lauren, *Songs in the night*, Florida, Xulon Press, 2010.

TUYA, Manuel, «II — Evangelios» in COLUNGA, Alberto e CORDERO, Maximiliano Garcia, *Biblia comentada*, Madrid, Editorial BAC, 2010.

WALTON, John e WALTON, Kim, *Samuel and the voice on night*, Chariot Books, 1987.

# SOMBRAS NA NOITE. ILUMINAR OS CENÓBIOS, CASAS NOBRES, FORTALEZAS E UNIDADES MILITARES EM PORTUGAL, SÉCULOS XVII-XIX

Augusto Moutinho Borges

CLEPUL, CIDH-UAberta, Academia Portuguesa da História

**Resumo:** Vamos, com base na observação *in situ*, apresentar exemplos concretos que consideramos um ponto de partida para um ciclo de estudos mais aprofundados sobre a iluminação nos cenóbios, nas casas nobres, nas fortalezas e unidades militares em Portugal, entre os séculos XVII e XIX.

Muitas vezes, quando se realizam obras de restauro, os nichos de iluminação têm sido desvalorizados ou readaptados, não permitindo uma análise comparativa, pois é necessário anotar todos os pormenores inerentes à sua dimensão, inclinações, revestimento e localização.

Ao longo dos estudos realizados temos como objectivo compreender o quotidiano nos espaços associados à iluminação, assim como a função de muitos dos objectos utilizados no dia-a-dia para suprir a lacuna de falta de luz natural.

**Palavras-chaves:** Conventos; Casas Nobres; Fortalezas; Arquitectura

**Abstract<sup>1</sup>:** On the basis of *in situ* observation, we will present concrete examples that we consider as a starting point for a more detailed cycle of studies on illumination in monasteries, noble houses, fortresses and military units in Portugal between the 17th and 19th centuries.

Often, when refurbishment works are performed, lighting niches have been devalued or retrofitted, not allowing a comparative analysis, since it is necessary

---

<sup>1</sup> Agradecimentos à Dr.ª Mafalda Pereiro.

to write down all the details inherent in their size, inclination, coating and location.

Throughout the studies carried out, we aim to understand the daily life in the spaces related with lighting, as well as the function of many of the objects used to bridge the lack of natural light.

**Keywords:** Interior lighting; monasteries; military facilities; noble houses.

Falar sobre a iluminação na arquitetura conventual, palaciana e militar, no período que nos propusemos analisar tem as suas dificuldades por falta de estudos analíticos em Portugal. Vamos, com base na observação *in situ* que temos realizado, ao longo de diversos levantamentos nos espaços referidos e pela prática de História experimental, apresentar exemplos que consideramos um ponto de partida para um ciclo de estudos mais aprofundado.

No presente não há uma verdadeira noção dos problemas relacionados com a iluminação nos mosteiros, conventos, casas nobres e unidades militares (fortalezas, quartéis e hospitais militares), pois os estudos científicos e os vestígios associados a esta temática são, na maioria dos casos, escassos ou inexistentes. Em virtude de não haver preocupações com a problemática em análise, quando se realizam obras de restauro, os nichos de iluminação têm sido desvalorizados ou readaptados em obras posteriores, o que não permite uma análise comparativa com outros exemplos, pois é necessário apontar todos os pormenores inerentes à sua dimensão (altura x largura x comprimento), inclinações, revestimento (pintura ou azulejo) e localização.

Ao longo dos estudos que desenvolvemos<sup>2</sup> nos mosteiros e conventos<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> Os estudos referidos têm sido desenvolvidos em parceria com a Dr.<sup>a</sup> Adelaide Nabais, não só a nível de inventariação fotográfica como analítica. Autoria das fotografias, Adelaide Nabais — AN; Augusto Moutinho Borges — AMB.

<sup>3</sup> BORGES, Augusto Moutinho e SOARES, Luís Couto, «Iluminar o Convento — Caminhos de Luz». In: *Convento de Santa Teresa de Jesus: O Falar das Pedras*. Lisboa: Confraria de S. Vicente de Paulo, 2016, pp. 110-115. BORGES, Augusto Moutinho (coord.), *Convento de S. João de Deus: Centro Clínico da GNR*. Lisboa: GNR, 2015.

nas casas nobres<sup>4</sup> e nas unidades militares<sup>5</sup>, tem sido objectivo compreender o quotidiano dos espaços associados à iluminação, assim como a função de muitos dos objectos utilizados no dia-a-dia dos nossos antepassados para suprir a lacuna de falta de luz natural. Os castiçais eram os objectos de uso comum, variando a forma e os materiais, fabricados em madeira, metais (ferro, cobre, estanho e prata)<sup>6</sup>, vidro<sup>7</sup> e cerâmica (faiança e porcelana)<sup>8</sup>.



Castiçal de saia em bronze, século XVII (col. privada, AMB)



Castiçal de bolacha em estanho, século XVIII (col. privada, AMB)

A investigação que apresentamos centra-se em Portugal nos séculos XVII a XIX, dando como estudo de caso três áreas distintas da arquitetura nacional, mas que estão interligados entre si pelos utilizadores e representantes de uma elite social, quer religiosa, fidalga e militar, pois muitas vezes os arquitetos desenvolviam projetos para as três áreas que iremos abordar.

<sup>4</sup> BORGES, Augusto Moutinho, *Palácio dos Condes d'Óbidos: Sede Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa*. Lisboa: By the Book, 2015.

<sup>5</sup> BORGES, Augusto Moutinho, *Azulejaria do Exército em Portugal*. Lisboa: By the Book, 2016 e BORGES, Augusto Moutinho, *Museus do Exército em Portugal*. Lisboa: By the Book, 2017.

<sup>6</sup> VAN ZELLER, Rolando, *Estanhos Portugueses*. Barcelos: Civilização Editora, 1979 e SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e, *Prata Portuguesas*. Barcelos: Civilização Editora, 1998.

<sup>7</sup> CUSTÓDIO, Jorge, *A Real Fábrica de Vidros de Coina e o vidro em Portugal nos séculos XVII-XVIII*. Lisboa: IPPAR, 2002.

<sup>8</sup> PAIS, Alexandre Nobre, *Faiança da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003 e SALGADO, Mary, *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

Podemos, desde já, afirmar que em todos os espaços em análise encontramos nichos de iluminação encastrados em paredes de alvenaria, quer no interior, quer no exterior (pátios carrais e jardins)<sup>9</sup>, que desta forma minimizavam os riscos de incêndio. Os nichos podem ser concebidos em granito ou em tijoleira, que depois se barravam e pintavam com cal branca, podendo ser decorados com motivos decorativos em gesso. Há exemplos revestidos com azulejaria (ex.: Convento de Santa Teresa de Jesus, em Carnide — Lisboa) e, em alguns casos, com portadas de proteção para segurança dos espécimes de suporte às velas ou pavios; castiçais, lucernas ou outros (ex.: Convento dos Capuchos, em Sintra, ou na Fortaleza de São Julião da Barra, em Oeiras).

Nos cenóbios também encontramos suportes fixos para velas nos púlpitos dos refeitórios, pois aqui só se acendiam quando a comunidade estava presente, apagando-se depois de saírem, o que precavia riscos de incêndios (ex.: Conventos dos Cardais e Convento do Bom Sucesso, ambos em Lisboa).

Em alguns exemplos recriamos formas de iluminação com objectos correspondentes aos que seriam utilizados na época, como no convento de Santa Teresa de Jesus, em Carnide, de forma a sentir a mesma realidade dos nossos antepassados, tal como desenvolvemos na experiência histórica quando coordenamos o livro comemorativo.

O estudo reparte-se por três áreas arquitetónicas distintas, com epicentro analítico na presença humana com objectivos de perdurar a luz na noite. Os espaços que se procuram iluminar também são diferentes no seu todo, interferindo esta preocupação na arquitetura ao longo dos tempos, pois havia necessidade fundamental de minimizar recursos primários, como o azeite, o mel e gorduras animais, isoladas ou compostas, que, independentemente da sua qualidade, tinham custos elevados e representavam grande parte do défice económico das casas (civis e religiosas) e da instituição militar em Portugal.

O estudo que desenvolvemos alarga-se a um conjunto diversificado, mas que num todo se interliga em pontos comuns, tendo por base os

---

<sup>9</sup> Damos como exemplo o pátio carral da Quinta da Fonte do Anjo, nos Olivais, e para o jardim da Quinta Alegre (marquês do Alegrete), na Charneca do Lumiar, ambas em Lisboa.

espaços edificados e a utilização das artes decorativas ao serviço da arte de construir. Damos como exemplo os formatos das grades das janelas de sacada (varandas), os nichos de iluminação que encontramos ao longo de diversos espaços civis, religiosos e militares, e, por fim, de que forma a construção definiu estratégias para iluminar espaços que necessitavam de pontos de luz, mesmo que não ultrapassem a penumbra para circulação entre divisões.

Em toda a nossa reflexão, baseamo-nos em observações e recolhas que temos desenvolvido, constatando que é um estudo embrionário em Portugal e com poucas fontes primárias ao longo do território. Os textos que lemos prendem-se mais com os objectos utilitários do que com a arte de construir, mas que não impedem uma análise objectiva do que iremos apresentar, certo de que muitos outros trabalhos serão complementares para uma história geral da luz na arquitetura.

Apresentamos alguns elementos base de suporte móvel; os castiçais, repetindo-se o gosto entre eles, independentemente dos materiais que se copiavam e replicavam por toda a Europa, incrementando-se, pela necessidade de iluminar a noite, fonte produtiva com centros fabris variados, desde o artesanal à produção intensiva, de forma a satisfazer uma clientela popular e erudita.

## I — Iluminar os Cenóbios

A vivência nos cenóbios tinha, em território nacional, grandes cuidados e preocupações com a questão da iluminação. A arquitetura dos imóveis está desenvolvida com esta mesma problemática, dispondo as áreas de culto, de convívio, serviços e de pontos de luz directos (janelas e portas voltadas para o exterior, para o claustro e saguões) e pontos de luz forçados, realizada a iluminação com objectos próprios para esse fim (através de acessórios específicos como castiçais e candeias) colocados em nichos que proporcionavam aos religiosos que a noite se iluminasse.

Localizamos nos cenóbios nichos para pousar pontos de luz, permitindo que os mesmos fossem colocados estrategicamente ao longo dos mosteiros e conventos, sem correr o risco de eventuais incêndios. O «medo»

da deflagração e propagação dos incêndios, provocados pelas luminárias, levou a que fossem encastrados nas paredes de pedra os já referidos nichos, variando as formas, desde quadradas a rectangulares, normalmente com o fecho em arco redondo ou recto. Permitia-se, desta forma, iluminar zonas comuns de circulação mas também locais onde se realizavam a leitura de livros. No presente, corre-se o risco de atribuir a todos os nichos funções devocionais (para colocar imagens), mas que sabemos hoje serem fundamentalmente para pousar acessórios de iluminação. No Convento-hospital Militar de Penamacor, século XVII, localizamos um destes exemplares<sup>10</sup> que foi descoberto em obras de recuperação do imóvel em 2009, encontrando-se no presente visível e limpo das sucessivas camadas de tinta e sujidade provocadas pelo fumo.

Distinguimos os nichos para iluminação dos que se destinavam à colocação de imagens. Os primeiros têm a parede fundeira inclinada para a frente, fazendo com que o reflexo de luz das velas ou candeias se dirigisse também para o chão, onde fazia mais falta, fosse para a leitura, fosse para iluminar o percurso. A noção que havia no passado da iluminação não era específica para uma área em concreto, mas sim a preocupação de iluminar o chão que se pisava, principalmente o mais usado durante as horas nocturnas.



Sintra, Convento dos Capuchos, século XVI. Piso 1. Hospedaria — Quarto nobre. Nicho de iluminação no interior da portada. (História experimental, AMB)

<sup>10</sup> BORGES, Augusto Moutinho, *Penamacor Militar: Da Restauração à República*. Vila da Feira: CM Penamacor, 2016.

Nas celas, normalmente, não havia nicho de iluminação, pois o mais provável era pousarem-se os castiçais em móveis. Quando há nichos de iluminação localizam-se nas celas dos superiores ou nas hospedarias, como o exemplo que fotografamos no convento dos Capuchos em Sintra. Pelas imagens conseguimos perceber como uma vela estrategicamente colocada pode iluminar a totalidade da divisão.

Como estudo de caso apresentamos o convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide, em Lisboa. Pelo convento contabilizamos nichos com paredes fundeiras inclinadas e pintadas de branco, ou revestidas a azulejo, permitindo a reflexão da luz, localizando-se nos seguintes espaços: Piso 0 — vestíbulo de entrada (1 nicho pintado; corredor do vestíbulo para o locutório, 1 nicho pintado); Claustro inferior (1 nicho revestido a azulejo); Coro baixo (2 nichos pintados); Enfermaria (1 nicho pintado); Refeitório (1 nicho revestido a azulejo); Escada nobre (2 nichos pintados). Piso 1 — Corredor das celas (1 nicho pintado).

Havia áreas onde não era necessária a existência destes espécimes, como na cozinha, pois a lareira acendia-se e crepitava bastante cedo, iluminando todo o espaço. Nas dispensas, onde se entrava apenas durante o dia, não era necessário colocar qualquer tipo de nicho.



Lisboa, Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide, século XVII. Piso 0. Sala capitular com dois nichos de iluminação. Pormenor onde é visível a parede fundeira inclinada para projeção da luz. (História experimental, AMB)



Lisboa, Convento de Santa Teresa de Jesus de Carnide, século XVII.  
 Piso 1. Escadaria nobre e corredor das celas. Nichos de iluminação.  
 (História experimental, AMB)

No convento de S. Miguel das Gaeiras<sup>11</sup> encontramos dois nichos pintados no claustro a ladearem uma porta, os quais ainda são utilizados com essas funções em dias de festividades nocturnas, verificando-se que as funcionalidades dos espaços se mantêm ao longo dos tempos.

O convento de Mafra é um caso de excepção relativamente à iluminação artificial, pois era sustentado pelos cofres régios, gastando-se por ano 70 pipas de azeite, quer para uso na igreja, na alimentação e iluminação. Ainda neste convento a luz natural foi cuidadosamente articulada entre corredores e galerias, caixas de escadas e pátios<sup>12</sup>, de forma a minimizar os elevados custos nos gastos das luminárias. Ainda é possível observar lamparinas para óleo em algumas dependências comuns, com destaque para o refeitório dos frades e escadarias (duas) nobres.

<sup>11</sup> O Convento de São Miguel de Gaeiras era masculino, pertencia à Ordem dos Frades Menores, e à Província da Arrábida.

<sup>12</sup> COSTA, Sandra Vaz, *Do Tratado à Obra: Génese da Arte e Arquitetura no Palácio de Mafra*. Lisboa: PNM, 2017.



Gaeiras, Convento de São Miguel, século XVII. Piso 0. Claustro. Nichos de iluminação na galeria entre uma porta (AN)

Iluminar os cenóbios tinha uma razão e objectivos próprios sendo, no presente, o convento de Carnide, em Lisboa, e o convento dos Capuchos, em Sintra, um bom exemplo para estudos sobre as luminárias conventuais em território nacional, dos quais apresentamos algumas fotografias onde realizamos experiências com castiçais do século XVII, fotografando os espaços apenas com a iluminação de velas. Os resultados foram surpreendentes, pois confirmam o que acabamos de afirmar, bastando, em alguns casos, apenas um ponto de luz para as divisões ficarem totalmente iluminadas, como apresentamos nas imagens.



Lisboa, Convento dos Cardais, século XVII. Piso 0. Coro baixo. Nicho de iluminação à entrada forrado com azulejo (AN)

## II — Casas Nobres

O estudo que se apresenta é o resultado de investigação preliminar que temos desenvolvido incidindo, principalmente, sobre a arquitetura e iluminação nas Casas Nobres em Portugal, como fundamento entre as duas componentes funcionais para a habitabilidade dos espaços: o dia e a noite. Nesta fase de análise debruçamo-nos sobre a casa nobre nos espaços urbanos, realizando diversas consultas bibliográficas, com destaque para *A Casa Senhorial em Portugal*<sup>13</sup>, tendo de compreender orgânicas de construção no mundo rural para, em termos analíticos, compararmos realidades nacionais sobre a mesma problemática social, correspondendo à necessidade de prolongar a luz durante a noite.



Lisboa, Quinta Alegre do Marquês do Alegrete, século XVII. Portão carral e Jardim. Nicho de iluminação no muro de divisão (AN)

Os edifícios que apresentamos foram por nós devidamente estudados, sendo necessário fazer uma leitura pelo rol de testamentos, onde há, desde o século XVII, referência a castiçais, candeias, lampadários e outras formas de iluminação nas habitações, independentemente da matéria-prima para sua modelagem. Estes eram de uso europeu, como podemos constatar no acervo patrimonial que se encontrava na casa madrilena do escritor espanhol Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) «*Las estancias de*

<sup>13</sup> CARITA, Helder, *A Casa Senhorial em Portugal*. Lisboa: Leya, 2015.

*su casa, se iluminarían indistintamente com un candil, dos candeleros de azófar y un velón»*<sup>14</sup>. Nas casas portuguesas não haveria grande diferença relativamente à existência destes materiais para iluminação, realçando-se do vulgo as casas nobres com conjuntos de aparato em prata, cobre, ferro, porcelana, faiança, vidro e madeira<sup>15</sup>, não só usados no interior como nos jardins<sup>16</sup>. Veja-se o exemplo no palácio do marquês do Alegrete, na Charneca do Lumiar, em Lisboa, onde um nicho de iluminação colocado no enfiamento do muro na habitação, proporcionava luz para a entrada do pátio carral e o jardim. Aliás, as luminárias de exterior (jardins e parques) são uma constante nos séculos XVII e XVIII, realçando os fogos de artifício para comemorar ou festejar grandes eventos sociais, civis e religiosos, prática que se manteve ao longo do século XIX até ao presente.

Até ao século XVIII, os edifícios eram construídos com base na problemática de iluminar os interiores o maior tempo possível, motivo pelo qual não encontramos corredores no interior das casas, sendo as divisões interligadas entre si. Mesmo assim, é prática observarmos que as portas têm bandeiras em vidro, o que permitia que a luz ou penumbra se prolongasse entre divisões públicas e privadas. Iluminar um corredor<sup>17</sup> tem os seus custos e desvantagens relativamente ao risco de incêndios, motivo pelo qual vemos, a partir deste século, novos formatos decorativos. As divisões e corredores são mobiladas com tremós, constituídos por credências e espelhos, onde se pousam os castiçais que irradiam luz pela reflexão dos espelhos. Uma casa do século XVIII e XIX tem, nas salas de receber e estar, mobiliário adaptado à necessidade de iluminar as divisões, como encontramos nos palácios de Mafra e da Ajuda, entre outros.

Nos séculos XVII realçam-se as luminárias para os eixos urbanos, para as quais os gradeamentos de ferro forjado, com decoração em torcidos e

---

<sup>14</sup> URREA, Jesús, *El Museu Casa de Cervantes*. Valladolid: Museu Nacional de Belas Artes, 2005, p. 68.

<sup>15</sup> Para o norte ver MOURA, Vasco Graça, *Figuras em Mateus*. Lisboa: Quetzal Editores, 2002 e para o sul OLIVEIRA, Alexandra Jardim de, *Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva*. Lisboa: FRESS, 1999.

<sup>16</sup> CARITA, Helder, *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990.

<sup>17</sup> Os corredores são interiores, enquanto as galerias exteriores ou com fontes de iluminação feitas por clarabóias, ex. Palácio de Monserrate, em Sintra.

tremidos, enobrecem as janelas de sacada, pela colocação de verrines de vidro nos vértices dos gradeamentos com espigões, ainda visíveis em inúmeros exemplares em Portugal. Mesmo em palácios militares constatamos que esta prática se manteve até ao presente<sup>18</sup>.

Nos palácios a iluminação exterior era da responsabilidade dos proprietários, não só pela comodidade em acender os candeeiros ou lanternas que estavam nas suas fachadas nos dias festivos, mas também como sinal de prestígio para os transeuntes. Tal prática é ainda visível em dois palácios em Lisboa; o Palácio Pombal, na rua de O Século, n.º 79, antiga rua Formosa, e o Palácio Porto Côvo<sup>19</sup>, na rua de S. Domingos à Lapa, n.º 37. Cada um têm a ladear a porta principal candeeiros suspensos por braços em ferro forjado que saem da parede para o exterior, colocados nos alçados no século XIX. No seu arranque encontram-se os brasões de armas dos marqueses de Pombal e dos condes de Porto Côvo da Bandeira, respectivos proprietários dos imóveis. Inicialmente a iluminação era a azeite ou velas, passando depois a ser a gás, tal como se observa na canalização na base da lanterna, sendo alimentados por tubagem interior.



Lisboa, rua de O Século. Grade em ferro, século XVII. Espigões para colocar verrines em vidro de forma a iluminar a via pública dos dias de festa (AN)

<sup>18</sup> Funchal, Palácio de S. Lourenço. Vide entrada correspondente neste artigo.

<sup>19</sup> ROMÃO, José António de Arez, *Palácio Porto Côvo*. Lisboa: Seguros Fidelidade, 2011.



Par de verrines, vidro lapidado com aro em metal para encaixe nos espigões das varandas, evitando que a vela se apagasse com o vento (col. privada, 27 cm, séc. XIX, AMB)



Lisboa, Palácio Porto Côvo. Candeeiros (par) em vidro suspenso por braço em ferro com as armas Porto Côvo da Bandeira, século XIX (AN)



Évora, rua da Frieira de Baixo. Suportes em madeira encastrados na parede para pendurar braços de candeeiros, século XIX (AN)

A complexidade de iluminação nas casas nobres em Portugal levou à profusão de trabalhos artísticos com destaque para as artes decorativas, mas também com relação direta entre a arquitetura e espaço urbano, subsistindo na toponímia nacional referências às Portas do Sol, como em Lisboa ou em Coimbra.

### III — Fortalezas

A iluminação nas fortalezas era uma problemática tratada com especial relevância, considerando dois momentos para a sua análise; o tempo de paz e o tempo de guerra. Analisamos os dois momentos separadamente, sem distinção entre as caracterizações arquitetónicas do período medieval e de transição (séculos XII-XVI) e do abaluartado (século XVII-XIX). É sobre esta última complexidade defensiva que vamos analisar a iluminação nas fortalezas, em virtude de estar contextualizada no período cronológico proposto.

Encontramos nas portas magistrais de acesso ao interior fortificado nichos de luz, pois a iluminação nocturna era necessária nas casas ou nas salas da guarda, de forma a controlarem as entradas ou saídas nocturnas, especialmente com carácter de urgência. Não devemos esquecer que nas fortalezas as portas estavam encerradas durante a noite ou em caso de

cerco, abrindo de manhã pelas 08h00 e encerrando pelas 19h00, ao ritmo do som dos campanários das igrejas, concretamente pelas horas canónicas<sup>20</sup> ou de louvor a Nossa Senhora, as ave-marias (06h00, 12h00 e 18h00).

Localizamos nichos de iluminação na porta magistral da Fortaleza de São Julião da Barra, em Oeiras, o qual ainda conserva portada batente, pois durante o dia esta era fechada para proteger o suporte de iluminação. Na porta magistral da Fortaleza de São João Baptista, em Angra do Heroísmo, Açores, encontram-se dois nichos de iluminação, actualmente readaptados para colocar santos devocionais, com lanternas pendentes no exterior, como se pode ver na fotografia.



Terceira, Angra do Heroísmo, Fortaleza de São João Baptista, século XVI-XVII.  
Porta de entrada onde são visíveis os nichos de iluminação (AMB)

Se os nichos de iluminação são uma presença normal nas portas magistrais e nas portas falsas das fortalezas, adstritas às funções de mobilidade e regulamentos defensivos, constatamos que em caso de cerco

<sup>20</sup> A divisão temporal foi desenvolvida pelo cristianismo, para que os fiéis tivessem uma directriz para as orações que seriam realizadas ao longo do dia. O repicar dos sinos marcou, durante séculos, o ciclo vivencial das populações nos centros urbanos europeus e suas colónias, cadenciando o abrir e fechar das portas das muralhas protectoras das cidades.

havia normas de segurança para as praças cercadas por forças invasoras comuns à população.

Se os nichos de iluminação são uma presença normal nas portas magistrais e nas portas falsas das fortalezas, adstritas às funções de mobilidade e regulamentos defensivos, constatamos que em caso de cerco havia normas de segurança para as praças cercadas por forças invasoras comuns à população.



Funchal, Palácio de S. Lourenço, século XVII. Lanternas para luminárias na varanda sul (AN)

Nos quartéis militares<sup>21</sup> não encontramos, de forma sistematizada, nichos de iluminação, pois como tinham nas suas casernas chaminés para aquecimento estes poderiam ser eliminados. Nos Quartéis de Infantaria da Praça de Almeida não havia nichos, estes surgem com regularidade nos Quartéis de Infantaria da Praça de Elvas<sup>22</sup>. Na varanda do Palá-

<sup>21</sup> Fazemos a distinção entre os quartéis militares e os quartéis anexos aos santuários. Os primeiros recebiam soldados das diferentes Armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia), enquanto os outros são assim designados para receberem civis em peregrinação.

<sup>22</sup> BORGES, Augusto Moutinho, *Museus do Exército*. Lisboa: By the Book, 2017. Edifício atualmente readaptado a Museu Militar de Elvas.

cio de S. Lourenço, no Funchal, no gradeamento da varanda voltado ao mar (marginal), as lanternas com formato de verrines fechadas asseguram iluminação aos residentes, mantendo-se a prática das luminárias em dias festivos.

Embora os civis fossem considerados não combatentes, impunham-se normativos, severamente punidos aos infractores relacionados com as luminárias, consistindo em não autorizar que «fogueassem» durante o dia ou acendessem luz à noite no interior das casas, a qual poderia ser visível ao longe, servindo como ponto de referência de tiro por parte da artilharia invasora.

Nos Reais Hospitais Militares, entre 1640 e 1834<sup>23</sup>, encontramos vestígios relacionados com a necessidade de luminárias para apoio às enfermarias, encontrando-se nichos de iluminação para colocar velas ou outras fontes de luz, para que nos locais houvesse sempre um ponto de visibilidade para assistir aos doentes e enfermos durante a noite. Ainda hoje, a expressão que os profissionais de saúde utilizam na gíria de serviço é «estar de vela», aludindo ao tempo em que tinham por função cuidar da fonte de iluminação de presença nocturna; uma vela, para que esta nunca se apagasse, colocando em perigo os doentes ao seu cuidado.

## Conclusão

Não há em Portugal um estudo sistematizado sobre a interligação da luz com a arquitetura, embora se encontrem variados estudos sobre objectos directamente relacionados com a iluminação artificial para os séculos XVII-XIX.

Os exemplos que apresentamos constituem-se como testemunhos de um passado recente, que tiveram um papel ativo na sua época mas que no presente caíram em desuso e praticamente sem funções para as quais foram concebidas. A electrificação dos eixos viários contribuiu para a sua inutilidade, resistindo alguns exemplares até à sua total extinção por falta de utilização e em obras de recuperação ou readaptação.

---

<sup>23</sup> BORGES, Augusto Moutinho, *Reais Hospitais Militares, 1640-1834*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009.

Esperamos, com o nosso contributo, dar a conhecer e reconhecer ao público em geral elementos relacionados com a iluminação e de que forma esta era realizada na via pública e quais os motivos da interligação das artes decorativas com a arquitetura, tendo como fundamento a utilidade, funcionalidade e praticabilidade.

Pelas fotografias que apresentamos, sendo algumas realizadas com peças de iluminação originais do século XVII e XVIII, e apenas iluminadas à luz de vela, podemos perceber quais os modelos como eram concebidos os nichos de iluminação, assim como da dimensão espacial que era necessária ser iluminada por uma simples vela.

# AL BERTO, TRANSUMANTE NOTURNO

Joana Lima

CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Resumo:** Da intermitência do néon desenhando marinheiros em cada bar onde se escuta Velvet Underground, à solidão das praias alentejanas abandonadas à salsugem entre os amantes que, à imagem da poesia árabe peninsular e das albas trovadorescas, só se encontram à luz da lua, a poesia de Al Berto percorre uma noite imensa, portuguesa, mediterrânica, europeia, biográfica e metafórica. Esta comunicação propõe um brevíssimo trilho que aponte como este transumante nos leva pela ausência do sol, explorando a noite como palco para uma marginal existência de papel e carne. O que é escuro surge na sua obra como lugar da música punk, do uso das drogas, da vivência do amor homoerótico e da sedução, dos que vivem nas margens do dia, de uma solidão oceânica quando se presente a aurora, na década de 70 do século XX. Sigamos o néon com que o poeta nos guia.

**Palavras-chave:** Al Berto; noite; *punk*; Lisboa; Sines.

**Abstract:** From the intermittent neon of Lisbon night, drawing sailors in each bar where Velvet Underground glares, to the loneliness of the Alentejo beaches abandoned to the salsugem among the lovers who, as Arabian peninsular poetry and lyric troubadours, only meet in the moonlight, the poetry of Al Berto goes through an immense, Portuguese, Mediterranean, biographical and metaphorical night.

This paper proposes a trail that points out how this transhumant takes us in the absence of the sun, exploring the night as the stage for a marginal existence of paper and flesh. What is dark appears in his work as a place of glam and punk music, drug use, the experience of homoerotic love and seduction, of an oceanic solitude when the dawn, of AIDS or the night of his life are present, during the

decades of the 70, 80 and 90 of the twentieth century. Let us follow the neon with which the poet guides us.

**Keywords:** Al Berto; night; punk; Lisboa; Sines.

Assumindo desde já a impossibilidade de tratar completamente um tópico desta dimensão na obra de Al Berto numa breve apresentação, trago-vos um pequeno subsídio para pensar sobre a noite na poesia deste «domador de luas». Para tal, convido-vos a que poisemos os nossos olhos sobre um livro essencial para conhecer a sua poesia — o primeiro que escreveu e publicou, traçado com a urgência e a incandescência da juventude em 1974-1975 e publicado em 1977, intitulado *À procura do vento num jardim d'Agosto*. Entre este (contendo já toda a sua potência poética e mitologia pessoal) e o seu último livro (meticulosamente trabalhado e terminado em 1996 com a consciência de uma morte antecipada, *Horto de Incêndio*), há uma vida autoficcionalada que transformou Al Berto no nosso poeta mais pop, numa das únicas estrelas rock nacionais sem que se lhe conheça um acorde que não o dos seus versos ressoando poesia islâmica medieval. Entre estes dois livros, todas as noites são de Al Berto, atravessadas pelo que é da ordem do impuro — vários venenos, amantes e solidões. Atravessadas, enfim, pela literatura.

«Luta de sonâmbulos sob a chuva» (AL BERTO, 2005: 11). Esta é a primeira frase que Al Berto escolheu publicar, em «Atrium», prelúdio em tom de reminiscência das vivências incrustadas nas seis partes de *À procura do vento num jardim d'Agosto*. Referindo-se a insetos zumbindo num quarto que a voz que escreve abandona para entrar na noite, poderá parecer menor, pouco interessante, mera imagem (se isso sequer existe; e dirijo-me aos que dizem da poesia de Al Berto ser meramente uma torrente imagética). Mas é a primeira frase de toda uma insónia, que durará 20 anos de escrita, e neste livro muito concretamente. É esta insónia que faz com que o autor, ficção de si, deambule por uma cidade noturna ardendo e escreva palavras queimando os seus dedos, para nomear «amigos, lugares, objectos, arqueologias» (AL BERTO, 2005: 11) que já só existem no seu

coração (e lembro a ideia nietzschiana de só podermos dizer o que já está morto nos nossos corações). É a noite o espaço deste sonambulismo entre a vida e a sombra da vida, a memória que a literatura permite quando o sol só existe do outro lado do mundo, os olhos se fecham e «no ácido écran das pálpebras» se acendem os «quartos alugados» onde Al Berto, os seus amigos, os seus amantes, as suas personagens pernoitaram.

Começa neste fechamento e acender uma transumância para os que, lembrando Pessoa, vivem entre o sono e o sonho. Esta insónia, que Al Berto sinestesticamente define como uma «ferida cor de ferrugem», é exercício de rememoração da sua travessia pelas noites de Málaga, Sevilha, Barcelona e Londres nos anos 70. É a recordação de uma vertigem deambulatória pelo lado dionisíaco da existência, segundo a sua conceção nietzschiana, a partir d'*As Bacantes* de Eurípides, que identifica Dioniso com noite e esta com crime, sombra, loucura criativa, música e sabedoria (por muito apolínea que a poesia de Al Berto consiga ser, na oblíqua luz que faz incidir sobre a sua intermitente *ekphrasis* de tudo o que é deserto, sonho, ilusão, aparência, arte visual). Al Berto é Dioniso na sua loucura criativa, vivendo e escrevendo «deitado, durante a noite» (AL BERTO, 2005: 16) saboreando «o que sobejou da noite» (AL BERTO, 2005: 16), sendo esta, simultaneamente, e em dois momentos distintos, a morada das suas experiências vivenciais e da sua criação poética. E este é um gesto alquímico, pois esta escrita noturna tem, à imagem do seu herói literário Jean-Arthur Rimbaud, uma função de transformação do eu e do mundo. Sabemo-lo logo no início de *À procura do vento num jardim d'Agosto*, quando confessa escrever:

talvez para avaliar o meu próprio lixo e amar-me um pouco mais.  
Outras vezes, modifico essa realidade, emendo-a, sublimo-a, rasgo-a, expulso-a da memória. Descubro que sou o meu primeiro leitor.  
É nesse momento que me corrijo, proíbo-me, corto uma veia, ouço o canto nítido dos galos. Mudo de vida. Amanhece sempre que mudo de vida, conheço o meu próprio vómito (AL BERTO, 2005: 16).

A noite é morada da escrita, e a escrita é imitação e metamorfose da vida e sublimação do eu no limiar entre a treva e a aurora.

Há uma dor de estar ao sol na narrativa principal em *À procura do vento num jardim d'Agosto*, de um amor entre muitos corpos, todos da cor

da incandescência, de néons imitando sóis, consubstanciados em personagens desenvolvidas posteriormente em *Lunário*. E em duas concretamente: Tangerina e Nervokid, amantes adolescentes vogando pela noite europeia e mediterrânica, dissolvendo um binarismo de género até então inquestionável na literatura portuguesa (mais do que um amor homossexual, encontramos nestas seis partes, nestes seis equinócios, uma Tangerina e um Tangerina que muda fluidamente de artigo definido: ora «o», ora «a»). E estes amantes rememorados à noite, alimentando a escrita autobiográfica e notívaga de Al Berto, encontram-se à luz da lua, numa recordação das cantigas de alba trovadorescas da poesia medieval portuguesa em que os amantes passariam a noite juntos separando-se, pelos mais diversos motivos, de madrugada. Tangerina, reminiscência da metáfora surrealista da lua enquanto laranja que amacia a luz do sol para os que não conseguem olhar diretamente para ele, luz que Al Berto adjectiva como «mortal» ao longo da sua obra, e Nervokid, aquele que adormece sempre de óculos escuros na margem da madrugada, amam-se, deambulam e alimentam a narrativa de Al Berto de noite. São os sonâmbulos insetos pousando sobre o papel, lutando contra a chegada dolorosa do dia, metaforizada nos «espinhos de luz» (AL BERTO, 2005: 16) que os ferem de manhã.

Esta busca de sombra é a busca de sombra da vida que a literatura concede. Sabemo-lo quando lemos:

Nervokid esfrega o coral dos olhos ensonados, murmura: Vou cozer as pálpebras de amianto com uma finíssima agulha de fogo, flexível, para não deixar cicatriz na bainha azul das palavras, vou dormir abandonadamente sem tirar os óculos escuros que me defendem contra o mundo, e no abismo das insónias reinventar-te-ei (AL BERTO, 2005: 16).

Esta reinvenção de Tangerina ou Al Berto por Nervokid ou Al Berto no mundo onírico é a reinvenção de Tangerina e Nervokid ou de Al Berto por Al Berto na insónia, numa flanaria de óculos escuros entre a escrita e a realidade, em que a primeira protege da segunda e, de acordo com Jacques Derrida, apenas pode ser negra, pois é sombra e proteção (DERRIDA, 2013: 21). Neste caso, proteção do medo e da solidão, que o poeta revela num gesto que lhe é habitual: «dedos na boca, assobiava ao medo

durante a noite» (AL BERTO, 2005: 23). Neste caso, ainda proteção do medo e da solidão mais do que dentro da vida, dentro da página, como podemos ler em:

sozinho atravessei noites de medo. (...) conheci o medo, quando desta folha de papel se me revelou a melancolia de uma lâmina de barbear usada. E não há lugar no mundo para as lâminas de barbear usadas (AL BERTO, 2005: 20).

A escrita surge assim em Al Berto como alquimia do medo, da solidão, de tudo o que tem a cor da insónia e da ferrugem (e, já agora, da cor do rubedo, a fase incandescente do processo alquímico), como transfiguração e sublimação de tudo o que fere, seja primeiro raio de sol ou lâmina.

O movimento noturno destes animais sonâmbulos, destes amantes adolescentes vagamundando na orla do Mediterrâneo, com a roupa colada aos corpos e os rostos queimados pelo iodo que a «sibilante luz das madrugadas» (AL BERTO, 2005: 17) recorta, numa contínua «noite lenta e envergonhada, remota noite árabe» (AL BERTO, 2005: 17) que traz até ao século XX a cadência da poesia árabe peninsular de que Al Berto bebeu o néctar (lembremo-nos de Al-Mu'tamid como seu fantasma e herói), uma noite em que o sangue ferve... este movimento noturno triparte-se em frenesi | explosão | queda, à maneira da dança das ménades esfuziantemente prestando rito a Dioniso, à maneira de uma pequena morte a que também podemos chamar orgasmo. Nos seis equinócios de *À procura do vento num jardim d'Agosto* palpa-se a excitação e a vertigem destes seres mimetizando estrelas cadentes abandonadas à treva da paisagem celeste, e eles «sós, abandonados ao silêncio da noite das cidades» (AL BERTO, 2005: 18). Sabemos este processo vertiginoso quando lemos:

(...) explodem dois astros de éter. Uma estrela cadente passa sem que tenhamos tempo para formular os três desejos. (...) manhã de ausências, dúvidas, receio de não amanhecer contigo, nunca mais. Teu rosto resplandece de luz enquanto eu adormeço, ou morro, tanto faz (AL BERTO, 2005: 17).

Se for possível afastarmos a comoção que o lirismo destas quatro frases provoca naqueles em que possa ressoar esta incandescência, reparamos

que estão nelas embutidos três tópicos fundamentais da noite em Al Berto: sexo, drogas e a chegada da manhã como morte. E *rock and roll*, onde a sinonímia destes três lateja.

Não tivesse Al Berto trabalhado para o seu mito fotografando-se an-drógeno, com purpurinas, pestanas impossivelmente longas, cabelo comprido, calças justíssimas, e continuaríamos a saber que a música *glam, punk* e *rock and roll* lhe ferveria nas veias nos anos 70, quando abandona um Portugal atávico para estudar pintura em Bruxelas e vive plenamente a boémia sua contemporânea. O som hipnótico, ácido e disruptivo de Velvet Underground, Rolling Stones e The Stooges arranha todo o seu primeiro livro. Conseguimos ouvir Mick Jagger quando o autor nos fala de um inverno passado junto ao rio Tamisa:

(...) de Londres, fugia o cheiro punk dos dias poluídos. Havia rock de manhã à noite. (...) mais brown sugar a horas certas (AL BERTO, 2005: 22).

Conseguimos ouvir Lou Reed quando nos é narrada esta noite, algures entre Inglaterra e Espanha, num qualquer deserto com néon e grandes avenidas solitárias:

(...) o som do hi-fi em surdina, take a walk on the wild side. Corpos emaranhados na escuridão do quarto, uma aranha tece a manhã que os separará, cheira a tabaco. Enleados, estendidos, de pé, torcidos, separados, latejantes, ensonados, húmidos, distantes. Ela (Tangerina) dorme, eles dormem na cumplicidade do sonho. Até amanhã (AL BERTO, 2005: 25).

Conseguimos ouvir Iggy Pop numa noite chuvosa em Barcelona quando Al Berto nos diz:

Stooges no máximo. Chove. Não sei onde estou. Cheguei aqui durante a noite (AL BERTO, 2005: 43).

E a eletricidade que pressentimos nestas noites em que Tangerina, Nervokid, Zohía, tantas suas personagens adolescentes vão explodindo e ardendo pelas cidades (num esforço de habitarem aquilo que sabem ser

deserto: as cidades e os seus corações), é alimentada pelas drogas. Eles, astros de éter, são tanto de firmamento quanto de álcool, ácidos, cocaína. Em jeito de enumeração, e querendo mimetizar a velocidade do veneno viajando nestes corpos, partilho algumas referências a drogas presentes em *À procura do vento num jardim d'Agosto*:

(...) são onze da noite no coração das pedras, silêncio inesperado das imagens. Mais cocaína (AL BERTO, 2005: 19);

(...) bêbados cantarolamos obscenidades de top ten americano (AL BERTO, 2005: 21);

(...) fumo. Snifo. Fumo cigarro atrás de cigarro. Tenho medo. (AL BERTO, 2005: 41);

(...) ácidos licores da noite sem eira nem beira (AL BERTO, 2005: 60);

enrolava um cigarro, fumávamos e tudo era silêncio zunindo (AL BERTO, 2005: 55);

(...) a minha velha cabeça psicadélica pede mais *sex drugs and rock and roll*. Volto já (AL BERTO, 2005: 26);

(...) depois snifava e acalmava (AL BERTO, 2005: 23);

(...) o ópio agia (AL BERTO, 2005: 29);

(...) vomitei, vomitei o ópio, a cerveja e os soníferos (AL BERTO, 2005: 29);

(...) é noite ainda. (...) seringas flutuantes, ambulâncias. Acor damos num marasmo de mãos e de pálpebras inchadas. Os chuis observam-nos, nada acontece, o produto está em segurança. (...) olhamo-nos em silêncio, os cabelos têm um sabor turvo a sono e a ópio. Dormimos (AL BERTO, 2005: 25).

Cocaína, licores, ácidos, ópio, cerveja, soníferos, cigarros, haxixe, heroína preparam a combustão destes corpos em plena treva de céu estrelado acima e avenidas desertas pontilhadas pelas intermitências dos semáforos e do néon abaixo. Dificilmente não nos lembraremos do poema «Enivrez-vous» de Charles Baudelaire quando lemos Al Berto e os seus venenos, que terá encarnado o conselho do autor de *Flores do Mal*, embebedando-

-se de vinho e virtude e poesia, todo ménade dionisíaca. O transe báquico de adoração a Dioniso dá lugar na poesia al bertiana à adoração do próprio frenesi que a Dioniso conduz, sabendo, porém, o autor que há neste processo de frenesim e explosão destes astros de éter aos quais ele pertence simultaneamente enquanto autor e personagem, uma busca e um achamento de verdade e pureza, quando nos indica uma sinonímia entre droga e purificação, afirmando que «o ópio depura, age como se uma luz laminar te percorresse a espinha» (AL BERTO, 2005: 23) ou que «o ópio purifica a queda» (AL BERTO, 2005: 49) ou ainda que «a droga purifica. A memória projecta-se para lugares inacessíveis» (AL BERTO, 2005: 49).

Como pode, então, o que é da ordem do impuro purificar? Potenciando a escrita de Al Berto, esse lugar de proteção para a vida tão impura na solidão e no medo em que existe, esse lugar que faz sombra do apolíneo sol que fere quando traz consigo o dia e as suas normas para o amor e a existência. A droga, o sexo e *o rock and roll*, dionisíacos até ao númeno, permitem que quem está à margem de uma sociedade apolineamente regida por leis e convenções, morto de dia e acordado de noite, numa inversão do que é vulgarmente aceite como *normalidade* (falo dos sonâmbulos que morrem quando chega a alba, das prostitutas que jogam às cartas em caves sórdidas com marinheiros [que Al Berto grita TAM-BÉM SEREM «FILHAS DO SENHOR»], dos travestis que se escondem em jardins noturnos para melhor se mascararem de flores, dos homossexuais, dos criminosos), viva (seja em carne e osso, seja literariamente pela reminiscência autobiográfica e posterior autoficção de Al Berto, escritor noturno, mas antes travesti no bar Arlequín em Barcelona, onde terá passado noites a beber e a engatar, como nos conta neste excerto):

(...) ontem à noite vesti-me de mulher pela primeira vez. Comi coisas delicadas. Doçarias que melhor convinham à minha nova identidade. Assemelhava-me a uma asa de pássaro quebrando de solidão. Vivía em Barcelona nessa altura. Prendi os cabelos com fitas vermelhas. Caçava marinheiros. Fumava ganzas com gestos incertos. Tentava ser feliz. Os dedos afogados na sensualidade da esfuziante lingerie. Experimentei minha voz arranhada de velha Marlène. Cambaleei. As avenidas encheram-se de piases agudos. Piases que só eu por trás da cara pintada conseguia ouvir. Depois arranquei a peruca loura, torci os saltos dos sapatos. Rasguei o

vestido negro confeccionado com restos duma cortina ao som dum bolero. Joguei-o às sujas águas do porto. Amanhecia (AL BERTO, 2005: 40).

Os que vivem no submundo das cidades e buscam uma luz que só o néon dá (visto a do sol, das leis, regras, e convenções não lhes servir), os que se alimentam do que é impuro, que estão na sombra, são o próprio ópio do poeta para a sua criação literária, que faz sombra sobre a própria existência de Al Berto. Sabemo-lo ao ler:

(...) é tempo de vigília absoluta. Escutar a voz, murmurar estrelas, abrir vermelhas frestas por onde o aparo da caneta injecta sílabas. Rasgar o receio coalhado no peito e gritar, gritar até que o grito se perca no silêncio onde nasce a escrita. O corpo é o único suporte do texto, o sangue, o esperma, a vida toda num estremecimento escondido em cada palavra (AL BERTO, 2005: 24).

É no deserto da noite e das cidades que nasce a sua escrita, são estas personagens noturnas a tinta (da cor da ferrugem, da heroína, do álcool, do sémen, do sangue, das estrelas) da sua caneta. E é o gesto de injetar sílabas num papel uma forma de mostrar ao leitor a vida que existe no silêncio e no deserto. Que é o mesmo que dizer na noite das cidades por onde Al Berto passou e que depois transfigurou poeticamente.

A incapacidade de o autor escrever e de as suas personagens viverem de dia atravessa todo o livro, quando confessa a sua inaptidão para criar palavras ardendo por ter as «mãos enjauladas na alba» (AL BERTO, 2005: 49); a sua «viscosa ansiedade» que a chegada da madrugada lhe causa ao pensar «quando, daqui a umas horas, a manhã vier branca e fria, saberei eu andar? Lembrar-me-ei de como se põe um pé à frente do outro? Sem cair...» (AL BERTO, 2005: 32); a sua imobilidade quando diz estar e estarem «deitados à espera que se dissipe o sono e despertem, na dobra do lençol, os fantasmas quotidianos» (AL BERTO, 2005: 38); e a sua dor quando o dia começa, «são sete e meia da manhã» e ele diz «Não aguento mais. O tempo arde incomensurável. Limpo» (AL BERTO, 2005: 42). E tenta curar esta dor de estar ao sol escrevendo de noite sobre a noite, vivendo insone, chegando a afirmar, como se uma arte poética da sua obra torrencial fosse feita de apenas quatro linhas, que:

Nervokid nasceu da insónia, Tangerina do silêncio da alba, e eu sou a fusão viva dos dois (AL BERTO, 2005: 24).

e que

é nas sarjetas da noite que Tangerina... bye bye, nos esgotos que Nervokid adormeceu. E eu, outra vez vivo, sem memória escrevo (AL BERTO, 2005: 29).

Tangerina e Nervokid são Al Berto, sonâmbulos nascidos da noite e adormecendo ou morrendo na alba, como amantes medievais ou marginais ou criminosos pelo simples facto de se amarem. Al Berto transumante, Al Berto personagem, Al Berto escritor são Dioniso, na sua busca pelo excesso, pela sombra, pela droga, pela sabedoria. Nenhum espera, como nos poemas homéricos, por Apolo de róseos dedos trazendo consigo a aurora. Em *À procura do vento num jardim d'Agosto*, espera-se por aquilo que «os dedos de noite açucarada» da sombra da literatura possam trazer: embriaguez, frenesim, explosão, vertigem. E alguma sombra.

## **Bibliografia:**

AL BERTO (2015). *O Medo*. Lisboa: Assírio & Alvim.

DERRIDA, Jacques (2013). *Esporas, os Estilos de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Nau.



# «ANTIQUÍSSIMA E IDÊNTICA»: A NOITE NO PROCESSO CRIATIVO DE FERNANDO PESSOA

Ricardo Belo de Moraes

Casa Fernando Pessoa<sup>1</sup>

**Resumo:** Fernando Pessoa partiu do negro-pigmento que foi a sua vida pessoal para criar a literatura branco-luz que assegurou a universalidade da sua escrita. Enquanto sujeito e tema, a Noite marcou a obra ortónima pessoana, desde os *35 Sonnets* de 1918 até *Mensagem*, em 1934. Mas incrustou-se também na poesia dos heterónimos Ricardo Reis, Alberto Caeiro e — em especial — Álvaro de Campos, além de na prosa desassossegada do semi-heterónimo Bernardo Soares. Ponto de partida e tantas vezes estação de chegada, a Noite em Fernando Pessoa é mistério, desânimo, desolação, misticismo e morte, mas também antecipação de vida e renascimento. E o próprio escritor foi, segundo os seus relatos diarísticos e epistolares conhecidos (além dos testemunhos directos de Ofélia Queiroz e da família de Pessoa), um criador de horários acentuadamente nocturnos. Propomo-nos analisar estes caminhos e as suas intersecções, em eco, abismo e redenção.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa, Noite.

**Abstract:** Fernando Pessoa took off from the pigment-black his personal life was to create the white-light literature which ensured his writings universality. While subject and theme, Night left its blueprint in the orthonym's body of work, from the *35 Sonnets* in 1918 to «Message», in 1934. But it also rooted itself in the of the heteronyms Ricardo Reis, Alberto Caeiro and — most especially —

---

<sup>1</sup> [escrevedor@netcabo.pt](mailto:escrevedor@netcabo.pt).

Álvaro de Campos, as well as in the restless prose of the semi-heteronym Bernardo Soares. Starting point (and so many times terminal station), Night in Fernando Pessoa is mystery, disenchantment, desolation, mysticism and death, but also an anticipation of life and rebirth. According to his own known diaries and correspondence (as well as testimony from his family and his girlfriend Ofélia Queiroz), the writer himself was a creator of prominently nocturnal activity. We propose an analysis of these paths and their interactions, under echo, abyss and redemption.

**Keywords:** Fernando Pessoa, Night.

A questão do sujeito «Noite» na poesia pessoana está debaixo de radar desde tão cedo quanto 1959, com evidências claras e tratamento estatístico da recorrência da noite e anoitecer na obra poética de Fernando Pessoa. Podemos neste campo observar, por via do estudo «Nocturnos de Pessoa», de Carlos Pitella (2014: 129-130) um excerto de «Poesia e Poética de Fernando Pessoa», a tese de livre-docência pela UFRJ de Cleonice Berardinelli (1959), veterana dos estudos pessoanos no Brasil:

*Se, além de voltado para si, ele é um poeta, e um poeta angustiado pela busca do Mistério e pelos problemas do ser, é natural que lhe aprezam mais as sombras ou a claridade pálida e fria do luar, o silêncio e o sossego, propícios às fundas cogitações. Explicar-se-á, assim, a preferência acentuada de Fernando Pessoa pela noite ou pela tarde quase-noite. Numa poesia em que a natureza não figura como elemento independente e sim como motivo criador de ambiente poético, às vezes com valor metafórico, é apreciável a insistência com que a noite aparece, tão presente, tão real, tão participante dos sentimentos do Poeta que ele lhe dá figura entre humana e divina e a ela se dirige com calor e ternura raros nele [...].*

Mas Cleonice Berardinelli vai mais longe, em nota de rodapé na mesma página da citação anterior, com o rigor do levantamento estatístico que então fez aos oito volumes da poesia de Fernando Pessoa editados, até 1959, pela Ática, em Portugal, concluindo que:

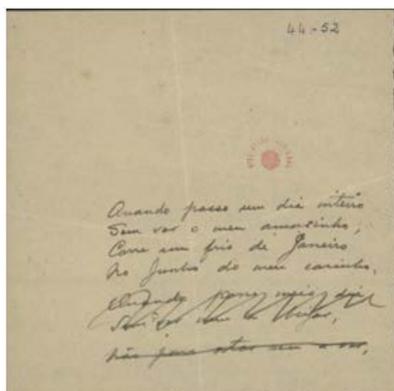
*[...] em 79% dos poemas, não há referências a hora, o que é perfeitamente natural, numa poesia essencialmente subjetiva; em 2%, há mutação de dia para noite ou vice-versa; em 13% aparecem elementos noturnos e, em 6%, elementos diurnos: sol, céu azul, etc. Como se vê, a proporção dia/noite é comprovadora do que dissemos. Além disso, a claridade do dia, a sua limpidez, o seu conteúdo de alegria e de vida vêm frequentes vezes modificados por adjetivos ou frases que lhes atenuam o sentido. São bem raras as demonstrações de júbilo e confiança no dia que nasce [...]*

(BERARDINELLI, 1959: 47)

Cabe perguntar porquê, naturalmente. E neste ponto, desde logo, talvez até sacrilegamente, optamos por ir buscar fundamentação, antes de mais, à biografia pessoana, com prejuízo da bibliografia. Esta opção é tomada, acima de tudo, pelas evidências hoje claras de que o poeta fingidor, o escritor que disse que um poema deve partir do raciocínio, para que a emoção que o constrói seja também racionada antes de chegar em cru à folha de papel, também acabou a escrever que um poema deve ser um esqueleto de raciocínio, coberto por uma carne de emoção.

São coisas diferentes: o fingimento poético de Fernando Pessoa (que acabou a garantir-lhe imunidade às diferenças geracionais, culturais, linguísticas, políticas e/ou religiosas dos seus leitores) não foi uma constante a presidir à sua obra.

Sabemo-lo nomeadamente através da prova que passa pelos ritmos da sua produção poética onde o amor surge, ansioso e desinquieto entre Dezembro de 1919 e Março de 1920, os meses que demorou a declarar-se a Ofélia Queiroz. Para, depois de Março e até finais de 1920, serem os poemas de amor já ligados à esperança e ao encantamento. E é no mínimo curioso vermos o semi-Deus da literatura, o homem que já tinha passado pela *Orpheu*, pelos *35 Sonnets* e pela *Portugal Futurista*, escrever coisas como esta:



Quando passo um dia inteiro  
Sem ver o meu amorzinho  
Cobre-me um frio de Janeiro  
No Junho do meu carinho

Fig. 1. Uma Quadra de Pessoa dedicada a Ofélia<sup>2</sup>

Depois da ruptura em Novembro de 1920, o amor enquanto tema e sujeito desvanece-se da poesia datada ou datável; e quando é encarado, surge numa perspectiva de distância. Os mesmos ritmos de aceitação/rejeição, entusiasmos/desalento, voltam a surgir no reatar da relação, em especial entre 1929 e 1931.

Outro exemplo clássico passa pela criação do poema ortónimo de mais de 300 versos, o único verdadeiramente (e directamente) autobiográfico da sua vida, «Un Soir A Lima», que Fernando Pessoa compõe em 1935, quando é surpreendido, na solidão do seu apartamento de Campo de Ourique, pela rádio que emite a peça homónima (1860?) do compositor belga Félix Godefroid, que Madalena Pinheiro Nogueira Pessoa, a mãe de Fernando, sempre tocou nos serões de família, primeiro em Lisboa, depois em Durban. E que Pessoa não ouvia há mais de 10 anos.

Interessa, por isso, recorrer também à biografia e aos testemunhos dos amigos e familiares, para perceber como a Noite influenciou no processo criativo de Fernando Pessoa. Diz-nos a sua irmã, Henriqueta Madalena, que com ele conviveu numa base diária entre 1920 e 1924; e depois novamente em 1926, que Pessoa tinha noites inteiras em claro, nas quais escrevia num estado quase febril:

<sup>2</sup> [BNP/E3, 44-52r].

Deitava-se sempre tarde, por vezes não pregava olho a noite inteira, noites agitadas e febris, noites em que escrevia intensamente, outras em que certamente não escrevia, mas em que o seu cérebro não sossegava. À hora do almoço, lia-nos o que escrevera e queria saber a nossa opinião. Perguntava-nos: gostaram? O que acham disto? Lia-nos versos, notas soltas, textos, enfim, e nós ouvíamos e gostávamos. Às vezes era um pouco complicado ou hermético, mas quase sempre era sublime o que escrevia. Há poesias do Fernando tão simples que até as crianças entendem.

(FRANÇA, 1987: 251)

Nesta «noite onde as estrelas mentem luz»<sup>3</sup>, toda a noite consigo mesmo, entredesperto, Fernando Pessoa usa o sossego do bairro para a interrogação e o apelo («Abismo de ser muitos! Noite Minha! / Encruzilhada do meu vasto ser! / Quem quero que seja eu?»<sup>4</sup>) e mostra até, por vezes, o quase-receio do fim da noite, escrevendo versos como «Vão apagar o último candeeiro / Na rua amanhecendo de minha Alma!»<sup>5</sup>.

É notória a capacidade de Fernando Pessoa (em especial nos anos finais de morada em Campo de Ourique, quando o apartamento da Rua Coelho da Rocha, n.º 16 é agora, quase sempre, castelo do seu isolamento nocturno) observar, escutar e sentir toda a vizinhança, desde o piano que toca num andar da vizinhança ao choro dos pais que perderam uma filha para a doença, passando por um cão que uiva triste ou o bêbado que passa abaixo daquela janela do 1.º andar.

E estas referências, sensações e observações nocturnas encontram caminho para o interior da poesia ortónima e heterónima, em largas dezenas de exemplos. Como encontraram também, de resto — e como adiante veremos — para o *Livro do Desassossego*.

Respondendo à encomenda de um tríptico que lhe foi feita pela Câmara Municipal de Lisboa, para a inauguração da Casa Fernando Pessoa, a

<sup>3</sup> *Livro do Desassossego*, Vol. I, p. 192 (1982).

<sup>4</sup> *Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa*. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990. - 93.

<sup>5</sup> *Álvaro de Campos — Livro de Versos*. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. - 27a.

30 de Novembro de 1993, o artista plástico português Manuel Amado não deixou em claro esta preferência vivencial e literária do escritor a homenagear, nem a sua ligação ao bairro da última morada pessoana (ver Fig. 2.).



Fig. 2. «O Quarto de Fernando Pessoa III», de Manuel Amado (óleo sobre tela, 1993)

Na visão que Manuel Amado ficciona, a mostrar-nos a vista do interior do quarto de Fernando Pessoa para o lado de lá da rua, somos quase espectadores das palavras de Álvaro de Campos, o mais lisboeta dos heterónimos pessoanos — e do que poderá bem ser um vizinho observado:

Acordo de noite, muito de noite, no silêncio todo.  
São — tictac visível — quatro horas de tardar o dia.  
Abro a janela directamente, no desespero da insónia.  
E, de repente, humano,  
O quadrado com cruz de uma janela iluminada!  
Fraternidade na noite!

Fraternidade involuntária, incógnita, na noite!  
Estamos ambos despertos e a humanidade é alheia.  
Dorme. Nós temos luz.

Quem serás? Doente, moedeiro falso, insone simples como eu?  
Não importa. A noite eterna, informe, infinita,  
Só tem, neste lugar, a humanidade das nossas duas janelas,  
O coração latente das nossas duas luzes,  
Neste momento e lugar, ignorando-nos, somos toda a vida.  
Sobre o parapeito da janela da traseira da casa,  
Sentindo húmida da noite a madeira onde agarro,  
Debruço-me para o infinito e, um pouco, para mim.

Nem galos gritando ainda no silêncio definitivo!  
Que fazes, camarada, da janela com luz?  
Sonho, falta de sono, vida?  
Tom amarelo cheio da tua janela incógnita...  
Tem graça: não tens luz eléctrica.  
Ó candeeiros de petróleo da minha infância perdida!

Álvaro de Campos, 25-11-1931<sup>6</sup>

Não sendo leitora exaustiva de Fernando Pessoa, Elisabeth Bronfen sumariza perfeitamente a necessidade (objectiva) do período nocturno para os criadores, na análise literária/psicoanalítica que faz em *Night Passages: Philosophy, Literature, and Film* (2013). De acordo com o raciocínio da autora, é à noite que o mundo diurno fica sujeito a maior reflexão e comentário; e a noção de tempo transmuta-se. A noite é, tantas vezes, um espaço à margem do real, onde as percepções e análises desse real se subordinam a um estado de espírito novo, com novas conclusões, descobertas e decisões — que o dia, com todos os seus estímulos exteriores, não pode trazer (especialmente aos criadores que vivam, maioritariamente, voltados para o seu mundo interior).

Nesta linha, Fernando Pessoa foi, desde sempre, um desses artistas que precisam de tempo e espaço de recolhimento, silêncio, introspecção, para criar a obra, na hora por vezes absurda entre o sono e o sonho. Fernando Pessoa ele-mesmo, o poeta acima de tudo dramaturgo, tem esta

<sup>6</sup> *Álvaro de Campos — Livro de Versos*. Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. - 153.

necessidade. Como de resto já a tinham tido os seus gémeos Shakespeare e Milton, Poe e Hegel, Nordau e Freud ou Mozart e Beethoven, apenas a título de enquadramento.

Além do testemunho da família, no livro *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (PESSOA, 2003), a edição de Richard Zenith deu-nos a conhecer, pela primeira vez, o conjunto total dos diários fragmentários e incompletos de Pessoa, nos anos de 1906, 1913 e 1915. Daí se recolhem evidências tão claras da necessidade pessoal de ler mais poesia «neutralizar um pouco o efeito da filosofia pura». E da vida social nocturna que inicia, logo no ano de 1906, com o seu tio Henrique Rosa, irmão do padrasto, que abriu a Fernando as portas do consumo de álcool e das tertúlias nocturnas dos cafés lisboetas.

Em 1913 e 1915, já adulto e sem horas de recolher, é clara a necessidade de Fernando Pessoa em fazer um «reboot» ao quotidiano tributável no qual se embrenhou, como correspondente estrangeiro *freelancer*, em vários escritórios de Lisboa. Dorme muitas vezes ao serão, entre as 21h00 e as 23h00, e acorda outro de si mesmo, pronto a sair de casa para as tertúlias e encontros no Chiado e na Baixa, na Brasileira, no Jansenn, no Portugal, no Chave d'Ouro, nos Irmãos Unidos e no Montanha.



Fig. 3. Fernando Pessoa no Martinho da Arcada 23 de dezembro de 1928 in *O Notícias Ilustrado* — com António Botto, Raul Leal e Augusto Ferreira Leal

Regressa a casa (ou aos quartos arrendados que mais parecem celas de prisão), depois de longos passeios a pé, pronto a escrever, triste, no seu quarto quieto, sozinho como sempre tem sido, sozinho como sempre será.

E é nessas noites que vai compor, em 1913, o drama estático «O Marinheiro», no qual surgem as três veladoras precursoras dos heterónimos. É nessas noites que, em 1914, se acerca da cómoda alta para os meses de labor e explosão criativa que mais tarde vai condensar, ficcionadamente, naquilo a que chamará o seu Dia Triunfal — de 8 de Março. E é outra vez de noite que vai dar uma juventude encenada ao seu Álvaro de Campos nascido adulto, criando-lhe um «Opiário», com «uma noite cheia de brilhantes onde a Lua se ergue como sua Sina».

Previdente sem o saber, conjurou Alberto Caeiro, Ricardo Reis e (acima de tudo) Álvaro de Campos, «o mais nocturno dos heterónimos pessoanos» (FINA, 2016), que o vão ajudar até ao fim da vida a proteger o seu *self* da solidão e das agressões do mundo exterior, como se fossem *airbags* (MALPIQUE, 2014).

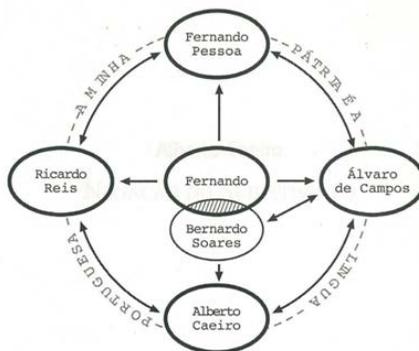


Fig. 4. A análise psicanalítica do fenómeno da despersonalização pessoana<sup>7</sup>

Como é aqui feita, a análise psicanalítica do fenómeno da despersonalização pessoana (ver Fig. 4.) dá-nos preciosas respostas. Na verdade, depois do suicídio de Mário de Sá-Carneiro em Abril 1916 e do esboçar,

<sup>7</sup> Diagrama de Celeste Malpique, *op. cit.*, p. 41.

nesse mesmo ano, da relação de proximidade quase confessional que mantinha com Armando Cortes-Rodrigues; Fernando Pessoa deve, aos seus três amigos imaginários adultos, fatia grossa da sua estabilidade emocional e mental tão fragilizada depois do fim prematuro do projecto da *Orpheu*.

Pessoa descreve-se como:

Uma sombra que desliza entre as sombras e brilha  
Um momento de uma claridade fúnebre desconhecida  
E entra na noite como um sulco de um barco que se perde  
Na água e nós deixamos de ouvir...

Como salienta Eduardo Lourenço (que nos deu também, na edição de 4 de Junho de 1988 do jornal *Expresso*, p. 36-37, a citação acima) em *O Lugar do Anjo*, «entre o tempo falsamente eterno do pastor Caeiro e o tempo nocturno de Álvaro de Campos, frequentador, como Conrad, do “coração das trevas”, existe o tempo integral, o tempo horaciano das Odes de Ricardo Reis». (LOURENÇO, 2004)

Os heterónimos são três âncoras que resgatam Pessoa das mandíbulas do abismo, com modos bem distintos de ver e sentir a noite.

Alberto Caeiro diz-nos, em Outubro de 1917, para os seus «Poemas Inconjuntos», que:

A noite não anoitece pelos meus olhos.  
A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.  
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos  
A noite anoitece concretamente  
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.<sup>8</sup>

Já Ricardo Reis, em 2 de Setembro de 1923, quando se aproxima a sua revelação em estreia na revista *Athena*, afirma que:

Não canto a noite porque no meu canto  
O sol que canto acabará em noite.  
Não ignoro o que esqueço.  
Canto por esquecê-lo.

---

<sup>8</sup> Teresa Sobral Cunha, *op. cit.*, p. 135.

Pudesse eu suspender, inda que em sonho,  
O Apolíneo curso, e conhecer-me,  
Inda que louco, gémeo  
De uma hora imperecível!

O prudente distanciamento de ambos, no fim de contas, no mergulho de Campos, que é também do ortónimo, expresso nos primeiros versos de DOIS EXCERTOS DE ODES (FINS DE DUAS ODES, NATURALMENTE):

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,  
Noite Rainha nascida destronada,  
Noite igual por dentro ao silêncio.  
Noite  
Com as estrelas lantejoulas rápidas  
No teu vestido franjado de Infinito.

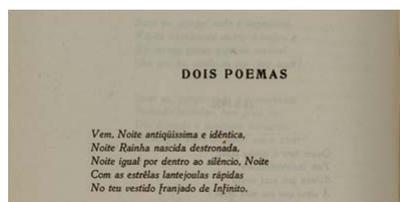


Fig. 5. Primeira publicação do poema, in *Revista de Portugal*, n.º 4. Lisboa: Jul. 1938

É a noite que recebe as dores e as angústias da vida, tanto no irmão do lado negro do espelho como em Pessoa, do lado de cá. Vemos isso, com a clara nitidez da luz, permitam-me o trocadilho, em «Abdicação», do ortónimo:

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho.  
Eu sou um rei  
Que voluntariamente abandonei  
O meu trono de sonhos e cansaços.

### ABDICAÇÃO

*Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho.  
Eu sou um rei  
Que voluntariamente abandonei  
O meu throno de sonhos e cansaços.  
Minha espada, pesada e braços lassos,  
Em mãos viris e calmas entreguei;  
E meu sceptro e coroa, — eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços.  
Minha cota de malha, tão inútil,  
Minhas esporas, de um tinar tão fatil,  
Deixei-as pela fria escadaria.  
Despi a realza, corpo e alma,  
E regresses á noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia.*

FERNANDO PESSOA.

Fig. 6. Primeira publicação do poema, in *Ressurreição*, n.º 9. Lisboa: Fev. 1920.

Mas há um «intruso». Capaz de fundir ortónimo e heterónimos, também ele não escapa ao apelo da noite e a escrever sobre ela. Entre 1913 e 1919, chama-se Vicente Guedes. A partir de 1929 e até ao final da vida de Pessoa, chama-se Bernardo Soares.

Voltando a Berardinelli, e à sua metodologia de pesquisa para a presença da Noite na obra pessoana, reconheceremos a palavra (e também os elementos que a compõem ou simbolizam (estrelas, lua, escuridão, negro) para descobrir que dos cerca de 600 fragmentos que podemos alocar ao *Livro do Desassossego*, fazendo a média dos conteúdos das quatro principais edições do Livro (Jacinto do Prado Coelho, Teresa Sobral Cunha, Richard Zenith e Jerónimo Pizarro), aproximadamente 30% recolhem inspiração na Noite e nela se debruçam em palavras, cenários e sensações vertidas para a folha em branco.

The screenshot shows the 'Arquivo LdoD' interface. At the top, there are navigation tabs: ACERCA, LEITURA, DOCUMENTOS, EDIÇÕES, PESQUISA, VIRTUAL, and PT EN ES. Below the tabs, there are four vertical columns representing different editions of the text 'CHOVE MUITO, MAIS, SEMPRE MAIS...'. Each column shows the number of occurrences of the word 'noite' (night) in that edition, along with navigation arrows. The text of the fragment is displayed in the center, with the first few lines visible.

| Edição                  | Conteúdo |
|-------------------------|----------|
| JACINTO DO PRADO COELHO | 79       |
| TERESA SOBRAL CUNHA     | 204      |
| RICHARD ZENITH          | 69       |
| JERÓNIMO PIZARRO        | 38       |
| RECUPERAÇÃO             | 79       |
|                         | TSC 15   |
|                         | JPC 87   |

CHOVE MUITO, MAIS, SEMPRE MAIS...

L. do D.

Chove muito, mais, sempre mais... Há como que uma [...] que vai desabar no exterior negro...

Todo o amontoado irregular e montanhoso da cidade parece-me hoje uma planície, uma planície de chuva. Por onde quer que alongue os olhos tudo é côr de chuva, negro pallido.

Tenho sensações estranhas, todas ellas frias. Ora me parece que a paisagem essencial é bruma, e que as casas (é que) são a bruma que a vela.

Fig. 7. O arquivo digital colaborativo que permite, desde 2017, a comparação das principais edições portuguesas do *Livro do Desassossego* (<https://ldod.uc.pt>).

Nas noites agora do Martinho da Arcada, dos escritórios dos quais os patrões lhe dão a chave para entrar às horas que quer e na solidão da

última morada da Coelho da Rocha, com a irmã, o cunhado e os sobrinhos agora a viver no Estoril, Fernando Pessoa é cada vez mais um escritor da noite e da madrugada, deixando a poesia ortónima contaminar-se por um pessimismo e um desalento voltado para dentro, entre o álcool e a insónia.

Ricardo Reis e Alberto Caeiro estão com o sol que já não faz parte da vida do seu criador; e é Alvaro de Campos quem assume o papel de válvula de escape, pronto a absorver todo o negrume de Fernando que continua a ser Pessoa e sabe que precisa ainda de sobreviver para continuar a fazer obra. O desalento, a esperança cada vez mais perdida de Pessoa-ele-mesmo são oferecidos de bandeja ao senhor engenheiro — que quase máquina de diálise, primeiro os filtrava em combate; e agora os apaga com o tédio e o «supremíssimo cansaço».

Nesse cansaço, nesse torpor e nesse sono, ferve e cresce o semi-heterónimo Bernardo Soares, sobejamente definido na carta de 13 de Janeiro de 1935, endereçada por Pessoa, a Adolfo Casais Monteiro, director da *Presença*:

O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade.

A noite, enigma e libertação, a Noite física, moral e metafísica, a Noite que foi para Pessoa figura de Mãe e de abraço protector, outras vezes de Rainha soberana impositiva; a noite Morte e Sono, a Noite símbolo da realidade que umas vezes hipnotiza e esconde, outras que purifica, harmoniza e identifica; a Noite «domadora hipnótica das coisas que se agitam muito»; a Noite enfermeira antiquíssima que cuida do filho doente, que acalma os males daqueles que perderam a fé e a esperança, nunca deixou de se fazer manhã, num Fernando Pessoa que resistiu a tudo menos ao colapso do corpo.

Uma das evidências maiores da importância da Noite enquanto eixo fundamental da criatividade e do processo de escrita em Fernando Pessoa

surge, aliás, na marginália que verteu, em 1935, no seu exemplar de *Mensagem*<sup>9</sup>. Por entre as várias correcções e anotações que decidiu fazer, à mão, à 1.ª edição da obra, o escritor frisa a sua festa de uma noite de Ano Novo: não o *champagne*, mas sim a composição de um poema.

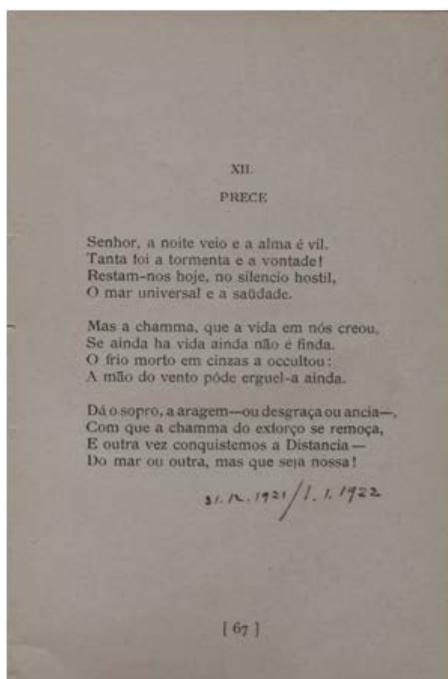


Fig. 8. Datação pós-editorial de «Prece», poema do livro *Mensagem*. Fernando Pessoa terá querido deixar testemunho expresso de haver composto este poema na noite de passagem de ano entre 1921 e 1922.

Era também já noite, profunda, quando Fernando Pessoa se preparou para morrer, às 20h00 de 30 de Novembro de 1935. Morreu horas depois de pedir papel para escrever a frase «I know not what tomorrow will bring» — e ficou sem saber o que o amanhã lhe traria, a si como à sua obra. Mas nós, felizmente, sabemos o que trouxe.

<sup>9</sup> Cf. [http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-435/1/8-435\\_item1/index.html?page=1](http://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-435/1/8-435_item1/index.html?page=1)

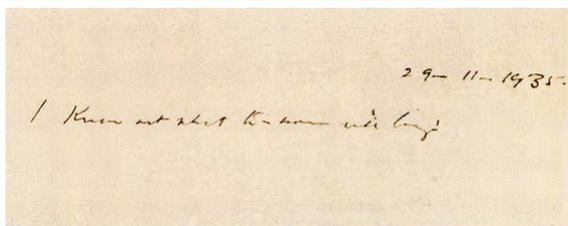


Fig. 9. Últimas palavras de Fernando Pessoa, escritas a lápis numa folha de papel, horas antes da sua morte. Espólio da Casa Fernando Pessoa

## Bibliografia

BERARDINELLI, Cleonice (2004). *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores.

\_\_\_\_ (1959). *Poesia e Poética de Fernando Pessoa*. Tese de livre-docência pela UFRJ. Cópia digital cedida pela autora a Carlos Pitella-Leite.

BRONFEN, Elisabeth (2013). *Night Passages: Philosophy, Literature and Film*. Nova Iorque: Columbia University Press.

FRANÇA, Isabel Murteira (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Lisboa: Dom Quixote.

FINA, Rosa Maria Canarim Rodrigues (2016). *Portugal nocturno e a ameaça do dia. A ideia de noite na cultura portuguesa (séculos XVIII a XX)*. Tese de doutoramento pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

LEITE, Carlos Pitella (2014). Noturnos de Pessoa: Noite, Morte & Temporalidade nos Sonetos de Fernando Pessoa, in *Pessoa Plural online*, n.º 6 (Outono/Fall 2014), pp. 125-151.

LOPES, Teresa Rita (1993). *Álvaro de Campos — Livro de Versos*. Fernando Pessoa. Lisboa: Estampa.

\_\_\_\_ (1990). *Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.

LOURENÇO, Eduardo (2004). *O lugar do anjo: ensaios pessoanos*. Lisboa: Gradiva.

MALPIQUE, Celeste (2014). *Na Floresta do Alheamento: diálogo improvável com Fernando Pessoa*. Lisboa: Chiado.

PESSOA, Fernando (2014). *Obra Completa — Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardillo; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-China.

\_\_\_\_ (2013). *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: correspondência amorosa completa: 1919-1935*. Edição de Richard Zenith com prefácio de Eduardo Lourenço. Rio de Janeiro: Capivara.

\_\_\_\_ (2006). *Poesia 1931-1935 e Não-datada*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.

\_\_\_\_ (2005). *Poemas 1915-1920*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

\_\_\_\_ (2005). *Poesia 1902-1917*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.

\_\_\_\_ (2004). *Poemas 1931-1933*. Edição crítica de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

\_\_\_\_ (2003). *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Edição de Richard Zenith e Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

\_\_\_\_ (2001). *Poemas 1921-1930*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

\_\_\_\_ (1999). *Poemas de Álvaro de Campos*. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_ (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*. Edição de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

\_\_\_\_ (1997). *Poemas de Alexander Search*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

\_\_\_\_ (1994). *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença.

\_\_\_\_ (1993). *Antinous, Inscriptions, Epithalamium, 35 Sonnets*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

\_\_\_\_ (1944). *Fernando Pessoa: Cartas a Armando Cortes-Rodrigues*. Edição, selecção e notas de Joel Serrão. Lisboa: Confluência.

\_\_\_\_ (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.

SIMISCUKA, Mônica Império (2007). *O símbolo da noite no «Cancioneiro» de Fernando Pessoa*. Tese de mestrado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Letras da Universidade de S. Paulo.



# A NOITE NA FICÇÃO DE ÉRICO VERÍSSIMO

Beatriz Weigert

Universidade de Évora — CLEPUL

**Resumo:** Érico Veríssimo escreve *Noite* em 1953, enquanto amadurece a criação de *O Arquipélago*, derradeiro volume da trilogia *O Tempo e o Vento*. *Noite* é o relato do deambular de um desmemoriado, a quem o narrador onisciente acompanha, registrando-lhe passos e sustos, durante o período do anoitecer ao amanhecer. Raiando o dia, depois de sono asfíxiado de pesadelos, a memória do Desconhecido começa a clarear. Aos poucos o homem se vai orientando, até recobrar a identidade, refazer momentos vividos e mesmo ressuscitar fantasmas infantis. Expiando traumas e culpas, a personagem de Veríssimo vive a Noite da sua alma. E a amnésia transitória ganha justificativa.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Érico Veríssimo; Narração de Onisciência Neutra.

**Abstract:** Érico Veríssimo writes *Night*, in 1953, while he matures the creation of *O Arquipélago*, last volume of trilogy *Time and the Wind*. *Night* is the report of the wandering of a forgetful person whom the omniscient narrator follows, registering his steps and shocks, during the period of the night to the sunup. Arising the day, after a sleep asphyxiated with nightmares, the memory of the Unknown begins to clear. Gradually the man oriented himself, until to reset the identity, to remake living moments even to resuscitate childhood phantoms. Expiating trauma and guilt, the Veríssimos's character lives the night of his soul. And the transitory amnesia earns justification.

**Keywords:** Brazilian Literature; Érico Veríssimo; Neutral Omniscient Narration.

Continuava de olhos fechados, como para manter aquela **noite particular** à parte da outra que envolvia a cidade. E nas ruas sem nome nem norte **da sua noite** ele estava também perdido. (Veríssimo, 1954: 3)

Érico Veríssimo escreve *Noite*, enquanto prepara viagem a Washington onde, acedendo ao apelo de João Neves da Fontoura, irá ocupar o cargo de Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, substituindo Alceu Amoroso Lima que encerra funções. Na autobiografia *Solo de Clarineta*, Érico esclarece que é a este interregno de espera, no verão praiano, que se debitam as «vãs tentativas» de começar a escrever *O Arquipélago*, derradeiro volume da trilogia *O Tempo e o Vento*. E, em lugar da epopeia gaúcha, surge outra escrita, como se lê:

Foi durante esse veraneio que produzi o livro mais controvertido da minha carreira de contador de histórias. [...] A verdade é que alguns leitores ficaram chocados e até indignados quando leram esta história sombria, que passou a ser uma espécie de ovelha negra no meu rebanho literário. Escrevi-a em menos de dois meses, à beira-mar, em dias geralmente luminosos que eram a negação mesma do espírito da novela. (Verissimo, 1973: 332)

Érico desdobra o comentário à *Noite*, resumindo situações, ressaltando atuações, prendendo-se mesmo a interpretar comportamentos. Sobre a fortuna da novela, o autor informa que «a ovelha negra do rebanho» fez carreira internacional, com traduções nos Estados Unidos, na Inglaterra, França, Noruega, Alemanha e Argentina, tendo sido também transformada, em *teleplay*, pela National Broadcasting Co.» (Verissimo, 1973: 334).

A narrativa possui cinco tempos marcados pelos acontecimentos de uma certa noite na vida de um cidadão. No primeiro tempo, o rapaz vagueia pela cidade, extraviado de si próprio, sentindo-se perseguido sem entender por quê. No segundo, em um bar-restaurant, encontra indivíduos inescrupulosos que o exploram e incutem nele a ideia de que o jovem é criminoso. No terceiro, relaciona-se com uma prostituta que o enxerga

como homem de bem. No quarto tempo, ao amanhecer, e ainda nos aposentos da mulher, a personagem recupera a memória. No quinto tempo, no caminho de casa, toma posse de si e de seu passado: revê fatos da infância e da vida adulta: palavras que ouviu, cenas que presenciou, atos que praticou, transtornos que padeceu, sofrimentos que infligiu. Tipos de grafia, em alternância, assinalam o trânsito entre passado e presente.

## I — A Noite na alma

O livro inicia com a nota: «Ninguém lhe prestou maior atenção».

Entra-se na leitura com o impacto da negação: «ne»+«quem» = ninguém — pronome indefinido negativo. E será um ninguém — sem nome, sem profissão, sem passado, sem memória a interrogar-se «Quem sou?», «Onde estou?», «Que aconteceu?» —, que o receptor, levado pelo olhar percuciente do narrador objetivo, acompanhará durante toda a noite até ao amanhecer. Este homem destituído de identidade é apontado pela voz narrativa como o Desconhecido e o Homem de Gris. As personagens intervenientes também designam-se por atribuições ou por epítetos, assim «o homem do balcão», «a dona da casa», «o homem da gaitinha», «o homem de branco», «o anão», «o corcunda», «o Mestre», «o Cavalheiro da Flor», «o Homem do Cravo Vermelho», «a Ruiva», «o Passarinho», «o Vaga-lume». Em todo o relato, ouve-se a invocação apenas de dois nomes: «Maria» e «Deus».

A narração conta-se a si própria, ocultando-se o narrador que vai observando e anotando o movimento. Primeiro focaliza a personagem, depois, pelas relações que o Desmemoriado estabelece, alarga o olhar e, sem nunca ser intruso, vai registrando uma visão, outra visão. O objetivo é seguir o Desconhecido. Com essa finalidade, descreve o aspecto físico do Homem de Gris e, encostando-se a ele, penetra em sua perturbação, sente-lhe o sofrimento, descreve o que ele vê, o que ele teme, estranha e critica. Ao discurso impessoal do narrador, associa-se o discurso livre: direto e indireto.

A voz narrativa, na cena de abertura, informa que, naquela esquina da avenida principal da cidade, às oito da noite, «ele era apenas uma das

muitas centenas de criaturas humanas que se moviam nas calçadas», e que «à primeira vista sua aparência nada revelava de extraordinário»: vestia roupa gris, possuía estatura mediana e aparentava ter a idade de trinta anos. Mas, no rosto, surpreendia-se algo de anormal nos olhos, «cujas pupilas ora se esvaziavam, como as de certos loucos, ora se animavam dum atônito fulgor de medo, como as dum animal acuado.» (Veríssimo, 1954: 1).

Procurando orientar-se, a personagem move a cabeça dum lado para outro e, erguendo o rosto para o céu, pronuncia o nome de mulher que repetia desde que chegara àquela esquina há pouco mais de um minuto. E logo esquece. «Era como a sombra dum corpo inexistente.» Olha em torno. Não reconhece nada nem ninguém.

Estava perdido numa cidade que jamais vira. Recostou-se a um poste e ali ficou a sacudir a cabeça dum lado para o outro, como para dissipar o nevoeiro que lhe embaciava as ideias. De olhos cerrados, procurava desesperadamente lembrar-se e esse esforço lhe atirava o espírito em abismos vertiginosos, em sucessivas quedas no vácuo. (Veríssimo, 1954: 2)

As perguntas «Quem sou?», «Onde estou?», «Que aconteceu?», não sendo articuladas em palavras e frases, estão contidas em uma «ânsia aturdida». Continua recostado ao poste. Recusa-se a abrir os olhos e teme até pensar, porque então lhe virá a sensação de desmaio que o lançará em «precipícios brancos e vazios» (p. 3). Com o rosto colado ao poste, ouve os ruídos da noite e, em certo momento, confunde as batidas do coração com o rolar do tráfego. Ainda está de olhos fechados: quer manter sua noite particular à parte da outra que envolve a cidade. E... «nas ruas sem nome nem norte de sua noite ele estava também perdido». Murmura: «Meu Deus, meu Deus!», e, abrindo os olhos, as lágrimas lhe turvam a visão, ao que a manga do casaco acode para enxugá-las. Começa a andar sem saber o que faz, porque alguém o enlaça e comenta: «Estás mal, hein velho?» (p. 4). A seguir, em gesto maquinal, tira do bolso o lenço e, ao passá-lo pelo rosto, estranha: «Que perfume era aquele? A quem pertencia aquele lenço?» Investigando os outros bolsos, encontra fósforos, cigarros, caneta-tinteiro e uma carteira recheada de notas. Seus dedos

acariciam timidamente as bordas das cédulas. «Muito dinheiro...» Ele não reconhece os objetos. Coloca-os novamente onde estavam, tendo a sensação de que está sendo observado. Ao empurrão de alguém, recomeça a caminhar sem saber por quê nem para onde.

Aquelas coisas agora lhe pesavam nos bolsos. Eram objetos que não lhe pertenciam. Como teriam vindo parar em seu poder? Talvez tivesse vestido por engano um casaco alheio... Mas como? Quando? Onde? Por quê? Apalpou os bolsos das calças. No direito encontrou um molho de chaves. [...] Não queria pensar. Pensar dava-lhe tonturas, doía... (p. 5)

Ouve o vendedor de jornais gritar «*Diário da Noite*», e entende *Diaranói!* Sorri satisfeito e, repetindo a palavra *Diaranói*, pensa ter aprendido a língua da cidade estranha. Caminha, a sofrer encontrões, até avistar o Parque, para onde se dirige na esperança de salvar-se do povo.

E, é ali, que o tormento da ideia de perseguição, já experimentada, agudiza-se. Antes, ao encontrar os objetos nos bolsos, sentira-se observado. Agora, por entre a vegetação dos jardins, fica inquieto na angústia de imaginar que está sendo «caçado pelo proprietário das coisas» do bolso. Empreende uma corrida até ouvir um «rascar de passos»: são namorados que passeiam, sem mesmo olhar para ele. O Desmemoriado conclui:

Ah! Decerto ainda não sabiam. Talvez ainda ninguém soubesse. Poderia andar pelas ruas impunemente até... Até quê?

Ao remexer os bolsos à procura do estranho lenço com perfume, resolve olhar as notas da carteira:

Muito dinheiro, muitíssimo dinheiro, uma fortuna... Teve medo de contar as cédulas uma por uma. Guardou a carteira. Decerto tinha roubado. Mas como se não era ladrão? A verdade é que aqueles objetos não lhe pertenciam. Ia pagar caro o seu crime. Crime? Quem foi que falou em crime?

Sim! Podia ter assassinado alguém — Examinou as mãos. (p. 9)

Descobre o relógio que está no pulso esquerdo e que também não é seu. «Ali estava outro objeto roubado. Um relógio de ouro com pulseira de metal. Juro como não é meu, mas juro também como não sei de quem é!» (p. 10).

Ocorre-lhe que estaria a sonhar. Tudo deve ser um pesadelo! Tranquiliza-se por momentos e logo aflige-se, persuadido de que o Parque está cheio de «sombras» que o procuram.

Caminha com cautela e vê uma pessoa estática de costas para ele. Aproxima-se confiante de que aquele vulto parado não lhe fará mal. É uma mulher nua. Ele vocifera: «Cadela indecente!» Certifica-se de que é uma estátua. Chora e ri ao mesmo tempo, porque sabe que dali não virá «perigo nenhum.» Acaricia o corpo da figura imóvel, cola seu peito ao dela, sentindo o coração que pulsa junto ao seu: «Era a primeira amizade que fazia naquela cidade estrangeira.» Aninha a cabeça por entre as coxas, enlaça-lhe as pernas. Vem a «tênue e esquiva sombra duma lembrança. Onde? Quando? Quem?» (p. 12). Mas a sombra passa e fica «de novo o vazio cinzento».

Avista um lago, nele mergulha as mãos, o rosto, bebe a água e, deitando-se na relva, adormece. Acorda alarmado e sai a andar sem rumo. A carteira pesa-lhe cada vez mais no bolso e ele examina o relógio de ouro no pulso:

O melhor era desfazer-se daquelas coisas antes que fosse tarde demais. Não lhe pertenciam. Não tinha o direito de usá-las. Procurou desafivelar o relógio, lutou cegamente com a pulseira mas não conseguiu nada. Podia atirar a carteira entre as moitas... Sim, era a solução. Não! Talvez fosse pior. Se o prendessem e ele não pudesse dar conta do dinheiro roubado? Mas eu não roubei! — gritou. (p. 14)

Continua a andar. Ninguém o ouvira gritar! Sorve o aroma dos jasmíneos, lobriga os casais de namorados, envereda por um portão japonês que o leva a um templo em que placidamente repousa Buda. Desperta da contemplação com um grito que lhe soa «Pega! Pega!» O Desconhecido, em medo pânico, rompe a correr até distinguir as luzes da cidade, o clarão das vitrinas, as casas, os automóveis. Elabora as explicações que dará

à polícia, sobre não ser ladrão e não compreender como aqueles objetos estão em seu poder. Atravessa uma rua e fica em frente a uma loja. Ali, examina o relógio do pulso e verifica que está parado, com o vidro partido. «Como aconteceu aquilo? Onde?» (p. 16). Conjetura arranjá-lo antes de o devolver ao dono. Admirando os artigos da montra, sobressalta-se ao avistar um homem que o encara lá do fundo. Faz gestos e o outro o imita. Leva tempo a perceber que está diante de um espelho. Mira-se. «Mas ele era... assim?» A garganta aperta-lhe, os soluços brotam, explode o choro. Volta a caminhar e, balbuciando «Meu Deus!», estranha a própria voz, tanto como estranhara a imagem do espelho (p. 17). A caminhada prossegue. Aceita a pipoca da carrocinha e ao pagar com uma nota grande não espera o troco. Vai adiante. Mas pica-lhe o remorso: «Não devia gastar o dinheiro alheio.» (p. 19) E de novo perde-se em «território crepuscular», povoado de vozes e vultos vagos, iluminado por clarões súbitos e inexplicáveis. E, nesse mundo ele anda perdido, o pensamento vazio, consciente apenas de caminhar, embora as pernas não pareçam pertencer a ele. As vozes soam e nada dizem.

No mais era aquela dor branca na boca do estômago, e a solidão, o abandono, o ruído regular e implacável daquelas passadas que o perseguiram. Levou algum tempo para perceber que eram seus próprios passos soando nas lajes duma calçada solitária. (p. 19)

Caminha por muitas ruas, atento ao rumor das casas. De repente, à música de um piano: ele procura lembrar-se: «Que melodia era aquela? Inútil. As notas soavam num vácuo». Continua a marchar. Passa por meninos e meninas que, no meio da rua, jogam e brincam. Uma senhora grita na janela: «Vem pra casa, meu filho!» O Desconhecido toma para si o chamado e à porta não sabe responder à mulher que começa a berrear: «Socorro! Ladrão! Socorro!» Ele sai em disparada, perseguido e apedrejado, sendo mesmo atingido por um projétil. A orelha direita sangra, molhando pescoço e colarinho. O lenço socorre a ferida e estanca o sangue.

Continuou a andar com a dolorosa certeza de que não poderia bater em nenhuma daquelas portas, de que onde quer que fosse seria

tratado como um ladrão, um assassino. «Mas não matei ninguém» — balbuciou. — «Sou inocente.» (p. 24)

Cuida se o estão acompanhando. E, sem saber explicar como, chega a um bar-restaurant, onde é abordado por «uma estranha criatura», que à primeira vista lhe parece «mais um bicho do que um ser humano. Era um corcunda.» Este aproxima-se do Desconhecido, dizendo que o observava e que o desenhara:

Sua cara é um verdadeiro compêndio! [...] Só me interessam os que sofrem, os que têm um problema, os que vivem acuados... Está me ouvindo? Acuados! [...] Seus olhos me intrigaram. (p. 30).

E alarga sua prédica, dizendo que a ele, desenhista-retratista, só interessa «o drama que cada pessoa traz dentro de si.» E afirma que o olhar do Homem de Gris conta quase tudo. «Mas não se impressione: sei guardar segredos». Na conversa, o Corcunda pede o jantar para os dois, e anuncia, para mais tarde, a vinda de um amigo. Ao entregar o retrato e exigir o pagamento, o Anão nota a carteira recheada do companheiro de mesa.

O movimento do bar é intenso. Hordas ruidosas entram e saem. Enfim, surge o esperado Mestre. O Corcunda apresenta a ele o Desconhecido que não responde à pergunta «de onde vem?» É então que o Nanico, dando-lhe «uma palmadinha na mão», avisa:

Você tem o dinheiro e nós temos a experiência: vamos fazer uma grande farra. Conhecemos todas as bibocas da cidade. Somos os donos da noite. Gosta de loura ou prefere morena? O meu amigo é muito relacionado, pode lhe arranjar a mulher que você quiser. É só dizer. (p. 39)

Os dois convivas habituais concluem que o Desconhecido não se vai identificar e empreendem uma investigação detectivesca a partir da aparência do rapaz: a idade, a qualidade da roupa, o relógio de ouro e a hora que os ponteiros acusam: «o que foi que aconteceu às seis e quarenta e sete?» O Mestre faz o histórico em formato policial dos elementos que eles possuem do Homem de Gris. (p. 49). O moço sente-se dominado por aqueles dois seres, e não vê jeito de livrar-se deles:

Talvez o melhor fosse confessar tudo. Mas confessar... quê, se ele mesmo não sabia de nada? Carregava consigo objetos que não lhe pertenciam, mas por mais que se esforçasse — e a vertigem não o deixava pensar claro — não conseguia saber como tinham vindo parar em seus bolsos. (p. 45)

A cabeça é uma dor surda e latejante. Entretanto, alimenta um certo conforto ou esperança de salvação com a visão do Homem de Branco, misto de sacerdote nazareno, sentado distante a uma das mesas.

A presença daquela figura na atmosfera viciada e sufocante do café era um refrigério [...] Nesse momento seu olhar encontrou o do «monge» e ele sentiu-se tomado por uma inexplicável sensação de bem-estar e paz — a certeza de que finalmente encontrara um amigo, alguém capaz de livrá-lo do magro e do corcunda. (p. 52)

Contudo, embora, em muitos locais aviste o Homem de Branco e ouça a melodia da «gaitinha» soando proteção, mantém-se, por estranho sortilégio, atrelado aos dois demônios. E sofre, a percorrer os mais degradantes e degradados ambientes daquela fatia da cidade. Episódios vergonhosos sucedem-se e mesmo a imputação de culpa — («Você matou a sua mulher» [p. 77]) — por sinais equívocos (o lenço com manchas de sangue [p. 77]) — ao inocente que se debate repetindo: «Não matei ninguém!» (p. 50). Há ainda o agravante da notícia que os jornais publicam: «Morta a facadas pelo marido. O assassino é procurado pela polícia» (p. 75).

A noite vai encerrando-se com os três homens a deixar a *boîte de nuit*, Ao Vagalume, acompanhados pelas mulheres, Ruiva e Passarinho. Dirigem-se à casa das raparigas. No caminho, o Desconhecido, ao presenciar o modo truculento de o Corcunda maltratar Passarinho, atraca-se em luta corporal com ele, granjeando para si um par de faces rasgadas pelas unhas do opositor. E ainda recebe a saudação satânica do Mestre:

Tome cuidado. O impulso pode repetir-se. Assassinar duas mulheres no mesmo dia não deixa de ser um exagero. (p. 156)

Nos aposentos da Ruiva, o Homem de Gris abandona-se aos cuidados da moça, que lhe pensa os ferimentos, atentando no seu mutismo. O

Desconhecido abstrai-se em evocações que pretende iluminar: «o perfume, o calor, a respiração da mulher, o silêncio, o contato dos lençóis». Ele quer saber «com quem» está, «por quê» está, o que tudo significa. Pergunta-se por que lhe falam por enigmas, por que não falam com clareza? «Quem é a mulher que está a meu lado? Quem é? Santo Deus, quem sou?» (p. 159).

A passividade do Desconhecido perturba a mulher inteligente que, intuindo valores perdidos, indaga:

— Como é que um homem como você anda metido com essa gente?  
 — Que gente? — O corcunda e o outro? São seus amigos? —  
 Não. — Então como é que você se misturou com eles? — Não sei  
 — Você é casado, não é? Pode dizer não tenha medo. (p. 160)

[...]

Ele sentiu ímpetos de confessar: «Matei a minha mulher.» Mas... onde? Como? Por quê?

E de novo seu espírito se diluiu numa planície cinzenta, que se estendia a perder de vista, sob um céu vazio: e começaram as quedas vertiginosas naquela sucessão de brancos abismos. ... (p. 161)

Para não pensar mais, abraça a Ruiva e, ama-a em «exaltação furiosa e agressiva com a impressão de que a assassinava, de que a esfaqueava, muitas, muitas vezes; seus beijos eram quase mordidas.» (p. 161). Feito o silêncio, entra «pela janela a musiquinha de uma gaita.» O Desconhecido deixa-se ninar pela melodia até reconhecer que é a valsa do Homem de Branco. A música parece trazer a mensagem de que tudo agora está bem. [E o advérbio de tempo «agora» será iterativo, daqui por diante]. Ele segreda à mulher: «É o meu amigo, o meu único amigo.» (p. 163). E vagueia rua afora, levado pelos sons. O Monge toma-lhe a mão «como se ele fora ainda um menino» e ambos caminham através da imensidão e ele sabe que o homem da gaitinha vai entregá-lo à criatura que lá está imóvel, ao vulto que o espera de braços abertos e cujas feições ele ainda não distingue, mas cujo nome está prestes a descobrir (p. 163).

Afinal, volta-se para o lado, abraça a Ruiva, murmura um nome de mulher e adormece profundamente. E, no sono, cortado por pesadelos, o Desconhecido é assassino, cuja mão, «secreta amante, tem vida independente, move-se com força própria, com a faca de prata, golpeia furiosa a

pobre mulher» (p. 165). Em cima da cama, ajoelhado sobre as coxas da vítima, ele a imobiliza.

Por que, Santo Deus, se isto o horroriza? Por que se ele a ama? Quer deter a mão, ciumenta amante, mas não consegue. Ela mergulha cega entre as pernas da fêmea, rasga-lhe o baixo-ventre, bendito o fruto, e o sangue (ou leite?) escorre morno, ele o sente no próprio sexo... [...] Fugir. O quanto antes. Fugir, fugir, fugir! Da casa, da morta, da mão. (p. 165)

As imagens sugestivas sobrepõem-se: o Menino Jesus em fuga para o Egito, o Soldadinho de Chumbo, o Cão, o Mastim dos Baskervilles, o Lobisomem. «... ele é um assassino, procurado, acuado como uma fera.» (p. 165).

Na trégua da perseguição, com os olhos apenas entreabertos, atenta para o espaço enfumaçado e uma esfera solta no espaço: a lâmpada do teto. Flutua, de novo, numa zona crepuscular, nem dia nem noite, nem sono nem vigília: do pesadelo resta uma fria angústia, um pálido horror. As figuras do sonho esvoaçam, e, agora no fundo do mar, ele é «um peixe com pulmões de gente.» (p. 167). E desperta num sobressalto, querendo situar-se: «Que tolice! Onde posso estar senão em meu próprio quarto em minha própria casa como sempre?» (p. 168). Perscruta o ambiente: «Não! Não é o meu quarto!» «Hotel?» (p. 168). Vê-se despido. Não costuma dormir sem pijama. E então:

Ontem ao deitar-se... Ontem? Procura recordar o que aconteceu na véspera à hora de recolher-se. Por mais que se esforce, não consegue. Salta da cama. A mulher que ali está deitada não é a sua. Ele *sabe disso*, antes mesmo de ver-lhe o rosto. O perfume, o calor, o ressonar são os de uma estranha. Como foi que vim parar no quarto desta prostituta? [...] Fui narcotizado, despido e trazido para aqui. Conspiração de inimigos... [...] Faz um esforço para lembrar-se, fecha os olhos, segura a cabeça com ambas as mãos. Santo Deus! Ou isto é um pesadelo ou então estou ficando louco. [...] Sim, agora compreende. Foi assaltado por bandidos, roubado, surrado e por fim trazido para este antro. (p. 169)

Lembra a casa, a mulher e, de súbito, voltam os acontecimentos da véspera: «relembra o momento terrível», em que ao chegar do trabalho

encontra a casa vazia e a carta sobre o consolo, junto do espelho. Vê sua imagem refletida no vidro: a cara de espanto, o papel branco nas mãos trêmulas. A voz que soa é a de um fantasma: «Minha mulher me abandonou.» [...] «Depois do que aconteceu a noite passada, não podemos continuar vivendo juntos.» Rasga a carta em pedacinhos (p. 171).

A revolta persistindo na sensação de que o espelho — testemunha da sua derrota — é o culpado de tudo, volta-se contra essa mesma imagem. E, no ímpeto da destruição, arremessa ... um peso de papel?... a tenaz da lareira? Eis a aranha estampada... eis a identidade esfacelada. (p. 170). Senta-se a balbuciar: «Não pode ser, não pode ser...» Ele não quer lembrar o que aconteceu na «noite passada». Era preciso esquecer aquela e «talvez todas as outras noites para sempre e sempre e sempre.» (p. 171).

Ignora quanto tempo fica ali deitado em «torpor estúpido». Lembra agora que é pelas batidas do relógio que desperta e anda pela casa toda chamando pela mulher. «E depois? Depois... decerto saiu para a rua, meteu-se num bar, embriagou-se — ele que nunca bebia —» e acaba a noite no quarto da «marafona» (p. 172). Tudo poderia ter sido um sonho, mas agora ele sabe que está acordado. E, estando vestido, sente que recuperou a personalidade. Vai movimentando-se para a porta da rua.

Com todo o cuidado. Assegura-se de que está no caminho da sua residência, quando avista as torres da Catedral pois «nas manhãs de domingo, costuma «vir» à Missa a pé.» (p. 175). Anima-se imaginando que a esposa «está agora em casa, aflita e tresnoitada, esperando por ele!» Procura ver as horas e nota o relógio com os ponteiros parados, o vidro e o mostrador quebrados. Recorda que ao rasgar a carta batera com ele na quina do consolo (p. 176). Apressa e afrouxa os passos, temendo o que estará à sua espera. Concentra a atenção na mulher «sem nome nem feições» que lhe ocupa os pensamentos. Leva algum tempo a perceber que a melodia que ouve, não pertence apenas ao mundo das lembranças, vem de fora, «anda também no ar da madrugada.» Pergunta-se quem poderá estar a tocar a estas horas e não vê «vivalma». Pensa que pode ser alguém que acordou feliz e resolveu tocar uma valsa para o dia que nasce. Parece a ele que a «musiquinha» quer contar uma história, quer «dizer alguma coisa que ele se esforça por entender, como se uma amigo

invisível estivesse a falar-lhe em surdina numa língua remota e quase esquecida.» (p. 177).

Percorre alguns metros, embalado pela valsa, momentaneamente olvidado de suas feridas, e, ao chegar à primeira esquina, avista um homem todo de branco sentado num banco da praça fronteira, a soprar uma gaitinha. Atravessa a rua na direção do desconhecido, enfeitiçado pela música e para à beira da calçada, diante dele. O homem parece não dar pela sua presença. [...] É estranho que este vagabundo com aspecto de santo ou profeta esteja a tocar na praça deserta a esta hora do amanhecer. Decerto dormiu ao relento, não tem casa, foi abandonado por alguém. (p. 178)

O Desconhecido, sentindo uma aperto na garganta,

entrega-se ao esquisito, abandonado prazer de chorar lembrando-se dos tempos de menino que sempre que chorava acabava por entreter-se de que não era por causa das lágrimas que sua visão se turvava e sim porque ele havia descido às profundezas do mar. [...] Vai agora para casa, sim! mas para outra casa, noutro lugar, noutro tempo. (p. 178)

Agora tem a certeza de que nessa casa há criaturas que o esperam de braços abertos. Por que, então, este medo de voltar? Por que esta relutância em pensar nos fantasmas queridos? Volta a lembrança da Mãe chamando-o para ouvi-la tocar piano:

Dedos brancos sobre o teclado dum velho piano. «Agora o meu filho vai ficar quietinho pra mãe tocar uma música bonita.» As teclas amareladas tinham um cheiro seco e antigo. (p. 179)

A melodia enche o casarão, e as três tias solteironas sempre vestidas de negro, vagueiam como sombras. Secas, lívidas e tristes. O pai que as detesta costuma dizer: «Casei com a Maria e com uma récuca de tias» e, insiste: «Cria corvos e eles te arrancarão os olhos.» (p. 180). Mas as tias forçam a memória do menino a registrar: «Pobre da Maria. Tem nome de santa e é santa mesmo. O marido está matando ela aos poucos.» E, a criança, no silêncio do quarto, fecha os olhos e pensa neste horror: «ele

a está matando aos poucos.» Porém, as «três velhas, as três sombras os três corvos» continuam seu trabalho. O pai entra no escritório e as bruxas sentenciam: «Pobre da Maria. Merecia outra sina.» (p. 182). É em uma tarde de inverno chuvoso que, enquanto a mãe toca piano, o filho brinca com o peso de cristal, recheado de flores. Joga que joga, eis um estalo e o espelho partido: uma aranha de pernas enormes salta sobre a criança. A mãe assusta-se, o menino teme o pai. Contudo as três tias apressam-se a aniquilá-lo: «Não basta o que faz o outro? Também tu queres matar a pobre da tua mãe?» (p. 183).

Passando a página da infância, o homem caminha em busca do lar e medita sobre seu espaço e sobre a sua própria extinção, sendo já um cadáver ambulante. Para certificar-se de sua presença viva, procura nos bolsos os bilhetes de teatro para onde iriam ele e a mulher, antes do desastre sobrevindo. Ali estão os *tickets* na carteira.

A vivência infantil, volta a solicitar atenção, e o jovem lembra o menino que, no meio da noite, assustado com o sonho que tivera, corre ao quarto dos pais e, à luz do luar, vê a cena que o deixa estarecido:

Dois vultos lutavam gemendo sobre a cama. Compreendeu tudo instantaneamente. Sua mãe estava sendo assassinada. Sentiu um amolecimento de pernas, uma tontura e baqueou. Quando voltou a si, estava de novo na própria cama (ou no fundo do mar?) [...] A mãe acariciava-lhe a testa suada [...] Tinha uma voz machucada. Os talhos deviam estar doendo. [...] De olhos fechados, ele via a faca de prata que o tirano guardava na gaveta. (p. 187)

Nas noites seguintes, deita-se apreensivo, à espera do momento em que vai ouvir os gemidos abafados, o ranger da cama e as palavras indistintas. A criança cerra dentes e punhos, afogando o choro no travesseiro. Pela manhã, mete-se no quarto do casal para examinar os lençóis e descobrir «vestígios de sangue». Pretendendo salvar a mãe, imagina roubar a faca de prata da gaveta da escrivaninha. Falta-lhe coragem, no entanto, para tocar na arma (p. 188). Quando a mãe falece, o menino vê «o assassino», ao lado do esquife, a mirar a «santa» com «uma fixidez de louco» chorando e «respirando forte como naquela noite medonha.» (p. 190).

E a caminhada avança no rumo da casa, enquanto o pensamento recua na memória. Pensa na mulher «tal qual a viu na noite do casamento. A

desejada, temida noite». (p. 191). Ali está ela expectante, e ele anestesiado. O perfume dela sugere «algo vagamente proibido» que aumenta nele a inibição. Carinhosamente, ela insta com ele, enlaça-o, até desistir do assédio amoroso. Mas, ao sentir o deslizar das sedas do corpo da amada e, com as pontas dos dedos, ver «a nudez da esposa», um desejo violento apodera-se dele.

Atirou-se sobre a mulher e, num silêncio arquejante, amou-a com ímpeto bestial, cego e surdo a todos os protestos e súplicas — Cuidado! Assim me matas, me matas! Era como se quisesse desferrar-se nela do fracasso inicial ou como se o prazer e o sucesso do macho estivessem na razão direta do sofrimento da fêmea. (p. 197).

Consumado o ato, salta da cama, sentindo-se vitorioso, e vai fumar em outro quarto. A exaltação, contudo, esvai-se ao som do choro manso e sentido da mulher dilacerada. Lembrar desta bestialidade traz vergonha e culpa: premência de obter o perdão da jovem esposa. Ele sabe que o desastre dessa primeira noite foi a causa de todos os desencontros e frustrações ao longo de dias e noites, até culminarem na noite do jantar com amigos. Ela divertia-se e ele enciumava-se. Ela agradável, solicitada pelos rapazes para dançar, e ele ensimesmado ruminando maldades: «Cadelinha no cio!» (p. 204). No carro, ela achega-se juntinha a ele, murmurando carícias. No quarto, aproxima-se plena de fulgor. Ao invés de incendiar-se com a chama da mulher, ele joga-a num repelão e grita «Cadela indecente!» (p. 206).

De tudo o homem recorda. As «palavras terríveis doem, queimam como ferro em brasa.» Entende a atitude da mulher: «como podia voltar depois de haver sido assim tão profundamente insultada?» Retoma o caminho. Enxuga o rosto com o lenço manchado de sangue, sem saber de quem é o sangue. Já não tem mais dúvidas sobre o que lhe aconteceu à noite passada: «Perdeu a memória e andou vagueando sem rumo pelas ruas.» (p. 207). Vai andando. Sua casa está ali do outro lado da rua. Avista um homem de branco que sopra uma gaitinha. As notas da valsa erguem-se no ar da manhã, «musiquinha límpida e antiga, doce voz de amigo a assegurar que tudo estará bem haja o que houver» (p. 207). Ele entra em casa.

Os cheiros familiares o envolvem num abraço, como a dar-lhe as boas-vindas. Seus olhos se enchem de lágrimas. Caminha para a sala de estar. Tudo quieto. O relógio do consolo está parado. O grande espelho trincado: a enorme aranha. (Foi ontem ou há vinte e cinco anos?) O tapete juncado de pedacinhos de papel. O silêncio é tão grande que ele julga ouvir as batidas do próprio coração. (p. 209)

Se ela não voltou, o que será dele sozinho no mundo? Ouvindo ruídos no andar de cima, quer gritar, mas o nome dela apaga-se. «Aperta a cabeça com as duas mãos, no terror quase pânico de outra vez perder a memória por completo.»

Por alguns segundos de agonia fica como que preso pelas pontas dos dedos às bordas do dia, enquanto o corpo balouça perigosamente sobre os abismos da noite. Faz um esforço supremo para alçar-se à luz do dia. E, de repente, lembrando-se grita: — Maria! Maria! E precipita-se para a escada (p. 210).

## ARTE DA ESCRITA:

Considerando a forma como esse retorno ao lar decorre, reúnem-se indícios que apontam para o final feliz da NOITE do Desmemoriado: o Homem de Branco acompanha o rapaz com a «musiquinha, doce voz de amigo a assegurar que tudo estará bem»; o nazareno está assentado no meio-fio da calçada para testemunhar a chegada do jovem; os «cheiros familiares» recebem o dono da casa num abraço de carinho. Tudo congrega-se para significar que o ruído «no andar de cima» é mesmo o movimento de Maria.

## REFLEXÕES

Érico Veríssimo, em *Solo de Clarineta*, comenta sobre a figura do Homem de Branco no relato. Diz o escritor que a presença deste Homem deve ter nascido no mesmo momento em que surgiram os dois pontos negros, o Corcunda e o Mestre, para formar a contraposição entre o branco

e o preto, entre o bem e o mal. Interroga Veríssimo: «Que teria querido o autor insinuar com isso? Que o Bem sobrevive ao Mal, embora os homens não compreendam isso?» (Veríssimo, 1973: 334). E conclui:

Um novo dia está raiando. O homem volta para casa, senhor agora de um nome e de um passado. E é nessa volta que, através de suas lembranças fragmentadas, o leitor, e de certo modo o próprio autor do livro, ficam sabendo do que aconteceu antes de o anti-herói da novela ter perdido a memória. (Veríssimo, 1973: 333)

É significativo anotar os motivos recorrentes que alargam a compreensão desta Noite da alma, para acompanhar a personagem. A pretérita memória ressoa na presente amnésia: assim a música que ouve na rua e o som do piano com que a mãe encanta o menino na sala da família (pp. 20-179); o perfume dos jasmims-do-cabo no parque e no caminho de casa (pp. 14-186); o espelho quebrado, a imagem da enorme aranha (pp. 170-183); a faca de prata (pp. 165-187); o assassinato, ou os vários assassinatos/esfaqueamentos simbólicos (pp. 165-187).

E aqui o fator determinante de todo o drama é a sexualidade reprimida. Relações conjugais insuficientes promovem o abandono do lar pela mulher. Em decorrência do choque da notícia, há a perda da memória: a amnésia global do marido.

O que nos dirá Sigmund Freud sobre as desventuras sexuais deste jovem de trinta anos? É de lembrar a infância do Desmemoriado com as três «tias-corvos» a profetizar o assassinato da mãe pelo pai, e o sobressalto por surpreender «a luta» em que, à noite, imagina o pai estar assassinando a mãe. E toda a preocupação da criança em salvar a genitora, fazendo desaparecer a faca de prata da gaveta da secretária.

A angústia da sexualidade, para este Desconhecido, tem origem na infância perseguida por ideias mórbidas. Sigmund Freud fala-nos da «cena primária», em que a criança sofre ao surpreender a relação sexual dos pais, sem alcance para descodificá-la. O caráter traumático da visão deve-se ao fato de o inocente não ter condições de compreender, e pensar que se trata de uma ação violenta, no caso da novela de Érico Veríssimo, o assassinato da mãe pela fúria do pai.

A personagem, homem adulto, vai escandalizar-se com o arroubo erótico da esposa, vai denegrir a atração amorosa e rebaixar a jovem à escala animal mais ofensiva. E, quando ele cede ao desejo é para nivelar o ato, que deveria ser de completude, à destruição brutal de um esfaqueamento. A amnésia advém do choque pelo abandono súbito da mulher «mal-amada».

A novela *Noite* constitui-se em uma exposição do sofrimento, gerado pela sexualidade recalcada. Ao mergulhar no drama humano, Érico Veríssimo imprime páginas de genuína arte da escrita.

## Bibliografia

VERISSIMO, Erico (1954), *Noite — Sonata*. Rio de Janeiro — Porto Alegre — São Paulo: Globo, pp. 1-210.

VERISSIMO, Erico (1973), *Solo de Clarineta: memórias*, volume I. Lisboa: Livros do Brasil.

VERISSIMO, Erico (1975), *Solo de Clarineta: memórias*, volume II — Segunda parte póstuma organizada por Flávio Loureiro Chaves. Lisboa: Livros do Brasil.

VERISSIMO, Erico (1975), *Noite*. 3. ed. — Ensaio introdutório de Flávio Loureiro Chaves. Porto Alegre: Globo.



# NOITES BRANCAS. BLANCHOT, LACAN E A INSÓNIA

Maria João Nobre

CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Resumo:** Retomando o pensamento de Lacan e Blanchot sobre a questão da noite, do sono, sonho e insónia, pretende-se neste artigo elaborar uma reflexão sobre a relação do sujeito com esta sua espécie de negativo da existência, o sono e o sonho.

**Palavras-chave:** Blanchot; Lacan; noite; sonho; sono.

**Abstract:** Taking the work of Lacan and Blanchot on night, sleep, dream and insomnia, this article intends to elaborate on the relation of the subject with this kind of negative of the self: sleep and dream.

**Keywords:** Blanchot; Lacan; night; dream; sleep.

*Não quero mais dormir, nunca mais, quero sempre mais tempo  
para os meus olhos, – vida, areia, amor profundo... – conchas  
de pensamentos sonhando-se desertamente.*

Cecília Meireles, *Doze Noturnos de Holanda*

No texto «O Lado de Fora, a Noite», que foi publicado em *O Espaço Literário*, Blanchot caracteriza a noite como o *aparecimento do desaparecimento de tudo*, evocando o sono como a actividade humana que faz

aparecer esse desaparecimento. O sono cria a noite como negação do dia. A noite é o negativo, é aquilo que sono subordina à ação diurna, é o remanescente de uma afirmação. Com efeito, a noite colocada pelo sono, que Blanchot defende ser a noite-em-si, deve ser distinguida da noite como afirmação e da noite do sonho, sendo que ambas emergem da impossibilidade de pensar a noite negativamente, ou de pensar negativamente, de forma geral. Por exemplo, ao evocar Bergson, que caracteriza o sono como desinteresse, como posição narcísica imperturbada, como o universo que descansa, Blanchot aceita-a, contudo, fazendo a salvaguarda de que o desinteresse «confirma o mundo e fá-lo aparecer» (Blanchot, 1955: 266). Ou seja, para Blanchot, Bergson não consegue pensar a economia negativa da noite como sendo o resultado da oposição entre dia e noite, afirmação e negação. No sentido kantiano do termo, Bergson produz uma ilusão transcendental, confunde o conceito com a coisa. Seria igual postular a noite uma aparição fantasmagórica ou sonho. Todos são formas de a tornar positiva. A noite é aquilo que não é passível de ser pensado, aquilo que escapa a qualquer afirmação.

Assim, deve distinguir-se a noite do sono, que só pode ser determinada negativamente, da noite como vazio imperturbável ou da noite do sonho, que são postulados. A posição de Blanchot, deste ponto de vista, é compatível com a de Freud, quando o segundo refere que o sonho é o guardião do sono. O sonho guarda o sono na medida em que afirma a noite para que o sono a possa negar, protegendo o sujeito de cair no abismo – daí que Blanchot evoque um Eu que sonha, e que «mantém ainda as características de uma *realidade* pessoal»<sup>1</sup> que distingue e faz depender do Eu que dorme (Blanchot, 1955: 267). Neste sentido, o sonho é pura afirmação, é uma forma de produzir ilusões, de transformar elementos negativos em afirmações, protegendo o sujeito de cair no abismo da negatividade do sono. Fá-lo através da transformação de elementos materiais, negativos ou inconscientes, em elementos imateriais, positivos e ilusórios. Além disso, esta transformação realiza um desejo do sujeito, que é, em primeiro lugar, o desejo de dormir. Neste ponto, será importante dizer que a realização do desejo é a forma pela qual o trabalho

---

<sup>1</sup> Sublinhados nossos.

do sonho recolhe elementos materiais e os torna imateriais, produzindo o conteúdo manifesto. Freud refere haver três elementos que formam o sonho. O conteúdo manifesto, o pensamento latente e a realização do desejo. O conteúdo manifesto é a forma como o sonho aparece, o resultado do trabalho do sonho e o pensamento latente não deve ser confundido com a realização do desejo. Freud refere que o pensamento latente é mais ou menos acessível ao sujeito, não há nele nada de propriamente inconsciente. O sujeito sabe normalmente o que é que durante o seu dia desencadeou aquele sonho. A realização do desejo é o trabalho do sonho em si, ou seja, o próprio processo de formalização, ou a escolha de uma forma e não outra. A realização do desejo é a própria direcção da imaterialização (Freud, 1900: 332-333). Daí que Lacan faça depender forma e desejo, e de ambos depender o sujeito em si, como seu ponto cego.

Para ilustrar como o sonho é o guardião do sono e como produz aparências de maneira a realizar o desejo do sujeito, Freud evoca um exemplo simples de uma situação típica em que o sujeito se encontra a dormir e surge um ruído da realidade passível de o acordar, mas que é incorporado no sonho, de maneira que o sujeito não acorda (por exemplo, o telefone toca e o sujeito sonha que alguém lhe está a ligar). Perante um estímulo externo passível de interromper o sono, o trabalho do sonho encarrega-se de absorver o estímulo e torná-lo imaterial, de maneira a satisfazer o desejo narcísico do sujeito dormir (Freud, 1900: 244). O sonho protege o sujeito de ser perturbado no seu sono, através o simbólico, ou do sujeito, que «tudo absorve».

Assim, o que é o negativo do sonho deste ponto de vista? O negativo do sonho é a emergência de materialidade, a falha da absorção do simbólico que dá origem à interrupção do sonho e à insónia. Blanchot refere que a insónia é a única forma de fenomenologicamente, fazer aparecer a noite como tal. «A insónia torna a noite presente». Ou seja, o sonho é uma forma de preenchimento do desejo, uma forma de colocar a noite como entidade positiva, e a insónia faz emergir a noite como negativo, na medida em que interrompe o trabalho do sonho de transformação de conteúdos materiais em imateriais. Neste sentido, o sonho defende o sujeito contra a percepção da noite como negatividade radical, percepção essa que emerge como traumatismo. A insónia é a emergência de uma materialidade que o

trabalho do sonho não consegue integrar, é o remanescente da afirmação ou o negativo-em-si.

Num conhecido sonho relatado por Freud, Lacan mostra como a interrupção do sono resulta da emergência de uma terrível concretude traumática proveniente não do exterior, como um ruído, mas do próprio sujeito. Um pai tinha sofrido a perda de um filho pequeno e, encontrando-se no seu funeral, sentado ao lado do caixão da criança, adormece. Nessa altura, cai uma vela que faz arder o caixão e o pai incorpora o cheiro a queimado no sonho, que aparece como a imagem do filho, dizendo «Pai, não vês que eu estou a arder?» (Freud, 1900: 513-514). No entanto, ao invés de continuar a dormir, o pai acorda. A leitura de Lacan é a de que o pai incorporou o estímulo concreto no sonho, contudo a incorporação activou um conteúdo traumático, a morte do filho, juntamente com o seu receio de o ter negligenciado e de ter, inadvertidamente, causado a sua morte. Ou seja, o sono é interrompido pela intrusão de uma terrível concretude, o abismo insuportável do sentimento de não ter estado atento ao seu filho. O traumatismo é figurado no sonho sob a forma do espectro do filho reclamando a atenção do pai: «Pai, não vês que eu estou a arder?» (Lacan, 1973: 58.). Com efeito, a insónia, enquanto sonho falhado pode ser entendida como emergência negativa, como dor auto-relacionada circulando em redor de si mesma, *i.e.*, o abismo subjectivo, substancial e material. O sujeito fica impossibilitado postular, de formar erros da razão defensivamente, como ilusões kantianas, restando-lhe a proximidade do Real, como o seu próprio abismo, aquilo que reside por detrás da sua inscrição simbólica.

Deste ponto de vista, a inscrição simbólica do sujeito não constitui um tantalizante desencontro consigo próprio, antes pelo contrário, salva-o do abismo da sua negatividade. A posição de Lacan, neste aspecto, é contrária à posição de Sartre quando dizia que o problema eram os outros. O sujeito alienado na cadeia simbólica, na incerteza e no vazio da palavra livra-nos do horror de estarmos demasiado próximos de nós mesmos, como Real, Real esse que é sempre material e sempre traumático. A inscrição simbólica produz uma cegueira do sujeito em relação a si próprio, *i.e.*, os seus pontos cegos, as suas manias, os seus tiques e os seus aspectos irracionais como inconsciente. No entanto, essa é também a sua forma de

sustentar a sua consistência ontológica. Quando tal não acontece, o que emerge é o trauma, o curto-circuito da cadeia simbólica, a negatividade como tal.

A noção de negatividade de Blanchot deve, por isso, ser entendida do ponto de vista hegeliano. A noite é evocada, tornada presente como noite-em-si, *i.e.*, como uma intrusão material que é impossível de ser integrada na cadeia simbólica. A noite é aquilo que o sujeito não consegue pensar. Estamos perante a «noite do mundo» hegeliana.

O ser humano é esta noite, este nada vazio, que tudo contém na sua simplicidade – uma riqueza infindável de muitas representações, imagens, das quais nenhuma lhe pertence ou não estão presentes. Esta noite, o interior da natureza, que existe aqui — o puro si — em representações fantasmagóricas, é noite em toda parte. Nela disparam, aqui, uma cabeça em sangue, ali uma aparição branca, subitamente perante si própria e depois desaparece. Avistamos esta noite quando olhamos os seres humanos nos olhos — numa noite que se torna terrível (Hegel, 1805: 6).<sup>2</sup>

Esta descrição de Hegel caracteriza o abstracto pré-ontológico, o remanescente do sujeito simbólico, como aquilo que escapa ao âmbito da palavra e que emerge quando o sujeito se encontra desprovido das referências que o constituem. Ou seja, fora da inscrição simbólica, só existe a circulação de objectos parciais desligados do todo que lhes conferiria um sentido. Este universo é um universo de proto-subjectividades concretas (pedaços de coisas desligadas e fragmentadas) que resultam da intrusão de matéria no entendimento. A este propósito, vale a pena ter o preciosismo de distinguir intrusão de matéria no entendimento da produção de entendimento no vazio. No comentário ao excerto de Hegel, Žižek caracteriza a noite do mundo como pertencendo ao universo das experiências científicas que correm mal e dão origem a criações aberrantes, que dão conta da insuficiência do entendimento humano para dominar a matéria (Žižek, 2012: 353), universo que deve ser distinguido dos fantasmas, assombrações e aparições espectrais que são originadas como defesa pelo

<sup>2</sup> Citação extraída de ŽIŽEK, Slavoj (2012). *Less than Nothing: Hegel and The Shadow of Dialectical Materialism*. Londres: Verso, p. 353 (tradução nossa).

imaginário desprovidas de suporte material. Não por acaso, a noite do mundo hegeliana retorna quando as crianças têm medo do escuro, ou seja, quando são desprovidas das referências socio-simbólicas que constituem a sua realidade do dia-a-dia. O medo do escuro constitui a resposta do Real à pergunta da criança: «quem sou Eu, o que criou o mundo?», sendo normalmente acompanhada da emergência de uma sensação de densidade ou materialidade no corpo. Ou seja, a negatividade em si é a insônia, como irrupção de uma forma de materialidade sobre a imaterialidade que a domina e perturba, e que deve ser distinguida de postular imaterialidade sobre matéria, a partir da alucinação de espectros, fantasmas, etc. A primeira resulta de não conseguir integrar, tornar imaterial um remanescente material, enquanto a segunda consiste em postular imaterialidade sem suporte material. Ainda, deste ponto de vista podemos também distinguir pensar e delirar. O pensamento tem um substrato material, resulta da assimilação formal de um conteúdo concreto, enquanto o delírio postula imaterialidade sobrevoando a matéria, sendo por isso que o delírio é uma *tentativa* de cura. Mais uma vez, voltando a Kant e a Blanchot, o sonho é uma ilusão da razão, constitui o postulado de alguma coisa como forma de preencher o negativo, enquanto o negativo em si é a ausência de uma representação, é o remanescente de uma assimilação formal, que emerge como densidade do Real.

Estamos aqui no mesmo campo dos traumas de guerra, da *Todestrieb* ou da pulsão de morte e, neste caso, Freud de alguma maneira foi capaz de pensar e conceber a negatividade. A *Todestrieb* emerge como remanescente daquilo que não pode ser simbolizado, na medida em que é o princípio responsável pela intrusão de materialidade na forma, no sentido em que produz pesadelos por não poder ser assimilável, mas que se mantém negativa, condenando, por isso, o sujeito à repetição. A *Todestrieb* resulta do remanescente da inscrição simbólica, sendo aquilo que não pode ser realizado, nem pensado, por isso estando condenado a ser repetido. Freud contempla a repetição dos pesadelos que ocorrem nas neuroses de guerra e pergunta-se por que razão os ex-combatentes repetem experiências desprazerosas nos pesadelos, porque é que simplesmente não esquecem a violência que viveram, continuando pacificamente a sua vida, uma vez livres de uma situação que lhes provocava sofrimento.

O problema do traumatismo de guerra era o de ser impossível de ser integrado por ter rompido a cadeia associativa, ao mesmo tempo que não podia ser ignorado, ou reconstruído através da criação de uma realidade alternativa, como acontece, por exemplo, na psicose – psicose aqui tendo o sentido de uma reconstrução imaginária sobre um sentimento de catástrofe. A *Todestrieb* permanece como aquilo que não é elaborado, mas também não pode ser esquecido, estando por isso condenado a ser repetido e ameaçando invadir constantemente o enquadramento simbólico do sujeito, produzindo pesadelos, etc.. No entanto, é também uma forma de tentar encontrar uma resolução real, ou um lugar de insubmissão, e é também aí que o sujeito é radicalmente livre. A *Todestrieb* não é simplesmente a obliteração ou cancelamento do hábito homeostático como repetição cega determinado a direcção da cadeia simbólica, é também uma repetição produtiva e refere-se à dimensão imortal da subjectividade como aquilo que persiste além da finitude. E neste sentido é, ao contrário da morte, um excesso de vida ou a impossibilidade de morrer, ou seja, a compulsão para repetir na tentativa de encontrar uma resolução, uma consumação real do desejo, unificando paixão, acção e realização. É, por isso, o ponto de insistência além da frustração, da dor da vida e da morte, o lugar no qual o sujeito tenta curar a sua incompletude ontológica fundamental. Este ponto, Deleuze explicou melhor do que ninguém:

Freud sublinhava, desde o início, que para deixar de repetir, não basta lembrar abstractamente (sem afecto), nem formar um conceito geral, nem mesmo representar, em toda a sua particularidade, o acontecimento recalado. É preciso procurar a lembrança onde ela se encontrava, instalar-se de imediato no passado, entre o saber e o bloqueio [...] Se a repetição nos torna doentes, é também ela que nos cura; se nos aprisiona e nos destrói, é ainda ela que nos liberta, dando, dos dois casos, o testemunho de uma potência «demoníaca». Toda a cura é uma viagem ao fundo da repetição (Deleuze, 1968: 67).

Por último, torna-se talvez pertinente articular a *Todestrieb* com a sublimação, na tentativa de tornar mais clara a relação quase imediata entre noite e inspiração, criação artística e contemplação. Ou, colocando de outra forma, articular negatividade, determinação e liberdade. Aqui,

Kant e a remoção do bloqueio efectuado por Hegel será, provavelmente, a melhor opção. O sublime, para Kant, resulta da experiência subjectiva de arrebatamento, distinguindo-se do belo como experiência empírica de prazer. O sublime emerge como resultado do exercício de violência sobre as faculdades, exercício esse que cria determinações através do sacrifício das determinações anteriores. Da tensão resulta uma parte determinada, negativa, que contém as novas determinações e uma parte indeterminada que resistiu ao sofrimento como criação. O confronto entre a determinação e a indeterminação resulta no esplendor sublime. Ou seja, o sublime é a experiência de liberdade sobre a determinação, uma experiência maior do que as capacidades do sujeito, tornando-se violenta também na medida em que reflecte a sua própria liberdade, autonomia e imortalidade. Deste ponto de vista, a sublimação poderia ser entendida como legitimando a hierarquia de níveis formais sobre materiais, em que o nível alto, formal, resiste ao impacto da violência sobre si exercida, no entanto assim, torna-se impossível distinguir sublimação de conhecimento ou integração do negativo na cadeia simbólica. Se quisermos distingui-los, é necessário considerar que a hierarquização na sublimação é efectuada de forma imanente, ou seja, através da auto-determinação negativa de níveis altos e baixos, em que os níveis altos são determinados nos níveis baixos e não o contrário. Por outras palavras, na sublimação como criação é a matéria que passa a determinar a cadeia simbólica, ao invés de ser a segunda a absorver a primeira. Nessa medida, a sublimação implica a entrada em contacto com a negatividade. No entanto, tal parece ser efectuado de forma deliberada, o que faz toda a diferença em relação à emergência traumática de negatividade. Na negatividade auto-relacionada, o mais alto do nível mais baixo tem de ser mais alto do que o mais baixo do nível mais alto para poder determiná-lo por oposição, ou seja, a matéria como inconsciente deve conter uma forma de pensamento que «pensa» e que deve ser mais forte do que a rigidez do sujeito. Talvez essa deliberação seja motivada, sustentada e perseguida como aceitação da irreduzibilidade do desejo no sujeito.

## Referências Bibliográficas

BLANCHOT, Maurice (1955). *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELEUZE, Gilles (1968). *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

FREUD, Sigmund (1900). *The Interpretation of Dreams*. Nova Iorque: Basic Books, 1955.

FREUD, Sigmund (1920). *Para Além do Princípio do Prazer*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

HEGEL, G. W. F. (1807). *Phenomenology of Spirit* Oxford: Oxford University Press, 1977.

LACAN, Jacques (1973). *The Four Fundamental Concepts of Psycho-Analysis*. Londres: Penguin, 1978.

KANT, Immanuel (1781). *Critique of Pure Reason*, in Guyer and A. Wood (eds.), *The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KANT, Immanuel (1790). *Critique of the Power of Judgment*, in Guyer and A. Wood (eds.), *The Cambridge Edition of the Works of Immanuel Kant*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ŽIŽEK, Slavoj (2001). *On Belief*. Nova Iorque: Routledge.

ŽIŽEK, Slavoj (2012). *Less than Nothing: Hegel and The Shadow of Dialectical Materialism*. Londres: Verso.



## NOTA BIOGRÁFICA DOS AUTORES (ordem alfabética de apelido)

**Daniel ALVES** (IHC, NOVA-FCSH)

Daniel Alves é Professor Auxiliar no Departamento de História e investigador no Instituto de História Contemporânea da FCSH, Universidade NOVA de Lisboa. Tem um mestrado em História do Século XIX e um doutoramento em História Económica e Social Contemporânea, com uma tese sobre os lojistas de Lisboa no final da Monarquia Constitucional. As suas áreas de interesse são a História Urbana, a História das Revoluções e as Humanidades Digitais. Desde 1995, colabora com frequência em projectos de investigação que usam bases de dados e sistemas de informação geográfica na investigação histórica, recentemente nos projectos «Atlas, Cartografia Histórica» (<http://atlas.fcsH.unl.pt/>) e «Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental» (<http://litescape.ielt.fcsH.unl.pt/>). Está actualmente a desenvolver estudos sobre a História de Lisboa no final do século XIX. Publicou vários livros, capítulos e artigos em publicações portuguesas e internacionais, essencialmente sobre História Económica e Social e Humanidades Digitais. Recentemente foi editor convidado no número especial «Digital Methods and Tools for Historical Research» da revista *International Journal of Humanities and Arts Computing* e do número especial «The History of Retailing on the Iberian Peninsula» da revista *History of Retailing and Consumption*. É membro fundador da Associação das Humanidades Digitais (<http://ahdig.org/>).



**Teresa ALVES** (CEG/IGOT-UL)

Geógrafa, Professora Associada com Agregação do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT-UL) e investigadora do Centro de Estudos

Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-UL). O interesse pelo espaço-tempo noite e pela relação entre arte e território surgiu com o trabalho na equipa que organizou e coordenou três eventos culturais: Lisboa Capital do Nada (2001), Luzboa I Bienal da Arte da Luz em Lisboa (2004) e Luzboa II Bienal da Arte da Luz em Lisboa (2006). As intervenções centraram-se no espaço público urbano e na forma como a arte efémera podia contribuir para a sua revitalização.

Lisboa Capital do Nada decorreu em Marvila, onde as obras de jovens artistas plásticos (Miguel Palma, João Pedro Vale, Vasco Araújo, Catarina Campino, entre muitos outros) serviram como provocações para estimular as pessoas a pensarem sobre o que queriam para os seus espaços de vida coletiva. Nas duas edições de Luzboa a noite foi o palco dos eventos, pois na arte da luz a escuridão é a tela onde a arte se inscreve.

Entre 2008 e 2010 a coordenação, no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, do projeto Noite: Oportunidades e Inovação no Território (NOITe) (PTDC/GEO/64240/2006) permitiu desenvolver uma investigação interdisciplinar centrada nas questões da noite em Geografia e no Ordenamento Territorial.



### **Augusto Moutinho BORGES (CLEPUL)**

Professor, Consultor nas áreas de História, do Património, Turismo e Arquitetura Militar.

Doutor em Ciências da Vida na Especialidade em História das Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, Mestre em Património e Turismo, pela Universidade do Minho-Braga, Licenciado em Ciências Históricas, pela Universidade Portucalense-Porto.

Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL), Cátedra Infante Dom Henrique da Universidade Aberta (CIDH-UAb), Investigador Colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra e Investigador Colaborador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

Académico da Academia Portuguesa da História (APH).

Membro Correspondente do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar-Ministério da Defesa Nacional. Membro do Conselho Científico da Revista *Almansor* da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Membro do Conselho Científico do Museu Antoniano de Lisboa.

Autor de 17 livros e de 150 títulos científicos.



**Ezequiel BORGOGNONI** (Universidad de Buenos Aires/CONICET)

Doctor en Historia y profesor de Historia de España en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Es, además, becario interno postdoctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) de la República Argentina. En sus investigaciones principales se ha referido al estudio de la vida nocturna en las ciudades hispanas en el tránsito del medievo a la modernidad.

Recibió becas, premios y/o subsidios de investigación del CONICET, la Universidad de Buenos Aires, la Universidad Torcuato Di Tella, el Instituto Universitario «La Corte en Europa», la Universidad Autónoma de Madrid y la Sociedad Española de Estudios Medievales, entre otras. Ha publicado artículos, capítulos de libros, ensayos, reseñas, traducciones y documentos de trabajo sobre temas de su especialidad en revistas argentinas y extranjeras. Al respecto, entre sus artículos publicados en el exterior se destacan los aparecidos en las siguientes revistas: *Miscelánea Medieval Murciana* (2012), *En la España Medieval* (2014) y en *Choronica Nova* (2017). Asimismo, ha participado en decenas de congresos nacionales e internacionales referidos a las áreas de su especialidad. Es director del Programa de Reconocimiento Institucional de Equipos de Investigadores (PRI) con un proyecto radicado en la Universidad de Buenos Aires titulado «Vida cotidiana y transgresiones nocturnas en las ciudades ibéricas durante el reinado de los Reyes Católicos».



**Rosa Maria FINA** (CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

(n. 1981) é Doutorada em História Contemporânea pela Universidade de Lisboa (2016) com uma tese sobre a história da noite em Portugal, mestre em Ciências da Cultura-Cultura Artística (2012) e licenciada em Estudos Portugueses (2003) pela mesma Universidade. Actualmente é bolseira de investigação no projecto «On violence: a violência nas literaturas africanas de língua portuguesa», no CLEPUL, centro onde também desenvolve paralelamente os seus estudos pós-doutorais sobre a noite. É colaboradora do Instituto de História Contemporânea, onde co-organiza já a 2.<sup>a</sup> edição de um ciclo de conferências interdisciplinares sobre Lisboa: «Novos Estudos e Novos Olhares sobre a Cidade:

Lisboa do Terramoto à Revolução de Abril». Colabora, desde 2016, no projecto LxNights, coordenado por Jordi Nofre. Tem diversas publicações e participações em encontros científicos sobre os estudos da noite, onde divulga os resultados da sua investigação.



**Paula GUERRA** (Universidade do Porto e Instituto de Sociologia IS-UP)

Paula Guerra é Doutora em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). É Professora no Departamento de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora Integrada no Instituto de Sociologia da mesma universidade (IS-UP), onde atualmente coordena o sub-grupo Criação artística, práticas e políticas culturais. Faz parte ainda de outros centros de investigação internacionais: Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território (CEGOT); Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research (GCSCR); Investigadora Convidada Internacional no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF); no Grupo de Pesquisa História, Cultura e Subjetividade da Universidade Federal do Piauí e Universidade de Brasília (Brasil); no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e no Laboratório de Análise de Música e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco (L.A.M.A.). É fundadora e coordenadora da Rede Todas as Artes. Rede Luso-Afro-Brasileira de Sociologia da Cultura e das Artes (com Glória Diógenes e Lúgia Dabul). Pertence ainda à Interdisciplinary Network for the Study of Subcultures, Popular Music and Social Change e à Research Network Sociology of the Arts of the European Sociological Association. Tem sido professora/investigadora visitante em várias universidades internacionais, coordena e participa em vários projetos de investigação nacionais e internacionais no âmbito das culturas juvenis e da sociologia da arte e da cultura. É, igualmente, supervisora de diversos projetos de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento nas referidas áreas temáticas. É membro do conselho editorial de diversas revistas científicas nacionais e internacionais, assim como revisora científica de vários artigos e livros. Os seus atuais interesses de investigação incluem os seguintes tópicos: popular music, culturas e carreiras DIY, subculturas e pós-subculturas, teoria social crítica, teorias sociológicas, metodologias qualitativas de investigação, música e cenas musicais underground, autenticidade, aura e carisma nas artes, campos culturais, art worlds, cinema, performance. É coordenadora e fundadora da KISMIF Conference e coordenadora da Secção Temática Arte, Cultura e Comunicação da

Associação Portuguesa de Sociologia. É autora (em conjunto com Andy Bennett) do edited book *DIY Cultures and underground music scenes* (Oxford: Routledge, 2017). Publicou recentemente os livros *Redefining art worlds in the late modernity* (Porto: Universidade do Porto, 2016), *More than loud* (Porto: Afrontamento, 2015), *On the road to the American underground* (Porto: Universidade do Porto, 2015), *As Palavras do Punk* (Lisboa: Alêtheia, 2015), *A instável leveza do rock* (Porto: Afrontamento, 2013). E é autora de inúmeros artigos publicados em revistas nacionais e internacionais de referência.



**Joana LIMA** (CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

(n. 1982, Figueira da Foz) é poeta, professora e investigadora na área da literatura portuguesa. É licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006), mestre em Literatura Portuguesa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2009) e mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2012). Prepara a sua tese de doutoramento sobre vanguardas literárias no programa de doutoramento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dedicar-se à investigação no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares e a Globalização da Universidade Aberta.



**Raul Cerveira LIMA** (ESS|PPorto e CITEUC)

(n. 1969) é Professor Adjunto de Física da Escola Superior de Saúde do Politécnico do Porto ESS | PPorto, desde 1999, e membro do Centro de Investigação da Terra e do Espaço da Universidade de Coimbra. Licenciou-se em Física/Matemática Aplicada (Astronomia) na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) e concluiu o mestrado em Engenharia Biomédica (FEUP) em 2003. É doutorado em Engenharia Física (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra), onde se dedicou à investigação em poluição luminosa, em particular na modelização da propagação da luz artificial na atmosfera e aumento do brilho artificial do céu, área de investigação em que continua, quer na ESS | PPorto quer no CITEUC. Foi dirigente do FAPAS e editor da

revista trimestral *Tribuna da Natureza*, da qual foi também co-fundador. Fez parte do grupo de trabalho para a candidatura da região do Alqueva a região de céu escuro, além de responsável pelas medições do brilho do céu *in situ* dos locais que viriam a ser classificados como Reserva Starlight Tourism Destination DarkSky@ Alqueva (2011). Foi ou é membro de grupos de investigação europeus na área da poluição luminosa (REECL – Rede Española de Estudios en Contaminación Lumínica, LoNNe – Loss of the Night Network [COST Action ES1204], Photonics4Life – Universidade de Santiago de Compostela). É também o coordenador da iniciativa de ciência e cidadania ELP – Education on Light Pollution. Actualmente é membro da equipa de trabalho que elabora a proposta de Plano Director de Iluminação de Exterior do Município do Porto coordenado pela Agência de Energia do Porto (AdEPorto).



**Ricardo Belo de MORAIS** (Casa Fernando Pessoa)

é jornalista, investigador literário, escritor e consultor de comunicação. Curso Direito na Universidade de Lisboa e Ciências da Comunicação na Universidade Nova. Foi jornalista nas rádios RCL e XFM e realizador nas rádios Paris Lisboa e Europa. Colaborou com a revista *Notícias Magazine*. Fez assessoria cultural no Clube Português de Artes e Ideias e na Câmara Municipal de Lisboa, na coordenação do gabinete de imprensa das Festas de Lisboa. Integrou as equipas das agências de comunicação NR/Hill & Knowlton e Multicom e foi consultor de marketing e comunicação da Associação Portuguesa de Franchise. Editou os livros *Paixão ou A Batalha Contra as Sombras* (com prefácio de Mafalda Arnauth e Carlos Pinto Coelho); a biografia romanceada *O Quarto Alugado — a vida de Fernando Pessoa revisitada por um velho amigo* (com prefácio de Jerónimo Pizarro) e o manual *Fernando Pessoa Para Todas as Pessoas*, este último com uma versão em língua inglesa em preparação e um programa de rádio semanal associado. É membro da equipa da Casa Fernando Pessoa desde 2012. Edita, desde 2013, o projecto *online* de investigação e divulgação pessoana *O Meu Pessoa*. É colaborador da revista *Pessoa Plural*, publicação conjunta da Brown University, Warwick University & Universidad de Los Andes. Leva Fernando Pessoa, em palestras, a escolas secundárias, universidades e bibliotecas de todo o país. Orienta, em Lisboa, visitas guiadas ligadas à temática pessoana e presta assessoria, nesta área, a projectos turísticos, empresariais, culturais e de *merchandising*.



---

**Maria João NOBRE** (CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

É psicóloga clínica, investigadora e editora na área da filosofia. É Licenciada e Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), com uma dissertação sobre a formação do sentimento de culpabilidade de Franz Kafka orientada pelo Professor Doutor Frederico Pereira. É também Mestre em Filosofia Moderna Europeia pelo Centre for Research in Modern European Philosophy (CRMEP) da Universidade de Kingston, Londres, Reino Unido, cuja dissertação de mestrado se intitulou *On Love and Death: a critical approach to psychoanalytic contemporary drive theory* e foi orientada pela Professora Doutora Stella Stanford. É membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, membro efectivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses e foi membro fundador da Sociedade Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica.



**Ana OLIVEIRA** (DINÂMIA'CET-IUL)

Doutoranda em Estudos Urbanos no ISCTE-IUL; investigadora da DINÂMIA'CET-IUL e do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Concluiu a licenciatura em Sociologia na Universidade do Porto, com um projeto sobre a relação entre culturas e territórios. Trabalhou como investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto em projetos nacionais e internacionais desenvolvidos no campo da Sociologia da Cultura e Sociologia da Música. Recentemente integrou a equipa do DINÂMIA'CET-IUL que elaborou as *Estratégias para a Cultura da Cidade de Lisboa 2017*, estudo realizado a pedido da Câmara Municipal de Lisboa. O seu projeto de doutoramento centra-se nos processos de construção de carreiras musicais DIY e nas suas relações com o espaço urbano e as políticas culturais locais nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. A investigação é financiada pela Fundação Para a Ciência e a Tecnologia, através da Bolsa Individual de Doutoramento SFRH/BD/101849/2014.



**Carlos Daniel PEREIRA** (Centro de História da UL)

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Frequenta o Mestrado em História, especialidade História Antiga, na mesma instituição. Interesses de investigação: História da Beira Alta, História da Grécia

Antiga, História do Cristianismo Primitivo, História da Roma Antiga, História da Alimentação, Arte Clássica e Arte Pré-Clássica. Membro do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão e do Instituto Prometheus.



### **Lillian Briseño SENOSIAIN**

Es Historiadora, egresada de la Facultad de Filosofía y Letras de la UNAM, en donde realizó sus estudios de licenciatura, maestría y doctorado. En 1984 incursionó en el ámbito académico y trabajó como investigadora en el Instituto de investigaciones Dr. José María Luis Mora hasta 1990. A partir de entonces, desempeñó diversas actividades académico-administrativas en el Conaculta, la UNAM y el CIESAS. Desde el 2003 se desempeña como academica del Tecnológico de Monterrey, campus Santa Fe. Actualmente forma parte del claustro de investigadores de la Escuela Nacional de Educación, Humanidades y Ciencias Sociales de esta misma institución, y es miembro del Sistema Nacional de Investigadores. Su área de especialidad es la Historia Moderna de México, desde la Independencia hasta la Revolución, con un especial gusto por el porfiriato. Ha publicado, editado o compilado más de 20 libros; 15 capítulos en libros y 16 artículos especializados y de difusión; ha producido material audiovisual, escrito editoriales periodísticos y participado en más de 25 congresos nacionales o internacionales. Ha participado en la investigación y realización de los guiones científicos y museográficos del Museo de la Revolución y del Museo Legislativo Los Sentimientos de la Nación, así como de la exposición México, un libro abierto, en el marco de la Feria Internacional de Libro de Frankfurt, Alemania, y en la Feria del Libro de Bogotá, Colombia.



### **Beatriz WEIGERT** (Universidade de Évora e CLEPUL)

Maria Beatriz Weigert Behr, nascida em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, é professora aposentada da Universidade de Évora e membro integrante do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Sua licenciatura foi realizada na Faculdade de Ciências e Letras de Santa Maria, o Mestrado concluído na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Doutorado na Universidade de Lisboa. Sua tese de doutoramento está publicada sob o título *Retórica e Carnavaização: Nélide Piñon e Maria Velho da Costa*. Atenta aos temas da retórica

e do riso, é estudiosa das Literaturas da Língua Portuguesa, dedicando-se, também, à escrita das mulheres. Seu trabalho de investigação tem sido divulgado, no país e no estrangeiro, em publicações de órgãos especializados e em eventos científicos e culturais.



### **Daniel Pérez ZAPICO**

Es Historiador e Doctor en Historia por la Universidad de Oviedo y en Histoire des Sciences et des Techniques por la Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines donde he realizado numerosas estancias de investigación en el Centre d'Histoire Culturelles des Sociétés Contemporaines (CHCSC). Investigador en las áreas de historia cultural, historia urbana e historia social y cultural de la tecnología, concretamente historia de la electricidad. Publicaciones en capítulos de libros, artículos en revistas académicas e intervención en congresos y seminarios internacionales. Principales temas de investigación: historia de la electricidad, historia de la electrificación, historia social y cultural de la tecnología, historia de la noche y prácticas nocturnas, historia urbana, historia industrial, patrimonio y arqueología industrial.









**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT  
— Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto  
«UID/ELT/00077/2013»**







CENTRO DE  
LÍNGUAS  
LISBOAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**U**  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**FLUL**  
LETRAS  
LISBOA

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia